



Núcleo de Dramaturgia
SESI

13^a TURMA



SESI-SP editora

Núcleo de Dramaturgia



Núcleo de Dramaturgia

SESI

13^a TURMA

SESI-SP editora



Departamento Regional de São Paulo

Presidente

Josué Christiano Gomes da Silva

Superintendente do Sesi-SP

Alexandre Ribeiro Meyer Pflug

Diretoria Corporativa do Sesi-SP

Marta Alves Petti

Gerência Executiva de Educação

Roberto Xavier Augusto Filho

Gerência Executiva de Cultura

Débora Viana

Gerência de Qualidade de Vida e Mercado

Pedro Luiz Caliari

Diretor da Faculdade Sesi-SP de Educação

Eduardo Augusto Carreiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Núcleo de Dramaturgia Sesi – 13ª Turma. – 1. ed. – São Paulo: Sesi-SP Editora, 2023.
678 p.

ISBN 978-65-5938-354-2

1. Dramaturgia 2. Teatro brasileiro I. Título.

CDD: 869.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro brasileiro 869.92

Bibliotecário responsável: Luiz Valter Vasconcelos Júnior
CRB-8 84460

SESI-SP EDITORA

Av. Paulista, 1.313, andar intermediário

01311-923, São Paulo – SP

Tel. (11) 3146-7308

editora@sesisenaisp.org.br

www.sesispeditora.com.br

Novas dramaturgias, fim de um ciclo

A dramaturgia se concretiza no ato de criação, no desenvolvimento da obra, nas reverberações com o público, na cena do palco e nas páginas de um livro. Aqui, apresentamos novas obras, escritas por autores inéditos, participantes da 13ª turma do Núcleo de Dramaturgia SESI-SP – programa em atuação ininterrupta desde 2006, cujo intuito é o aprimoramento da escrita teatral e o descobrimento de novos talentos brasileiros.

A cada novo ano do Núcleo, foram apresentados textos e artistas que dialogavam com as questões universais, acerca das possibilidades e complexidades de ser e de existir em um mundo plural, com assinaturas originais na forma e no conteúdo. Aqui, apresentamos autores que estiveram em um percurso teórico e prático sob a condução de Silvia Gomez e Angela Ribeiro, profissionais que são referência na dramaturgia. Os textos desses artistas foram encenados em exercícios de leituras dramáticas dirigidas por Carça de Poéticas Negras, Teatro do Osso, Cia. Luna Lunera e sua artista convidada, Débora Vieira, além da direção de Luh Maza e encenação de Danilo Miniquelli, Fernanda Kawani, Gabriel Lodi, Lena Roque, Marina Mathey, Sara Antunes, Taiguara Nazareth e Vita Pereira.

Em um ano em que ainda vivíamos as restrições da pandemia da covid-19, as atividades remotas deram força para a elaboração de novos universos ficcionais, publicados aqui pelo selo da SESI-SP Editora. Esta obra surge como espaço de estímulo

à formação de leitores de dramaturgias nacionais contemporâneas e à ressignificação da experiência com o teatro, buscando abranger pontos de contato e exercício de imaginação das novas expressões artísticas, dos novos criadores em ascensão e das coragens de reinvenção. Leia, releia e compartilhe!

Sesi-SP

Sumário

desfibrilador – <i>Amora Tito</i>	9
Entre os trilhos e a baleia – <i>Luana Frez Ichikawa</i>	85
Falência – <i>Gustavo Braunstein</i>	145
O Caso Lorena – <i>Julia Ianina</i>	175
O Triunfo da Vontade – <i>Rafael Pimenta</i>	243
Passageiros – <i>Bruna Pligher</i>	299
Polinose – <i>Danilo Corrêa</i>	353
Quando há fundo – <i>Aiê Antônio</i>	399
Sinto saudades de mim – <i>Marco Pedra</i>	451
sismos não listados – <i>Rúbia Vaz</i>	517
Sobre a margem do lago – <i>Áquila Mattos</i>	551
Véspera – <i>Fernanda Stefanski</i>	657



desfibrilador

AMORA TITO

Sinopse

desfibrilador é um equipamento que tem como função descarregar cargas elétricas na parede torácica de um paciente que se encontra em quadro de arritmia cardíaca. o aparelho reseta os impulsos elétricos e tenta revertê-lo. seu objetivo é impedir danos em funções cardíacas e cerebrais. vale ressaltar que o desfibrilador somente pode ser utilizado caso haja atividade elétrica no coração que esteja desordenada ou incapaz de bombear o sangue.

Sugestão

As mesas devem ser vistas de cima para baixo. O público deve ficar a, pelo menos, um metro acima do nível do palco, preferencialmente em volta do espaço cênico como em um teatro de arena.

A MESA

A MESA – eu não sou apenas um número. se me vissem de cima.

QUA
DRA
DA

não posso dizer que as pessoas estejam em minha órbita, mas normalmente passam bastante tempo ao meu redor. agrego conforto a seus momentos de lazer sem deixar de lado o bom gosto e a praticidade. tenho excelente acabamento, sou muito versátil, a cara de um ambiente relax e despojado. linda, sutil e acomodável em qualquer lugar, podendo ser usada à beira da praia, piscina, camping, amo camping, varandas, restaurantes, hotéis, bares, festas e onde mais você precisar. sou brasileira mesmo, nacionalmente confeccionada em polipropileno 100% virgem. com proteção contra raios UV, o que me garante maior durabilidade. além de ser de fácil limpeza, suporte até 30 kg distribuídos e sou empilhável, você pode colocar outras de mim sobre e sob mim.

modelo | PD1367
cor predominante | branco
garantia | 30 dias
gênero | unissex
acabamento | fosco
altura (cm) | 72.00
peso (kg) | 3.80
profundidade (cm) | 68.00

largura (cm) | 68.00

peso Líquido (kg) | 3.80

linha Comercial | basic

observação: os objetos que ambientam as
imagens não acompanham o produto

material: sou superfície 100% polipropileno desgastada, agora asséptica, higienizada e besuntada em álcool gel 70%. hoje mesmo eu era os anéis suados dos copos carimbando a superfície – **aikidelícia**. já se apoiaram sobre mim vários cotovelos. incontáveis gotículas de saliva carregadas de fofoca e palavras bêbadas. muitas pessoas. **muuuitas mesmo!** cada uma que se apoiou sobre o meu tampo carrega sua bagagem-trajetória e outros encontros que movem suas urgências e pulsões. por isso bebem. às vezes bebem e comem. fritas com bacon é o que mais sai. alguns se beijam. outros se beijam e acariciam o joelho, coxas, pernas por debaixo das minhas pernas. sou demarcada [nomeada talvez – se me dessem um nome digno] por números para facilitar a entrega do pedido ou referência pra pegação.

— uma cerveja pra 9.

— fritas com bacon pra 14.

— fecha a conta da 33.

— tô querendo dar uns pegos no gatin de verde que tá na 7.

— aquele gatinhe da 16 não tira o zói de mim.

— A 2 SAIU SEM PAGAR???

dale confusão. dois garçons para dois arquipélagos de mesas que lotam com cardumes e corais de levantadores de copos. atendimento ruim e pessoas que saem sem pagar. mas voltam e costumam sentar na mesma mesa. mesmo número. mesma ausência de nome.

eu não sou apenas um número. eu queria ser um nome. algo menos plástico. uma palavra escolhida cuidadosamente por alguém. que caiba na boca dos outros com gosto. que seja respeitosamente pronunciada. repetida. um nome forte. mais forte que a minha imagem encardida, manchada, empilhada, cansada e medrosa. um nome que consolide a minha existência. dito enquanto estiverem à minha volta com seus copos de cerveja e ponta dos dedos besuntados de gordura véia das fritas com bacon. um nome que vibre pregas vocais em cada sí-la-ba. cada l-e-t-r-a. vou inventar um nome bonito e seguro e colocar na boca das pessoas e por lá ecoar. boca a boca. entre trocas de assuntos, salivas e fluidos. eu não sou apenas um número.

produzida com processos controlados, tendo, dessa forma, garantia de qualidade do material. com design diferenciado. tecnologia de ponta, alta qualidade. fui submetida a rigorosos testes de qualidade. atenção com o peso colocado no meu tampo, fui dimensionada para suportar objetos e situações compatíveis com minha utilização. pano macio e umedecido apenas com água é a forma mais aconselhada para me limpar. álcool gel sempre. para que eu fique sempre bela e tenha longa vida útil, é recomendado que me guarde quando estiver fora de uso. evitar longa exposição ao sol.

MESA 12

@dizzztrava – quem canta isso?

@colibrideraca – não faz a alice...

@dizzztrava – num é pra entender, não.

@medeiaZL – tem arte que pode ser sinestésica, né?

@dizzztrava – sinestesia é aqué na bolsa da artista.

MANO DO BRISADEIRO – olá, meninas! posso apresentar meu produto rapidinho?

@medeizaZL – pode sim. com certeza.

@dizzztrava – hmm.

MANO DO BRISADEIRO – eu sou o mano do brisadeiro. meu produto é cem por cento vegano, feito de forma artesanal por mim e minha namorada. produzido com tempero verde de qualidade. melhor que framboesa kkkkk. temos também a versão palha italiana com ganache. não é querendo me gabar, não, mas é daora demais. é um passaporte pra viagem da boa. vocês gostariam de experimentar um dos nossos produtos hoje?

@dizzztrava – vou agradecer... tô sem o aqué...

@medeizaZL – a gente tava falando disso agora.

MANO DO BRISADEIRO – aceito cartão... pix...

@colibrideraca – eu não quero não. grata!

MANO DO BRISADEIRO – débito, crédito, picpay...

@dizzztrava – tbm não. agradeço demais aí. bom trampo!

MANO DO BRISADEIRO – e você, vai querer levar um dos nossos produtos hoje?

@medeiaZL – tbm não. valeu!

@colibrideraca – o que é sinestésico?

@medeiaZL – que cê ia contar, caray?

@colibrideraca – cê já contou o babado?

@dizzztrava – nãããããããã.

@medeiaZL – o que, kerelhoon???

@dizzztrava – acho que eu tô de trelelê, kerelhoon!!!

@medeiaZL – parô!!! com queeem?

@colibrideraca – toda sinestésica ela.

@dizzztrava – sinestésica de cu é rola.

@medeiaZL – com quem, mana?

@dizzztrava – matheus.

@medeiaZL – matheus??? que oco que é esse? irmão de túlia?

@dizzztrava – não, irmão de jussara, travesti.

@medeiaZL – ...

@dizzztrava – que pegou *sunflower* na casa do cleber no aniversário... como que é o nome daquela demônia?

@medeiaZL – felipa?

@dizzztrava – a que eu te mostrei fota do edí.

@medeiaZL – jão?

@dizzztrava – não... aquela feia que pegou ricardo, ridícula.

@medeiaZL – sei quem é não, mana.

@dizzztrava – matheus, mana... monstro da laje.

@medeiaZL – que matheus, kerelhoon?

@dizzztrava – que era... manu...

@medeiaZL – manu, mana? cê tá pegando mapô?

@colibrideraca – UMA SAIDEIRA, POR FAVOR!

@medeiaZL – só não sabia que a senhora era lésbica. ou é bi?
ou é hetera?

@dizzztrava – matheus...

@medeiaZL – que matheus, inferno?

@colibrideraca – UMA SAIDEIRA, POR FAVOR!!

@dizzztrava – matheus era manu, caray.

@medeiaZL – manu é trans?

@dizzztrava – garçom aqui é difícil.

@colibrideraca – babado, confusão.

@dizzztrava – matheus, mana.

@medeiaZL – deyse do céu! não sabia de matheus.

@dizzztrava – ô labaxuria!!! decantas kalamanaia!!!

@colibrideraca – babado, mana! cho-ca-da.

@dizzztrava – tô de trelelé.

@colibrideraca – UMA SAIDEIRA, POR FAVOR!!!

@medeiaZL – babado triplo *hadouken, motherfucker hadouken*.

@colibrideraca – deyse do céu. #meconta.

@medeiaZL – desde quando?

@dizzztrava – eu vi que a ex delu tava no tinder, mana. corri no perfil de matheus no insta e dei like nas fota tudo do bafão. gato pracaray. luxo!!! Multipliiiiiiiiica, deyse!!!

@medeiaZL – a senhora é bi?

@dizzztrava – ele curtiu de volta e mandou emoji de foguin no pv. ficamo mó cara de lero lero. desembolando... daora demais.

@colibrideraca – mana! amostra fota pras gatas? quero vê esse bafão, caray.

@medeiaZL – xô vê o insta do gato? safada. picumã de priscila.

@dizzztrava – sua cara! desgraçada!

@colibrideraca – mana, qual o @?

@dizzztrava – monstro da laje.

@medeiaZL – a senhora é pan?

@dizzztrava – o @ dele.

@medeiaZL – monstro da laje?

@dizzztrava – @monstrodalaje

@medeiaZL – e cê é bi, pan ou hétera?

@dizzztrava – sei lá, mana. acho que pan. sei lá. *does not matter!*

@medeiaZL – cês já saíro?

@dizzztrava – elu foi lá em casa ses dia.

@medeiaZL – que dia, vaca?

@dizzztrava – domingo.

@medeiaZL – esse que era seu compromisso então, vagabunda.
achei que cê fosse assistir jogo do galo.

@dizzztrava – o jogo foi sábado essa semana.

@colibrideraca – fiquei sabendo que cês tão assistindo futebol
junto kkkkkkkk dei pala demais docês.

@dizzztrava – ele é daora demais, mana. papo mó bom. beijo
mó gostoso demais. puta que pariu.

@medeiaZL – eu não gosto de conversinha fiada com meu nome não. na minha quebrada dá até morte. eu só fico acompanhando essa puta.

@dizzztrava – mó falsa. vô gravar um vídeo docê gritando gol e vou te dar *exposed* no *story* procê deixar de ser picumã de priscila.

@medeiaZL – vai se fudê!!! picumã de priscila é sacanagem kkkk paguei mó caro nessa lace... desgraçada!

@medeiaZL – e como que é?

@dizzztrava – como que é o quê?

@medeiaZL – o negócio?

@dizzztrava – que negócio, caray?

@medeiaZL – como que é o encaixe dus corpes?

@dizzztrava – é um trem doidimais... nem sei dar o papo... tô reverberando por dentro ainda... sinestésico kkkk

@medeiaZL – boto fé demais. nóoooo ele tá mó gato ein. tá fazendo TH?

@dizzztrava – ainda não. mas já tem endócrino marcado.

@medeiaZL – chique!

@dizzztrava – nó! um trem que só sinto quando pego gente T.
sem romantizar...

@medeiaZL – e o seu endócrino, gata?

@colibrideraca – tô marcando pelo SUS, mana. agora é aguardar...

@medeiaZL – nunca peguei ninguém T.

@colibrideraca – quê que é sinestésico, porra?

@medeiaZL – quem mais que cê pegou que é T?

@dizzztrava – gerusa e jaguatirica.

@medeiaZL – se você quiser, posso ir concê. eu fiquei mó nervosa no primeiro dia.

@medeiaZL – nó! jaguatirica é gata pracaray. sô loca pra fazer ela.

@colibrideraca – que que é sinestésico, caray?

@dizzztrava – credo, mana! que resquício de oco dominador 23 centímetros de ego sigiloso não curte afeminadas nada contra é só questão de mau gosto.

@medeiaZL – as ideia!

@dizzztrava – “fazer ela”.

@colibrideraca – assistir futebol num é não, né?

@medeiaZL – podre!

@dizzztrava – é diferente, gata.

@colibrideraca – podridão da podridão.

@dizzztrava – travesti também pode assistir futebol! que papinho é esse???) ein!?

@medeiaZL – então... cês treparo?

@dizzztrava – HOR-RO-RES!!!

@medeiaZL – e como que foi?

@colibrideraca – vou jogar sinestésico no google.

@dizzztrava – sinestésico pra mim
é ver a música que sai dos seus lábios
sinestésico pra mim
é lamber todas as suas cores
sinestésico pra mim
é mastigar cada carinho que vem doce docê
sinestésico pra mim
é cheirar o futuro que eu vejo em mim com ou
sem ti
que assim seja
êta vida sinestésica...

@medeiaZL – a gata tá fazendo a alice. toda apaixonada mesmo... isso que é sinestesia?

@dizzztrava – se o que senti num é sinestésico vou ter que jogar a palavra no google então. ou então inventar outra palavra.

@colibrideraca – qual nome você daria? qual nome você daria pro que sentiu?

@dizzztrava – eu me senti meio... sei lá... parece bobagem mas eu me senti meio...

@colibrideraca – inventa! inventa uma palavra!

@dizzztrava – ...

@colibrideraca – a palavra que você quiser!

@dizzztrava – (inventa uma palavra)

@colibrideraca – é uma palavra linda.

@medeiaZL – achei bonito, mana. cê tá de trelelê mesmo ein, gata. ficou apaixonada e boba.

@colibrideraca – achei fofa, amiga! cê merece!

@medeiaZL – fazendo até música nova... inventando palavra...

@dizzztrava – e me conta de jorgin?

@colibrideraca – a gente pode ficar apaixonada e boba. a gente é tão legal e tão bonita e gata e tesuda e inteligente. a gente merece... a gente merece sentir sinestesia.

@dizzztrava – e jorgin?

@medeiaZL – jorgin foi amor de cu, mana.

@dizzztrava – e o moço lá do *onlyfans*?

@medeiaZL – foi caso só. ele só queria gravar vídeo pra conta dele. pra ganhar euro. o viado num encapava a neca nas pegação. tava com medo de ficar carimbada.

@dizzztrava – e jásão? cê tinha jogado um feitiço no oco...

@medeiaZL – quero nem saber desse boy tóxico não, mana. ele tava me traindo com a filha de creonte lá do bairro de corinto.

@colibrideraca – não tava sabendo desse bufo.

@medeiaZL – pior foi nem a traição. pior foi a humilhação que ele me fez passar na frente de todo mundo lá no baixo centro.

@colibrideraca – cê nem contou isso pra gente, piranha... por isso que cê tava borocoxô.

@dizzztrava – pqp, mana! e o véi lá que te bancava? kkkkk.

@medeiaZL – vou pra casa dele no fim de semana. mas já cansei do *sugar* já.

@dizzztrava – boto fé!

@medeiaZL – o amor não precisa ser tão romântico assim, né? ele pode... pra quem curte e é quista. eu gosto mexxxxmo é da putaria!!!

@colibrideraca – boto muita fé, mana. eu sou alice pra essas coisas. eu quero arrumar um canto pra morar com meu boy. com espaço pros gatos e pra plantar uns trem de comer e florir. dormir de conchinha e acordar esparramada atrasada pro trampo. fazê arroz, feijão, angu, taioba e frango com quiabo. fazê viagi. brisé na madrugada. fazê putaria nos lugar público. juntá os pano de bunda.

@medeiaZL – e filho?

@colibrideraca – quero. cês querem?

@medeiaZL – cê que ter filho?

@colibrideraca – eu quero. mas daqui muito tempo. cês querem não?

@medeiaZL – nem fudendo!!!

@dizzztrava – já quis muito... mais antes da transição... hoje não tenho certeza e nem cabeça pra isso... eu tô vivendo a minha segunda adolescência agora.

@colibrideraca – talvez o amor seja/

(Som de freio. Um barulho. Outro barulho. Um grito desesperador ecoa, rasga, invade. Dessa vez o grito foi mais intensificado. Alguma coisa aconteceu do lado de fora. Mais um grito. Alguém pode estar precisando de ajuda. Outro. E outro. até que resta o silêncio.)

MESA 33

A MESA –

é quase como se eu fosse as pessoas enquanto elas me habitam.
fui os seis braços das manas, seis mãos, trinta dedos, alguém
que tamborilava tum tum-tum, tum-tum acompanhando a
rítmica da música pulsando. tem arte que é pra sentir. pode ser
sinestésica. e o que é sinestesia mesmo? essa nem a mesa sabe.

é quase como se eu fosse as pessoas enquanto elas me orbitam.
tum tum-tum, tum-tum. o círculo úmido dos copos geladin
demais. mó bom! as pernas dessa aqui balançam de um lado
pro outro como se estivesse esperando por alguém. por um te-
lefonema... talvez ela esteja esperando o resultado de alguma
coisa... entrevista de emprego... teste de elenco... retirada de
pedra das vias biliares. exame de motorista... eu não costumo
esperar por muita coisa. não tenho autonomia para tal, isso
me faz esperar menos das pessoas. apenas *soul* a minha plásti-
ca existência. elas apoiam seus cotovelos sobre o meu tempo.
the elbows on the table. fofocam e sorriem. alguns beijam. ou-
tros fazem safadezinhas por debaixo de mim. bolam beck. pas-
sam pino. eu deixo. não sou a favor do proibicionismo. proibir

um nome não impede que me chamem como eu quero. eles apoiam seus copos sobre o meu tampo e se vão depois de um copo. uma garrafa. uma pra cada. uma saideira. um engradado. sempre partem depois do porre.

é quase como se eu fosse as pessoas enquanto elas apoiam seus cotovelos sobre o meu futuro.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – pra onde você vai com ela?

CARA DE ÓCULOS – uma amiga antiga.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – mentira.

CARA DE ÓCULOS – por qual motivo eu mentiria pra você?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – estou me fazendo a mesma pergunta.

CARA DE ÓCULOS – ela vai comigo.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você vai levar ela?

CARA DE ÓCULOS – vou.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você nunca me levou lá... por que será, né?

CARA DE ÓCULOS – o que cê tá insinuando?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você nunca me levou lá!

CARA DE ÓCULOS – que cê tá insinuando?

CARA DE ÓCULOS – vem cá, minha filha, dá um beijo aqui.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – para... papai!

CARA DE ÓCULOS – minha filha... como cê tá?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – tô bem... quem é ela?

CARA DE ÓCULOS – uma amiga do papai.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – vai lá pra sua safadeza.

CARA DE ÓCULOS – para com isso.

CARA DE ÓCULOS – você quer um cachorro?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – quente?

CARA DE ÓCULOS – para com isso!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – brigada!

CARA DE ÓCULOS – que porra!!! cê tá de brincadeira comigo.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – calma!

CARA DE ÓCULOS – calma a disgregta!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você não pode falar assim comigo! eu sou só uma criança!

CARA DE ÓCULOS – dá beijo aqui, filha.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – cuidado com essa aí.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – outra esposa nova do papai?

CARA DE ÓCULOS – é uma amiga.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – ela vai tomar uma com a gente?

CARA DE ÓCULOS – ela só veio pegar o muleque.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – só uma cervejinha.

CARA DE ÓCULOS – você vai beber coca.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – eu faço questão. que muleque?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você tem outro filho?

CARA DE ÓCULOS – o que vamos pedir?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você tem outro filho?

CARA DE ÓCULOS – fritas com bacon?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – fritura faz mal pros vasos sanguíneos.

CARA DE ÓCULOS – desde quando?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – que muleque?

CARA DE ÓCULOS – vamos falar das suas férias... para onde você quer ir?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – não quero falar disso agora.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – uma cerveja fazemfavô!

CARA DE ÓCULOS – dois copos! vai querer qual refri?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – vou beber com você hoje.

CARA DE ÓCULOS – suco de laranja?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – vou encher a cara com você hoje.

CARA DE ÓCULOS – uma coca!!!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – coca-cola estraga os dentes.

CARA DE ÓCULOS – sabichona...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – isso tudo tem no google,
papai.

CARA DE ÓCULOS – você se acha muito sabichona...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você que é bobo.

CARA DE ÓCULOS – eu sou seu papai!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – só quando não fala merda.

CARA DE ÓCULOS – eu ainda sou seu pai...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você vive falando merda.

CARA DE ÓCULOS – você não sou eu.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – sou sim.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – coisa até pior... me dá di-
reito também...

CARA DE ÓCULOS – direito de quê?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – de desabafar também...

CARA DE ÓCULOS – desabafar?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – num é pra isso que vocês adultos falam palavrão?

CARA DE ÓCULOS – para xingar também!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – então xingue, papai! xingue!!!

CARA DE ÓCULOS – eu... não... quero...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – coloque pra fora!!! solte tudo que tá reprimido aí dentro todo esse tempo.

CARA DE ÓCULOS – não tem nada reprimido aqui.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – tem sim... todos precisam colocar pra fora o que tá reprimido dentro.

CARA DE ÓCULOS – estou falando sério, garotinha.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – garotinha kkkkk.

CARA DE ÓCULOS – falo sério!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – cê tá me chamando de garotinha?

CARA DE ÓCULOS – é isso que você é... uma garotinha mimada pelo papai.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – mimada?

CARA DE ÓCULOS – eu te mimo demais, garotinha.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – ... pelo papai?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – pare de me chamar de garotinha...

CARA DE ÓCULOS – menininha! mimada e bancada.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você chama aquela mesada mixuruca de bancar? você não sabe dos meus gastos...

CARA DE ÓCULOS – quem comprou esse vestidinho florido? aquela casinha rosa? aquele carrinho quatro portas vidro fumê? não foi a sua mesada?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – eu vou é dar essa mesada na sua cara.

A MESA – não ouse!!!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – desgraçado!

CARA DE ÓCULOS – filha...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – filho de uma puta! cretino! verme!

CARA DE ÓCULOS – não fale assim com o papai...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você é um cretino nojento.

CARA DE ÓCULOS – eu tento fazer o que eu posso.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – tá pouco!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – é pouco... você tá fazendo pouco, seu merda!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – quem é o muleque?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – vou acender um cigarro.

CARA DE ÓCULOS – desde quando você fuma?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – comecei tem pouco tempo.

CARA DE ÓCULOS – quanto tempo?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – o tempo é relativo.

CARA DE ÓCULOS – você precisa parar/

MANO DO BRISADEIRO – olá!!! tudo bem com vocês?
posso apresentar meu produto rapidinho?

CARA DE ÓCULOS – hoje não!!!

PESSOA COM VESTIDO FLORIDO – pode sim. com certeza.

MANO DO BRISADEIRO – eu sou o mano do brisadeiro. meu produto é 100% vegano feito de forma artesanal por mim e minha namorada. produzido com tempero verde de qualidade.

PESSOA COM VESTIDO FLORIDO – vou querer um.

MANO DO BRISADEIRO – melhor que framboesa kkkk. temos também a versão palha italiana com ganache. não é querendo me gabar não, mas é daora demais. é um passaporte pra viagem da boa. qual dos nossos produtos vocês gostariam de experimentar hoje?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – vou querer um brisadeiro, porfavô!

A MESA –

estou aqui com vocês *voyeurs* da mesa alheia. a lôra, dona daqui, odeia esse tipo de comércio ilegal nas suas mesas. mais que isso: ela odeia gente pedindo e incomodando seus clientes. por baixo de mim além de carinhos, dedadas e punhetas, rola também troca de mercadorias. as pessoas pedindo e vendendo, seja mercadoria ilegal ou não, aumentam cada dia mais. são tantas pessoas que a lôra cansou de brigar. além de brisadeiro e palha italiana, você não precisa sair da minha órbita para adquirir produtos como: perfumes falsificados, colares, brincos, sapatos importados, rins, cachorrinhos que parecem demônios com olhos vermelhos e latidos ritmados...

pochetes, meias, cuecas, calcinhas, desodorante etc. produtos como eu, você não encontra vendendo por aqui. apenas em uma loja credenciada. ligue já: 08003131589914.

CARA DE ÓCULOS – onde você tá aprendendo essas coisas?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – aceita um pedaço?

CARA DE ÓCULOS – onde você tá aprendendo essas coisas?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – tem tudo na internet, papai... é só jogar no google. meu insta é mais velho que eu.

CARA DE ÓCULOS – a gente... podia fazer algo no fim de semana.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – tipo o quê?

CARA DE ÓCULOS – a gente pode ir ao teatro...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – vê o quê?

CARA DE ÓCULOS – não sei, menininha... a gente pode fazer algo diferente.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – sentar em outro bar do baixo centro?

CARA DE ÓCULOS – você pode propor um lugar...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – papai, eu só tenho 8 anos!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – a gente pode ir para um restaurante chique e pedir o prato do chefe.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – o que foi?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – vai ficar calado? vai fazer birra, marmanjo? marmanhão velho!!!

CARA DE ÓCULOS – eu vou lá pagar!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – eu avisei a mamãe que eu chegaria mais tarde.

CARA DE ÓCULOS – a gente vai sair pra dar um rolé... pra ver a sua galera.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – que galera?

CARA DE ÓCULOS – tá vendo? você não tem ninguém... fica aí com sua arrogância de 30k. essa soberba verificada.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – inveja!

CARA DE ÓCULOS – para de show que a xuxa é loira!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – tá vendo? eu tento! eu tento sentar aqui com você e ter uma conversa decente, mas não dá...

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – *daddy, i'm devastated.*

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – papai, eu só tenho 8 anos.

CARA DE ÓCULOS – para com isso.

CARA DE ÓCULOS – não foi isso que a gente combinou.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – a gente pode mudar... você
prefere 12? 13?/

(Um freio. Um barulho. Outro barulho. Um grito. Dois gritos. Três gritos.)

MESA 1

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – okay!

aham!

tá bom... beleza!!!

aaaa, eu acho que / amanhã você poderia em algum horário / nossa mas é / tá... tá / tá muito cheia de coisas coitada. não! é ótimo na verdade! né? depois eu quero ver. eu não consegui ver as suas outras peças... mas eu quero ver uma próxima. seria mais lindo ainda poder ir praí um dia te assistir... mais pra frente. é... .. então... .. que tal amanhã? se você tiver uma brecha. poderia ser hoje às 18 só que tô na correria ainda das coisas de... de mudança. e talv/ eu acho que eu vou ter que dá uma saída pra buscar umas coisas ainda que ficaram. é... .. mas aí a gente... tentar armar algum horário que fique tranquilo ou a / ou então poderia ser depois do... do festival num sei se é muito ruim. pra você.

A MESA –

meu número. que não é um nome, está manchado. dá para ver que é 1 por dedução do desenho que é um número borrado. poderia ser 7. poderia ser 4... 10... mas logo depois de mim está a 2. que está vazia. a 2 quase sempre está vazia. sozinha mesmo sendo par. sozinha junta com as outras. mesmo empilhada... só.

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – eu vou pensar aqui e aí te falo...

A MESA –

quase ninguém senta na dois por causa da proximidade com o esgoto. quando tá cheio ninguém liga para nada. mais tarde deve lotar de cotovelos apoiadores. levantadores de copo lagoinha. comedores de fritas com bacon.

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – tá! eu...

eu...

eu...

eu vou pensar aqui e aí te falo!

sim! tá bom!

eu vou pensar aqui e te falo!

eu vou pensar aqui e aí te falo!

A MESA –

o estabelecimento do lado vende a melhor coxinha recheada com carne de sol do mundo. tem um molho de mostarda e mel que forma uma combinação impecável aos paladares alcoolizados. tipo megazord. algumas pessoas dizem que já foi melhor. que hoje tá caro e com gosto de gordura velha.

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – sim! sim! não....

tá de boua!

siiiiim!!!

mas é, isso acontece.

não!

não!

NÃO É ISSO QUE EU QUERIA DIZER!

quem? não...

é...

isso acon /

acontece.

vou pensar aqui e aí te falo! tá bom? pode ser?

eu só preciso resolver isso... preciso pensar, cara! eu vou pensar direitinho e aí eu te ligo de volta. pode ser?

CARA DE ÓCULOS – que porra!!! cê tá de brincadeira comigo.

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – calma!

CARA DE ÓCULOS – calma a disgregta!

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – você não pode falar assim comigo! eu só sou uma criança!

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – quê?

PESSOA DE VESTIDO FLORIDO – depois a gente conversa então.

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – eu já te disse... eu tô em casa! tive que descer aqui na rua para não acordar minha mãe. mas tô em casa.

é um...

é um...

é um pessoal brigando aqui...

posso te ligar depois?

eu vou pen... preciso...

PRECISO PENSAR UM POUCO. TÁ BOM?

SIM...

te ligo!

s

si... sim!

kkkkkk não sei. não sei te dizer viu... eu sei... na verdade eu sei.
mas acho melhor eu ficar calada. não quero te ofender não. hoje não.

agora não! não quero te fazer passar vergonha... estou me...

eu não quero. pode ser?

A MESA –

talvez o meu nome seja tão manchado quanto o número que
cravaram em mim.

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – quem?

você quer falar alguma coisa?

(PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 desliga o telefone na cara da outra pessoa. Fica em silêncio olhando para as baratas que procuram desesperadamente por alimento no chão. Pensa que as baratas arriscam a própria vida em busca de restos de alimento. São insetos resistentes. Existem desde os tempos jurássicos. Será que foram as baratas que mataram os dinossauros? PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 desligou o telefone e refletiu sobre a existência das baratas.)

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – tá fazendo o que aqui?

MANO DO BRISADEIRO – o que você acha?

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – eu precisava/

MANO DO BRISADEIRO – cê não tem que me dar satisfação da sua vida não...

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – eu queria tomar uma de leve antes de ir pra casa...

MANO DO BRISADEIRO – você tem todo o direito...

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – quer tomar uma?

MANO DO BRISADEIRO – eu tô trabalhando.
vou tomar mais tarde.

mentira tem perna curta.

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – só uma... de leve...

MANO DO BRISADEIRO – eu sabia que ia te encontrar aqui. mesmo dia da semana. mesmo horário. mesma mesa. mesma cara de derrota.

MANO DO BRISADEIRO – eu não vou beber não... mas
como uma porção de fritas com bacon... que você vai pagar!

**PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – UMA
GELADA, POR FAVOR!!!**

MANO DO BRISADEIRO – garçom aqui é difícil...

**PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – UMA
GELADA!!!**

MANO DO BRISADEIRO – é melhor ir lá pedir...

(O smartphone toca.)

(O smartphone toca.)

(O smartphone toca.)

(O smartphone toca.)

(O smartphone toca.)

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – eu... é... preciso
atender...

(O smartphone toca.)

MANO DO BRISADEIRO – vai na fé...

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – oi! hm...

hm... hm... hm...

hm... hm...

hm...

tô ouvindo...

eu...

eu tô em casa...

MANO DO BRISADEIRO – run...

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – eu posso te ligar
depois?

tá!

eu vou pensar aí eu te falo...

hm...

MANO DO BRISADEIRO – fala do meu produto! tem
delivery!

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – depois você manda
um zap pra ele. não. não é... ele não vende
mais óculos de sol...

você não vende mais óculos de sol?

MANO DO BRISADEIRO – as pessoas só compram óculos de sol quando vão pra praia. fala do meu novo produto!

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – óculos de sol só se compra quando vai pra praia!

disse que depois quer saber sobre seu novo produto.

MANO DO BRISADEIRO – fala pra ele. é vegano. tem delivery.

ALGUÉM QUE TROPEÇA NA PEDRA (Para a pedra.) – eu tô aqui cuidando da minha quietude!

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – que bonito...

MANO DO BRISADEIRO – o cara trupicando?

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – não... que cara trupicando?

MANO DO BRISADEIRO – você não viu... o cara tropeçando?

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – não entendi... eu tô no telefone... marca aí!

MANO DO BRISADEIRO – você escutou o que ele falou com a pedra?

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – eu não escutei nada não. cê chapou?

eu posso te ligar amanhã? já tá tarde... beleza! beijo... beijo!

(Desliga.)

PESSOA DE VERMELHO DA MESA 1 – parece que a gente tá bebendo o cheiro de barata.

não sente esse cheiro?

cheiro de barata!

parece que tá dentro do copo. dentro na boca da gente. parece que/

(Um freio. Um barulho. Outro barulho. Um grito. Dois gritos. Três gritos.)

MESA 7

(Duas mesas juntas. Seis amigos: cinco pessoas sentadas – uma delas é um abdômen definido de um homem cis branco. Outra pessoa está de pé esperando uma cadeira ser liberada. Todas as cadeiras estão ocupadas por gente ou pela espera.)

cadê os cuzinhos?
ele falou: ALGUÉM DE CUECA PARA ME FAZER
GOZAR?
tem um aqui na minha bunda
tá se controlando?
ele tava pelado
manda
sim
tô jogando lol com meu novo amigo
hmm
kkkkk
bom mesmo
hahaha
todo dia a mesma fase todo dia o mesmo chefão
kkkk
você comia?
ué, esse menino num namorava?
pq ele é passivo
olha a ironia
ele é meu amigo
só curiosidade mesmo
hmmm tendi
kkkkk
KKKKKKKK
queria ver um nude dele, mas ele falou que namora
triste pq deve ser muito gostoso
oi?
quem?
você?
geeeenty!!!
quem é esse?

ele mudou o @
acho que não é ele não
a bunda é mais nova
quantos anos tem isso?
pois é
credo!
chegou
deve ter 13
o que você tá querendo com a gata ein?
bem
senti sua falta
só ficamo no *sexting*
eu prefiro jontex sabor menta
que bom
não sabia que tinha sentido. o que eu faço de tão bom pra você
sentir minha falta?
pra boquete eu prefiro jontex sabor menta
tão falando de pinto ainda
hmmmmmm tendi
conversa com a gente
cê chupa com capa?
está em extinção
kkkkkkk
a cara do freio da blazer
eu mamô
tô sem cueca
ângulo é
ativo tá em extinção
tudo
a bundinha

tudo
mano, amo essa fotoooo
sossega, gay
bati uma punheta só hoje
tirei mês passado
podia ter me chamado kkkk eu te faria companhia
é muito pau. prefiro não comentar
foi escondida
meu deus sim
foi na hora do almoço
eu comecei a rapar a perna e coxas
nossa, me senti uma puta gostosa depois
antes de depilar com laser também. eu tenho umas
manchinhas de pelo encravado
não quero comer alguém que pareça uma criança kkkk
me incomodam muito
sei como é kkkkkk melhor sensação
não tenho nojo
nossa
falei errado
pra caralho
acho que me expressei mal
mas é gostoso
alguém quer brisadeiro?
eu não gosto de pelo em mim
olha o que me mandaram
o menino tá vendendo brisadeiro
nunca transei desse jeito, só fui abusado
gatilho
só eu acho pau pequeno bonitinho?

perdi
te ensino
também estou nesse grupo de pegação do telegram
alguém vai querer brisadeiro?
que isso, man?
se quiser conversar
só fui abusado aos 6 e 7 anos
eu vou te dar
meu deus
céus
você denunciou?
que merda
tomou peladinho?
que isso... manda foto?
você toma banho de roupa?
quem assistiu a última temporada de rupaul's?
eu vi a última de pose
eu quando assistia bbb e via os cara tomando banho de sunga
você vem?

A

fui abusado por um menino de 19 anos
eu pensava que o normal era tomar banho de sunga
o daora é que a gente tá virando tipo irmão, sabe
também faço isso
eu tenho medo de sair agora e voltar com a *bíblia* pra ler
quê?
caralho
você tinha quantos anos?
era filho da patroa da minha mãe
queria ser meu *daddy*

6 ou 7 anos?
porra
banca dois?
real
?
que mlk escroto
você eu banco
e meu namorado?
alguém quer ser meu *sugar daddy*?
pooo
ele me fez sentar no pau dele chupar
entendi
quer um pedaço?
ele é lindo
e dança
se for bonito igual a você eu banco kkkk
aí você rouba livros
esquenta pra sauna
meu namorado é ciumento
da última vez que fui lá só tinha passivo
tô tentando lembrar o nome
foi mês passado
só o suor e a bagaça
não sei se é seu aniversário
preguiça de começar um novo jogo
mas tá de parabéns
tenho tara em comer magrin
off pra niver
uma delícia
tu é gostoso ein

obrigado você tbm é
quero
pau bonito
que pau bonito
pika gostosa
só o fedor e a catinga
caramba, eu quero
quem aí curte leite condensado?

(Quem curte levanta a mão.)

eu casaria comigo

quem aí curte jockstrap?

(Quem curte levanta a mão.)

nossa, amigo, tá levando ou comendo?

quem aí curte dp?

(Quem curte levanta a mão.)

vontade de ir servir a todos

parabéns para você, gato

quem aí curte fisting?

(Quem curte levanta a mão.)

infelizmente sim

comendo

beecem menininha

que cara chato palestrante

quem aí curte bdsm?

(Quem curte levanta a mão.)

vi aqui agora

candidatos para me ajudar a descobrir quantos cm tem minha

garganta?

medo

campanha

campanha campanha tbm não. uma mobilização
quem aí curte golden shower?

(Quem curte levanta a mão.)

mano

tô viciado em fortnite

tô viciado em pornô

tô viciado em benzodiazepina

tô viciado no novo álbum da linn da quebrada

pra que medo, gente? kkkk

nunca jogay

daqui a pouco meu grindr bomba

será que eu sou o único que nunca gostei disso?

quem aí curte no pelo?

(Quem curte levanta a mão.)

nada. eu sou o cara que passa despercebido. o que não é tipo

de ninguém

queria, de verdade

passa é percebido

até pra meter tem isso?

os caras falam que não sou o tipo deles

uai

tem que rir um pouco né galera

as padrões são rápidas no amor né?

quem aí curte pig?

(Quem curte levanta a mão.)

ser leve nessa loucura de vida é fundamental

SOCORRO

ai nem me lembre.

putaria é terapêutico

ainda fiquei mal por dar *exposed* nele, mas era isso ou eu se

lascar mais com aquela poc
eu vou fazer
totalmente escroto da tua parte
para os demais... por mim fico só na conversa. fazer amigos é
o que importa.
olha, gay, a gente já conversou sobre isso
cabelin na régua
não dá pra não gostar de você
eu juro tô a cinco passos de sair daqui
estou precisando de um fone. me empresta?
barata desgraçada
pq
mlk marrento, maludo
aaaaaaaaa
kkkkkk
pq kkkkkkk
quem?
só me maltratam
exatamente isso, nada proibido
inveja não, só triste mesmo
ai ai
chêrão de esgoto
que nada, o menino ali só parece hetero, aí as gay paga pau
valeu cria da 17
pior kkkk
q isso
kkkkkk mds
kkkkkkkkkkkk
kkkk
isso foi hilário

te entendo, amigo
neste bar lotado, nesta mente chapada
auahauaha
veio da grécia
mas a gente tenta
preciso enterrar o meu pai
ele até que é bunitinho
vc me chupa
nossa! que sangria desatada!!!
só precisava de ordem
os latidos
migo, tô mole
vou pedir fritas com bacon
kkkkkkkkkk
esse assunto até me deu dor de cabeça
você vai perder a aposta assim?
NÃO VOU
vou querer coxinha de carne-seca
deixa dar meia-noite
e fico duro
amigo, é pro meu bem
será
eu sou demi
eu te entendo
nem que seja mole pode tudo kkkk
é pq eu não posso bater, né?
ele disse que ia sair com o pai
daí tô evitando ficar duro
não queria incomodar
mas não era até sábado

NoFap?
tem que ser uma hora viado se não nunca é
kkkkkkkk viu
kkkkkkkk
não sou assim
sou viciado em bater
a bundona da gata
foto
eu vi ein
gostou, amor?
quem não gosta
claro
sempre shipei
oi
eu sigo
eu me sinto quisto
eu gosto kk
achei necessário
sai
kk
neste bar lotado, nesta mente chapada
vou ser educado
to com fome
também
meu cu
vou te comer
queria um cuzinho

(Som de aplicativo de pegação gay.)

o que posso comer?
bater punheta
que brisa louca, meu deus
eu queria uma coisa muito gostosa
não seja por isso
eu entendo a inveja
vai veno
você acha que eu peguei de um novinho que me mandou?
a minha é a melhor com certeza, mas vou deixar a imaginação
de vocês trabalhar
kkkk
não, vou querer bater punheta
o ângulo ajuda a parecer que é maior. mas chega lá e você
engole fácil
hmmmm
depois dessa a fome começou a atacar
o menino com a cara tampada
tô na solidão ninguém quer bater comigo 24h por dia
a minha também. pena que não gosto tanto de ser passivo
dedar é bater punheta?

(Som de aplicativo de pegação gay.)

não pode feio
depois da dedada sempre vem a punheta
me pergunto a mesma coisa
começa com um dedo
pra que o mistério
meu pai perguntou: “filho, pq vc tem uma cueca que não
tampa a bunda?”

eita
eu tô meio criação aqui, né? vou parar
não posso
goza e usa o gozo pra lubrificar o cu
genial
lubrificação caseira
só curiosidade
isso é estupro

(Som de aplicativo de pegação gay.)

chama pv se quiser bater um papo
minha primeira vez foi tipo isso
plis
ninguém me quer mais. povo parou de falar comigo
pedi pra tirar e não tiraram
gente nunca dei o cu, como é?

(Som de aplicativo de pegação gay.)

bom
tô dentro
um braço maior q o outro
quem aí curte gang bang?
(Quem curte levanta a mão.)
vadoo
mostra seu pau
o que rolou?
tipo arde ou dói mesmo?
call vip

leite no olho arde
a mana ali desmaiou, vey

(Som de aplicativo de pegação gay.)

olha se essa fota tá boa pra eu postar no insta
a mana ali desmaiou
quem aí curte bukake?
(Quem curte levanta a mão.)

olha se a legenda tá boa pra eu postar no insta
alguém aí quer uma mão amiga?
a mana ali desmaiou!!!
quem aí curte mão amiga?
(Quem curte levanta a mão.)

a tv do vizin é tão grande que lá em casa a gente nem precisa
de uma/
sou sua cadela fdp
KKKKKKKK
pode cuspir
pisar
nunca vou discutir com vc

(Som de aplicativo de pegação gay.)

(Jogam “Verdade ou Consequência”. Um deles pega uma garrafa e gira. Todos ficam em volta da mesa esperando que a garrafa pare. Quando a garrafa parar, a pessoa para quem a parte do fundo da garrafa ficar apontada pergunta “Verdade ou consequência?” para a pessoa que está na direção da ponta da garrafa. Caso a pessoa escolha “verdade”, a primeira pessoa – que está

na direção do fundo da garrafa – faz uma pergunta a ser respondida. Se escolher “consequência”, uma tarefa deve ser proposta. Jogam inúmeras vezes.)

(Um freio. Um barulho. Outro barulho. Um grito. Dois gritos. Três gritos.)

MESA 9

PESSOA QUE ESPERA – não sei se ontem...

hoje... eu vou de novo! com medo. mas vou. coração até acelera. mas eu amo aquele lugar e a adrenalina que ele causa. buraco glorioso. encontros artificiais. romances de meio turno. pura necessidade momentânea. gozo. nada mais. às vezes rola um troca-troca de zap. ninguém chamaningüém. queria que fosse diferente com o moço de bela glânde... ahhh como queria! aqui tem que tomar cuidado com barata. aqui as barata pousa na cara das pessoas. baratas voadoras fazem pessoas voarem de suas mesas. fritas com bacon. peço agora ou depois? aqui. aqui. tem barata. aqui. será que tem barata/ perna de barata na porção? fritas com bacon e perna de barata. com acréscimo de antenas. tem ninguém que eu pego aqui. trabalho de metafísica. 30 ponto. se eu perder esses ponto fica difícil de passá. e se eu largar. largar tudo. abandonar essa porra toda. ninguém mesmo que eu pego. ou que pegaeu. focar em tirar metade. depois eu me viro. pego ninguém. dou um jeito...

será que já passô a data de trancar a matéria? queria trancar a vida por 6 meses. hmmm aquele ali da mesa... num sei se se é 33... 32. tá vazio ainda também. trinta e... .. mais tarde vai encher. a galera vem pro esquentada da boate. vou chapar hoje não. acordar de ressaca não. amanhã nem fudendo. queria que fosse fudendo. nem sei se tomei meu benzodiazepina. 33. puta que pariu. tô esquecendo muito das coisa. eu peguei o celular para fazer alguma coisa... puta merde, véi. esqueci. entrar no tinder. foda! scruff tá burocrático demais. já foi mais fácil trepar com os boy desse app. 60 ponto pra passar. muito apertado. apertadinho. C9H8N2. essa cerveja tá quente. e cara. beber sozin dá nisso. beber sozin dá nisso de olhares piedosos. um corpo de 35 não se recupera como um corpo de 22. uma amiga minha que fala isso. tá quente pra carai. C9H8N2 – benzodiazepina.

A MESA –

fusão de um anel de benzeno com um anel de diazepam. pertencem à classe farmacêutica dos ansiolíticos. uns amigos da turma de química sentam aqui. nesta mesa que tem um número no lugar do nome. toda quarta depois da aula. em alguns encontros o professor vem junto – entre o estado físico da matéria e os metais alcalinoterrosos, soltam confissões e contam segredos embriagados. eu pouco entendo. nada sei... um dia falaram algo sobre viver mais de 450/500 anos. me deu angústia e desespero. vagar no fundo do oceano por tanto tempo assim. sem nome. sem chão. sem cotovelos.

sem assuntos e salivas. sem serventia. sem número até... de que serve um número desenhado em um material jogado no oceano? jogada pra se decompor. qual a relação disso com química? umas pessoas sentem química por outras... esse tipo de química é mais comum por aqui.

PESSOA QUE ESPERA – quando isso aqui tiver cheio só vão descer cerveja quente. inferninho. desgraça. mais de trinta grau. nem sei o porquê que eu venho pra esse buteco. esse buraco. copo sujo. sujão. essas mesas são nojenta, véi. olha... tem até caraca grudada. bactéria. vírus. será que tem vírus? tem barata zanzando pra cima e pra baixo. nas pernas das mesas. nas pernas das pessoas. barata pega vírus? perna de barata. bacon. como que chama aquela música... que lugar feio pra porra. a música nova daquela besha... o que a galera vê aqui ein? deve só transmitir só. C9H8N2. bacon é uma carne que não precisa ser guardada na geladeira. essa merda! não o porco vivo. merda a transmissão de vírus. merda o agronegócio. merda a indústria farmacêutica. na porta das farmácias anunciam remédios como quem vende amendoim na mesa de buteco. bala de goma feita de porco. e aqui fica lotado ainda. já já tá chei. quantas hora? ahhhh eu tinha pegado o celular para ver as horas, véi. kkkkkkk. que berro! JOÃO DE BERRO!!! minha bateria tá acabando. como que eu vou vazá de uber? colocar no modo avião. se eu dormir em casa hoje, né?! tô achando que eu vou pra putaria mesmo. vai que

encontro de novo o moço do prepúcio doce. naquele lugar que faz minhas mãos suarem... pupilas dilatarem... fogo subir... fodas! passá na farmácia. véi, as horas! num é bom ficar com celular na mão aqui, não. a galera marca a gente e segue a gente até o ponto pra roubar depois. vai dar nove e meia ainda. vim cedo pra essa merda. inferninho. ficar olhando muito pro celular desses viado branco não que eles acham que a gente vai roubar. vim cedo. deve encher lá pras/

– tem alguém sentade nessa aqui?

PESSOA QUE ESPERA – oi?

– tem alguém sentade nessa cadeira?

PESSOA QUE ESPERA – tem... tem sim...

– valeu!

PESSOA QUE ESPERA – num tem, mas vai ter.

– beleza. valeu!

PESSOA QUE ESPERA – no futuro vai ter...

– beleza! valeu demais.

PESSOA QUE ESPERA – eu tô esperando... alguém.

que blusa bonita dessa gata. ela tá toda combinani com esse look. bafo! queria ter coragem de usar umas roupa assim... cheia de identidade... num é bem essa palavra que eu quero usar... num é empoderamento também... .. ah! fodas! putaquepariuvey! tô sentino o cheiro dele até agora. pqp! parece que tá na minha mão.

(O smartphone toca.)

vou atender agora não/

MANO DO BRISADEIRO – ei! ei! ei!!! posso apresentar meu produto rapidinho?

PESSOA QUE ESPERA – eu vou agradecer...

MANO DO BRISADEIRO – é rapidinho... só vou apresentar meu produto sem compromisso...

PESSOA QUE ESPERA – é que...

MANO DO BRISADEIRO – prometo não tomar muito do seu tempo...

PESSOA QUE ESPERA – eu não quero mesmo...

MANO DO BRISADEIRO – rapidinho...

PESSOA QUE ESPERA – tá bom...

MANO DO BRISADEIRO – eu sou o mano do brisadeiro. meu produto é 100% vegano feito de forma artesanal por mim e minha namorada. produzido com tempero verde de qualidade. melhor que framboesa kkkk. temos também a versão palha italiana com ganache. não é querendo me gabar não! mas é daora demais. é um passaporte pra viagem da boa. você gostaria de experimentar um dos nossos produtos hoje?

PESSOA QUE ESPERA – como disse... quero não... agradeço viu...

MANO DO BRISADEIRO – aceito débito e crédito... pix... picpay...

PESSOA QUE ESPERA – eu não uso... é... eu não uso essas coisas... não é comigo. cê bota fé?

hmmm. o cheiro tá na minha mão ainda. Vêi, que delícia de macho!

MANO DO BRISADEIRO – desculpa atrapalhar sua solidude. grate por me escutar!

PESSOA QUE ESPERA – puta que pariu! eu não lavei a mão?

por nada! boas vendas.

MANO DO BRISADEIRO – valeu!

PESSOA QUE ESPERA – os testículos mais lindos que eu já vi... vou ter que ir lá de novo para ver ele... mesmo dia... mesmo horário... mesma cabine... mas vou hoje também. vai que... só de pensar já fico doido! misericórdia! a coisa mais linda que eu já. cabeça perfeita. boca babona. os cabelo cheirosin. cheiro de macho! que tesão da porra! preciso ver ele de novo. preencher esse vazio que ficou aqui dentro depois que ele vazô. kkkkk num vi foi o rosto do fida puta até hoje. véi! até hoje!!! como que é o seu rosto direito. só no escuro. não sei se vi ainda. acho que já vi. suspeito. acho que é aquele... kkkkk. aquele de cabelos amarrados e sem blusa que eu vi chegando um dia... naquele lugar... a maioria fica sem blusa. kk. com crachá. sem blusa e com crachá ele tava. vou tentar ler o nome... pra jogar no insta. pelo menos o nome da empresa. vou na porta da empresa pra ficar esperando ele sair. cabelos da cabeça da cor dos cabelos do pedaço de virilha que eu me apaixonei. ou se tô fantasiando... romantizando... bota fé?... kkkkkkk eu fico fazendo perguntas pra mim mesmo. ó o tamanho dessa desgraça, véi! se subir nimim eu vou ficar puto, véi.

(O smartphone toca.)

vi primeiro seu mastro pelo *glory hole* já me apaixonei de boca por cada centímetro. foi ali mesmo que ele entrou em mim pela primeira segunda terceira já perdi as contas. uma madeira na vertical separava ele

dentro. covinhas de vênus. eu queria segurar com minhas duas mãos. meus indicadores em suas covinhas de vênus. poder ver seus olhos castanhos. seu cabelo solto comprido até os ombros. cacheado. barriga nem tão peluda mas não é lisa também. imagino seu rosto pela sua glande. você deve ser tão bonito quanto. a pele do seu rosto deve ser tão gostosa quanto a da sua virilha. o pouco da sua virilha que pude tocar pelo buraco glorioso. eu me apaixonei por aquela pica no *glory hole*. coube certin na garganta. era tudo que eu pude ter de você. 18 cm lindas bolas e um pedaço de virilha. escroto. duas lindas bolas. seu chêro ainda tá aqui na minha mão. o gosto do beijo que não te dei... não na boca de cima. ainda. ainda. ainda... se Jesus abençoar! eu sempre abro a cabine rapidamente mas você no sigilo se foi... não sei se pra outra cabine... pro banheiro... pro *dark room* ou pra suruba que rola logo ali na sala de pornô. que só passa filme com atores brancos jovens e lisos. eu pedi seu zap aquele dia. você não escutou. gozô e vazô. sete jato de porra... costumava ser... da última foram três... você anda gozando com alguém antes de mim? pensei que a gente tinha um pacto sigiloso. com local. sem frescura. cabine número 4. toda terça depois da minha aula de metafísica. você deve tá vindo da academia. dá pra tirar 20. nem é tão difícil... assim... vou pedir agora. leitinho quente. dá pra tirar uma. torcer pra num ter perna de barata no meio. suas coxas quentes pela manhã. sempre quero engolir, mas dizem que a carga viral é maior no leite. tem barata no chocolate. queria

olhar nos seus olhos... castanhos... eu imagino seus
olhos castanhos... deve ser por causa da cor do seu/

– licença.

PESSOA QUE ESPERA – deve ser por causa da
cor do seu/

– ei! tudo joia!?

PESSOA QUE ESPERA – que foi?

– tem alguém sentado aqui?

PESSOA QUE ESPERA – tem sim

– você tá esperando alguém?

PESSOA QUE ESPERA – tô sim. no futuro.

– boto fé... chique então.

PESSOA QUE ESPERA – já é!

– demorô!

PESSOA QUE ESPERA – tô esperando um amigo.
ele me ligou aos prantos mais cedo e queria encontrar
comigo. tô preocupado com ele...

– aconteceu alguma coisa?

PESSOA QUE ESPERA – eu não sei... ele não parecia bem. chorava muito no telefone... tô esperando ele.

– tomara que não seja nada...

PESSOA QUE ESPERA – ... queria olhar nos seus olhos... castanhos... eu imagino seus olhos castanhos... deve ser por causa da cor do seu/

tenho que passar na farmácia. vontade de escutar música. a música aqui é baixa. num pode música alta. o povo que mora nos prédio reclama. joga água. chama polícia. deve ser um inferno morar nessa região. *porcupine* é porco-espinho em inglês. será que cachorro tem ansiedade? eu vou pedir/

– eu posso usar sua cadeira até seu boy chegar?

PESSOA QUE ESPERA – quê?

– minha amiga pode sentar na sua cadeira até...

PESSOA QUE ESPERA – eu tô esperando alguém... uma pessoa.

– é só até a pessoa que cê tá esperando chegar, bota fé?

PESSOA QUE ESPERA – ...

– ...

PESSOA QUE ESPERA – ...

– ...

PESSOA QUE ESPERA – ...

– ...

PESSOA QUE ESPERA – ...

– ...

PESSOA QUE ESPERA – ...

– ...

PESSOA QUE ESPERA – ...

– ...

PESSOA QUE ESPERA – ...

– ...

PESSOA QUE ESPERA – vou fazer a sonsa se não
eu vou voar no pescoço dessa bicha. bicha folgada
do caray. a amiga que espere em pé, gente/

(Um freio. Um barulho. Outro barulho. Um grito.
Dois gritos. Três gritos.)

MESADECABEÇAPRABAIXO

(Mesa com as pernas pra cima.)

se te ver fosse um coração, este encontro estaria com *arritmia*.
arremessada fui. *metros*. vidros e cacos. empurra-empurra.
pi-so-te-a-da fui. ritmo sinusal. palpitação. atenção com o peso
colocado no meu tampo. fui dimensionada para suportar objetos
e situações compatíveis com minha utilização.

favor não me usar ao contrário

minhas pernas devem permanecer viradas para o chão. uma mesa
com as pernas para cima de nada serve. uma mesa com as pernas
para cima pisoteada por pés desesperados e curiosos.
falta de dignidade 100% polipropileno. álcoolgelsempre. besun-
tada. o mundo não é quadrado como eu. não posso dizer que
as pessoas estejam em minha órbita, mas normalmente passam
bastante tempo ao meu redor. o planeta não é plano como o meu
tampo. se eu fosse um planeta. os planetas têm nome. os desco-
bertos. os planetas descobertos têm nome. se eu fosse saturno
essas pessoas seriam a espessa camada de hidrogênio metálico
e hélio que me circunda. os anéis chovem em saturno. em 300
milhões de anos deixarão de existir. “Cem milhões de anos po-
dem parecer uma eternidade do ponto de vista humano, mas sob
a perspectiva do cosmos isso é apenas um piscar de olhos.” Um
casal de idosos conversou sobre isso ontem enquanto comiam

fritas com bacon com uma cachacinha “marvada”. Minhas pernas devem permanecer viradas para “terra madura”. arremessada fui. de mim, pedaços estilhaçaram com o duro do chão. bloqueio incompleto da ramificação direta. quadrada. tenho primas distantes que são redondas. 4tro cadeiras podem me acompanhar. as cadeiras devem ser adquiridas separadamente. guarda-sol *in the hole*. cotovelos e pernas. pé direito de um e esquerdo de outra pisoteiam o meu de dentro. aqui ficaria meu coração. se eu tivesse um.

se te ver fosse um coração este encontro estaria com aritmia. seria necessário resetar toda essa pulsão prazente poder voltar a se tocar... a se falar... se não fossem os pés que pisoteiam o coração que eu não tenho. falta de dignidade 100% polipropileno. eu também quero saber o que todos olham pelo lado de fora. o espanto não cabe em seus olhos. alguns desmaiam. uns vomitam. outros lamentam. poucos choram. bloqueio fascicular anterior esquerdo. ECG anormal. se eu tivesse um coração, eu daria um nome para que ele não fosse apenas um número. um nome bonito. um nome diferente do meu. **mesas e corações devem ter nomes diferentes**. o coração de alguém certamente parou do lado de fora. o espanto não cabe nos olhos de todes. um busão freou, talvez não tenha dado tempo. o tempo é relativo. depois do freio uma batida... depois outro barulho de ossos sendo arremessados contra o duro do chão. 100% humano. duas pernas viradas para cima. parece. não vejo daqui. suponho. deduzo. mesas deduzem melhor quando seus pés permanecem no chão. 4tro pernas arremessadas para cima. “o azul do busão ficou sujo de sangue” – escutei alguém dizer algo assim. uma certeza eu tenho: ninguém conseguiu fazer nada. ligar pra alguém... tentar ajudar... o espanto não cabe em seus olhos. o

espanto não cabe em seus movimentos. apenas desmaiam. uns vomitam. outros lamentam. poucos choram.

possoo marcação para corte de orifício central para apoio de guarda-sol. guarda-sol pode me acompanhar. guarda-sol deve ser adquirido separadamente. guarda-sol *in the hole*. uma informação que você até agora não sabia sobre mim: possoo pés removíveis. muito fácil de montar e desmontar.

(Alguém retira uma das pernas da mesa.)

resolvo o seu problema de espaço. tenho ótima qualidade, sou prática, segura, leve e ocupo pouco espaço.

mesa

plástica

quadrada

desmontável

os objetos que ambientam as imagens não acompanham o produto.

eu queria ser um nome. uma palavra escolhida cuidadosamente. que caiba na boca dos outros. que seja respeitosamente pronunciada. um nome forte e impactante. um nome que possa descansar a minha imagem cansada e medrosa. um nome consolidado não precisa enfrentar os outros e suas opiniões. minha imagem se atrofia em pensamentos e faz de todo processo mental um caos

que reverbera por cada SÍ-LA-BA dos átomos que me formam. dos órgãos que não tenho. em cada L-E-T-R-A da palavra co-ração que sangra e bombeia esquecimento.

um nome não sofre dessas coisas. vou inventar um nome bonito e seguro e colocar na boca das pessoas e por lá viver. boca a boca. entre trocas de assuntos e saliva.

...

O BUSÃO (FINAL ALTERNATIVO)

8207. O PRIMEIRO SAI ÀS 6:15 AM. PARTE DE UM DOS BAIRROS DA REGIONAL NORDESTE. MORRO PARA TODOS OS LADOS. PARECE QUE CAIU UM METEORO. O ITINERÁRIO TERMINA EM UM CONJUNTO HABITACIONAL DA REGIONAL OESTE. MAIS OU MENOS UMA HORA E MEIA COM O TRÂNSITO BOM. NO HORÁRIO DE PICO DEMORA O DOBRO DO TEMPO. SE A AVENIDA PRINCIPAL QUE LEVA PRO CENTRO ESTIVER AGARRADA, FUDEU! PODE PEGAR UM LIVRO. TORCER PRA BATERIA DO CELULAR NÃO DESCARREGAR. DIZEM QUE NÃO É MUITO BOM LER DENTRO DE MIM. DIZEM QUE EU SACUDO MUITO E POSSO DESLOCAR A SUA RETINA ENQUANTO TE DESLOCO PARA SUA

ROTINA. PODENDO CAUSAR UMA SÉRIE DE B.O. O ROMPIMENTO INTERROMPE O RECEBIMENTO DE NUTRIENTES DA RETINA E PROMOVE A DEGENERAÇÃO DAS CÉLULAS RESPONSÁVEIS POR CAPTAR AS IMAGENS. MEU HORÁRIO DE PARTIDA É O DAS 16:20. PARTINDO DA NORDESTE. HORÁRIO DE PICO. É O QUE MAIS GOSTO. GOSTO DA ADRENALINA PELA DISPUTA DE ESPAÇO NAS RUAS E AVENIDAS. O MOTOCUEIRO NO PONTO CEGO. O SONSO QUE ATRAVESSA A RUA E QUASE É ATROPELADO. ANTES DESSE MOÇO AQUI EU SÓ TINHA ATROPELADO UMA MULHER E DOIS CACHORROS. NÃO ME ORGULHO DISSO. O MOTORISTA NEM VIU. DE RASPÃO. A MULHER SÓ DESTRONCOU O BRAÇO. JÁ ESSE MOÇO AQUI QUE ATROPELO AGORA... NÃO... ESSE QUE EU ESTOU ATROPELANDO AGORA... UM HOMEM JOVEM E BONITO. PENSOU QUE DARIA TEMPO... O TEMPO É RELATIVO. PROVAVELMENTE BÊBADO. JOVENS BEBEM E PODEM SER ATROPELADOS. AZUL. MINHA COR. NESSE MOMENTO COM RESPINGOS DE VERMELHO. EMPRESA ESTATAL. HÁ ANOS TENTAM ME PRIVATIZAR. AZUL COM LISTRAS BRANCAS E AZUIS-CLARAS. PRODUZIDO DENTRO DE EXIGENTES PADRÕES DE QUALIDADE. FORAM UTILIZA-

DAS MODERNAS TECNOLOGIAS. O RESULTADO É QUE SOU ECONÔMICO, CAPAZ DE RESISTIR ÀS MAIS DURAS CONDIÇÕES IMPOSTAS PELO TRÁFEGO INTENSO DE GRANDES CIDADES COMO ESSA. AVENIDAS QUE LEVAM MAIS CARROS QUE PESSOAS. TÃO FALANDO QUE COM A PRIVATIZAÇÃO O PREÇO DA PASSAGEM VAI REDUZIR E HAVERÁ UM ATENDIMENTO COM MELHOR QUALIDADE PARA A POPULAÇÃO... COISA NENHUMA!!! EU MORRO DE MEDO. NÃO GOSTO DESSA IDEIA DE PERTENCER A UMA PESSOA. O HISTÓRICO DESSA CIDADE TÁ AÍ PRA PROVAR QUE TODA ESSA PROPAGANDA É *FAKE*. SE ESSA CIDADE FALASSE, ELA VOMITARIA MAIS DE 100 ANOS. NÃO SEI A IDADE DESSE MOÇO QUE MINHA LATARIA FRONTAL JOGOU A METROS DE DISTÂNCIA. TALVEZ 35. ALGUNS METROS DE DISTÂNCIA. ELE NÃO ME VIU. O MOTORISTA TAMBÉM NÃO VIU ELE. EU VI COM MINHA LATARIA FRONTAL A 73 KM POR HORA SE CHOCANDO COM UM CORPO INERTE ASSUSTADO. TALVEZ SEUS OLHOS TENHAM SALTADO PRA FORA. NESSA AVENIDA É PERMITIDO CORRER A 80 KM POR HORA. MAS TAMBÉM É PERMITIDA A INÉRCIA DOS CORPOS. NESSA PARTE DA CIDADE AS PESSOAS TÊM MEDO DE USAR A PISARELA E SEREM ASSALTADAS COM FA-

CÔES POR PESSOAS QUE PRECISAM DE CELULARES PARA GARANTIR O SUSTENTO DA FAMÍLIA.

8207. EXISTE UMA LÓGICA POR DETRÁS DA MINHA NUMERAÇÃO. O PRIMEIRO ALGARISMO INDICA A REGIÃO. NO MEU CASO O NÚMERO 8 REPRESENTA A REGIONAL NORDESTE. O SEGUNDO ALGARISMO: DE 1 A 6 = PARTE DOS BAIRROS DA CIDADE; 7 = LINHA INTEGRADA AO METRÔ; 8 E 9 = PARTE DO CENTRO; 0 = LIGA DOIS BAIRROS DA MESMA REGIÃO. TERCEIRO E QUARTO ALGARISMOS INDICAM A LINHA. LATARIA FRONTAL. LINHA AZUL. AZUL BONITO. GOTAS DE SANGUE. OLHOS QUE SALTAM PRA FORA COMO DE UM SHIH-TZU. IMPACTO CAUSADO A 73 KM POR HORA. RODAS EM ATRITO COM O PICHE DESSA RUA PAVIMENTADA. CHEIRO DE PNEU QUEIMADO. ESTA FRASE TE LEMBRA UMA MÚSICA, NÉ? 29 PESSOAS DENTRO DE MIM. METADE DELAS ARREMESSADAS DURANTE O FREIO DE EMERGÊNCIA. NÃO POSSUO CINTOS DE SEGURANÇA. NUM SUSTO O MOTORISTA PISOU NO FREIO. TEMPO INSUFICIENTE. O MOTORISTA JOGA FUTEBOL AOS SÁBADOS. CHUTA BEM COM A PERNA ESQUERDA. SEMPRE PISA EM MIM COM A

DIREITA PRIMEIRO. NENHUMA DAS PERNAS PODE EVITAR O ACIDENTE. MASSA CINZENTA NO PICHE DESSA RUA PAVIMENTADA. CABEÇA RACHOU. DEU PARA ESCUTAR. MORREU NA HORA NO LOCAL DO ACIDENTE. UMA PESSOA DESESPERADAMENTE GRITA DEPOIS DE RECONHECER O CORPO. OUTRO HOMEM QUE ESTAVA SENTADO NUM BAR PRÓXIMO DO LOCAL GRITA E CHORA COPIOSAMENTE. COMO SE DESSE PARA MEDIR E COPIAR A DOR DU OUTRE. A PRÓXIMA AÇÃO DESSE HOMEM DEIXARIA TODES PERPLEXOS. TODO MUNDO FOI PRA RUA PRA VER O QUE TINHA ACONTECIDO DEPOIS DO FREIO. BARULHO. OUTRO BARULHO. UM GRITO. DOIS GRITOS. TRÊS GRITOS.

PARA ELOGIOS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES FAVOR INFORMAR O NÚMERO DA LINHA. O NÚMERO DO ÔNIBUS. O HORÁRIO E O LOCAL. EMPRESA ESTATAL. MEIO-PASSE ESTUDANTIL. CRIANÇAS DE COLO E IDOSOS ACIMA DE 65 ANOS NÃO PAGAM. POSSUO JANELAS DE EMERGÊNCIA E DOIS ALÇAPÕES – ESCOTILHAS DO TETO – QUE DEVEM SER ACIONADOS EM SITUAÇÕES EXTREMAS. UM CORPO DE UM HOMEM ESTILHAÇADO NO CHÃO. ARREMESSA-

DO POR MIM. ESTENDIDO. NÃO COMO AQUELES CORPOS PINTADOS NO CHÃO. MEMBROS QUEBRADOS. OLHO ESQUERDO NO CHÃO. METROS DE DISTÂNCIA. QUASE IRRECONHECÍVEL. SE NÃO FOSSE PELA ARCADA DENTÁRIA. AQUELE OUTRO QUE ESTAVA SÓ NA MESA DO BAR ESPERANDO O MOÇO QUE EU ATROPELO... AJOELHA AOS PRANTOS AO LADO DO CADÁVER. CHORA IMPOSSÍVEL DE COPIAR. SEGURA A CABEÇA DO MORTO. TODES US OUTRES... ALGUNS DESMAIAM. UNS VOMITAM. OUTROS LAMENTAM. POUCOS CHORAM. OLHOS ATENTOS PARA A CENA. AOS PRANTOS FICOU AO RECONHECER O CADÁVER QUE TEVE UM DOS SEUS OLHOS EXPELIDOS DO GLOBO OCULAR COM O IMPACTO. COMO SE FOSSE SINUCA. 73 KM POR HORA. CORPO INERTE PARA SEMPRE. COM A CABEÇA DO DEFUNTO NAS MÃOS. O HOMEM BEIJA. O HOMEM BEIJA OS LÁBIOS FRIOS E SEM VIDA DO ATROPELADO PELA MINHA LATARIA AZUL FRONTAL. AZUL BONITO. SMARTPHONES NAS MÃOS DE CURIOSOS REGISTRAM O ATO. AMANHÃ VAI TÁ NO YOUTUBE.



Entre os trilhos e a baleia

LUANA FREZ ICHIKAWA

*That girl thinks she's the queen of the neighborhood / She's got
the hottest trike in town / That girl, she holds her head up so high
// I think I wanna be her best friend, yeah // Rebel girl, rebel girl /
Rebel girl you are the queen of my world¹*

Bikini Kill

[...] porque a memória é lábil, e porque os livros extraídos da realidade frequentemente não passam de tênues vislumbres e estilhaços de tudo o que vimos e ouvimos.²

N. Ginzburg

1. BIKINI KILL. Rebel girl. Olympia/Portland: Kill Rock Stars, 1993.

2. GINZBURG, Natalia. *Léxico familiar*. Tradução de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 16.

Personagens

M. – mulher, ou menina, ou adolescente

RITA

ÍISIS

BALEIA, VULTOS VERDES, MENINO DE
BICICLETA, CURIOSOS, JOGADORES DE
FLIPERAMA, HOMEM NO CANTO,
VAL, VERÔ TAPAOLHO

1. ENTRE OS TRILHOS E A BALEIA

(Meditação. Barulho do mar. Uma baleia encalhada na praia. No lado oposto, trilhos enferrujados de uma estação de trem desativada.)

2. VULTOS VERDES

(Respiração ofegante. VULTOS VERDES em turno noturno. Um grito de mulher irrompe de um quarto de hospital.)

VULTO VERDE 1 – sua vez.

VULTO VERDE 2 – ela vai parar.

VULTO VERDE 1 – vai deixar que ela grite sozinha, vai fingir que não está ouvindo?

VULTO VERDE 2 – a última vez fui eu.

VULTO VERDE 1 – par ou ímpar?

VULTO VERDE 2 – par.

VULTO VERDE 1 – do, la, si... e já!

VULTO VERDE 2 – há! meu dia de sorte...

VULTO VERDE 1 – merda!... espera, espera que alguém vai antes.

(... GRITO novamente invade o espaço.)

VULTO VERDE 2 – vai deixar mesmo que ela grite sozinha?

VULTO VERDE 1 – é sempre a mesma coisa! eu chego lá e ela só fica me encarando com aqueles zoião, aqueles zoião alucinado.

VULTO VERDE 2 – tá de conversa mole.

VULTO VERDE 1 – ... cê é louco, ontem ela pegou na minha mão e apertou com força, não soltava de jeito nenhum! aqueles zoião fitando, aquela cara de desespero, como se tentasse falar algo que não saía da boca. achei até que ela me conhecia de algum lugar...

(... GRITO novamente invade o espaço.)

VULTO VERDE 2 – vai me dizer que cê tá com medo

VULTO VERDE 1 – falaram que pode chegar no cérebro. na real, ninguém sabe como isso funciona direito.

VULTO VERDE 2 – ninguém sabe.

VULTO VERDE 1 – mas ontem ela conseguiu falar, me chamou de Rita.

VULTO VERDE 2 – Rita?

VULTO VERDE 1 – é... “Rita! Você não é a Rita, cadê a Rita, eu preciso falar com a Rita”.

VULTO VERDE 2 – e quem é Rita?

VULTO VERDE 1 – eu sei lá quem é Rita.

(... GRITO perfura paredes e atravessa corredores.)

3. FORMAÇÃO DE CARÁTER

(MENINO DE BICICLETA pedala. Ele para seu movimento. Olhos e ouvidos atentos. Hipnotizado, sai de cena e volta acompanhado por um séquito de curiosos. Todos assistem a uma cena que não vemos.)

CURIOSOS – porrada... porrada... porrada...

(Vozes que se alternam.)

– de novo elas!

– ui, eu não deixava!

– alguém vai lamber o chão.

– vai, Val, quebra a cara dela.

– dessa vez não vale trapacear.

– vai, Nena, acerta na cabeça! na cabeça!

– amanhã ela nem vai lembrar de nada.

– esfrega a cara dela no chapisco!

M. – Rita!

(O coro é uma plateia vidrada. No meio dela, M. e RITA. Elas são crianças.)

CORO – porrada... porrada... porrada!

M. – aqui, Rita!

90 **RITA** – você sumiu, me deixou com aquelas chatas sozinha! e aí, pra quem você tá torcendo?

M. – torcendo pra espirrar sangue. e você?

CORO – porrada... porrada... porrada!

RITA – que pergunta! lógico que pra Nena. quer apostar que ela estraçalha a outra?

M. – *outra* nada, é a Val, gente boa demais.

RITA – e aí, cai ou não? continuo com Nena.

CORO – porrada... porrada... porrada!

M. – e por quê?

RITA – porque a tal da Val é uma grande proxeneta.

M. – o que é proxeneta?

RITA – todo mundo sabe que ela é.

M. – mas o que é isso?

CORO – uuuuuuuuuu essa doeu.

RITA – uuuu, bem na boca do estômago.

M. – nem você sabe...

RITA – aai, essa doeu até em mim, ela nem tá conseguindo respirar direito.

CORO – porrada... porrada... porrada!

4. ALGUÉM AÍ?

(Aos poucos o volume do coro da cena anterior vai dando espaço para o som repetitivo do maquinário de um quarto de hospital. Respiração ofegante.)

M. – mil novecentos e noventa e três...
trinta de julho?

não não não, dois mil e quatro...

não, pera

que dia é hoje?

sempre a mesma pergunta – todos os dias –

todas as semanas – ou horas?

isso importa?

alguém? alguém me escuta?

dá pra abrir a janela? tá abafado, não dá pra respirar direito.

quero sair, respirar fora dessas paredes brancas, beber água fresca.

beber qualquer coisa melhor que essa merda com gosto de argila.

alguém?

alguém me ajuda?

me escuta?

tá abafado

dá pra abrir a janela?

(Ela vê um vulto verde.)

5. OS 50 ANOS DA MINHA CIDADE – UMA REDAÇÃO

(M. é apenas uma menina.)

M. – minha cidade tem uma praia bem comprida que, mesmo quando tá cheia de gente, sempre tem uma parte vazia que você só vê areia e água. minha mãe diz que o problema daqui é que “a maresia corrói o cérebro das pessoas, que corroeu até o do meu pai”. e destrói também nossas coisas e até corroeu os trilhos de trem perto de casa, mas tudo bem, nem funciona. na verdade desde que eu me conheço por gente eu nunca vi um trem passar aqui.

mas o bom é que a gente usa os trilhos pra dividir o chão e brinca de guerra de cuquinha, daquelas que cai da árvore, cai tanto que tem que colocar na camisa pra atirar contra os meninos do outro lado do trilho. bom é quando tá grande e madura, que quando pega na roupa até mancha, sabe? esses dias o Jamelão me acertou uma tão forte, que não só manchou a roupa, mas também pintou a pele, ficou roxa, e depois de uns dias ficou amarelo e verde. minha mãe achou que eu apanhei na rua, coitada, mas eu disse que era só uma brincadeira e que eu e a Rita também fizemos um bom estrago neles, o imbecil do Jamelão até chorou. Rita não tem medo de nada e a maresia não corroeu a cabeça dela ainda porque ela mora aqui faz pouco tempo, mas pode ser que ela tenha algo que minha mãe chama de “influência de fora”, que são as pessoas que chegam e querem mudar tudo como está. eu falo das pessoas, porque, além da praia, são elas a alma da cidade, e fico pensando em quem o cérebro já corroeu e quem ainda dá pra salvar, mas nem vou falar nomes aqui, porque

falam que tem coisa que é melhor guardar só pra mim e que isso é uma espécie de "julgamento".

aqui sempre tem alguma coisa acontecendo. de vez em quando alguma baleia aparece enalhada na praia e todo mundo fica sabendo porque o cheiro espalha pela cidade inteira. ah, e tem coisas boas, como o fliperama, mas minha mãe diz que é um antro de perdição, porta de entrada pras drogas, por isso eu e Rita vamos sempre escondido.

aqui acontece coisa ruim também, tipo mais trágicas mesmo, como no ano passado, que a mãe da Sabrina não usou a passarela pra atravessar a rua e *VRUM!* foi atropelada por um caminhão. teve a prima da Ísis que foi encontrada morta num terreno baldio, que tinha até o bico dos peitos cortado. mas dizem que não é tão perigoso assim, só que não é bom andar sozinha à noite. mas quando eu, Rita e Ísis saímos, a gente vai escondido, e juntas a gente não tem medo de nada. nossa, muita coisa ruim, não é isso que eles querem ouvir, droga, vou ter que fazer tudo de novo.

6. MORTES E BALEIAS E CHEIROS

(A mesma praia do começo. Manhã. Maré baixa, as meninas, M. e RITA, observam os resíduos e as conchas que o mar deixou na areia, parecendo procurar por algum tesouro.)

M. – no dia da baleia morta todo mundo tinha que ficar afastado, só olhando de longe, ela já tava podre e o cheiro era horrível, tipo filme de terror. aí uma menina chegou bem perto e ficou encarando a baleia nos olhos, aquela menina não tinha medo de nada.

RITA – era eu essa menina.

M. – não era não.

RITA – eu tô falando, é verdade, pergunta pra Ísis.

M. – ela tinha cabelo comprido, que chegava nos ombros, não era você.

RITA – eu tinha cabelo comprido quando me mudei pra cá, depois que cortei.

M. – mentira, mentirosa!

RITA – se não quiser, não acredita. mas eu já vi a morte antes, o Gohan me mostrou o que era a morte. um dia ele jogou nos meus pés um pássaro de presente.

M. – morto?

RITA – ele tava quentinho na minha mão e de repente, respirou fundo e *puf!* o olho dele parou, o corpo virou uma casca vazia, tipo uma concha que se esfarela na mão. eu não tenho medo de morrer, essa vida é só uma embalagem pra algo maior, sabe, a gente é tipo aqueles bichos que vivem dentro das conchas e de vez em quando têm que se mudar pra outra concha maior.

M. (imitando o som de telefone) – trim trim trim.

RITA – ... ou então a imagem ruim de *videogame*, daqueles bem velhos, sabe? e de repente vem um *videogame* novo e a imagem é muito melhor, sabe?

M. – trim trim trim! vai, tá tocando o telefone, é pra você, Rita.

RITA – não é hora disso.

M. (jogando uma concha pra Rita) – atende aí, tem uma mensagem importante pra você.

RITA (jogando a concha longe) – não temos tempo pra isso, agora a gente tá no meio da operação baleia.

M. – até parece que achar essa pedra feia é a coisa mais importante do mundo.

RITA – tô te falando, essa pedra vai deixar a gente rica. se a gente achar, taca fogo. se derreter, é o vômito de baleia.

M. – tá tipo aquela história do cara de *jet-ski* que a baleia engoliu.

RITA – não sei por que você não acredita... tô te falando, te juro, uma mulher na Tailândia ficou milionária.

M. – jura de pé junto?

RITA – claro.

M. – jura pelo Gohan morto?

RITA – daí já não sei... mas te juro! se a gente encontrar, a gente vai ficar milionária, quer dizer, bilionária, vai dar pra comprar vários brinquedos... quer saber? que brinquedos que nada – melhor ainda – carros, carros importados.

M. – a gente poderia terminar a reforma de casa pra não entrar mais água lá.

RITA – lógico! poderia até comprar uma casa nova pra sua mãe, muito melhor que a de agora. melhor até que a do Jamelão, daria pra comprar umas cinco casas iguais à dele. sério, a gente vai ficar muito rica.

M. – qual o nome do troço mesmo?

RITA – âmbar-gris.

M. – e por que isso valeria tanto?

RITA – porque a gente vende e aí eles derretem e tudo isso vira perfume, entendeu? esses perfumes importados, de gente fina, que você passa e gruda na pele. na verdade, as pessoas pagam caro pra passar vômito de baleia no corpo.

M. – que nojo.

RITA – e você nunca sentiu um cheiro que fez você viajar pra outro lugar ou pra outro tempo?

7. PRECISO FALAR COM RITA

(O mesmo quarto de hospital. Respiração ofegante.)

M. – respire fundo, deixe o ar preencher os pulmões para desacelerar a mente

E como?

desaprendi?

tente conectar com o silêncio interior, comece com uma imagem
Uma árvore – pense nas folhas, nervuras, nos caules, na comunicação das árvores através dos fungos que transportam nutrientes
Pense nas florestas tropicais

– ou equatoriais –,

Mata atlântica,

Amazônia – pulmão do mundo –

Conecte com o seu silêncio e com os outros imperativos.

A amazônia –,

quanto resta dela?

pense numa árvore,

pense em preencher os pulmões, siga os imperativos

pense numa árvore específica – Palmeira? Pau-Brasil? Ipê?

como visualizar árvores, com todas as florestas em chamas?

Pense nas montanhas, nas lagoas altioplânicas, nos Andes.

Não, não, o ar é rarefeito,

volte pro nível do mar,

volte pro nível do mar

Se detenha em uma imagem,

Chapéu-de-sol

isso,
ninguém taca fogo no meu Chapéu-de-sol
Pense no Chapéu-de-sol,
agora vai,
pense na sombra, na brisa do mar, nas folhagens...
pense nas mosquinhas verdes a penetrar suas feridas, elas respi-
ram e se alimentam da sua pele morta
e são comidas por outros bichos, bichos maiores,
pelas aves que voam no mar que comem os peixes que comem
microplásticos e nós também comemos os peixes que comem
microplástico e os bichos maiores e as baleias...
pense nas baleias...
a baleia na areia... deve estar cheia de plástico
As jubarte mortas na tv... cheias de plástico
Mudanças climáticas?

Ou nós, as pragas?

Os piolhos da Terra
As baleias já nem conseguem mais se comunicar.
Seria a usina? Não, não,
volte pra sua voz interior, sai da baleia encalhada,
SAI da baleia, conecte-se com coisas boas
respira fundo
– o sofrimento é uma ilusão –

encontre sua voz interior

O que aconteceu com elas na praia, com todas elas que me dei-
xaram aqui

– sozinha –

e a baleia na areia

Rita não faria isso.

Rita...

o passado não é uma lista telefônica para ruminar nomes e dígitos

pense no nível do mar,

respire fundo

o passado não é uma lista telefônica...

puta merda, o que eu fiz com a Rita?

O que eu fiz?

R i t a

eu lembro o número dela! Eu sei!

Alguém liga pra ela – chama ela aqui agora, preciso falar com ela,

o número dela eu ainda lembro de cabeça, anota aí, liga pra ela

(Ela solta um grunhido.)

essa voz é minha?

grite. será que essa voz sai agora?

ahhhhh, olha como é bom gritar,

olha como é bom,

fazia tempo que não ouvia essa voz estranha que ainda é minha,

essa voz ainda existe

(... GRITO rasgando a noite vazia.)

8. VIDA, MODO *HARD*

(Nuvem de fumaça de cigarro. Fliperama anos 90, ou o antro da perdição, com suas luzes, sons e vícios. Usuários com trajas típicos – camiseta, boné, chinelo – alguns **VULTOS VERDES** também compõem a cena. O cigarro no canto da boca é acessório obrigatório. Todos são espectadores de um jogo de luta, apenas reagindo às jogadas. No centro, jogam M. e RITA. Um **HOMEM NO CANTO**, em contradição com as outras figuras, em vez de acompanhar o jogo, não para de olhar pra elas. Música de fase de chefão.)

RITA – ae, galera, não amontoa muito em volta porque essa parte é treta. toma essa, seu comédia, seu fracote! você não é de nada! Vai, piranha, quero ver se suas tetas aguentam isso!
(Vozes em torno delas.)

- nessa parte tem que prestar bastante atenção, hein!
- pra passar de fase, precisa seguir o trilho em linha reta.
- aí no final tem que atravessar pro outro lado.

RITA – ae, tio, já jogo isso há bastante tempo, eu sei como faz pra chegar no final.

- ooooo ouviu essa?
- a baixinha é invocada...
- tá bom, então não falo mais nada.
- quantos anos você tem?
- apelona.
- não tem nem tamanho pra ser folgada assim.

RITA – gente, tô concentrada, dá pra dar um pouco de distância?

(Eles se afastam um pouco dela, o **HOMEM NO CANTO** permanece impassível.)

RITA – tá me incomodando um pouco esse monte de cabeça respirando aqui do meu lado, esse CO₂ cortando a minha brisa.

(As pessoas estão vidradas na tela e parecem não ouvir os diálogos a seguir.)

M. – Rita...

RITA – ae, seu arrombado, te dou umas porradas no meio dessa sua cara de trouxa, toma essa!

M. – Rita, vamo embora.

RITA – que é?

M. – me escuta, vamo vazar logo.

RITA – caralha, toda vez que você morre antes de mim você começa a infernizar.

M. – tem um olho-seco aqui.

RITA – não começa.

M. – eu não queria jogar no modo *hard*, mas você é teimosa.

...

M. – e o olho-seco continua te olhando.

RITA – foda-se! não tenho culpa que você morreu... eu ainda tenho duas vidas e agora cê tá querendo me zicar.

M. – mas é aquele mesmo cara de ontem. Rita, aquele olho-seco tá te secando. ai, meu deus, vamo, Rita.

(GRITO de jogadora feminina morrendo.)

RITA – porra! aí, ó! só tenho mais uma vida.

M. – Rita, ele não para e ele tá colocando a mão no pinto dele.
Rita!

RITA – cadê o escroto?

– ow menina, presta atenção que essa parte é embaçada.

– vai dar mole na parte mais treta.

RITA (voltando a atenção pro jogo) – sai, zica, cês vão ficar nar-rando a bagaça?

M. – eu vou esperar lá fora, o olho-seco tá me irritando, senão vou ter que dar na cara dele.

RITA – vai lá então, caralha! tá louco, é sempre alguma coisa.

GAME OVER

RITA – que inferno, morri! por que ninguém me deixa jogar em paz?! pera, vou com você.

(A nuvem de fumaça se dissipa enquanto as outras pessoas desaparecem da cena.)

RITA – que merda! o que foi isso? cê tem certeza que ele tava fazendo isso? a gente nunca pode estar em paz! é isso mesmo?

M. – ele tava olhando pras suas tetas.

RITA – eu nem tenho teta!

M. – você que pensa. não é o que ele acha.

RITA – você fala demais.

M. – quê?

RITA – é, você fala demais, já disse isso e você não aprende.

M. – mas tô te falando que aquele olho-seco é um tarado. e se ele mostra o pinto pra você?

RITA – e por que ele faria isso?

M. – porque ele tava olhando as suas tetas. e tem uns caras que são tarados por meninas como você.

RITA – como assim *como eu*?

M. – pequena, olho puxado... tipo nas fitas que a gente achou no esconderijo do Jerê.

RITA – sabe o que é? você só pensa em pinto, tudo é pinto pra você. tudo gira em torno disso.

M. – ah, quer saber? tá bom! não quer acreditar, que se foda, que se foda.

RITA – blá blá blá...

M. – não falo mais nada pra você, ouviu?

RITA – blá blá...

M. – quero ver se algum dia você se der mal porque não me ouviu, quero só ver.

RITA – blá...

9. DESPERTAR

(A mesma praia do começo. Carcaça da baleia e os trilhos no fundo. Uma adolescente desacordada entre o chapéu-de-sol e os trilhos. É RITA, que acorda desnorteada e trôpega. Ela escancara a boca para gritar, mas nenhum som sai de sua boca.)

10. ATÉ O FIM DOS TRILHOS

(M. está seguindo o caminho dos trilhos. MENINO DE BICICLETA se aproxima dela pedalando.)

MENINO DE BICICLETA – finalmente! tá todo mundo te procurando, onde você se enfiou?

M. – agora não, pulga, tô com pressa, tenho que seguir os trilhos até o fim. a Rita precisa dessa mochila

...

MENINO DE BICICLETA – você não sabe?

M. – o quê?

MENINO DE BICICLETA – da Rita! como assim você não sabe?

M. – DO QUE você está falando??

11. PENUMBRA NO QUARTO

(Penumbra no quarto de hospital. VULTOS VERDES miram lanterna na cara de M.)

M. – era só uma pequena lição, um pequeno acerto, uma brincadeira,
talvez

talvez uma brincadeira de mau gosto, é verdade
eu nem sabia direito o que estava fazendo... eu não imaginava
o que poderia acontecer.

eu avisei várias vezes.

várias vezes

mas ela sempre sabe de tudo, sempre querendo cruzar a linha,
passar os limites.

foi uma pequena lição. uma pequena lição de humildade para
nossa amiga.

todas respirariam aliviadas e tudo voltaria ao normal.

só um susto, uma brincadeira,

não precisavam quebrar os dentes dela.

ouvi dizer que tinha sangue tingindo a areia

“tinha sangue e tufo de cabelos e dentes quebrados na areia”,
foi o que disseram.

(RITA está ao seu lado com sangue na cabeça e usando um tapa-olho.)

RITA – crocodilagem, hein? calma! não se assusta. é a Rita.

eu não vim pra te atacar. o que achou? fiquei bem assim? eu tô
parecendo aquela pirata chinesa. aquela do livro, sabe, a que era
dona da porra toda?

...

calma! não precisa ter medo. e aí, como é estar desse lado?

agora é você arrebitada aí, mas isso passa, vai passar.

M. – você finalmente veio. eu ainda lembrava seu telefone de cor.

RITA – escuta, o que você anda fazendo?

M. – veio pegar a mochila?

RITA – fiquei sabendo que você fala coisas, incentiva pessoas, como é o nome disso? discursa prum monte de gente sobre... como é que se fala? comunicação não violenta? agora você se superou. é isso mesmo? quem você tá enganando dessa vez?

M. – você me perdoa? ou veio me levar pro inferno?

RITA – tô tentando facilitar pra você. o que é o fim? não é nada... é só uma camiseta velha que já não presta mais e você não quer jogar fora porque tá apegada. nada é absoluto. e eu tô aqui pra ajudar a te preparar pra sua roupa nova

M. – não quero nada disso. quanto tempo ainda tenho?

RITA – calma, sem drama. de repente você ganha mais uma história de superação pra usar como bem entender.

...

eu sobrevivi, você vai sobreviver.

12. A GRANDE ONDA DA MÃE DINAH

(Praia à tarde, debaixo do chapéu-de-sol. Estão M., RITA, ÍSIS e o MENINO DE BICICLETA observando o mar.)

M. – alguma coisa tá acontecendo, olha como a espuma bate cada vez mais perto da gente.

RITA – se chama maré alta.

M. – não é disso que eu tô falando. vocês viram que o gelo do polo norte tá derretendo? a Terra tá ficando mais quente, daqui a 50 anos essa cidade vai estar debaixo do mar.

RITA – papinho.

ÍISIS – e se ela não estiver errada?

M. – é verdade, eu vi na tv.

ÍISIS – tô falando da previsão da mãe Dinah.

RITA – eu não reclamo! seria uma tarde chata de matemática. quem imaginou que a escola liberaria a gente?

M. – é, a gente tá aqui na praia, acho que temos que comemorar.

RITA – é só o começo do fim do mundo e com vista privilegiada para a grande onda.

(Ao menino.)

e aí, pulga, cadê nossa pipoca?

(MENINO DE BICICLETA distribui sacolinhas para cada uma delas: M., RITA e ÍSIS. Pega uma lata de cola de sapateiro e despeja em doses fracionadas pra cada uma.)

MENINO DE BICICLETA – à mãe Dinah!

(Elas observam o mar enquanto ele agarra sua sacolinha.)

RITA – tô imaginando ela vindo pela esquerda.

ÍSIS – acho que vem do fundo do Atlântico...

RITA – claro, de onde mais viria? ela vai varrer a Ilha das Cobras. tomara que destrua também a usina.

M. – a usina já tá destruída.

ÍSIS – nada me tira da cabeça que é a carcaça da usina que mata as baleias.

M. – amanhã vai ser só ressaca, plástico, destroços...

RITA – e bichos mortos.

MENINO DE BICICLETA – galera...

ÍSIS – mas vocês sabem, né? o projeto vai sair, vão terminar de construir ano que vem.

M. – o quê?

ÍISIS – a usina

M. – não!

RITA – mentira

MENINO DE BICICLETA – verdade. galera...

ÍISIS – e se a mãe Dinah estiver certa? alerta laranja. olha quanta coisa acontecendo. e se o tal do tsunami for só o começo?

M. – começo do fim do mundo!

RITA – e vocês reclamam? nós escapamos da aula de matemática.

MENINO DE BICICLETA – daqui a pouco a cola seca e vocês ainda não chuparam a sacola. não deixa secar a fonte, aproveita enquanto ainda tem.

RITA – ó o menino aí, tá querendo ensinar a gente.

(Som de telefone tocando.)

RITA – ai, que saco!

(Elas agarram suas sacolinhas, menos Ísis.)

ÍISIS – não sei, bateu uma bad, quero não. fiquei sabendo de uma menina que foi pro hospital porque o pulmão dela ficou

colado. e depois que você começa não quer largar. amanhã tudo vai estar grudado na garganta e nos tubos respiratórios. amanhã quem vai ter ressaca são vocês, vão sentir o ar colado o dia inteiro.

(Som de telefone novamente.)

M. – vai, Rita atende lá, vai.

RITA – quem disse que é pra mim?

ÍISIS – faz tempo que tentam falar com você.

RITA – caralha, que merda, por que alguém sempre tem que encher meu saco na hora errada?

M. – amanhã é outro dia, a gente não tem aula. se amanhã existir, a gente pensa no que faz depois.

(Som de telefone persistindo.)

(RITA atende a ligação numa concha.)

ALÔ! Alô?

(M. e ÍISIS falam reservadamente.)

ÍISIS – eu tô fazendo isso pra ver se ela se liga e percebe que ela tá usando demais,

e andando com gente errada.
ela não sabe a hora de parar.

M. – Quem?

RITA (irritada) – com quem quer
falar?

ÍISIS – Rita!

RITA – é ela, o que tem?

ÍISIS – cê não reparou? ela tá muito
estranha. além da pedra na bolsa,
agora ela carrega sempre
uma latinha também.

RITA – como assim?

M. – como assim?

RITA – eu...

ÍISIS – porra, do que a gente tá
falando? ela carrega uma latinha
de cola pra onde ela vai, entendeu?

RITA – calma... não entendi direito,
fala mais devagar

ÍISIS – isso se chama vício...
faz até escondido, ela precisa
parar.

RITA – agora?

M. – quando ela quiser, ela para.
daqui a pouco ela enjoa,
inventa uma outra coisa.
conheço a Rita.

RITA – entendi, entendi.

ÍISIS – você não entende!
ela não sabe a hora de parar.
não entra na onda dela,
não seja trouxa que nem ela.

RITA – claro que não! (Tempo.)
eu já tô indo

(RITA se junta às duas, que interrompem imediatamente a conversa.)

RITA – preciso ir.

ÍISIS – como assim?

M. – a gente não vai ver o fim do mundo juntas? a gente esperou tanto por isso.

ÍISIS – ela que agita e depois sai andando.

RITA – vocês não entenderiam, a coisa é séria.

ÍISIS – como assim? fala pra gente.

RITA – esse chamado não é brincadeira... é urgente, precisam falar comigo.

M. – desculpa se você é tão importante assim...

...

RITA – eu disse que vocês não entenderiam.

13. RESPIRA FUNDO E VAI

(Respiração ofegante. **VULTOS VERDES** em turno noturno.)

VULTO VERDE 2 – não tá dando certo.

VULTO VERDE 1 – calma, você consegue.

VULTO VERDE 2 – dá vontade de rir.

VULTO VERDE 1 – calma, respira fundo.

VULTO VERDE 2 – mas tá tão difícil.

VULTO VERDE 1 – busquemos sua voz interior... mas você precisa colaborar, lembrar que o passado não é uma lista telefônica pra ruminar nomes e dígitos.

VULTO VERDE 2 – “o passado não é uma lista telefônica pra ruminar nomes...

VULTO VERDE 1 – esteja no agora...

VULTO VERDE 2 – ... e dígitos”. ok. vou tentar de novo.

VULTO VERDE 1 – ótimo... volta para o mar, para as ondas... deixe que a tranquilidade do mar liberte as ondas que existem dentro de você...

14. TRAVESSIAS

(Do quarto de hospital. Noite. Som de maquinário de hospital.)

M. – até você?

meu coração disparou tanto assim, mãe?

rasgou distâncias para você me ouvir?

esse toque leve me dá medo,

essa mão no meu peito.

mãe, não me assusta.

você me ensinou a respirar fundo, a fazer o sinal da cruz antes de entrar no mar,

espaço supremo da travessia

me ensina de novo a relaxar,
a flutuar,
pra eu esquecer novamente de tudo, apagar da memória
tudo que não quero carregar comigo, tudo o que pesa e me faz
afundar

como naquele dia
que você me deixou sozinha
a boiar naquele tapete de ondulações.
você parecia tão adulta naquele dia, tão imensa,
e agora tão jovem.
você me olhava de longe, da areia
era tão bom flutuar sozinha,
sentir o ar mais úmido, a precipitação da chuva
golpeando pernas, braços e rosto,
tudo aquilo que restou fora da água,
aquelas gotas perfurando a superfície, formando
craterinhas.
craterinhas no tapete azul

e de repente as ondas
já não se entendiam, batiam umas contra as
outras – já não tinha mais direção comum –
“é perigoso”, você gritava da areia,
eu não ouvi
até sentir seus pulmões desesperados pulando do corpo, do corpo
que me embalava e me tirava da água
“o mundo tá caindo, você não viu? é perigoso”
mas estava tão bom
“nunca mais, ouviu?! nunca mais faça isso”
e depois da tormenta
fiquei pensando como seria ser jogada agora contra esse
oceano escuro,

essa água gelada
não, não quero passar a arrebentação,
não agora.
fica aqui, mas não me leva, mãe
foi um descarrego, eles disseram,
chama aquela mulher verde,
a dos olhos tristes.
o pior já passou,
cadê aquela volta verde?
os vultos verdes foram os únicos que me ajudaram a tentar salvar a baleiona,
não me leva que ainda não é a minha hora,
eu só queria minha janela de volta,
quero minha janela,
quero minha janela, quero minha janela...

15. Mergulhos e quedas

(Do alto de uma pedra, M. e RITA tomando coragem para saltar juntas. Elas estão entrando naquela fase em que os hormônios bagunçam e ficam sujeitos às mudanças biológicas e fisiológicas do corpo.)

RITA – a gente conta até 3 e mergulha, vai.

M. – mas é alto demais.

RITA – por isso que tô falando pra gente pular juntas, é fundo.

M. – altura parada me dá medo. parece que tá te sugando pra um buraco sem fim, arrepia tudo, não sei. sabe, arrepia até os cabelos de baixo.

RITA – ...

RITA – como assim?

M. – ué

RITA – cê tem cabelo lá embaixo? na xoxota, cê diz?

...

por que você tá rindo?

M. – faz tempo que eu não ouço alguém falar xoxota... tenho um pouco, e você?

RITA – é, nunca reparei direito. é, acho que tenho. eu não sabia que dava pra arrepiar ali embaixo.

M. – dá um frio ali embaixo, dá vontade de se jogar. não sei, eu vejo altura e dá vontade de me jogar, mas dá medo, arrepia tudo.

RITA – então deixa eu ver.

M. – o quê?

RITA – do que a gente tá falando?

M. – ah, agora?

RITA – é, porra, para de frescura, mostra aí.

M. – me mostra a sua, então.

RITA – mas eu disse que não tenho muito.

M. – ué, tá com vergonha? não foi você quem baixou as calças pro Risadinha e mijou no pátio da escola?

RITA – é diferente... ele perguntou se a minha era na horizontal.

M. – como assim?

RITA – esses imbecis acham que a minha é diferente. mas quer saber? foda-se! ele acha que eu sou trouxa, mas mijaria no pé dele de novo se precisasse. vamo, a gente conta até 3.

M. – vamo lá.

AS DUAS JUNTAS – 1, 2, 3.

(Elas se mostram, se descobrem e começam a rir.)

RITA – você consegue arrepiar esses cinco pelos, parabéns.

M. – e você que só tem um.

RITA – mas eu disse que tinha pouco.

M. – mas isso e zero é a mesma coisa.

RITA – desculpa se a sua mata atlântica aí de baixo consegue se comunicar com seus medos. vamo? vamo mergulhar logo!

(Ela enlaça M. como num abraço por trás.)

se eu não te seguro, você cai!

M. – porra, Rita, cê tá louca, você quase me derrubou, eu poderia morrer daqui.

RITA – era só pra ver se você tava esperta mesmo.

16. ANDANDO NOS TRILHOS

(É tarde no outro limite da cidade. M. caminha, tentando se equilibrar nos trilhos de trem. VAL se aproxima.)

M. – estou concentrada, não fale comigo.

VAL – ...

M. – não posso me desequilibrar, acredite, isso é importante, grandes decisões estão aqui nos meus pés.

VAL – ok, ok, não estou falando nada.

M. – merda! vou ter que tentar tudo de novo. não gosto de ser observada. fala!

VAL – tava indo bem...

M. – cê nem sabe o que eu tava querendo fazer. fala.

VAL – você cresceu bastante.

M. – ah, qual é? você não veio aqui pra isso.

VAL – tem algo que você queira dividir comigo?

M. – por que teria?

VAL – algo sobre a escola? algo que você fez.

M. – estão de implicância comigo.

VAL – você não acha que seu pai já tem muitos problemas?

M. – ah, é disso que você quer falar? quando temos tantas outras preocupações?

VAL – que preocupações você tem?

M. – eu tava aqui no meio de uma decisão importante comigo mesma e você atrapalhou, quando deveria estar preocupada com outras coisas.

VAL – a gente se importa com você.

M. – eu me importo com o mundo. tá sabendo que vão terminar de construir a usina?

VAL – estamos falando de outra coisa.

M. – você não lê os jornais? não vê tudo o que tá acontecendo? aquecimento global, derretimento das geleiras, as queimadas, estamos chegando nos anos dois mil, a humanidade tá correndo perigo, é o fim do mundo chegando... você viu que a Terra tá ficando cada vez mais escura?

VAL – na sua idade, eu também acreditava em tudo o que ouvia.

M. – está no jornal! você deveria se importar, essa cidade não vai existir daqui alguns anos.

VAL – desconheço a fonte do que você tá falando.

M. – *whatever*, e a fonte da proxenetagem?

VAL – como?

M. – o que você acha da palavra proxeneta? cabe bem na boca né? eu gosto de falar ela. ela explode na língua a gente enche a boca pra falar pro-xe-ne-ta.

VAL – me parece uma palavra qualquer.

M. – palavra qualquer? deveria repensar isso, pois é assim que te chamam.

VAL – me chamam...? de proxeneta? isso é novidade. me explica o que significa essa palavra que você tanto gosta.

M. – proxeneta é... é...
me conta você, o que acha dessa palavra?

VAL – acho que você deveria olhar o dicionário antes de vir falar merda pra mim.

M. – cuidado como você fala, quem você pensa que é?

VAL – sua mãe confiava em mim, entende? cê não tá sozinha, mas você também precisa tentar andar na linha. seu pai... ele é uma pessoa razoável.

M. – não quero falar sobre ele.

VAL – ele não sabe o que você faz por aí.

M. – o que eu faço por aí?

VAL – tudo bem, fica entre nós. as pessoas falam demais por aí, entende? e você também tem que tomar cuidado com o que ouve ou fala, as coisas se espalham sem controle e muito depressa.

17. TELEFONE SEM FIO

(VULTOS VERDES, CURIOSOS, JOGADORES DE FLIPERAMA, PESSOAS DA CIDADE numa dinâmica de telefone sem fio. No início não se ouve o que é dito, até que aos poucos a dinâmica se descaracteriza e vozes ecoam.)

- era briga de bar, briga de marmanjo.
- aqueles marmanjos que andam aos bandos pra lá e pra cá
- que marmanjo, que bando que nada! eram meninas.
- meninas?
- meninas, as que andam aos bandos pra lá e pra cá
- aquelas que ficam no chapéu-de-sol
- e como meninas dessa idade poderiam se machucar?
- coisas de garotas, besteira, são inofensivas.
- ah, elas gritaram, urraram, espernearam a noite inteira.
- se engalfinharam! rolou sangue no asfalto.
- é, parece que uma delas ficou bem machucada.
- a outra também teve um preju.
- tinha sangue na areia, encontraram até dente quebrado no dia seguinte.
- ela cuspiu bastante sangue.
- tinha um pedaço de orelha, imagina isso, um pedaço de orelha.
- capaiz!
- elas morderam legal.
- também, elas ficavam enchendo a cara a noite inteira, uma hora...
- ia dar ruim, claro.

- claro.
- eram brincadeiras inofensivas.
- claro.
- não podia ter brincadeira de mão.
- aonde aquela ali tá indo? desavisada.
- ahh, tinha até pedaço de unha, de cabelo, de...
- dente?
- a cara de uma delas ficou estourada.
- esfregaram a cara da chinesinha no chapisco.
- falam que ela merecia, ela merecia!
- era japonesa...
- chinesinha.
- japinha!
- enfim, é a mesma coisa.

(GRITO.)

- e foi na areia, não no chapisco.
- mas ela era tão tranquila, não incomodava ninguém.
- e a baleia?
- não faziam nada demais.
- elas ficavam sugando aqueles sacolas de mercado, o tempo todo.
- eu disse que foi na areia.
- dava pra fazer uma peruca com os tufo que arrancaram dela.
- se não fosse a roupa, nem dava pra reconhecer.
- também... isso era hora de meninas estarem na rua?

(GRITO.)

- se tava na rua a essa hora, coisa boa não era.
- alguém poderia ter socorrido! separado!
- e a baleia?

(GRITO.)

- não foi nada demais.
- o que tem a baleia?
- ah, sim, tinha uma baleia encalhada também, muito tempo encalhada.
- ué, mas era acerto de contas entre elas, acho que foi mano a mano.
- era só uma baleia encalhada.
- acho que até explodiu.
- foi?
- o quê?
- a baleia.
- foi ou não foi? você tem certeza?
- nada demais.

18. FASE 3 – MODO *HARD*

(Barulho do mar. A mesma praia, com trilhos enferrujados do lado oposto. A baleia está em decomposição. O nível da água subiu deixando metade do corpo da baleia imerso na água.)

19. OPERAÇÃO NOTURNA

(Noite. Respiração ofegante. Barulho do mar. A baleia enalhada. Meninas usam lanternas para iluminar o espaço. Alguns VULTOS VERDES também compõem a cena. Todos parecem ignorar M., que está desesperada.)

M. – ela ainda respira?

...

M. – ela ainda respira?

...

M. – me empresta a lanterna! eu quero ver os olhos da baleia.
cadê Rita?

...

M. – por que ninguém me responde? não foi culpa minha, eu não sabia que ia ser assim, eu não sabia que esse corpo gigante era tão frágil, alguém me ajuda a empurrar ela!

cadê a Rita?

ela disse que estaria aqui.

A VOZ DE ALGUÉM – está na hora...

M. – não saio daqui enquanto eu não tiver certeza que ela ainda respira! a Rita estaria aqui comigo, não deixaria ela assim.

A VOZ DE ALGUÉM – a gente só tem quinze minutos.

M. – quero ficar na praia.

A VOZ DE ALGUÉM – era pra você já estar pronta.

M. – eu não saio daqui até ela chegar.

A VOZ DE ALGUÉM – não temos a noite inteira.

(Luz de lanterna iluminando a cara de M., que acorda. A VOZ DE ALGUÉM é RITA, que está ao pé da cama de M.)

M. – ela tava morta?

RITA – vamo, vamo, a gente só tem quinze minutos.

M. – tava te procurando.

RITA – como você pôde esquecer?! se apressa, temos quinze minutos, essa sua janela tá podre, faz um barulho horrível, fiquei com medo de acordar todo mundo.
é quinze pra meia-noite, é hoje!

M. – hoje! certeza?

RITA – eu falei que não tolero recados. ainda mais você! a operação de hoje é importante, levanta!

M. – e quem disse que eu não vou?

RITA – bem que disseram que você ia amarelar.

M. – tem gente falando demais! qual o nível de dificuldade?

RITA – alto risco.

M. – quem foi que falou? quando eu tive medo de alguma coisa?

RITA – enfia essa roupa, cadê a sua mochila? a gente tem pouco tempo, vamo!

20. DESABAFOS NO CHAPÉU-DE-SOL

(Debaixo do chapéu-de-sol, M. segura uma garrafa meio vazia, ao seu lado está a VERÔ TAPA-OLHO.)

M. – o que aconteceu com a menina que eu tinha que consolar pela morte da baleia?

que saía correndo por medo de tudo,

que fazia xixi nas calças pra não ter que pedir pra professora?

a gente era tão próxima, nós duas, nós três, eu, ela e Ísis, os mesmos piolhos, passeando de cabeça em cabeça.

Neocid na cabeça e eles caindo aos montes, uma tirando os da outra,

a gente ria e esmagava um a um, na unha.
Rita, não. Rita grudava um por um na lâmpada pra assistir à morte lenta, o derretimento das pernas, a fritura dos esqueletos grudados na bola de luz, um cemitério de fósseis.
sempre! ela sempre tinha um jeito mais criativo.
o que aconteceu com Rita?
com ela nunca se sabe se o dia é tranquilo – sol e brisa – ou se a pior tormenta.
não sei, mas algo acontece, algo sempre acontece quando estou com ela.
a única certeza.
todo dia um desafio, ela mostra pra gente os caminhos mais difíceis, os mais pedregosos, enquanto ela sempre escolhe o atalho mais suave.
quanta distância entre o que ela prega e o que ela faz,
e mesmo assim todo mundo continua seguindo Rita.
mas parece que ela pensa que a amizade é um favor que ela faz pra gente.
ninguém está à sua altura,
ela faz o que quer e ninguém desconfia, ela nunca assume, nada acontece com ela
hoje a gente voltaria juntas, era o combinado, era pra ela estar aqui do meu lado, quando é a minha vez de precisar dela.

VERÔ TAPA-OLHO – ow, mas tu é dramática, hein? não entendi se você tá apaixonada ou tá com raiva dela.

M. – sei lá, tô bêbada mesmo. era pra ela estar aqui! estava combinado e... porra, isso não se faz, hoje era importante e não adianta falar nada, nem culpa ela sente,

hoje ela não podia fazer isso, sabe? ela tá exagerando...
ela até ameaçou jogar uma pedra na Ísis... e depois finge que
era brincadeira.

VERÔ TAPA-OLHO – aí tá de crocodilagem essa sua ami-
ga, hein?

M. – a gente não percebeu ainda, mas tem algo de podre aí.
talvez nossa amizade tenha que ficar só no passado. bola pra
frente! fiquei pensando nisso, bola pra frente!

VERÔ TAPA-OLHO – sabe que hoje eu acordei louca pra
bater em alguém? louca! se quiser, posso dar um jeito nisso
e sua amiga vai desejar nunca ter nascido!

M. – calma aí, também não é assim.

VERÔ TAPA-OLHO – hoje eu tava tomando meu café e de
repente meu olho esquerdo começou a tremer. sabe quanto
tempo isso não acontece? meses! anos! tô estressada, sabe?
muita coisa acontecendo. se quiser a gente pode dar um sa-
code nela.

M. – pera lá, era só um desabafo.

VERÔ TAPA-OLHO – mas tu falou um monte dela, qual é?
tem coisa podre na amizade.

M. – ah, eu bebi, caceta, talvez eu esteja um pouco sensível de-
mais, mas não quero machucar a minha amiga.

VERÔ TAPA-OLHO – só um sustinho, pra desestressar todo mundo! e mudar o foco das coisas.

M. – ela admira você, sabia?!

VERÔ TAPA-OLHO – como assim? quem é ela?

M. – não vou falar, depois você tem umas ideias tortas aí... ela é como uma irmã pra mim.

VERÔ TAPA-OLHO – irmãs não fazem essas coisas com as outras.

M. – irmãs podem ser escrotas também, às vezes.

VERÔ TAPA-OLHO – às vezes, mas a frequência de escrotice dessa sua mana aí é o tempo todo quase.

M. – admiro tanto ela... é a única de nós que anda sozinha à noite, mas ela sempre carrega uma pedra na mochila pra se proteger. normalmente ela fica nos trilhos ou ali pelo fliperama, perto do chapéu-de-sol.

VERÔ TAPA-OLHO – ahh, essa mina, claro, tinha que ser... Rita você falou, né?

M. – olha, eu não falei nada...

VERÔ TAPA-OLHO – só pode ser ela! mó mentirosa, toda errada!

M. – não vou falar o nome.

VERÔTAPA-OLHO – tá ligada a Paulete? A Pauletinha, irmã da Cássia... então, ela levou um sacode violento porque sua amiga escrota roubou umas coisas no Geração e depois fez a tonta, deixou a culpa toda pra Paulete, que não tinha nada a ver com a história.

M. – ó, não sei de nada, tô falando que era só um desabafo! cuidado com o que você vai fazer.
vai, vamo nessa, cansei de esperar.

21. AJUDE A BALEIA

(Manhã no hospital. M. enxerga uma PESSOA DE VERDE.)

M. – ela não consegue respirar, ajude ela.

PESSOA DE VERDE – bom dia.

M. – por favor, ajuda!

PESSOA DE VERDE – como?

M. – a baleia, ajuda! cadê minha janela? eu preciso da janela...

PESSOA DE VERDE – tivemos que mudar seu quarto.

M. – quanto tempo eu tenho?

PESSOA DE VERDE – ...

M. – quanto tempo?

PESSOA DE VERDE – acredite em mim, o pior já passou.

M. – eu mereço ficar no meu quarto nos meus últimos dias, preciso respirar, ajude a baleia.

PESSOA DE VERDE – você está bem agora, o pior já passou, precisamos que fique um pouco tranquila, acredite, o pior já passou.

M. – a Rita precisa da mochila, eu preciso voltar pro meu quarto. cadê a janela?

PESSOA DE VERDE – a janela era um perigo, você tava muito agitada.

M. – só mais hoje! eu preciso voltar pro meu quarto. prometo não dar trabalho com os remédios, prometo que não chegarei perto da janela, só quero... preciso estar lá, acho que mereço um último desejo.

PESSOA DE VERDE – vai ficar tudo bem com você.

M. – confio em você. vocês de verde foram os únicos que me ajudaram a carregar a baleia. mas agora eu preciso voltar pro quarto, você me ajuda?

22. EM ALGUMA NOITE ESCURA

(Ruído de televisão ligada.)

M. – finalmente,
eu esperei tanto,

chamei tanto por você,
por que demorou tanto? por quê?

Rita!

eu esperei tantos dias, achei que você nunca viria.
tô meio bagunçada, disseram, deve ser a merda dessa água, co-
locaram argila nela, só pode.

e essa televisão ligada,
já não basta tudo o que tá passando?
alguém acha que a merda da televisão ligada vai ocupar minha
cabeça.

você viu o que tem acontecido no mundo?
a humanidade é um quintal de aberrações,
aquecimento global, queimadas, baleia mortas,
não quero ser apocalíptica, mas o troço tá feio lá fora.
por que você não se comove? isso é bem típico de você,
Rita?

você não é a Rita.

ÍISIS – eu já pedi para não ligarem mais a TV.

M. – cadê a Rita?

ÍISIS – você sabe?

M. – não, não sei.

ÍISIS – ...

M. – ela me perdoa?

ÍISIS – ela disse que sim.

M. – sim?

ÍISIS – disse que perdoa.

M. – ela disse?

ÍISIS – quer dizer, a filha dela disse que ela disse.

M. – a Rita tem filha? tão nova.

ÍISIS – nós conversamos ontem sobre isso, lembra?

M. – então quer dizer que...

ÍISIS – ela perdoa, a filha disse quando ela me atendeu no telefone. Rita tava ocupada e falou de longe, deu pra ouvir ela gritando dizendo que tava tudo bem, tá tudo certo.

M. – tá?

ÍISIS – sim, ela disse.

M. – e quando ela vem?

ÍISIS – ela não vem.

M. – e por quê?

ÍISIS – ela só disse que não poderia vir.

M. – e o que mais?

ÍISIS – ela disse que tá tudo bem, você vai sobreviver e vai ficar bem, ela realmente deseja que você fique bem.

...

M. – tão Rita, que filha da puta.

ÍISIS – ela disse pra você não ter medo, você vai ficar bem e que qualquer dia vocês se veem. em alguma noite escura, foi o que ela disse.

23. DEPOIS DA TORMENTA

(No quarto. Manhã tranquila depois de uma tempestade.)

M. – mil novecentos e noventa e oito? dois mil? dois mil e vinte?

e isso importa?

VULTO VERDE 2 – só quis dizer que...

(...GRITO de mulher invade o espaço.)

VULTO VERDE 2 – deixa pra lá... achei que ela tivesse parado.

VULTO VERDE 1 – quem?

VULTO VERDE 2 – aquela mulher... a mulher dos zoião, que ficava com os braço pra cima.

VULTO VERDE 1 – ah, essa é outra.

VULTO VERDE 2 – outra?

VULTO VERDE 1 – e existe em toda a superfície da Terra uma só alma que não tenha um motivo para gritar?

(... GRITO novamente invade o espaço.)

VULTO VERDE 1 – espera, espera que outra pessoa atenda.

VULTO VERDE 2 – vai deixar mesmo que ela grite sozinha?

VULTO VERDE 1 – eu fui da última vez!

VULTO VERDE 2 – claro, você perdeu... par ou ímpar?

VULTO VERDE 1 – vamo de *jokenpô*.

VULTO VERDE 2 – tá me tirando...

VULTO VERDE 1 – vai! pedra, papel e tesoura.

VULTO VERDE 2 – como é isso mesmo?

VULTO VERDE 1 – você escolhe se quer pedra, papel ou tesoura, a solução milenar para pequenos conflitos.

(...GRITO novamente invade o espaço)

VULTO VERDE 2 – acho que sei, vamo lá... do la si... já!

VULTO VERDE 1 – empate.

VULTO VERDE 2 – de novo!

VULTO VERDE 1 – rá! pedra! ganhei!

(...GRITO novamente invade o espaço)

VULTO VERDE 2 – como assim ganhou? eu coloquei papel.

VULTO VERDE 1 – então, a pedra amassa o papel.

VULTO VERDE 2 – tá inventando! papel embrulha pedra, você perdeu, sua vez de ir.

VULTO VERDE 1 – ah, não.

VULTO VERDE 2 – ah, sim, vai lá.

(...GRITO perfura paredes e atravessa os corredores.)

25. SALTOS

(Do alto da mesma pedra, ganhando coragem para saltarem juntas. Dessa vez, estão as três: RITA, M. e ÍSIS.)

RITA – dessa vez eu posso confiar em vocês?

M. – eu é que pergunto.

ÍSIS – gente, se resolvam... vamo lá, é só uns dez metros daqui.

M. – só? tá bem agitado lá embaixo.

RITA – depois desse temporal você queria o quê?

ÍSIS – não faz diferença. a gente sabe o que tem lá, é só não soltar a mão que vai dar certo.

RITA – você vai sobreviver.

M. – nós vamos sobreviver.

(As três se preparam para saltar e contam juntas.)

ELAS – 1, 2, 3 e já...

FIM



Falência

GUSTAVO BRAUNSTEIN

| *Tá lá o corpo estendido no chão*
Em vez de rosto, uma foto de um gol
Em vez de reza, uma praga de alguém
E um silêncio servindo de amém.

(De frente pro crime, de Aldir Blanc e João Bosco)

| - 4 *performers*, um único organismo.

Vozes

| - CORPO/CORO
| - ELE;
| - ELA;
| - PARASSIMPÁTICO.

| - Deixo como sugestão: a possibilidade de os *performers* terem seus batimentos cardíacos monitorados, e as frequências cardíacas, ao serem projetadas para o público, também estabelecem um jogo com a iluminação. Conforme performam, emocionam-se, exercitam-se, recompõem-se. Suas frequências se alteram e essas alterações conduzem a intensidade das luzes do espetáculo. Quanto mais altas as frequências, mais as luzes revelam; quanto menores, mais escuridão.

MOVIMENTO ZERO

CORPO/CORO – 1, 2, 3 e...

1 corpo dorme em uma calçada.

2 corpos idosos tropeçam no mercado em meio às compras.

3 corpos jovens influenciam pessoas nas redes.

4 corpos trocam tiros em um bairro nobre da cidade.

10 corpos preparam uma emenda constitucional.

14 corpos negros jovens tombam em uma
ação policial.

22 corpos atléticos empatam uma partida
de futebol.

100 corpos em fuga se lançam ao mar.

4.000 corpos dividem uma vala
comum.

20.000 corpos apagam em um
atentado.

50.000 corpos aguardam
transplantes.

100.000 corpos evaporam
em um filme de ficção
científica.

200.000 corpos
marinhos afogam em
óleo diesel.

300.000 corpos sem
nome, só números.

400.000 avatares
cancelados.

600.000 corpos,
saudades.

e contando...

MOVIMENTO 1. FREQUÊNCIA OU INÍCIO

(Espaço em penumbra, os *performers* entram em cena um a um. Os *performers* são um único organismo. A divisão de falas segue a indicação do sinal a seguir – | –, sinal que marca a troca de vozes, que têm um caráter polifônico.)

CORPO – Pés, no chão, calcanhares que batem-batem no chão, 1, 2, 3, e 1, 2, 3... Joelhos estalando, artrite. Bunda flácida na cadeira, saco cheio, bexiga cheia, testículos espremidos nas calças esperando o intervalo que está próximo, anunciado pelo incômodo no ciático. Coluna, pequenos desvios. Um bico-de-papagaio na base dela, uma pequena hérnia logo acima e mais acima, uma leve hipercifose, corcunda. Peso muito nos ombros, peito fechado, esterno comprimido, costelas abrindo e fechando... Pescoço travado e tenso. Torcicolo. Giro 180 graus pra lá e, 180 graus pra cá, estalando. Cabeça latejando leve de fome. Braços, cotovelos, pulso. Pulso: 1, 2, 3 – 1, 2, 3. “Tum-tum, tum-tum”. Mãos, com calos, e dedos ágeis e vivos que teclam – teclam o teclado e o mouse da máquina mais podre e travada do escritório. Um vírus que não sai nem a pau. Máquina travando... Ctrl, alt, del... Suspiro. 1, 2, 3. Rotina. Ótimo, tela azul. Pane no sistema. Ctrl, alt, del. “Finalizar tarefa”. Suspiro... Olhos atentos e cansados, olheiras escuras, hiperromia periorbital. Dentes mordiscando os lábios secos, mania. Nariz entupido, boca seca, esperando o intervalo.

O dia hoje está bonito... | Um calor danado! | O outono mais quente da década | e eu aqui... | Vou tomar um sorvete

na volta! | Uma beleza incomum, o dia de hoje... | Luz de outono... Bucólico... | A noite promete. | Luz linda mesmo. Vale uma foto. | Um intervalo restaurador e vai ficar tudo bem. | Um bom almoço, fones de ouvido... Uma notícia de jornal... | Um intervalo restaurador e vai ficar tudo bem. | Depois só mais algumas horas e... | Essa janela não precisava ser tão pequena. | Seria bom conseguir olhar o céu entre uma tarefa e outra. | Um sossego para os olhos ... | Seria bom sentir alguma brisa que não fosse o ar-condicionado entre uma tarefa e outra. | Uma beleza incomum, o dia de hoje. | Um prédio tão alto... né? Um bloco impenetrável, escuro... | Janela minúscula mesmo. | Ainda bem que tem ar-condicionado aqui, eu ia derreter... | Essa gente toda respirando junto... | O que será que está acontecendo lá fora? | Apertado... | Será que o mundo... | Intervalo em 3 | 2 | 1. | Ah! Esticar as pernas. Todos pra fora.

(| Os *performers* caminham juntos pelo palco. Conforme a caminhada ganha um ritmo, começam a cair. Caem e se recuperam para caminhar, realizando um trajeto ou circuito de quedas em evolução até que seja possível ao público visualizar uma atividade orgânica e contínua. Eles caem às vezes isoladamente, às vezes em duplas, às vezes todos juntos ou, ainda, em diferentes velocidades e pesos. Não há uma única regra para as quedas e resgates, não há uma canção, não há um limite de tempo, há o pulso. Só isso. E o som das carnes e ossos caindo no chão.

(ritmado) 1, 2, 3, caem!

e retomam...

1, 2, 3, desabam!

e retomam...

1, 2, 3, pousam,

e retomam...

1, 2, 3, mergulham...

e retomam...

1, 2, 3, rolam.

e retomam...

1, 2, 3, escapam

e retomam...

1,2,3,falham.)

MOVIMENTO 2. DESORDEM ANATÔMICA

CORPO – Eu andava pela rua, cansado, porém satisfeito, voltando para o serviço após o horário de almoço. Não tinha muito tempo, caminhava levemente apressado, ainda digerindo a refeição: uns 800 gramas de um prato comercial com arroz, feijão, bife e fritas no lugar da salada, a 20 reais. Com suco. | Eu atravessava o centro da cidade como era de rotina, através dos mesmos cenários paulistanos sujos e fedidos, hoje ensolarados. Rasgava a multidão até meu destino seguro do escritório. | Eu não sei o que houve, mas o pouco que vi me espetou o meio do corpo. Uma picada, um arranhãozinho de leve e à toa no centro da barriga. Uma coceira superficial no primeiro momento. E eu segui pela rua como se nada... | Em poucos minutos, com o avançar dos passos, percebi que

o arranhão latejava e crescia rapidamente. | Uma dor aguda, seguida de uma ardência horrível e, em um segundo, o arranhão já era um corte, o corte já era ferida, a ferida já era um rasgo de 1, 2, 3, já 10 centímetros de diâmetro, e 1, 2, 3, já 10 centímetros de profundidade no centro, uma linha vertical na barriga, do estômago ao diafragma. | Algo estranho se modificava aqui dentro, e após esses instantes nada mais foi como antes. | Parece que o rasgo rompeu meu diafragma e, assim, misturou a parte seca e a parte molhada do meu corpo. O sangue começava a vaziar com intensidade e os pulmões rapidamente foram se encharcando, encharcando, encharcando e ficaram desesperadamente molhados. | Em seguida, fígado, pâncreas, apêndice, vesícula começam a se apertar aqui e aqui e aqui, espremendo-se apressados, pressionados em fuga, entalando a passagem do meu tubo digestivo. O intestino subindo para a caixa torácica, como uma serpente feroz, se acomodando por entre os pulmões, comprimindo o coração. | Meu estômago rasgado no centro do meu corpo, cuspidos seus líquidos, os ácidos e enzimas pela abertura e meu almoço no chão. | Eu, que já detesto passar mal, vomitar, ter diarreia e essas outras coisas gastrointestinais, entrei em pânico. Aquilo parecia um pesadelo. | Muito rapidamente parece que tudo aqui dentro se acomodava de uma forma incômoda e desajeitada e desesperada, e eu me tornava um amontoado feio e patético... Um “troço” anatômico precário, uma papa de órgãos molhados e secos, balançando verticalmente sobre a bacia. | Sigo ainda pela rua tentando ser discreto, fingindo normalidade e, francamente, as pessoas passam tão depressa... E daí que o meu corpo mudou? Ninguém do lado de fora veria realmente o que há aqui dentro. |

A menos que olhassem com muita atenção para o tamanho da minha cintura que murchava. | Esse aglomerado aqui embaixo começava a exercer uma pressão e se arranjou de tal modo que me entupiu. Eu não conseguiria comer, nem evacuar. Nada entra e nada sai. E também um refluxo terrível... Uma paralisia digestiva, sei lá. | Uma azia chata e insistente e um enjoo com algo que eu não sabia de onde vinha, se do bife malpassado ou do jornal cheio de notícias trágicas e um futuro desolador... | Vai ver essa mudança já estivesse acontecendo e eu que só agora me dei conta! | Será? | Sim, talvez seja um princípio de apendicite, um percurso inflamatório de longo prazo aqui dentro resultante das novas bactérias na nossa água ou, talvez ainda, os apartamentos minúsculos que produziram novas anatomias... | Talvez o excessivo consumo de café ou cigarro do escritório, algum *malware* de aplicativo do celular...será? | Talvez seja genética! É uma razão plausível, meu pai teve um tumor no estômago. Porra! Claro o tal do câncer gástrico difuso hereditário... | Calma! Eu tenho que me acalmar... Isso é coisa da sua cabeça que deve estar hiperventilando pois você é ansioso, o seu corpo não mudou nem vai mudar. | Ajustei o relógio para monitorar os batimentos cardíacos e respirei fundo. (O coletivo faz uma longa inspiração) Respira fundo... | Respira fundo. | Respira fundo. | 1... 2... 3 e (longa expiração) Eu vou tentar manter a calma e sentar um pouco, tomar uma água e apenas respirar... | Foda-se, eu preciso de um médico! | Comecei a correr em direção a qualquer lugar me desviando de pessoas e poças e pedintes e tropecei. Fiquei estirado no chão. | Patético | Ali no centrão sujo mesmo. | Já percebeu como as pessoas passam velozes nas ruas do centro? | Sequer parecem pessoas, passam

como borrões disformes, irregulares e insensíveis, ninguém liga de verdade para o chão onde pisa, onde anda, o que vê, o cheiro deste lugar. As poucas pessoas que faziam contato visual comigo não sustentavam o olhar durante sequer 5 segundos. Olhares muito rápidos da multidão, escaneando meu amontoado amorfo em decúbito ventral. Eu me sento e me arrumo de um modo mais confortável. Ali no centrão sujo mesmo | 1, 2, 3 e passam. | E 1, 2, 3 e desviam, | e 1, 2, 3 e defendem-se, | e 1, 2, 3 e me saltam, | e 1, 2, 3 e me atacam e, | e 1, 2, 3 se retraem | e 1, 2, 3 se desculpam | e 1, 2, 3 e... | Socorro!?

| Ninguém. Como se nada...

| “Oi! Fica calmo...”

| Essa pessoa se senta ao meu lado às pressas. Ela treme, os lábios um tanto roxos. | Olhei com estranheza, ela me olhou com horror. | Me perguntou apressada movimentando exageradamente a arcada dentária para cima e para baixo: | “Você está bem? Fica calmo... Qual é o seu nome?” | O nome... O nome...? | Droga, me perceberam mesmo. Ela pousou a mão sobre minha barriga plasma, hemácias, plaquetas... | Que situação, eu senti o sangue esquentar o rosto de vergonha enorme e quando a olhei para responder... As pupilas dela estavam imensas... E eram íris castanhas lindas. | Mas isso não vem ao caso agora! | Um calafrio terrível tomou conta de mim e a minha visão ficou turva e meio escura... Meu coração apertado entre o intestino e os pulmões batendo mais forte. | Mas, sim, as pupilas dela estavam realmente grandes e eu nunca fui observado assim. Me olhavam fixamente, aquelas pupilas gigantescas, mirando meu rasgo com assombro. | Meu coração apertado entre o intestino e os pul-

mões batendo ainda mais forte, sístoles e diástoles frenéticas
| Pupilas podem dilatar, midríase, ou comprimir, miose. Para regular a entrada de luz... Quando dilatadas, frequentemente podem estar associadas a medo, excitação, tensão, uso de drogas, claro, ou... Atração física.

| O que não é cientificamente provado...

| Mas é possível.

| Mas isso não vem ao caso agora!

| Os olhos não mentem, as imagens sim. Quando vemos algo que gostamos, nossas pupilas crescem. Eu me apaixono facilmente, sempre fui assim. | E tenho uma alta produção de dopamina e noradrenalina, deve ser algo do meu DNA, | pulmão comprimindo, respiração rápida, ardência no estômago, o coração fibrilando, entregando meu sangue e... | Quase que imediatamente o cinza do centro da cidade de São Paulo torna-se castanho e o castanho torna-se azul e o azul torna-se vermelho e o vermelho, após manchar toda a minha camisa, toma conta de nós e de nossos corpos e roupas, e ela me leva ao chão, vamos a um encontro em seu colo. Que coisa, eu nunca vivi um amor assim! 1, 2, 3 eu deliro e desabo.

(Ritmado. 1, 2, 3, deslizam
e retomam...

1, 2, 3, capotam!
e retomam...

1, 2, 3 se lançam!
e retomam...

1, 2, 3 tropeçam...
e retomam...

1, 2, 3 desligam.
e retomam...

1, 2, 3, descansam.
e retomam...

1, 2, 3 e falham.)

MOVIMENTO 3. EU E VOCÊ SOMOS UM, EU TE AMO.

ELE – A pele dela tocando minha ferida. Um pequeno calor. As pupilas conectadas. A pressão do toque de sua mão sobre a minha barriga. Eu no colo dela provocando formas e relevos em nossas coxas e carnes.

ELA – Seguro o corpo dele de uns 78 quilos mais ou menos com muita força, e respiração desesperada, e ainda ofereço algum carinho em meio ao vem e vai da cidade.

ELE – Os meus poros todos da pele abertos como grandes gargantas ásperas em atrito com os poros desconcertados dela, como que quisessem absorvê-la, capturá-la, degluti-la, engoli-la, trazê-la aqui para dentro dessa nova anatomia des-

regular. Se ela visse como sou bonito aqui dentro. Eu diria a ela “Ei... Vi você na rua, você me viu também, estávamos no mesmo restaurante mais cedo, se lembra? Eu comi um bife malpassado, você pediu uma macarronada e sujou bastante a blusa de molho. Nos apaixonamos, tomamos um sorvete, era outono e o sol estava forte, a banca de jornal pendurada de tragédias internacionais... O escritório para o qual eu trabalho vende remédios, e no seu vendem seguros”.

ELA – O vermelho que saía do rasgo ia tomando conta de nós ainda mais. Minha camisa, suja de plasma e plaquetas. O chão da cidade, marcado de glóbulos vermelhos e brancos, mijo, fuligem e fezes e, ainda, algum carinho. À nossa volta, pessoas passando imunes com medo de se sujar com problemas humanos. Os escritórios sujos ao nosso redor analisando planilhas, gráficos e números que despencam, aprontando todo o tipo de rasgo no tecido social. Repousei os dedos no pescoço dele e começo a contar sua pulsação.

ELE – De repente comecei até a me sentir bonito, bem arrumado, até apresentável... Mostrei a ela todo o meu íntimo. Meus órgãos se mexiam excitados, ela parecia gostar porque me segurava cada vez mais forte.

ELA – 100?! Isso significa o quê? Você vai morrer? Não, você não pode morrer aqui assim. Não comigo, você não pode fazer isso comigo, é a terceira vez que me acontece isso. Na primeira, eu vi um homem com as veias dos braços furadas, espirrando muito sangue na rua. Eu fui socorrer, ué, ninguém mais parou para ajudar. E eu não fazia ideia do que fazer, as-

sim como eu não faço ideia do que fazer agora. Eu entro em desespero nesse tipo de situação, eu fico pálida, meus olhos ficam gigantes de medo e as minhas pernas paralisadas. Ele ficou na minha memória e eu sonhei com esse homem durante meses. Essas coisas me perseguem, parece. E eu não sei por que eu paro pra ajudar.

ELE – Eu te amo, te amo em cada vinco e cada lombada ou buraco dessa superfície rasgada desse corpo irregular, eu queria trazer você aqui para dentro deste rasgo e amar você com todo o meu sebo, minha gordura, minhas glândulas bizarras expostas.

ELA – Minha segunda vez foi com uma senhora, tendo uma falta de ar. 1... Ela se debatia muito e eu fui socorrer, ué, ninguém mais parou para ajudar. 2... O peito dela enchia e murchava, enchia e murchava em violentos espasmos e eu não sabia o que fazer porque não tinha marcas, não tinha cortes, não tinha sangue, não tinha nada, era invisível a olho nu, era microscópico e destruidor. 3... Eu encostei a minha boca na dela e soprei, tapava seu nariz e apertava seu coração. Eu não fazia ideia do que fazer, e eu não faço ideia do que fazer agora. Eu entro em desespero, eu fico pálida, meus olhos gigantes de medo, ela ficou na minha memória e eu sonhei com essa senhora durante meses. Essas coisas me perseguem, parece. Depois disso, eu nunca mais fui a mesma. Olha só, eu já perdi a contagem do pulso! Sinceramente, e me desculpa falar, mas é a última vez que eu paro para ajudar alguém.

ELE – Eu nunca me abri assim com ninguém.

(Ritmado. 1, 2, 3, rolam!

e retomam...

1, 2, 3, escorregam!

e retomam...

1, 2, 3, desfalecem!

e retomam...

1, 2, 3, desfilam...

e retomam...

1, 2, 3, se chocam.

e retomam...

1, 2, 3, engavetam.

e retomam...

1, 2, 3, e falham.)

ELA – Quando te pego assim, é ruim? Desse jeito?

ELE – É bom.

ELA – E assim?

ELE – Melhor ainda.

ELA – Assim?

ELE – Nenhum pouco. Ah! Ah, assim sim! Isso, é... Continua...

Mas não aperta tão forte.

ELA – Sim...

ELE – Calma.

ELA – Assim?

ELE – Mais pra baixo... Mais... Mais... Hmmm.

ELA – OK.

ELE – Isso, agora não sinto nada.

ELA – Olha, vai dar tudo certo, eu já liguei pra...

ELE – É, um pouquinho mais pra cima... Aí, perfeito. É uma questão de tato mesmo, conhecimento anatômico. É pressão. Você gosta de biologia? Curte órgãos?

ELA – Hm, claro.

ELE – Eu acho *sexy*.

ELA – É... Eu gosto... Médio.

ELE – Esternocleidomastóideo!

ELA – Quê?

ELE – Sentiu?

ELA – Hm, sim...?

ELE – ES-TER-NO-CLEI-DO-MAS-TÓI-DEO.

ELA – Hm... Isso, vai falando comigo enquanto...

ELE – É engraçado, né? Ahhh, um chupão no esternocleidomastóideo deixa qualquer um louco, não?

ELA – Você está respirando bem? Isso, fala comigo, continua comigo!

ELE – Quando o palato mole e a língua se comprimem para sugar o esternocleidomastóideo, você gosta?

ELA – Muito! Olha pra mim bem nos meus olhos e respira fundo. E fique acordado. Eu não vou te perder.

(Ritmado. 1, 2, 3, se prostram!

e retomam...

1, 2, 3, explodem.

e retomam...

1, 2, 3 e rolam.

e retomam...

1, 2, 3 e mergulham...

e retomam...

1, 2, 3, se arrastam.

e retomam...

1, 2, 3 levitam.

e retomam...

1, 2, 3 e falham.)

MOVIMENTO 4. TAQUI

(O CORO/ORGANISMO retorna. Um *performer* em destaque é a voz “PARASSIMPÁTICO³”, e os outros seguem alternando as vozes do corpo/coro conforme “[.”])

PARASSIMPÁTICO – Eu estava caído, olhos fechados e escuridão. O asfalto áspero, duro e molhado sob minhas costas. A audição abafada, pessoas ao redor, passos pra lá e pra cá e corre-corre, uma boca empurrando ar pela minha boca. Pálido. Secando. Falhando.

| São só pedestres.

| Ainda não chegou.

| Essa demora é horrível.

| Ah, agora chegou!

PARASSIMPÁTICO – Um som abafado de ambulância, um giroflex de luzes vermelhas, finalmente, lambendo a rua escura e as paredes das residências ao redor re-pe-ti-ti-va-men-te. Tudo muito agitado. Aqui dentro e aqui fora. E aqui dentro um estado de alerta muito intenso, e aqui dentro também uma falência. E aqui fora um estado muito intenso, e aqui

3. Chama-se sistema nervoso parassimpático a parte do sistema nervoso autônomo cujos neurônios se localizam no tronco cerebral ou na medula sacral. É o responsável por estimular ações que permitem acalmar o organismo, como saciedade, repouso e digestão.

fora, também uma falência. E aqui dentro espasmos e contrações, e aqui fora cliques de celular.

| Multidão se aproximando.

| Como você sabe que tem luz? Que tem multidão? Que tem celular? Você não vê nada.

| Ele sente. Continua captando atividades ao redor.

| Ele só está agitado.

| Isso é um bom sinal então. Não é?

| Como é que pode?

| Como é que pode o quê?

| Estar tão alerta e inerte ao mesmo tempo...

| É sério? Esse tipo de questionamento, nesse momento?

| Sobrevivência... Autonomia... Instinto, medo?

| Como é que eu vou saber, não sou médico.

| É daqueles momentos em que você está em situação de extremo perigo e seu corpo começa a trabalhar compensando perdas. Essa é a situação.

| Já se sentiu com medo, muito medo mesmo, pavor?

| O tempo todo.

| Nesses momentos você não consegue pedir auxílio de ninguém, está preso dentro de si recalculando rotas, incomunicável para fora, sem voz e sozinho com suas funções, tendo que se virar para administrar toda essa carga interior. O externo paralisado, o lado interior ao extremo.

| E dá-lhe sangue...

PARASSIMPÁTICO – Rapidamente alguém se abaixa ao meu lado toca meu rosto com cuidado, dedos emborrachados abrem meus olhos, falam comigo e eu não respondo, coloca luzes que piscam e piscam do lado esquerdo, e piscam e piscam do lado direito. Minhas pupilas levam algum tempo, mas respondem. Elas alargam-se buscando absorver a luz.

| Ele sente

| Ufa! Isso é um bom sinal...

| Caso contrário...

| Caso contrário...?

| Caso contrário as informações nem chegariam ao cérebro.

| Ou seja, caso contrário você deveria estar muito preocupado!

(Eles riem muito, gargalham e sacodem seus corpos se debatendo no chão como uma descarga elétrica rápida e, em seguida, gemem de dor.)

| Ai, ai, ai! | – Ai! | – Ai! Ai!

(Pausa.)

| Mas essa foi boa!

| Demais!

| Foi ótima!

(Recomeçam a gargalhar e sacodem seus corpos debatendo-se no chão como uma descarga elétrica mais forte e mais longa; em seguida gemem de dor.)

| Aai, aai, aaai!

| Aai!

| Aii, para de rir, pode ser? Isso dói muito!

(Mais uma vez, eles sacodem seus corpos se debatendo no chão como uma descarga elétrica, agora muito mais violenta e muito mais longa.)

| OK, vamos todos parar?! Chega!? Por favor...!? Eu quero parar! Eu quero parar! Eu preciso parar! 1, 2, 3! (Mudando completamente a atmosfera.) Eu queria uma anestesia... Geral, logo! Eu preciso de sangue, eu preciso de oxigênio. Preciso de uma sutura nesse rasgo de uma vez por todas, porque ele fica se abrindo, está inflamado e eu não dou conta de limpar tanto pus tantas vezes. Preciso de uns pontos e esse sistema todo voltando para o eixo. Queria ficar em repouso aqui dentro, em silêncio, 80-100 bpm o coração desfibrilado... Queria um colete para andar pelo centro da cidade, queria um filme estúpido e morno para assistir. Queria largar o emprego, queria arreganhar as janelas daquele prédio frio e ver o que há aqui fora, queria detonar aquela maldita banca de jornal ao lado do escritório e comer os jornais pinga-sangue todos de uma vez pra nunca mais. Mas eu não tenho estômago. Eu queria uma água limpa para lavar as mãos e esses ferimentos. Eu queria matar a sede. Queria não ter o intestino preso no tórax, invadindo o espaço do pulmão dia sim dia não, esquina sim e esquina outra. Queria morar bem, comer bem, viver bem, não queria morar tão mal, comer tão mal, morrer tão mal. Queria um unguento. Não queria contrair tanto, aqui e aqui e aqui tantas dívidas que me levam à falência antes mesmo dos 30 anos. Queria uma tarde de outono extraordinariamente quente para passear com filhos que nem tenho num parque público e verde. Eu queria mais tempo, menos pressão, menos golpes por minuto. Menos nós na garganta, queria limpar a garganta. Queria 10 minutos, 5 minutos, 2 minutos com alguém que não está mais aqui, doar meus órgãos para alguém que ainda poderia ainda estar aqui ou doar uns 10, 5, 2 minutos de atenção honesta e verdadeira para alguém

que ainda está aqui e fazer isso com alguma frequência. Eu não queria morrer aos 30 e poucos anos, queria ainda dançar freneticamente numa festa cheia de corpos, ao som de uma música de 150 bpm quando as pessoas voltarem a se encontrar ao vivo e gozar múltiplas vezes com alguém especial e sentir o coração disparar com saúde. Eu queria ouvir menos disparos, disparar menos *e-mails*, despertar menos amargo, amargar menos derrotas.

| Opa, isso não é bom...

| O que agora?

| O coração está se esforçando muito...

| As variações cardíacas são movimentos de compensação para a manutenção de oxigênio no corpo.

| Tudo está conectado...

| Óbvio...

| É um circuito...

| Não diga...?

| Um sistema...

| Jura?

| Sem coração, sem sangue. Sem sangue, sem oxigênio. Sem oxigênio, sem cérebro. Sem cérebro... Quando algo falha, tudo fica comprometido.

| E por que insistir?

| Nós vamos falhar com ele?

| É... Nós, tecnicamente, somos ele/nele, só que microscópicos...

| Opa, acelerando mais, e mais! Atenção, se preparem.

| E o que acontece agora?

| Contraímos, mais!

| 1, 2, 3 e contraem...

| 1, 2, 3 e soltam...

| 1, 2, 3 e batem...

| 1, 2, 3 e batem...

| 1, 2, 3 e batem...

| O coração quer aumentar a frequência, mas nesse sistema, nesse quadro, comprimido pelos órgãos, falta espaço para os movimentos do coração. Um tamponamento. Não há mais

espaço para o coração por aqui, no entanto, bater o coração é nossa defesa natural. Daqui pra frente, para não falhar, batemos mais e mais, e mais forte. É não parar de bater, não desistir, sustentar o coração batendo até chegarmos ao momento em que a frequência é tão alta e os vazamentos tão contínuos... Que falhamos, infelizmente.

(1, 2, 3 e batem.) | É um paradoxo.

(1, 2, 3 e batem.) | E o ciclo se fecha. Está tudo calculado.

(1, 2, 3 e batem.) | Mesmo assim eu não posso evitar ficar desesperado, eu não quero morrer!

| 1, 2, 3 e batem...

| 1, 2, 3 e batem...

| 1, 2, 3 e batem...

| 1, 2, 3 e batem...

| 1, 2, 3 e falham.

PARASSIMPÁTICO – O diafragma sendo pressionado mais uma vez para conter o sangramento. Uma textura de dedos emborrachados novamente toca meu rosto com uma pressão suave e com alguma pressão segura meu crânio nas mãos, sustentando esses 8-10 quilos de modo a aliviar o peso do

meu pescoço. Me perguntam “Senhor, qual é o seu nome... Consegue falar, senhor?”. Espetam algo em minhas veias do braço, e uma temperatura fria de drogas simpatomiméticas invade minha microcirculação. Colocam uma máscara em meu rosto me oxigenando e enrolam algo em volta do meu pescoço.

| 1,

| 2,

| 3... E levantam.

PARASSIMPÁTICO – Me levantam de um modo delicado e preciso. Me embarcam em um carro. Uma voz feminina e trêmula diz o meu nome e avisa que não me conhece, mas faz uma breve descrição do homem que me esfaqueou.

| 1, 2, 3, relaxam!

PARASSIMPÁTICO – e retomam...

| 1, 2, 3, apagam.

PARASSIMPÁTICO – e retomam...

| 1, 2, 3, inertes!

PARASSIMPÁTICO – e retomam...

| 1, 2, 3, respiram...

PARASSIMPÁTICO – e retomam...

| 1, 2, 3, palpitam.

PARASSIMPÁTICO – e retomam...

| 1, 2, 3 e... falham?

PARASSIMPÁTICO – Para sempre.

MOVIMENTO 5. RASGO

(CORPO/CORO retorna.)

| Como era o rasgo? Do tamanho de uma cidade. Era uma avenida grande, uma fronteira continental... 10 centímetros, aqui na minha barriga, mas uma desordem do tamanho do mundo.

| Ninguém viu direito o que houve, parece. As pessoas estavam distraídas com seus afazeres. Normal... Alguns suspeitam de que foi uma faca mesmo, assalto. Outros disseram que eu fui demitido. Há quem diga que foi um romance, um beijo e um orgasmo em seguida. O homem da banca disse que foi um discurso. Disseram também que foi teatro, exagero. Eu disse a um amigo que foi saudade. Mas, segundo as câmeras de vigilância, pode ter sido só a fome... Ou de repente o preço da carne, um boleto às vésperas do vencimento, o horário de pico, a polícia, um gráfico em declínio... Ou a rotina. No hospital ainda, me disseram que foi uma infecção generalizada, vai saber... Comer fora de casa não é bom, né? Eu tenho o estômago delicado desde pequeno.

| Depois desse rasgo nunca mais andei igual, nunca mais olhei, ouvi, falei igual, nunca mais digeri igual. Hoje aconteceu de novo, acho. É a terceira vez que acontece comigo, acho. E agora foi mais rápido, bem mais tranquilo, já estou quase imune. Antes assustava. Na primeira vez, senti medo. Na segunda, senti raiva, ódio. Na terceira, senti foi nada. Agora é frescura, como se nada, uma bobeira de rotina.

| Este acontecido perfurocortante buscou cada pequena camada da minha pele, meu sistema tegumentar. Primeiro a superfície, a cútis. Espetou e atravessou meus poros que seguram os meus pelos como se nada. Fácil. | O rasgo toca a derme e se aprofunda atravessando a derme como se nada, e em seguida, como se nada, alcança a epiderme como se nada. | E nada pode fazê-lo parar, pois logo depois da pele já em carne viva, invasivo, ele alcança a hipoderme, o pânículo adiposo, o mais espesso, 1, 2, 3 e, como se nada, escava os 20% da gordura de um homem adulto. Como se nada... | Vai rasgando nossos tecidos e revestimentos de todos os tipos e estruturas, dissecando nossa fisiologia desmontando nossas peças frágeis como se nada. E nada fazemos a não ser bater, bater, às vezes sentir, mas sempre falhar deitados no asfalto frio e imune que sequer se manifesta, é como se nada. É uma frequência diária. Nos adaptamos, como se nada.

| Não era uma fãca. Era um romance. Não, não era um romance, era uma notícia. Não era notícia, era destino. Não era um destino, era estratégia. Não era isolado, era comum. Não era frequente, era estatística. Não era real, era um texto, sim, era uma peça.

| Não era uma rua, era um restaurante. Não... também não era um restaurante, era uma transa. Não era uma transa, era um transe! Não era um transe, era um trauma! Não era vacina, não era droga... Não era droga? Não era remédio, nem arma, era uma peça.

| Não é uma peça, é uma parte. É uma amostra microscópica, mas não é micro, é global. Não é ciência, é poema. Não, não é isso... É insuficiência. É um desabafo? É falência? Não, também não... É uma dança! Definitivamente, não é uma dança. É uma queda, seguida de um resgate. É intravenoso e subcutâneo, não é superfície e não é supérfluo, é vital. É uma peça.

| Não é isso, nem aquilo, não é ciência, não é biologia, nem medicina, é nada. Não era forma, não era discurso. É só o corpo. É humano e é divino, é o todo e, no entanto, é só uma peça.



O Caso Lorena

JULIA IANINA

Personagens

Paula, Denis e Joana têm entre 30 e 40 anos. Durante a investigação/reconstituição do crime, como atores, se revezam para interpretar Lorena, Luiz (o psiquiatra), o Delegado e a Mulher Sem Nome.

Cenário

Num canto do palco há uma cama com um abajur ao lado. No outro, uma mesa, com duas cadeiras, frente a frente. Uma luminária ao lado da mesa.

Luz

Há momentos de escuridão total, nos quais só se podem ouvir as vozes dos atores. Outros momentos de penumbra e outros de iluminação plena. Algumas vezes alguém está numa área de penumbra do palco, enquanto alguém está numa área iluminada ou totalmente escura. Isso está indicado pelas marcações no texto da seguinte forma:

escuro / penumbra / luz.

CENA 1 – UMA NOITE EM 2021

(O palco está no escuro.

Os três sinais.

Ouvimos uma voz feminina.)

PAULA (Cantarolando.) – **“What do you see when you turn out the light? I can’t tell you, but I know it’s mine”.**

(Tempo)

PAULA – **Você conhece essa música?**

DENIS – **Claro, Beatles.**

PAULA – Você já pensou nisso?

DENIS – No quê?

PAULA – No que você vê quando as luzes se apagam?

DENIS – Não, eu gosto mais daquela parte: “*What do I do when my love is away?*”

(Ele ri.)

PAULA – Eu tô falando sério.

DENIS – Eu também.

(Tempo no escuro.)

PAULA – Para, eu não quero agora.

DENIS – Tá bom, é só um carinho. Desculpa.

PAULA – E que eu tô falando de uma coisa séria.

DENIS – A música dos Beatles?

PAULA – É.

DENIS – O que é tão importante?

PAULA – Eu quero te pedir...

DENIS – Vai me pedir em casamento?

PAULA – Denis, para!

DENIS – Tá bom. Tá bom. Desculpa, não sabia que era tão sério assim.

PAULA – Eu quero te pedir...

DENIS – Fala.

PAULA – Acende a luz.

(Num canto do palco, um foco fraco de luz em DENIS, que vai se intensificando.)

DENIS – Foi assim que a Paula me disse pela primeira vez que queria a minha ajuda. À noite, no escuro, na cama...

PAULA (Sua voz ainda está no escuro.) – Eu quero te pedir uma coisa meio estranha. Mas quero que você diga sim.

DENIS – Eu disse sim, mesmo sem saber exatamente para o quê. Claro, eu estava apaixonado.

PAULA (Voz no escuro.) – Eu preciso olhar pra alguns... fantasmas. Não sei se é a palavra certa.

DENIS (Em foco.) – Parecia uma metáfora. “Enfrentar os meus fantasmas.” Mas era bem concreto para ela. Porque quando

ela disse a palavra “fantasma” eu senti o corpo dela, do meu lado, estremecer.

PAULA (Voz no escuro.) – **Você tem coragem?**

DENIS (Ri.) – Por coragem eu imaginei tantas coisas, imaginei batalhas, tempestades, duelos. Mas agora eu sei que era de outro tipo de coragem que ela falava.

(Um barulho de algo que se quebra.)

DENIS – Eu lembro que ela se levantou e derrubou um copo do lado da cama. Ouvei o barulho do vidro quebrando.

PAULA – **Acende a luz.**

DENIS (Pra ela.) – Espera um segundo, por favor. (Volta à plateia.) A Paula está no escuro. Logo vocês vão poder ver o rosto dela. Mas antes de ver a Paula, eu peço para que vocês façam um exercício. Vamos aproveitar que até agora não vimos o rosto dela, que está no escuro. É algo tão raro, conhecer alguém sem ter visto seu rosto. Então, a partir dessa voz, do que ela disse ou da maneira como ela disse, eu peço que vocês imaginem.

(Tempo.)

DENIS – Imaginem a cor dos cabelos. Se são curtos ou longos. Os traços do nariz, como são? Agora o tom de pele, as sobrancelhas, o tamanho dos olhos, a cor deles. O desenho e o volume dos lábios. Os dentes. Estão vendo?

(Tempo.)

DENIS – E esse rosto que você imagina agora está sorrindo?

PAULA – **Acende a luz, por favor!**

DENIS – Agora a imagem que vocês criaram do rosto dela vai desaparecer.

(Lentamente a luz revela PAULA sentada na cama.)

DENIS – Essa é a Paula. Esse é o rosto dela. Conseguem ver? Podemos jogar mais luz?

(A luz fica mais forte.)

DENIS – E agora, para onde foi o rosto que vocês imaginaram? Ainda conseguem ver aquele rosto? Ou ele desapareceu para sempre?

(Ele olha PAULA, que fala.)

PAULA – Eu preciso investigar uma história antiga, uma história que todo mundo já esqueceu, mas que não sai da minha cabeça.

(Tempo.)

DENIS – Foi assim que ela me convidou para essa investigação.

A investigação de uma história que mexia com ela, sem motivos, sem explicação. Então, o fato é que estamos aqui para recriar essa história. E eu aceitei porque, afinal, a Paula quer reconstituir um caso que também faz parte do meu passado. Do meu e de todo mundo aqui. Porque é um caso conhecido, muito famoso nos anos 90. É a história de um crime...

PAULA – A história de uma criminosa. O Caso Lorena, lembra?

DENIS (Agora fala com Paula.) – Talvez.... Acho que sim. Não tenho certeza.

PAULA – É um caso famoso, uma história que está aí na memória das pessoas, mesmo que elas não falem sobre isso. E é natural. Ninguém quer falar sobre uma mulher que morre. Sobre alguém que mata. Ninguém gosta de pensar num corpo morto sem nome. É tão difícil de entender, tão impossível de aceitar, que o melhor é esquecer. Pra que a vida possa continuar. Mas a Joana me disse que só quem tem memória é capaz de viver no momento presente. Os que não têm, não vivem em nenhuma parte.

DENIS (Se senta na cama ao lado de PAULA) – Joana? Quem é Joana?

(*Blackout.*)

CENA 2 – 21H05, 1994

(Na penumbra, uma mesa. Sentada de cabeça baixa está uma mulher – JOANA usando uma peruca. PAULA caminha um pouco pelo palco, ajusta algum objeto. Observa a mulher por alguns instantes e anuncia.)

(Luz.)

PAULA – O Caso Lorena. Sim, eu sou obcecada por essa história. E muitas vezes imagino, recrio na minha cabeça como cada coisa pode ter acontecido. (Ela pensa) “Imagino” talvez não seja a palavra certa, porque é uma imaginação baseada em fatos, documentos. Eu leio e vejo tudo que encontro sobre essa história. Relatos e matérias de jornal da época, mergulho em todas as especulações. Então chamem como quiser: imaginação, reconstituição, encenação... Mas, quando eu fecho os olhos, eu vejo a Lorena como se já tivesse conversado com ela. Como se tivesse sido ela que me contou cada detalhe do crime. Como se pudesse ouvir da boca dela própria como aconteceu, por exemplo, o primeiro interrogatório.

(DENIS entra.) **DELEGADO** – Boa noite. Lorena Casales?

JOANA/LORENA – Isso mesmo, doutor.

(PAULA permanece como uma espécie de espectadora e comentarista da cena o tempo todo.)

LORENA – Eu aceito um café, por favor.

PAULA – Ele serve café para Lorena.

DELEGADO – A senhora recusou o advogado, certo?

LORENA – Certo.

DELEGADO – A senhora sabe que é um direito seu?

LORENA – Eu sei.

DELEGADO – Pelo que eu vi, a senhora não tem antecedentes.

LORENA – Não que eu saiba.

DELEGADO – E a senhora confessa o crime?

LORENA – Exatamente.

DELEGADO – Flagrante.

LORENA – Eu sei.

DELEGADO – Dona Lorena...

LORENA – Pode me chamar só de Lorena, por favor.

DELEGADO – Lorena, apesar de tudo, algumas coisas te favorecem.

LORENA (Sem entender.) – Ah, é?

DELEGADO – Você não fugiu.

LORENA – Isso é bom?

DELEGADO – De certa forma.

(LORENA vai falar, mas é interrompida por PAULA.)

PAULA – Ela fica em silêncio.

DELEGADO – Lorena. (Tempo.) Quem é essa mulher?

PAULA – Pergunta número 1: quem é essa mulher?

LORENA (Confusa.) – Quem, eu?

DELEGADO (Acha graça.) – Não. A outra mulher.

LORENA – Eu já disse pro policial.

DELEGADO – Bem, infelizmente a senhora vai ter que repetir. Esse processo costuma ser meio repetitivo mesmo. Eu já aviso, porque a senhora vai ter que responder várias vezes à mesma pergunta. Até que a gente esteja satisfeito.

LORENA – “A gente?”

186 **DELEGADO** – Eu. Até que eu esteja satisfeito. Eu quero saber, quem era essa mulher?

PAULA – Lorena respira fundo.

LORENA – Eu não sei.

DELEGADO – Você não conhecia a vítima?

PAULA – Lorena hesita.

LORENA – Não.

DELEGADO – Nunca tinham se visto?

(LORENA vai responder, mas é interrompida por PAULA.)

PAULA – Ela hesita novamente.

LORENA – Não.

DELEGADO – Dona Lorena...

LORENA – Lorena, por favor.

DELEGADO – Desculpe. Lorena, eu preciso da sua cooperação. Você matou uma pessoa na frente de testemunhas – várias testemunhas.

LORENA – Eu sei. Eu ainda não esqueci.

DELEGADO – Ótimo. Então vamos aproveitar sua memória fresca para você me ajudar a reconstituir essa cena.

LORENA – Eu prefiro não.

DELEGADO (ignora a resposta.) – As testemunhas dizem que vocês conversaram longamente. Que vocês pareciam se conhecer.

LORENA – Eu já disse. Mas posso repetir...

DELEGADO – Já sei, vocês não se conheciam. Mas conversaram. Sobre o que falaram?

LORENA – Nada que valha a pena lembrar.

DELEGADO – Eu gostaria de saber mesmo assim.

PAULA – Pergunta número 2: sobre o que falaram?

LORENA – Sobre nada. O tempo, a vida em geral.

PAULA – O tempo?

DELEGADO – Ela te agrediu? Te ameaçou?

LORENA – Pelo contrário.

DELEGADO – O que você quer dizer com isso?

LORENA – Nada. Não vale a pena.

DELEGADO – Lorena, me parece que você é uma mulher boa. Eu tenho simpatia por você, sabia? Mas eu não posso te ajudar se você não me der nada.

LORENA – Eu não tenho nada pra te dar.

DELEGADO – Eu só quero uma explicação, um motivo.

PAULA – Pergunta número 3: qual foi o motivo?

LORENA – Infelizmente eu não posso te ajudar com isso.

PAULA – Ele ri. E depois fica sério outra vez.

DELEGADO – Qual era o nome dela?

PAULA – De volta à pergunta número 1.

LORENA – Não sei.

DELEGADO – Nem se fizer um esforço?

PAULA – Silêncio de Lorena.

DELEGADO – Eu esperava que você pudesse me responder.
Seria bom pra você.

LORENA – Desculpe.

DELEGADO – Então vamos voltar um pouco. Nessa festa, feira.

LORENA – Era uma quermesse.

DELEGADO – Isso. Você estava sozinha?

LORENA – Estava.

DELEGADO – E você costuma ir sozinha a festas?

LORENA – Isso também é um crime?

DELEGADO – Claro que não. Mas é estranho que você estivesse sozinha ali, numa festa onde não conhecia ninguém, tão longe de casa.

LORENA – Coisas estranhas acontecem todos os dias.

DELEGADO – O quê, por exemplo?

LORENA – Uma mulher sozinha numa festa, por exemplo.

PAULA – Ele ignora a provocação.

DELEGADO – Bem, vamos lá, passo a passo: você conversa com uma estranha por... 20 minutos?

LORENA – Pareceu menos. Não sei dizer.

DELEGADO – 15, talvez. Duas mulheres, estranhas uma para a outra, conversando.

LORENA (Impaciente.) – Talvez isso seja mesmo perigoso.

PAULA – Ele ignora a provocação outra vez.

DELEGADO – Pode ser e pode não ser. Pode até ser bastante inocente. Mas a verdade é que não foi. Essa cena acabou se tornando uma imagem de horror para todas aquelas pessoas na quermesse. Você sabe disso. Era uma festa familiar. Crianças, pessoas de idade, comendo pipoca, tomando sorvete, se divertindo e de repente.... Bem, uma cena dessas mexe com qualquer um, mas numa festa assim, familiar? Você já pensou nessas crianças?

LORENA (Abalada.) – Eu não consegui pensar ainda.

PAULA – Ela ainda não pensou. Ainda estamos no dia do crime. Ela ainda vai pensar em muita coisa, muitas vezes ela vai voltar para esse dia. Porque o que aconteceu faz o tempo ficar diferente.

DELEGADO – Você e essa mulher tinham uma relação íntima? Veja, eu não estou aqui para julgar a vida íntima de ninguém.

LORENA – Eu já disse...

DELEGADO – Eu sinto muito que você não queira se abrir. Você não tem antecedentes, a sua situação não está perdida. Mas amanhã cedo a sua história vai ser capa de jornal, com certeza. E isso não é bom pra você e seu advogado.

LORENA – Eu não preciso de advogado, eu confessei.

DELEGADO – Por que você matou, Lorena?

PAULA – Pergunta número 3 novamente: o motivo. Por que essa mulher matou?

DELEGADO – Você vai ficar bem conhecida. Era isso que você queria, fama?

LORENA – Claro que não!

PAULA – Ele olha para ela por um instante. Ele quer saber realmente.

DELEGADO – Você não se arrepende, não é?

LORENA – Eu... não sei dizer.

DELEGADO – Cortar a garganta dela, em plena luz do dia, observar enquanto ela engasga e sufoca no próprio sangue...

PAULA – Ela não quer ouvir.

LORENA – Eu não quero ouvir isso.

DELEGADO – E olhar quase como quem se delicia, com um prazer estranho.

PAULA – Ele sente um prazer estranho.

LORENA – Eu não quero.

PAULA – Ela não quer ouvir. Mas ele segue.

DELEGADO – Foi assim que aconteceu, Lorena. E posso te garantir que quem viu essa cena jamais vai se esquecer.

LORENA (*Abalada.*) – Podemos parar, por favor?

DELEGADO – Vamos repassar esses momentos comigo. Talvez isso te ajude a lembrar.

LORENA – Eu não esqueci, só estou cansada.

DELEGADO – Eu posso te ajudar, se você preferir. Eu vou reconstruir essa cena, conforme o que as testemunhas relataram: duas mulheres sentadas num banco de concreto, na rua, conversam amigavelmente.

(PAULA se senta na frente de LORENA, numa imagem de um interrogatório duplo ao mesmo tempo que recria a situação que ele descreve.)

DELEGADO – Pelos meus cálculos, ficam assim por 15 minutos. Você me diz que essas duas mulheres não se conhecem.

Mas não é o que parece para as pessoas que passam por elas. Ninguém presta muita atenção porque ninguém ali conhece você! E ninguém conhece também essa outra mulher, que conversa com você por esses 15 ou 20 minutos.

(LORENA fica em silêncio.)

PAULA (Para LORENA.) – Lorena?

DELEGADO – Acompanhe meu raciocínio. Uma mulher acorda numa manhã e decide que irá a uma festa, essa quermesse, num bairro distante do seu. Estamos falando de 40 minutos de distância, no transporte público. Ela não liga para um amigo, para um parente, ninguém. Mas às 16h entra num ônibus e segue sozinha até esse evento. Ali ela se senta num banco, come e bebe alguma coisa. Até que uma outra mulher se aproxima. Elas conversam e sem nenhuma razão aparente, sem gritos e sem alarde, as duas se levantam. Uma delas agora tem um caco de vidro na mão.

PAULA – Por que você tem um caco de vidro nas mãos?

DELEGADO – E num movimento rápido, Lorena corta a garganta dessa outra mulher, que até agora não tem nome. Mas por quê? Sem nenhum motivo? E essa estranha, sem resistência, sem gritos, sem desespero, agoniza na sua frente. (Tempo.) As testemunhas dizem que ela falou alguma coisa antes de morrer. O que ela disse?

PAULA – O que ela disse, Lorena?

LORENA – Eu não posso... Eu não me lembro.

PAULA – Ele olha para ela por um instante. Ele quer saber, realmente. Eu também quero saber.

DELEGADO – Mas você se lembra de ver essa mulher morrer, não é? Porque você permanece imóvel, Lorena. Você não corre, não pede ajuda. Todos ali assistem ao que você fez. O horror do que você fez. Sangue, gritos ao redor. E você não foge, não demonstra arrependimento nem medo. Nenhuma emoção aparente.

(Tempo. LORENA e PAULA se olham.)

DELEGADO – Te parece uma descrição apropriada?

PAULA (Para Lorena.) – Foi assim?

LORENA – Acho que foi mais ou menos isso que aconteceu.

DELEGADO – Não falta alguma coisa?

PAULA – Ela está exausta.

LORENA – Não falta nada.

DELEGADO – O que ela te disse, Lorena? Para que você reagisse daquela forma?

PAULA – Mais uma pergunta. Pergunta número 4: o que ela disse?

LORENA – Eu não sei.

DELEGADO – Não sabe?

LORENA – Eu... prefiro não dizer.

DELEGADO – Por quê?

LORENA – Porque é irrelevante.

DELEGADO – Para mim não é irrelevante.

LORENA – Não importa. Eu prefiro não dizer.

DELEGADO – Você será julgada, Lorena. Pense nisso.

PAULA – Ela não responde. Ela não vai falar e ele sabe disso.

DELEGADO – Bem, amanhã você vai ser avaliada por um psiquiatra.

LORENA – Ótimo, se ele puder me passar algo para dormir. Eu não sei se vou conseguir dormir essa noite.

DELEGADO – Você sente culpa?

LORENA – Não. Não sei. Acho que não.

(Penumbra. PAULA toma a frente da cena, a luz se concentra nela. JOANA (LORENA) permanece sentada e acende um cigarro. PAULA olha o relógio.)

PAULA – Agora já são 22h50. Lorena estava, como vocês viram, com o delegado, prestando seu depoimento. Ela não nega que matou uma mulher numa quermesse da Zona Norte de São Paulo, na frente de muitas pessoas às 18h15, ao cair do dia. E essa mulher até hoje não foi identificada. Não tem nome, documento, nada. É uma indigente. Estava bem-vestida, mas tinha uma aparência “cansada” segundo alguns relatos. Ninguém além de Lorena conversou com ela. Ela não tem nome, então nós podemos imaginar o nome dela. Porque é difícil falar de uma pessoa sem nome. Não é? Qual nome eu daria para ela? Eu ainda não consegui escolher. Nós ainda temos tempo para escolher esse nome. Mas antes vamos à primeira consulta com o psiquiatra.

(DENIS volta enquanto troca de roupa.)

DENIS – A conversa anterior foi acompanhada pelo escrivão – ele registrou os dados mais importantes. Mas a próxima conversa não pôde ser acompanhada, por causa do sigilo médico. De qualquer forma, os diálogos que imaginamos para essa conversa foram criados a partir do relatório médico do psiquiatra, o doutor Luiz Aguiar.

PAULA – Sim, um relatório bastante detalhado, aliás. Nesse primeiro encontro, ele disse que encontrou Lorena “irritada e cansada”, e é assim que ela está nesta cena.

CENA 3 – NO DIA SEGUINTE

(DENIS está pronto, caminha até LORENA que apaga o cigarro.)

LUIZ – Lorena, boa tarde.

(JOANA) **LORENA** – Tarde?

LUIZ – Já são 12h05.

PAULA – Do dia seguinte.

LORENA – Você poderia me dar um remédio para dormir?

LUIZ – Há quanto tempo você não dorme?

LORENA – Como?

LUIZ – Há quanto tempo você não dorme?

LORENA – Eu não dormi essa noite. Eu já disse isso para o outro médico que passou aqui.

LUIZ – Ele não era médico.

LORENA – Que seja. Eu não consegui dormir a noite toda.

LUIZ – Eu entendo.

LORENA – Entende?

PAULA – Silêncio. Ele se constrange.

LUIZ – Eu entendo que o que aconteceu ontem deve ter um impacto forte em você. E veja, eu não estou aqui para te julgar. Eu posso ajudar você, mas preciso ouvir um pouco sobre como você está se sentindo e como tem se sentido nos últimos tempos.

LORENA – Você quer me ajudar alegando que eu sou louca? Eu até gostaria.

LUIZ – Gostaria de estar louca?

LORENA – Se você acha que algum remédio pode ajudar, eu não me recuso a aceitar. Mas o que eu realmente acho é que dormir me faria muito bem.

LUIZ – Eu vou te dar algo pra dormir. Pode ficar tranquila.

LORENA – Obrigada.

PAULA – Silêncio. Doutor Luiz observa Lorena.

LORENA – Mais alguma coisa?

LUIZ – Não.

LORENA – Por que me olha desse jeito então?

LUIZ – Onde você cambaleia e cai, é aí que você descobre o ouro.

LORENA (De repente muito perturbada.) – Quem te disse isso?

PAULA – “Onde você cambaleia e cai, é aí que você descobre o ouro.”

LUIZ – É uma frase famosa.

LORENA – Quem é você?

PAULA – A frase parece ter mexido com ela.

LUIZ – Eu sou o médico, o psiquiatra.

LORENA – Ela outra vez?

LUIZ – De quem você está falando?

LORENA – Eu já disse que não sei! Eu não sei!

LUIZ – Lorena, calma.

LORENA – Chega, eu não quero mais. Eu não quero mais falar.

PAULA – O psiquiatra se aproxima de Lorena e a contém.

LUIZ – Calma.

PAULA – Calma, Lorena.

200 **LUIZ** – Eu vou te dar algo pra dormir.

(*Blackout.*)

CENA 4 – FIM DO DIA, 2021

(Na penumbra, vemos a silhueta de JOANA, que tira a peruca e fala para a plateia.)

JOANA – Dormir. Já ouvi dizer que dormir exige coragem. Mas muitas vezes estar acordada sozinha, no meio da noite, pode ser bem assustador. Foi assim que eu conheci a Paula. Não sabia dizer se ela precisava dormir ou se já estava dormindo há tempo demais, presa num sonho ou numa alucinação. Nas nossas conversas pelo celular, eu via sempre a mesma foto no perfil. Não dava pra ver direito o rosto dela, era uma foto na contraluz. Sabe aquela típica foto de pôr do sol, quando o rosto fica tão escuro que a gente precisa inventar um pouco aquilo que não consegue ver? Então eu imaginava. A cor dos cabelos. Se eram curtos ou longos. O desenho do nariz, o tom de pele, as sobrancelhas, o tamanho dos olhos, a cor deles. O volume dos lábios. Os dentes. E não sei por quê, mas eu imaginava ela sempre sorrindo.

(PAULA se aproxima.)

PAULA – Desculpa, acabei chegando mais cedo. É que estou um pouco ansiosa.

JOANA (Ri.) – Engraçado te conhecer finalmente. Você é diferente do que eu imaginava.

PAULA (Sincera.) – Eu sei, eu pareço um zumbi.

JOANA (Acha graça.) – Um zumbi?

PAULA – Eu não consigo dormir, Joana. Estou há cinco noites em claro. Eu me deito, apago as luzes e simplesmente não consigo.

(Tempo.)

PAULA – Você está com os papéis aí?

JOANA – Claro, eu vou pegar pra você.

(JOANA pega uma pasta com um caderno velho, folhas soltas e coloca em cima da mesa.)

JOANA – Talvez seja melhor se afastar um pouco dessa história, Paula. Tem certeza que isso te faz bem?

PAULA – Não, não tenho. Mas é impossível parar. E tenho esperança que, depois de ler, eu consiga me acalmar. Dormir um pouco, não sei.

JOANA (Mostrando os documentos.) – Bom, as cartas estão aqui, soltas, são todas para a filha dela. Já te adianto que ela não diz o nome da filha, nunca. Talvez a Lorena não soubesse o nome dela, parece que ela foi levada ainda bem pequena pra adoção.

PAULA – Certo.

JOANA – E o diário, bem, eu nem chamaria de diário. Parece mais um caderno de sonhos talvez. Tem uns pensamentos anotados. É bastante... enigmático.

(PAULA vai ajeitando tudo e se levanta.)

PAULA – E como você chegou até isso tudo?

JOANA – Do mesmo jeito que você chegou até mim.

(Tempo.)

PAULA – Bom, eu já vou indo então. Quero começar logo.

JOANA – Não quer nem uma água? Um café?

(Tempo. PAULA respira fundo e fecha os olhos. Cambaleia.)

JOANA – Paula, você está passando bem?

PAULA – Desculpa, eu estou estranha. Digo, eu estou sem dormir há muito tempo.

JOANA – Melhor você não sair assim. Fica aqui um pouco. Você descansa e depois vai pra casa.

(PAULA hesita.)

JOANA – Eu pensei em ler pra você umas partes que eu gosto. Pode ser?

PAULA – Pode ser.

JOANA – Então senta um pouco, fica à vontade.

(Ela indica e PAULA se senta.)

JOANA – Tem uma parte que eu acho que você vai gostar.

(Ela procura uma folha e a encontra.)

JOANA – Começa assim: “Filha, queria te ver, conhecer seu rosto e te contar segredos que a gente só pode dizer quando o resto do mundo dorme. Coisas que eu jamais vou poder escrever e que você para sempre vai tentar entender. Então vou te contar sobre a noite em que estou, porque as noites das quais eu escrevo parecem infinitas. Não consigo fechar os olhos, nem deixá-los abertos. Me lembro de ouvir numa palestra que, para os budistas, dormir exige coragem, porque fechar os olhos e se entregar pro sono é parecido com morrer. Deve ser verdade, ou pelo menos isso faz sentido pra mim, que tenho medo já quando a luz começa a cair, no fim do dia. Por isso, segundo o budismo, seria importante, toda noite, fazer um pequeno treino para o momento da morte, que para eles é importantíssimo. Dormir é um treino para enfrentar o escuro e o medo. Porque é preciso aprender a morrer, assim como os bebês precisam aprender a dormir. Fechar os olhos e se deixar levar. E à noite, sem sono, eu fico pensando se você, filha, já aprendeu a dormir. Queria também saber com o que você tem sonhado. Queria saber o que você vê quando as luzes se apagam.”

(PAULA adormeceu. JOANA apaga a luz.)

(Blackout.)

CENA 5 – NA MADRUGADA

VOZ DE MULHER (Cantarola.) – *“What do you see when you turn out the light? I can’t tell you, but I know it’s mine”.*

PAULA – Joana?

JOANA – Sim.

PAULA – Eu... eu dormi? Nossa, me desculpa! Eu preciso ir pra casa.

JOANA – Fica tranquila, você já está em casa.

PAULA – Como assim?

JOANA – Volta a dormir, eu já vou indo. Você precisa descansar.

PAULA – As cartas, eu não peguei...

JOANA – Eu deixei tudo aí do lado da cama. Depois me conta o que achou.

CENA 6 – A HORA MÁGICA

(Luz em DENIS.)

DENIS – “Onde você cambaleia e cai, é aí que você descobre o ouro.” O doutor Luiz cita essa frase no relatório médico com bastante ênfase, e Lorena também em diversas partes do seu diário. O diário, ou caderno de sonhos, como a Paula gosta de chamar. Mas mesmo depois daquela reação explosiva na consulta, daquele descontrole, mesmo sem dar muitas respostas, o doutor Luiz Aguiar concluiu que, apesar do estresse e da privação de sono, Lorena estava lúcida. Parece estranha essa conclusão. Nada sobre depressão, pensamentos suicidas, nada sobre confusão mental, descontrole. E esse relatório colocou a Lorena numa situação ainda pior.

(No fundo do palco, na penumbra, enquanto ele fala, PAULA e JOANA se movem. JOANA veste a peruca novamente e PAULA troca de roupa.)

DENIS – Ela não sofria de alucinações, não estava paranoica ou fantasiando coisas. Ela sabia o que estava fazendo. Lorena sabia que no dia 23 de julho de 1994 foi à quermesse da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, na zona norte de São Paulo. Bem distante da sua casa. Ela se lembrava do que aconteceu lá: o crime, que vocês já conhecem. Mas o diálogo que antecede o crime, ninguém conhece.

JOANA – Ninguém conhece, mas podemos imaginar.

(Na penumbra, PAULA tropeça em alguma coisa.)

PAULA – **Ai!**

(JOANA não reage.)

DENIS (Vai até ela.) – **Paula? O que aconteceu?**

PAULA (Na penumbra.) – **Tinha um vidro quebrado aqui perto da cama.**

DENIS – **Tudo bem?**

PAULA – **Acho que me cortei, mas pode continuar.**

JOANA (Retoma.) – Bem, como eu dizia, eu acho que posso imaginar essa conversa. E eu imagino Lorena sentada, com um prato descartável e um copo de plástico nas mãos quando essa mulher se senta ao lado dela.

(JOANA está sentada. PAULA se aproxima com um caco de vidro nas mãos e coloca diante de JOANA/LORENA, que come e bebe, tranquilamente. DENIS assiste de fora.)

JOANA (Olha PAULA, que se aproxima.) – A mulher se senta então ao lado dela. Elas se olham e por alguns segundos ficam em silêncio. Se observando.

(Tempo.)

JOANA/LORENA – Quem é você?

PAULA/MULHER SEM NOME – Você não tem nenhum palpite?

LORENA – Não.

MULHER SEM NOME – Mas você tem medo de mim?

LORENA – Um pouco.

(Tempo.)

LORENA – O que você quer?

MULHER SEM NOME (Sorri.) – Não é tão fácil assim.

LORENA – Eu preferia que você falasse diretamente.

MULHER SEM NOME – Eu queria me lembrar dessa sensação, queria entender quais seriam as palavras certas pra te esclarecer. Mas não consigo.

LORENA – Eu só quero saber o que você quer de mim.

MULHER SEM NOME – Achei que você fosse me reconhecer imediatamente. Mesmo sabendo que seria impossível, eu achei.

LORENA – Mas eu te reconheço, sim.

MULHER SEM NOME – Não. Você acha que me reconhece.
Mas está enganada.

LORENA – E você... Você sabe quem eu sou?

MULHER SEM NOME – Sei. E essa é a única diferença
entre nós.

LORENA – E por que não me diz de uma vez?

MULHER SEM NOME – Lorena...

LORENA – Como você sabe meu nome?

MULHER SEM NOME – Você não percebe mesmo?

LORENA – Vai embora.

MULHER – Escuta com atenção. Nós não temos muito tempo. Eu não vou me opor a nenhuma das suas escolhas. Seja ela qual for.

LORENA – Eu não te entendo.

MULHER SEM NOME – Como seria se fosse diferente?

LORENA – Você está me assustando.

MULHER SEM NOME – Se tudo que já aconteceu, acontecesse de novo...

(A mulher caminha devagar em direção a LORENA. LORENA se assusta.)

LORENA – Não chega perto de mim.

MULHER SEM NOME – Se você pudesse furar o tempo. Ver algo que ninguém nunca viu...

(Em um impulso LORENA pega o caco de vidro do chão.)

LORENA (Com medo.) – Quem é você?

MULHER SEM NOME – Onde você cambaleia e cai, é aí que você descobre o ouro.

LORENA – O que é isso?

MULHER SEM NOME – É só uma metáfora. Você pode usar quando quiser.

LORENA – Vai embora!

MULHER SEM NOME – Eu estou presa aqui. Estou presa com você, pra sempre.

(A MULHER SEM NOME se aproxima mais. Num impulso LORENA levanta o braço para atacá-la.)

DENIS – E assim acontece o assassinato.

CENA 7 – ALGUMAS TARDES, EM 1998

(A luz pisca. Entre o claro e o escuro, a MULHER SEM NOME desaparece. Na luz, resta somente LORENA, ainda com o gesto no ar.)

(DENIS se aproxima de LORENA enquanto veste um avental branco.)

DENIS – Lorena? Lorena?

(Ela parece distante.)

DENIS/LUIZ – Lorena?

LORENA (Desperta.) – Sim, sim. Desculpe, acho que me perdi.

LUIZ – Quer continuar? Eu estava gostando de te ouvir.

LORENA – Eu não sei como continuar.

(Tempo.)

LUIZ – Não tem problema. Já foi importante o que você me disse até aqui.

(Tempo.)

LORENA – Luiz, por que você continua a me visitar?

LUIZ – Porque é o meu trabalho.

LORENA – Não é verdade. Não é mais parte do seu trabalho.

(Tempo, ele está constrangido.)

LUIZ – Talvez porque... eu me interesso pelo seu caso.

LORENA – É algum tipo de estudo, é isso? Se for isso, eu quero saber.

LUIZ – Não, não. Não é nada disso.

LORENA – Eu não quero mais que você venha.

LUIZ – Lorena, nossas conversas são sigilosas, não precisa se preocupar.

LORENA – Não é com isso que eu me preocupo. Eu só não quero criar um laço com você. E eu acho que isso está me confundindo.

LUIZ (Hesita, mas finalmente fala.) – Bem, se você prefere assim. Se você mudar de ideia, é só avisar na enfermaria.

LORENA – Talvez eu pudesse ir até a enfermaria agora.

LUIZ (Ri.) – Já mudou de ideia tão rápido?

LORENA – Não. Na verdade, é que eu não estou me sentindo muito bem.

LUIZ (Preocupado.) – Quer um pouco de água?

LORENA – Onde você cambaleia e cai, é aí que você descobre o outro. Era isso?

LUIZ – O ouro, onde você encontra o “ouro”.

LORENA – Tem certeza?

LUIZ (Vai buscar um copo de água.) – Mas é uma variação bonita.

LORENA – Eu achei que tivesse entendido.

LUIZ – Entendido o quê?

LORENA – Eu pensei que aqui, esta cela, talvez fosse exatamente o lugar onde eu deveria estar. Talvez fosse isso que ela queria me dizer.

LUIZ – Bem, esse é o lugar onde você está, então...

(A luz pisca.)

LUIZ – Lorena?

(A luz pisca. E agora ele segura LORENA nos braços.)

PAULA – Nesse dia, o doutor Luiz precisou levar Lorena até a enfermaria. Depois foi embora, mas não deixou de voltar. Ele voltou várias vezes, diferente do que ela pediu. Mas Lorena

decidiu que, para falar, era preciso fechar as janelas. Ela descobriu que no escuro conseguia dizer mais. O doutor Luiz não desistia, ele gostava de ouvir a voz de Lorena enquanto imaginava seu rosto. Um rosto que ele já conhecia, mas que só no escuro ele via sorrindo. Luiz talvez quisesse levar Lorena embora, mas ela estava condenada. Porque a lei não perdoa algo que ninguém pode entender. Mas aos poucos, no escuro, ela disse coisas que achou que nunca diria para ninguém. Com as janelas fechadas, o escuro imenso era acolhedor. No escuro, Luiz ouvia. E no escuro eles se entendiam.

(Blackout.)

CENA 8 – MAIS TARDE

VOZ DE HOMEM – **Como assim?**

VOZ DE MULHER – **Não sei exatamente. Eu me olhei no espelho e vi o seu rosto. Eu sabia que você não era eu – o que eu via não era meu reflexo. Eu estava vendo o seu rosto marcado na minha memória. Era como olhar pra você dentro de mim. Então eu pensei: será que isso é um fantasma?**

VOZ DE HOMEM – **E você teve medo?**

VOZ DE MULHER – **Não. Eu achei bom, eu queria olhar com calma. Eu queria mais tempo pra ver com calma você no espelho.**

VOZ DE HOMEM – **E como era?**

VOZ DE MULHER – **Era você, assim, bonito como você é. Eu estava apaixonada, então eu achava ainda mais bonito. Mas era estranho. Faltava alguma parte.**

VOZ DE HOMEM – **De mim?**

VOZ DE MULHER – **Não. Era eu, eu que via tudo separado, eu olhava para cada parte, com tantos detalhes que não conseguia juntar tudo e ver o seu rosto inteiro. Era como olhar algo tão de perto, que ficava impossível entender exatamente. Era como tentar juntar as partes de um rosto quebrado.**

(Tempo.)

VOZ DE MULHER – **Você ainda está aí?**

VOZ DE HOMEM – **Claro.**

CENA 9 – HORA DE DORMIR

(LUZ. DENIS está ao lado de PAULA, na cama.)

DENIS – Paula? Você ouviu?

PAULA (Distante.) – Ouvi sim.

DENIS – Faz sentido pra você?

PAULA – Achei... bonito.

DENIS – Bonito?

PAULA – É, é uma imagem bonita.

DENIS – Uma imagem bonita?

PAULA – É, por que não?

DENIS (Se irrita.) – Se você não concorda, é só dizer. É só uma hipótese que eu levantei. Mas se não faz sentido pra você...

PAULA – Faz sentido, só que...

DENIS – Você me acha patético, não é?

PAULA – Por quê? Para com isso!

DENIS – Você acha que não sou capaz de entender as coisas.

PAULA – Denis, sou eu que não entendo as coisas.

DENIS – Então por que você não desiste de entender?

PAULA – É só que... É difícil de explicar.

DENIS – Claro, só a Joana consegue te entender, é isso? Só ela pode te ajudar.

PAULA – Ela me ajuda sim, qual é o problema?

DENIS – O problema é que você não conhece essa mulher. Você não sabe o que ela quer com você de verdade.

PAULA – Isso é ciúmes?

DENIS – Ah, Paula!

PAULA – Denis, a Joana só me deu esses documentos.

DENIS – Que documentos, Paula? São papéis que qualquer um pode ter escrito. Essa mulher é uma doida. Ela tá se aproveitando da sua...

PAULA – Da sua?

DENIS – Fragilidade.

PAULA (Ofendida.) – Ela só quer entender, como eu.

DENIS – E se não houver explicação?

PAULA – O quê?

DENIS – E se não houver explicação?

PAULA – Apaga a luz.

DENIS – O quê?

PAULA – Eu quero dormir. Apaga a luz.

DENIS – Tá bem.

(Ele se vira na cama, de costas para PAULA, desliga a luminária.
Blackout.)

CENA 10 – ALGUM TEMPO DEPOIS DISSO

(JOANA entra em cena, vai em direção à mesa e liga a outra luminária. Na penumbra, ela espalha papéis. Traz duas canecas com chá quente. Podemos ver o vapor da água nas duas canecas que esperam, uma diante da outra. JOANA olha como se assistisse à cena vazia.

Caminha até a cama e traz PAULA pela mão até uma das cadeiras. Agora JOANA e PAULA estão sentadas uma diante da outra. Elas tomam o chá. Os papéis espalhados na mesa.

LUZ.)

PAULA – O Denis não acredita nessas cartas. Ele diz que foi você que escreveu.

JOANA (Ri.) – Por que eu faria isso?

PAULA – Não sei. Por que nós estamos aqui?

JOANA – É, tem coisas que não se explicam.

(Tempo.)

JOANA – Você não acha melhor desistir? Ir viver sua vida?

PAULA – Eu não consigo. Eu preciso entender.

JOANA – E se não tiver explicação?

PAULA (Ri.) – Ele diz a mesma coisa.

JOANA – Pessoas fazem coisas estranhas o tempo todo, Paula. Pessoas tomam decisões erradas, pessoas tropeçam e caem, engasgam com um pedaço de pão, pessoas fazem coisas absurdas. Coisas tão absurdas que nunca poderiam estar num filme ou num livro.

PAULA – Mas por quê?

JOANA – Por que o quê?

PAULA – Por que as coisas absurdas não podem estar num filme ou num livro?

JOANA – Porque as pessoas, como você, procuram um sentido. E a verdade pode ser que não tem sentido. A vida de repente acaba. Ou de repente começa. Ou de repente toma um rumo inesperado.

(PAULA pensa.)

PAULA – Quero te contar uma coisa.

(JOANA não diz nada.)

PAULA – Não é algo que fiz de errado, nenhum crime, mas uma coisa que eu nunca contei pra ninguém.

JOANA – Por quê?

PAULA – Porque parece mentira.

(Paula hesita, mas segue em frente.)

PAULA – Desde criança eu vejo uma mulher estranha. Não acontece quando eu quero. Aliás, é quando eu menos espero que ela aparece. No supermercado, cruzando um corredor, na praia, de longe saindo do mar, ou quando eu olho pela janela do carro, ela aparece atravessando a rua.

JOANA – Mas é uma mulher que você conhece?

PAULA – Ela é familiar de um jeito estranho. Ao mesmo tempo que é totalmente desconhecida. E sempre que eu olho para

ela, ela me olha de volta. Ela olha fundo nos meus olhos. E não diz nada.

JOANA – Ela só olha para você? Como um fantasma?

PAULA – Sim, ela me olha assim, sempre com uma expressão incompreensível.

JOANA – Como assim? Ela te provoca?

PAULA – Não, não é um desafio ou uma ameaça. É mais como uma pergunta.

JOANA – Uma pergunta?

PAULA – Como uma pergunta sem palavras, sabe? Como uma pergunta feita dentro de um sonho?

JOANA – Não tenho certeza.

PAULA – Sempre senti que ela dizia algo perigoso, algo que eu não podia saber. Até que recentemente, eu entendi.

JOANA – A pergunta?

PAULA – Não, isso não. Eu entendi que ela também tem medo de mim. O olhar dela é de medo, como o meu.

JOANA – Então você é o fantasma?

PAULA – Talvez. Se fantasmas existem, talvez eu seja um para ela. E ela pra mim.

JOANA – Mas vocês se falaram então?

PAULA – Não. Nunca. Mas eu sempre imagino essa conversa, eu imagino que encontro com ela e que podemos finalmente conversar.

JOANA – E o que você imagina?

PAULA – Não sei dizer, mas nunca é do jeito que eu quero.

CENA 11 – OS 15 MINUTOS

(Enquanto PAULA fala, elas trocam de roupa. JOANA separa todos os acessórios e se veste. PAULA fecha os olhos enquanto narra.)

PAULA – Eu sempre imagino um dia bonito. Um fim da tarde, o Sol se pondo, avermelhado. E me imagino sentada, num banco de concreto, entre duas árvores. Eu procuro uma sombra pra tomar um sorvete. Eu estou alegre. Então, uma mulher se senta à minha frente e diz:

JOANA/MULHER SEM NOME – Não adianta. Não vai acontecer como você quer.

PAULA – Desculpe? Você falou comigo?

MULHER SEM NOME – Podemos falar agora se quiser.

PAULA – Você está esperando alguém?

MULHER SEM NOME – Não, não estou esperando ninguém.

PAULA (Sem entender.) – Certo.

MULHER SEM NOME – É muito bom esse sorvete.

(Um silêncio incômodo.)

PAULA – Você quer um pra você? Eu tenho uma ficha sobrando...

MULHER SEM NOME – Obrigada. Mas eu prefiro que você aproveite esses minutos tranquilamente.

PAULA – Bem, você que sabe.

MULHER SEM NOME – Onde você cambaleia e cai, é aí onde você encontra o ouro.

PAULA – Como?

MULHER SEM NOME – Você conhece essa frase?

PAULA – Sim, já ouvi uma vez.

MULHER SEM NOME – Ela serve pra você também. E pra mim.

PAULA – Desculpe, a gente se conhece?

MULHER SEM NOME – Achei que você ia me reconhecer imediatamente. Mesmo sabendo que seria impossível, eu achei.

(Tempo.)

PAULA (Muda o tom.) – Mas eu te reconheço sim.

MULHER SEM NOME – Não. Você acha que me conhece. Mas está enganada.

PAULA – Talvez seja melhor eu ir embora.

(Ela se levanta.)

MULHER SEM NOME – Eu também já tentei fugir de você muitas vezes.

PAULA – Mas eu não estou fugindo.

MULHER SEM NOME (Se aproxima dela.) – Se você pudesse furar o tempo. Ver o que ninguém nunca viu...

(PAULA se afasta bruscamente e derruba o sorvete no chão. Ela se abaixa sem saber o que fazer.)

MULHER SEM NOME – Mas não adianta.

PAULA – Vai embora!

MULHER SEM NOME – Tem um caco de vidro no chão. Aí do lado da sua mão. Um caco de vidro, um pedaço de alguma coisa que quebrou.

PAULA – Do que você está falando?

MULHER SEM NOME – Já está na sua mão.

PAULA (Com ódio.) – Se você não for embora agora...

MULHER SEM NOME – Nesse mesmo gesto você pode matar e morrer.

PAULA – Ah, eu me cortei.

MULHER SEM NOME – E de repente, a vida acontece. Mas nunca do jeito que você imaginou.

PAULA – Chega!

(PAULA pega o vidro no chão, levanta a mão em direção à MULHER SEM NOME, que oferece o pescoço. PAULA grita com toda a força.

Blackout. Som de sirene.)

CENA 12 – AO MESMO TEMPO

(Penumbra. PAULA e JOANA usam peruca. JOANA está deitada na cama. PAULA está sentada à mesa. DENIS entra de jaleco. Está nervoso. Tira o jaleco. Se senta na frente de PAULA.)

(LUZ.)

DENIS/LUIZ – Você já se decidiu?

PAULA (Da mesa.) – Não tem o que decidir.

JOANA/LORENA – Como assim?

DENIS/LUIZ – Você vai ter o bebê?

LORENA – Se eu viver até lá.

DENIS/LUIZ – Responde.

PAULA – Não.

DENIS/LUIZ – Não?

LORENA – Não sou eu que decido.

DENIS/LUIZ – Como assim?

LORENA – Eu estou presa, Luiz.

PAULA – O que você quer?

DENIS/LUIZ – Eu fico com a criança se você quiser.

PAULA – Ficar com a criança?

LORENA – Se eu quiser?

DENIS/LUIZ – Bem, eu pensei, eu acho o certo a fazer.

LORENA – “O certo a fazer”.

PAULA – É a única opção?

DENIS/LUIZ – Mas eu vou precisar...

PAULA – Você acha que eu posso ser mãe?

DENIS/LUIZ – É que eu vou precisar me afastar.

LORENA e PAULA – De mim?

DENIS/LUIZ – De você, daqui, do trabalho. Eu.... errei.

LORENA – É, você errou.

DENIS/LUIZ – Me desculpa. Mas eu vou garantir tudo que for preciso.

PAULA – O quê?

DENIS/LUIZ – Hospital, essas coisas. Já falei com... várias pessoas.

LORENA – Se for menina, eu gosto de Paula.

PAULA – Você falou com quem?

DENIS/LUIZ – Não importa, eu estou cuidando de tudo.

LORENA – Mas tanto faz, você pode escolher outro nome.

DENIS/LUIZ – Eu entendo.

JOANA – Entende?

(Silêncio.)

DENIS/LUIZ – Eu sinto muito.

LORENA – Sabe, eu não sei por quê, mas estou feliz.

PAULA – Onde você cambaleia e cai, é aí onde você encontra o ouro.

LORENA – Eu não esperava por isso.

PAULA – Mas pode ser bom.

DENIS/LUIZ – Tem certeza?

LORENA – Certeza?

(As luzes começam a diminuir enquanto JOANA fala. Elas tiram as perucas.)

CENA 13 – TODO DIA

JOANA (Senta-se na cama.) – Uma mulher morreu. Uma mulher morreu na frente de estranhos. Um momento que deveria ser tão íntimo. Morrer. Um momento único na vida de cada um de nós. Mas ela sangrou, engasgou com o próprio sangue, na frente de estranhos. E agora ela é uma morta, sem nome, sem história. Uma morta com quem não conseguimos conversar. Mas alguém sente a falta dela em algum lugar. Alguém quer entender por que ela não voltou. Essa mulher está enterrada num canto qualquer, como indigente, mas em algum outro lugar alguém ainda espera por ela. Alguém ainda sonha com ela. E procura por ela. Alguém que no fundo sabe: ela morreu. Mas o que acontece é que quem espera por ela garante que ela ainda exista. Porque enquanto alguém espera por ela e sonha com ela e diz o nome dela antes de dormir, ela ainda não desapareceu completamente. Mas, para mim e para você, ela é só um rosto na contraluz. Ela não tem olhos, ela não tem voz. Mas podemos dar um nome pra ela, se você quiser. Se você tivesse que dar um nome para essa morta, qual seria esse nome? Lorena? Joana? Paula? (Tempo.) Paula? Você ainda está aí?

(Blackout.)

CENA 14 – 10 MINUTOS ANTES

DENIS – Como assim?

PAULA – Ela morreu.

DENIS – Quando?

PAULA – No parto.

DENIS – Tem certeza?

PAULA – Sim, o moço me mostrou os documentos todos.

DENIS – Mas e as cartas...

PAULA – Segundo o que esse cara disse, ela nunca escreveu nada.

DENIS – Eu sabia, eu disse que essa Joana era uma louca. Você devia tomar mais cuidado com essas pessoas que encontra na internet.

(Ele ri.)

PAULA – Não tem graça.

DENIS – Tem graça, sim. Tem muita graça. Não digo que você não tenha talento para encontrar pessoas pela internet. Eu não sou nenhum *stalker*, assassino, afinal de contas. Mas

agora com a gravidez acho que você poderia parar com esse esporte, por enquanto.

PAULA – A Joana não é uma *stalker*, nem assassina.

DENIS – É uma lunática, no mínimo!

PAULA – Não fala assim, ela não fez por mal.

DENIS – Paula, ela te enganou. Ela mentiu pra você. Não foi?

PAULA – Ela não mentiu exatamente.

DENIS – Então você ainda acha que as tais cartas que ela te trouxe são da Lorena?

PAULA – Não, eu sei que não são.

(Tempo. Ele tenta quebrar o gelo.)

DENIS (Brincando.) – Eu não quero que você me dê razão nem vou te dizer “eu avisei”.

PAULA – Porque você já disse.

DENIS – Até porque eu já disse. Mas talvez agora seja hora de a gente assistir uma coisinha leve, uma comédia, um *reality show*, alguma coisa bem idiota pra você desligar um pouco desse assunto.

PAULA – Pode ser. Alguma coisa bem idiota.

(Tempo.)

DENIS – Que foi, Paula?

PAULA – Você não vai entender.

DENIS – O quê?

PAULA – Você acha que a Lorena morreu sozinha?

DENIS – Como assim?

(PAULA começa a chorar.)

DENIS – Paula, calma.

PAULA – Você acha estranho eu chorar por ela agora?

DENIS – Por que ela morreu?

PAULA – Não... Chorar por ela. Será que alguém chorou por ela?

DENIS – Pela Lorena? A assassina?

(Ela começa a chorar, se encolhe na cama, soluça.)

DENIS – Paula... Você tem que se afastar disso.

CENA 15 – DE REPENTE

(Os soluços de PAULA vão se acalmando até sumirem. JOANA, usando a peruca, está sentada à mesa sozinha, fumando um cigarro. DENIS adormeceu. PAULA se levanta sonolenta, um som de queda e um grito.)

PAULA – **Ai!**

JOANA (Fala como se houvesse alguém sentado à sua frente.) –
Eu estou presa aqui. Estou presa com você, pra sempre.

(*Blackout.*)

PAULA – **Ai!**

DENIS (Ainda sonolento.) – **Que foi?**

JOANA – **Mas, de repente, a vida acontece.**

PAULA – **Não sei, acho que pisei num caco de vidro.**

JOANA – **Nunca do jeito que você imaginou.**

DENIS – **Tá tudo bem?**

PAULA (Controlando a dor.) – **Acho que sim... mas tá saindo sangue.**

DENIS – **Senta aqui, não tem problema.**

PAULA – Vai sujar tudo.

JOANA – Porque já está quebrado, não dá mais para evitar.

DENIS – Amanhã a gente troca os lençóis.

PAULA – Você acha que pode infeccionar?

DENIS – Tem que limpar.

PAULA – Ai!

DENIS – Que foi?

PAULA – Tá doendo.

DENIS – Embrulha com esse pano.

PAULA – Acho que foi fundo.

DENIS – Melhor ir pro hospital, então.

PAULA (Em desespero.) – Não, não!

DENIS – Calma, Paula.

PAULA – Deixa pra lá, já vai melhorar.

DENIS – Eu vou acender a luz.

PAULA – Não, não sei daqui, por favor.

DENIS – Por quê?

PAULA – E se...

DENIS – Se?

PAULA – E se você não voltar?

DENIS (Ri.) – Que bobagem... Me dá esse vidro aqui.

(Tempo.)

DENIS – Cadê? Me dá.

PAULA – Pra quê?

DENIS – Vou jogar fora, ué.

(Tempo.)

PAULA – Não.

DENIS – Quê?

PAULA – Não!

DENIS – Paula, me dá isso.

PAULA – Não quero. Vou deixar aqui do lado.

DENIS – É perigoso.

PAULA – Quem é você?

DENIS – Que brincadeira idiota.

PAULA – Não é brincadeira.

DENIS – Então me dá.

PAULA – Não me toca!

DENIS – Você tá fora de si.

PAULA – Não estou não.

DENIS – Me dá isso agora, Paula.

PAULA – Solta o meu braço!!

DENIS – Então solta esse vidro.

JOANA – *“What do you see when you turn out the light?”*

DENIS – Ai! Que é isso?

PAULA – Não chega perto de mim.

DENIS – **Paula, você me cortou!**

PAULA – **Eu me cortei também, vai passar.**

DENIS – **Eu não vou dormir com você assim.**

PAULA – **Por quê?**

DENIS – **Ou me dá o vidro ou eu vou embora.**

PAULA – **Não chega perto de mim!**

DENIS – **Calma, Paula, sou eu.**

PAULA – **Então fica mais longe pra eu poder te ver.**

DENIS – **Eu vou acender a luz.**

PAULA – **Não! Ainda não, por favor!**

JOANA – **Para onde foi o rosto que ela imaginou?**

DENIS – **Paula, isso é sangue?**

JOANA – **Ele ainda sorri?**

DENIS – **Vamos pro hospital!**

PAULA – **Não. Eu só preciso dormir.**

DENIS – Me dá esse vidro agora.

PAULA (Ri.) – Hahahaha

DENIS – Paula, por favor, você está me assustando.

PAULA (Rindo) – Agora eu entendi!

JOANA – É como algo que a gente entende num sonho.

PAULA (Ri.) – Hahahahaha

DENIS – O que é isso, Paula?

PAULA – É como algo que a gente entende num sonho.

DENIS – Você não vai largar isso?

PAULA – Era ela o tempo todo, era ela mesma!

DENIS – Eu vou ter que tirar de você. À força.

(Paula grita. Denis grita.

Silêncio.)

CENA 16 – AGORA

(LUZ. A cama está vazia e ensopada de sangue.

Tempo.

PAULA é iluminada no centro do palco, ela usa a peruca de LORENA e tem as mãos e as roupas sujas de sangue. Caco de vidro na mão. A luz revela JOANA estendida no chão, PAULA olha para ela.

Tempo.

DENIS entra, se senta em frente à mesa, na cadeira que antes estava vazia diante de JOANA.)

DENIS – Eu lembro que ela se levantou e derrubou um copo do lado da cama. Eu ouvi o barulho de um vidro quebrando. E foi ainda no escuro, que ela me disse:

(Tempo.)

PAULA (Para a plateia.) – Desculpem, eu acho feio isso – esse excesso de sangue. Eu preferia não ter usado sangue. Vai ser tão difícil de limpar. Mas pelo menos não é de verdade. É teatro, isso aqui é um sangue doce, feito de um tipo de mel com corante. Depois de um tempo ele endurece, fica grudento, como açúcar. Mas olhando assim, brilhante, fresco, até eu

acredito que alguém morreu aqui. E que alguém matou. Eu acredito tanto que até sinto vontade de chorar. Mas é estranho, porque agora eu percebo que eu não choro pela mulher que morreu, eu choro pela mulher que matou. Eu choro e pergunto para ela:

(Ela olha para o caco na mão.)

PAULA – Por que uma mulher mata?

(Tempo. Olha para o corpo no chão.)

PAULA – Ela não me responde. Então eu olho para a morta e percebo que eu não consigo enxergar o seu rosto.

(Ela fecha os olhos.)

PAULA – Mas de olhos fechados eu ainda tento imaginar um rosto para essa morta. E depois um rosto para a outra, a que matou.

DENIS – É algo tão raro, conhecer alguém sem nunca ter visto seu rosto.

PAULA – Eu só vejo pedaços do rosto de cada uma, são como uma máscara quebrada em muitos cacos, que aos poucos eu vou juntando. Eu tomo distância para ver melhor, porque de perto eu só vejo partes que não se encaixam. A boca, o nariz, o contorno dos olhos. Até que finalmente eu... eu vejo.

DENIS – O que você vê quando fecha os olhos?

PAULA – Eu percebo que na minha imaginação as duas têm o mesmo rosto. E é um rosto conhecido...

DENIS – Você ainda consegue ver esse rosto?

PAULA – Acho que... Será que é o meu rosto?

DENIS – Ou ele desapareceu para sempre?

(Ela abre os olhos.)

PAULA – Eu olho para a mulher morta e para o sangue. É o meu sangue escorrendo para fora de mim. E depois vejo minhas mãos sujas desse mesmo sangue. Por que eu tenho um caco de vidro nas mãos?

DENIS – Ela disse tantas coisas que eu não entendi ali na hora.

PAULA – Esse rosto me dá medo.

DENIS – Então era você o fantasma?

PAULA – Finalmente eu tomo coragem e olho no fundo dos meus olhos escuros, nos olhos escuros dessa mulher estranha que eu vejo agora. Eu quero fazer uma pergunta para ela, mas é uma pergunta sem palavras. Como num sonho.

(Tempo.)

PAULA – E olhando nos seus olhos, que são os meus, eu percebo que nesse rosto que me olha, eu tenho certeza, nesse rosto eu vejo um sorriso.

(Ela sorri.)

(*Blackout.*)

FIM

O Triunfo da Vontade

RAFAEL PIMENTA

Personagens

SAULO – autor da telenovela *O Triunfo da Vontade*.

EDGAR – roteirista.

SUSANA – roteirista.

RONALD – roteirista.

NÁDIA – roteirista.

APOLO – personagem da telenovela.

CLARA – personagem da telenovela.

1

(Sala de roteiro de uma emissora de televisão: mesa, cadeiras, *laptops*, impressora, um quadro branco coberto de anotações. O ambiente é descontraído. O grupo de roteiristas se serve de uma cesta de delícias: pães, chocolates, embutidos, conservas, vinhos e *whisky*. A garrafa de espumante está intacta. SUSANA entra animada e se acomoda.)

NÁDIA – Chegou!

SUSANA – Deu! Pode contar!

EDGAR – Delicioso esse.

SAULO – Eu prefiro mais um 12 aninhos.

RONALD – Pervertido.

SAULO – Como?

NÁDIA – Que horror!

SAULO – Não entendi.

EDGAR – Esquece. Piada de mau gosto.

SUSANA – Conta, Saulo. Como foi? Você foi sozinho?

SAULO – Não. Eu fui com uma amiga, a Cris...

SUSANA – Amiga amiga?

SAULO – Sim... Só amiga. *Ve*z ou outra a gente sai junto. Mas dessa vez ela estava bem empolgada. Comprou um vestido longo, com uma fenda enorme na perna. E eu, de *black-tie*. Enfim. Era tudo muito glamoroso. Um pouco brega, como sempre são essas homenagens, mas dava pra ver que tinha muito dinheiro ali... Na decoração, na comida, nos bolsos... Tinha um quarteto de cordas tocando enquanto a gente conversava. Eu não conhecia ninguém, mas todos me tratavam como se eu fosse um velho amigo. A maioria era idosa, tinham empresários, médicos, advogados, militares, jornalistas. Mas tinha gente jovem também, nos seus 30. Sabiam de de-

talhes da minha vida, alguns chegaram a conhecer meus pais, meus avós... E todos amavam a novela, falavam de cenas que eu nem lembrava, alguns até repetiam os diálogos. Era muita gente. Tantas que não consegui decorar o nome de ninguém. Eu já estava exausto de elogios e apertos de mão quando a cerimônia mesmo começou. Num palanque, subiu esse senhor, muito formal. O cara parecia aqueles retratos antigos de reitor de universidade de 1920, sabe? E ele não fez por menos. Quando falava, não mexia um músculo do rosto, parecia que a voz saía da mente dele. Ele deu uma introdução meio sinistra, tipo: “Irmãos e irmãs, somos sementes de um novo tempo que se aproxima. Cada dia, em cada esforço, lançamos as raízes que permitirão erguer os novos mitos da nossa nação. As virtudes da fé, da lealdade, do autossacrifício e da luta contra o mal também devem ser alçadas ao território sagrado da arte. E é por isso que estamos hoje aqui...”. E aí ele olhou para mim, e pela primeira vez o rosto dele mudou. Ele sorriu. Eu não sei como eu reagi na hora, mas a Cris, que estava do meu lado, riu de nervosa. E de repente todo mundo olhou pra ela com ternura. Então ele falou: “Pela imensa contribuição à valorização e à difusão dos ideais nazistas, concedemos a Cruz de Ferro a Saulo Ranieri”. E aí, eu não pensei em nada. Eu olhei pra Cris, ela estava sorrindo. E eu subi. Eu já tinha um discurso pronto. Eu dediquei o prêmio à minha equipe, vocês, porque a novela é fruto de quase uma década de um trabalho coletivo. Então, cantaram uma música em alemão. Todo mundo fez uma saudação assim... né? Todo mundo. E me deram uma medalha e essa cesta aí cheia de coisas... Podem pegar à vontade. É de vocês também.

(Como ninguém mais se atreve, SAULO se adianta, pega uma torradinha e a besunta com patê.)

SUSANA – E depois?

SAULO – Nada. Eu fiquei mais um pouco para não parecer que, sei lá, tinha coisas mais importantes pra fazer. Avisei pras pessoas que ia embora, pedi um Uber, deixei a Cris na casa dela e... depois que cheguei em casa, eu dormi.

RONALD – É mentira...

SAULO – Não. É verdade.

SUSANA – Você foi homenageado por...?

SAULO – Pois é. Tenho a impressão de que eles acham que a novela é isso.

SUSANA – Nazista... Nazista? Nazista nazista?! No Brasil?

SAULO – Sim. Acho que sim. Olha a medalha.

EDGAR – Você faz parte de alguma organização?

SAULO – Nunca. Eu nem me envolvo com política.

EDGAR – Algum clube, irmandade, associação?

SAULO – Não. Não. Nada. É como eu disse, eu acho que eles pensam que a novela é isso.

SUSANA – Nazista...

NÁDIA – Bom, eu avisei.

RONALD – Como que a novela é nazista?

NÁDIA – Ah, gente, por favor. O protagonista é o próprio Hitler.

EDGAR – E agora?

SAULO – Como assim?

EDGAR – O que você vai fazer com isso?

SAULO – A medalha? Vou esconder, queimar, não sei, não pensei nisso.

EDGAR – Não. Com essa informação.

SAULO – Eu acho que a gente precisa fazer algo a respeito. A gente tá fazendo alguma coisa errada.

RONALD – Por que gostaram da novela? Tem muita gente não nazista que gosta da novela. A grande maioria, aliás. E aí? Prevalece a opinião dos nazistas?

NÁDIA – Eles não gostaram pouco, Ronald. Eles homenagearam o Saulo!

RONALD – E se os nazistas gostarem muito da Turma da Mônica? Acaba com o Cebolinha?

NÁDIA – Faz sentido, o Cebolinha é gordofóbico.

RONALD – É sério! O que tem de errado com a novela?

NÁDIA – Eu posso fazer uma lista pra ti.

RONALD – Eu não confio em você.

NÁDIA – Isso explica. Vocês me ignoraram esse tempo todo. Agora a conta chegou, queridinho.

RONALD – E o que essa conta cobra, queridinha?

NÁDIA – A conta é a História.

RONALD – Você parece feliz com isso.

NÁDIA – Porque eu tinha razão!

EDGAR – Pessoal, por favor. Eu acho isso preocupante, de verdade. E acho que o Saulo também.

SAULO – Você tinha razão, Nádia.

EDGAR – Vamos por partes. Isso tudo é muito estranho, Saulo. Desculpa, eu não consigo acreditar.

RONALD – Olha a cara dele! É mentira!

EDGAR – Essa homenagem vai sair em algum jornal ou algo assim?

SAULO – Acho que não. Duvido.

NÁDIA – Você tá preocupado com a repercussão negativa, Ed?!

EDGAR – Claro!

NÁDIA – E o conteúdo da novela? E o fato de que a gente está influenciando milhões de pessoas?

RONALD – Bilhões! Não, trilhões!

EDGAR – A gente chega lá...

NÁDIA – A novela é um sucesso, Ronald!

RONALD – Certo, Nádia. Então tá, qual é a história do *Triunfo da Vontade*?

NÁDIA – Como assim?

RONALD – Como que *O Triunfo da Vontade* é uma novela nazista?

SAULO – Para de usar essa palavra, Ronald.

(RONALD, NÁDIA, EDGAR e SAULO conversam ao mesmo tempo. Às vezes se sobrepondo, em outros momentos preenchendo os silêncios. SUSANA divide a atenção entre todos, toda vez que pretende falar, é cortada.)

RONALD – É um enredo clássico, como a jornada do herói, certo?

EDGAR – O Wilson tá sabendo disso?

NÁDIA – Pra mim, o problema já começa aí.

SAULO – Não. Mas eu vou contar.

RONALD – Tudo bem. *O Triunfo da Vontade* é a história da paixão de Apolo por Clara e sua busca por consertar a crise moral da sua cidade natal.

SUSANA – Sim –

EDGAR – Isso é muito pior que da outra vez, Saulo. Se sai na mídia, você é crucificado.

RONALD – A família de Apolo foi expulsa da cidade por um oligarca muito poderoso quando era criança. E agora ele está de volta para se vingar.

(NÁDIA ronca, como se estivesse dormindo.)

SAULO – Não vai sair.

SUSANA – Certo –

RONALD – Bom, a cidade se rende ao carisma dele, mas o prefeito, que é filho desse oligarca, se sente ameaçado. Nisso, os dois acabam disputando o amor da professora Clara.

EDGAR – E essa sua amiga que saiu com você?

NÁDIA – Hm.

SUSANA – Ah, e ela?

SAULO – Ela não vai falar nada.

RONALD – E, então, como a cidade está um caos, o Apolo arregança as mangas e –

SUSANA – Sim –

NÁDIA – E forma milícias! E faz discursos apontando bodes expiatórios! E prende! E mata opositores!

RONALD – Como qualquer filme de ação.

NÁDIA – ... Num campo de concentração!

(Silêncio.)

SUSANA – Sim, mas existe uma trajetória de mudança aí, Nádia. No fundo, o Apolo também é um menino que precisa superar a dor do passado para crescer. A paixão pela Clara é um símbolo desse desejo de se reconciliar...

NÁDIA – Tipo um troféu?

SUSANA – Não... É uma mulher forte, que está dividida entre um homem que ela confia e um --

NÁDIA – E um cara que ameaça se matar se ela não ficar com ele.

SUSANA – Sim... Mas, como eu disse, a história promete uma grande mudança, com a qual a cidade vai encontrar uma forma mais fraterna de viver --

NÁDIA – Depois de matar metade da população.

SUSANA – Olha, Nádia. Apesar de não concordar com você, eu nunca te desrespeitei. Eu acho você uma menina inteligente, informada, mas a forma como você fala as coisas é muito... Me causa muita aflição. Eu não tô querendo te atacar nem nada. Eu só não acho que seja tão grave.

NÁDIA – Nazismo não é grave?

SUSANA – Eu não sou nazista...

SAULO – Calma, gente! Aqui todo mundo é amigo!

RONALD – Um amigo não acusa os outros de serem nazistas.

SAULO – Pronto! Tá resolvido! A gente vai mexer na novela.

NÁDIA – Vai ter que mudar muita coisa.

SAULO – Acho que sim... E se tem alguém que entende essa novela é a Susana.

EDGAR – Mas é você quem assina...

SAULO – Sim, mas se a Nádia quer tanto mudar, tem que...

SUSANA – Tá tudo bem. Não acho que seja nada impossível. Ninguém é de todo mal. Se o Apolo era nazista, agora a gente vai fazer ele tomar outra direção, uma direção não nazista, do bem.

RONALD – Bom, pra mim nazismo é isso. Você quer mudar o Apolo, mas tá sendo mais autoritário que ele tomando uma decisão assim.

EDGAR – Você acha que isso é uma brincadeira, Ronald?

RONALD – Pelo contrário! Isso é muito sério!

EDGAR – Para com isso, por favor! Vocês sabem do que eu tô falando, certo? Pode parecer uma piada pra vocês, mas eu sei o quanto isso custou pra ele.

SAULO – Não precisa, Edgar.

EDGAR – Não tem problema. Eles sabem do que eu tô falando.

NÁDIA – Da roteirista que ele assediou?

EDGAR – Não. Sim. Da denúncia de assédio.

SUSANA – Ele foi inocentado.

EDGAR – Sim. Não. Ele nunca foi julgado. Mas tem muita gente que acha que ele não é inocente. A gente estava pres-tes a produzir *Cinderela do Mar* quando a menina que tra-balhava com a gente publicou um *post* acusando o Saulo, e viralizou. Ela entendeu uma brincadeira do Saulo de uma forma maliciosa.

SAULO – Mas não tinha malícia nenhuma.

EDGAR – Sim, sim. O que aconteceu foi que a denúncia dela não tinha sustentação, e ela apagou o *post*, mas como a reper-cussão foi muito grande, a emissora cancelou a novela. Aí o Saulo processou a moça... Óbvio.

SUSANA – Você não devia ter subido pra receber a homena-gem.

SAULO – E o que eu ia fazer?

(Telefone de SAULO toca. Ele se afasta do grupo para atender. Enquanto fala, os demais conversam.)

SAULO (Discreto.) – Fala, Nelsinho!... Obrigado... Sim! Tô muito feliz. É sempre bom ser reconhecido, né?... Hm... Não falei... Eu vou encontrar com ele hoje ainda, não se preocupa... Pode ser... Viu? Você vai fazer alguma coisa hoje à noite?... Não. Tudo bem. Então deixa pra depois... Tá certo... Obrigado... Obrigado...

RONALD – Que brincadeira foi essa que ele fez?

EDGAR – Brincadeira?

RONALD – Com a moça... Não foi uma brincadeira?

EDGAR – Ah! Os dois estavam sozinhos. Ela disse que queria ser autora, aí ele sugeriu que não precisam existir tantas barreiras entre o desejo e aquilo que se deseja. E ela entendeu que isso foi um convite. Em que ele oferecia favores em troca de sexo...

RONALD – Só isso?

EDGAR – É... Mas no *post* ela falou de outras coisas também. Que o ambiente de trabalho era tóxico, que as pessoas tinham medo e que o Saulo tinha colocado a mão na cintura dela de uma forma estranha.

SUSANA – O Saulo não tem maldade.

(SAULO desliga a ligação.)

SAULO – Eu vou falar com o Wilson... Vou ver se a gente consegue adiar as gravações.

(SAULO sai.)

2

(SUSANA, EDGAR, RONALD e NÁDIA aguardam por SAULO na sala. EDGAR investiga sobre a homenagem no *laptop*. NÁDIA come bolinhas da cesta sem parar até reparar que está sendo notada.)

NÁDIA – Será que tá tudo bem comer? Tipo... Não tá envenenada ou algo assim, né?

RONALD – Eles não iam envenenar alguém que eles acabaram de homenagear.

NÁDIA – Tem razão. Mas eles são nazistas, né? Nunca se sabe. Chegaram a experimentar essa? Tem gosto de infância... E não é nada doce.

(SUSANA pega uma. RONALD também. EDGAR segue compenetrado.)

SUSANA (Para EDGAR.) – E...?

EDGAR – Nada. Nenhuma nota, nenhuma foto, nenhuma menção...

SUSANA – Você acha que a novela é...?

EDGAR – Eu não sei, Su. Eu acho que não.

SUSANA – Eu nunca teria escrito nada se soubesse que era...

EDGAR – Su, a novela é do Saulo...

SUSANA – Eu não entendo, por que ele subiu lá e agradeceu? Se me chamassem, eu teria ido embora na hora...

RONALD – Tanto faz.

EDGAR – O que tanto faz?

RONALD – Tanto faz se a novela é nazista.

NÁDIA – Lá vem...

RONALD – Quer ver uma coisa? Me dá um beijo, Nádia!

NÁDIA – Não.

(RONALD se aproxima, NÁDIA empurra-o.)

RONALD – Viram? Eu aqui só queria provar um ponto, mas, pra Nádia, que é toda feminista, é como se eu estivesse estudando ela... (Silêncio.) Foda-se! Vocês entenderam errado. O que eu quero dizer é: a gente pode tentar dizer várias coisas com a novela, mas quem decide o que a novela significa é o público. A gente não tem todo esse poder de influência e o público não é burro. Mas se o público é nazista, assim como a Nádia é feminista, é óbvio que ele vai atribuir esse sentido pra novela.

NÁDIA – Nossa, Ronald! Excelente comparação!

RONALD – A única coisa que eu sei é que o público ama essa novela. E ele pode ser nazista ou feminista ou comunista, que tanto faz. Tudo que a gente pode fazer é se conformar e continuar fazendo o nosso trabalho. Porque a nossa função é entreter o público. Não é educar as pessoas!

NÁDIA – Estamos bem de colega, hein?

RONALD – Vocês não entendem.

EDGAR – Isso é arte, é dramaturgia. Não é uma linha de produção, Ronald.

RONALD – Será?

(SAULO entra, radiante.)

SAULO – Boas notícias! Conte para o Wilson sobre a homenagem e tá tudo bem. Ele disse que vai pedir pro jurídico acompanhar de perto. E também pediu pra que ninguém aqui da sala fale sobre isso. A orientação de cima é ignorar. OK?

EDGAR – Ele não ficou preocupado?

SAULO – Não. Na verdade, ele estava bem empolgado. Não por isso, é claro. E aí vem a boa notícia: ele quer renovar o nosso contrato pra próxima novela... E disse que o orçamento vai ser bem maior.

RONALD – *Plot twist!*

NÁDIA – E o que ele achou sobre mudar a novela?

SAULO – Tudo bem. A gente pode mudar o que a gente quiser.

EDGAR – E a gente vai mudar?

SAULO – Sim.

EDGAR – Explica direito, Saulo. Ele adiou as gravações? Como que ficou tudo isso?

SAULO – Ah, não! A agenda de gravações continua como estava. Mas eu consegui adiar a cena do beijo do Apolo e da Clara pro fim da diária.

(RONALD abre a garrafa de espumante com um estouro.)

RONALD – *Mazal tov!*

NÁDIA – Eu não entendi, Saulo.

RONALD (Servindo EDGAR.) – Champanhe?

EDGAR – Isso não é champanhe.

RONALD – Me dá a tua caneca, Nádia!

NÁDIA – Não quero. O que a gente vai mudar, então, Saulo?

SAULO – Pra começar, a cena do beijo.

(RONALD serve SUSANA, que bebe imediatamente.)

NÁDIA – Mas qual é o plano?!

SAULO – Eu não sei ainda.

RONALD – Meu deus, Nádia, relaxa!

NÁDIA – Falou o cara que quer escrever pra nazistas.

RONALD – Eu quero escrever coisas que as pessoas gostem,
só isso.

NÁDIA – Mesmo que isso envolva perseguir minorias?

RONALD – Pelo contrário! Nesse caso são as minorias que perseguem, que censuram. Olha o que tá acontecendo aqui! Repara bem. O Saulo claramente não quer mexer na novela. Mas ele vai mudar porque você e o Edgar ficam pressionando ele. Você ficou o ano todo tentando colocar a tua agenda e não conseguiu. E agora acha o quê? Que tem uma oportunidade?

EDGAR – E qual que é a minha agenda, Ronald?

RONALD – Você é negro...

EDGAR – Eu não sou negro.

NÁDIA – Não?

EDGAR – Por que você acha que eu sou negro?

RONALD – Não sei.

EDGAR – Fala.

NÁDIA – Calma, Ed.

EDGAR – Tá tudo bem. Deixa ele falar. Por que você acha que eu sou negro?

RONALD – Ai, Ed! Pela pele. Pelo cabelo. Não sei! Desculpa, não queria te ofender. Achava que você era negro, só isso. Você é pardo?

EDGAR – Você tá rindo. Por que você tá rindo?

RONALD – Não sei!

EDGAR – Você tá rindo de mim?

RONALD – Não! Que coisa! Gente...

SAULO – Tá bom, Ed. Chega. Ele é assim.

RONALD – Que tenso, cara! Não levem tão ao pé da letra o que eu digo. Eu sou um idiota. Um brinde ao novo contrato! Su? Espera! Deixa eu encher a tua caneca. Um brinde!

3

NÁDIA (Para a plateia.) – O que vocês precisam entender até aqui é o seguinte: esse é o autor. Um cara sem muito talento, que durante muito tempo foi uma espécie de celebridade, mas só dentro da emissora. Era o braço direito de todos os autores velhos. Até que teve a oportunidade de escrever a sua própria novela. Que foi a coisa mais nula que fizeram na história desde que inventaram o algarismo zero.

SAULO – *Horizonte Perdido*. Se passa em São Paulo nos anos 50, é sobre uma moça do interior que vai para a cidade trabalhar numa fábrica e se apaixona pelo filho do patrão. Eu dormi com metade do elenco feminino.

NÁDIA – As coisas começaram a melhorar quando entrou o Edgar, uns dez anos atrás. O Edgar é o cara mais competente daqui. Inteligente, engraçado, mas também discreto. Parece que está sempre escondendo um segredo sobre tudo que a gente fala. Como se soubesse algo mais, proibido. Ainda assim, é a única pessoa em quem dá pra confiar.

EDGAR – De nós, só eu e a Susana temos carteira assinada. Mas ano que vem metade da emissora vai ser demitida, daqui a um tempo pra trabalhar aqui todo mundo vai ter que ser PJ.

NÁDIA – Já a Susana é uma máquina. Basicamente a maioria das propostas da novela são da Susana. O Saulo é quem avalia e bate o martelo. Ela escreve uma cena foda em cinco minutos. Fico chocada. Mas na vida mesmo ela é meio sem graça: marido, filho, viagem pra Maceió. A última conversa significativa que a gente teve sobre coisas fora do trabalho foi quando ela comprou uma *air fryer*.

SUSANA – Mesmo sem usar gordura, tem comida que fica melhor na *air fryer*. Salgadinho de festa fica perfeito.

NÁDIA – E o Ronald é talentoso, mas é um escroto. Começou como humorista e terminou como... isso. Acho que ele sente falta dos holofotes daqueles barzinhos cheios de... escrotos, iguais a ele.

(RONALD olha para a plateia, mas não diz nada. Desconfia de NÁDIA.)

NÁDIA – Eu entrei na equipe no lugar da outra roteirista, essa que foi assediada. Mas não aconteceu nada comigo. Ainda. Brincadeira. Na verdade, foi o Ronald que entrou no lugar dela um tempo atrás. Eu entrei pra fazer essa novela... Até então eu só escrevia pra programas, *game shows*... Mas a minha formação é em dramaturgia, séries. Meu TCC foi sobre a série *Mad Men*, então...

Mas enfim, o que aconteceu foi o seguinte. Fizeram esse personagem, o Apolo. Era pra ele ser um anti-herói polêmico, que seria condenado pelo público, mas que pouco a pouco se transformaria em uma “boa pessoa”. Começou preconceituoso, depois virou autoritário, e depois perverso, e o público nada de condenar. Pelo contrário. Aplaudia, vibrava. No fim, o Apolo se tornou tão popular que não tinha nada que ele fizesse que pudesse sujar a imagem dele. De repente, o cara estava colocando fogo num prédio e matando uma das personagens mais queridas da novela – a dona Terezinha.

SUSANA – Eu amava ela.

NÁDIA – E não deu em nada. Na verdade, acharam ótimo! Qual foi a conclusão do Saulo? O Apolo tem uma missão muito maior do que a gente imagina. Cabe aos roteiristas decretarem um inimigo. No caso, os políticos corruptos, os traficantes, os bandidos, os marginais, aquelas coisas...

RONALD – Já tá arrumando um jeito de tirar o corpo fora, né?

NÁDIA – Oi?

RONALD – Eu, de verdade, queria saber como você acha que tem que resolver isso.

NÁDIA – Eu não tenho uma solução. Não é assim que funciona.

RONALD – Dá pelo menos uma ideia, Nádia! Uma ideia que seja.

NÁDIA – Eu daria destaque pra história de uma vítima do Saulo.

RONALD – Saulo?

NÁDIA – O que tem?

RONALD – Você falou Saulo.

NÁDIA – Eu falei Apolo.

4

(RONALD e NÁDIA estão de pé, um em cada canto. SAULO escuta áudios no celular, digita e volta a escutar. Se grava uma mensagem, grava num volume tão baixo que é impossível de escutar. SUSANA e EDGAR olham para a tela dos seus *laptops*. Ele segue buscando alguma notícia, ela eventualmente escreve algo e apaga, frustrada. SAULO se dirige para a equipe.)

SAULO – Só mais um minutinho, pessoal.

(SAULO volta a escutar um áudio.)

NÁDIA – Você é de direita, Ronald?

RONALD – Não. Nem esquerda.

NÁDIA – Ah! Entendi tudo.

RONALD – Sou antissistema.

(NÁDIA solta uma gargalhada incontrolável. EDGAR também ri.)

RONALD – Você acha que eu sou contra as minorias, mas eu não sou! Eu sou a favor das minorias! Se eu pudesse, eu faria parte de uma!

NÁDIA – Ah, é? Tipo qual?

RONALD – Qualquer uma.

NÁDIA – Ah, mas fala, qual a tua preferida? Com qual você se identifica, Ronald?

RONALD – Não. Não vou entrar nessa de novo.

NÁDIA – Eu tenho sugestões.

RONALD – Não me interessa.

NÁDIA – Você pode criar uma minoria pra você, já que você se sente tão especial. Você pode dizer que você é... um sociopata. Mas não no sentido negativo, sabe? Na verdade, você pode tentar ressignificar o sentido da palavra sociopata! Você espalha por aí que sociopatia é uma condição psicológica que te coloca à margem da sociedade. E aí você pede pras pessoas te tratarem diferente. “Pessoal, eu queria falar pra vocês que sou deficiente de empatia, então eu espero que vocês me respeitem, menos esse filho da puta aqui que é gay.”

(SAULO ri. Quando NÁDIA fala “gay”, aponta para EDGAR, que a fulmina com os olhos. NÁDIA fica constrangida.)

SUSANA – Calem a boca! Calem a boca! Vocês falam demais! Meu deus! Se vocês querem ficar aqui falando, falando, falando, sem fazer merda nenhuma, por favor, nos poupem e procurem outro lugar! Ou então calem a boca!

(SUSANA derruba uma caneca cheia de espuma sobre a mesa, próximo do *laptop* de RONALD.)

SUSANA – Ai, droga! Desculpa...

RONALD – Meu *MacBook*!

(RONALD pega o *laptop*. SUSANA tira lenços da sua bolsa e tenta secar nas mãos de RONALD.)

SUSANA – Eu acho que derramou um pouco só... Não tinha muito... Isso acontece sempre com o meu... Desculpa, Ronald.

RONALD – Você tá bêbada, Su!

SUSANA – Eu bebi um pouco só.

RONALD – O suficiente pra fazer merda.

EDGAR – OK, Ronald. Chega!

SUSANA – Desculpa...

(SAULO guarda o celular. RONALD segue distraído com o computador.)

SAULO – Pronto. Agora, sim. Vocês sabem essas pinturas rupestres, dos homens das cavernas?

RONALD – Caralho, tá encharcado.

SUSANA – Eu pedi desculpas...

SAULO – Dizem que os homens primitivos pintavam animais nas paredes das cavernas para deixar a sua marca, como que dizendo “eu estou aqui”. Mas a verdade é que no fundo eles pintavam pra conseguir caçar. Porque, ao produzir a imagem, eles estabeleciam um poder sobre aqueles animais.

NÁDIA – Tipo os nudes hoje em dia?

SAULO (Confuso.) – Acho que sim.

EDGAR (Mais confuso ainda.) – E...?

SAULO – Não sei. Eu achei que isso podia ajudar a entender o que a gente tá fazendo. Desse poder sobre a história, né?

NÁDIA – Então... A gente vai caçar o Apolo? Vai matar o Apolo? Vai transar com o Apolo?

EDGAR – A gente vai matar a reputação do Apolo.

SAULO – Que reputação?

EDGAR – Ele é a fonte desse culto pela novela, não? Agora as pessoas têm que sentir vergonha de concordar com ele.

NÁDIA – O Apolo já fez as piores coisas possíveis... Qualquer coisa que ele faça agora o público vai amar.

RONALD – Será que eu tento ligar?

NÁDIA – É uma pena isso, porque ironicamente esse seria um bom momento mesmo de promover pautas progressistas... Por exemplo, se o Apolo fosse a favor do aborto, o público pensaria diferente sobre o assunto.

EDGAR – Eu não acho que ele já tenha feito as piores coisas possíveis ainda. Digo, a gente não tentou de tudo. Tem coisas que a sociedade condena profundamente. Mas a questão aí é se a gente tá realmente disposto a enfrentar esse risco.

SAULO – Tipo o quê?

SUSANA – Entrar num orfanato e enganar as crianças dizendo que vai adotá-las?

EDGAR – Quê? Não, eu falo da gente. Uma coisa é você ser condenado por criar um sujeito cruel que faz perversidades. Outra coisa é você decidir exibir algo abominável.

SAULO – Tipo?

SUSANA – Uma orgia com animais? Pedofilia?!

EDGAR – Não...

SUSANA – Incesto?

NÁDIA – A mãe dele tá morta...

SUSANA – Necrofilia?

EDGAR – Meu deus! Para com isso, Susana!

SUSANA – Desculpa! Eu tô tentando ajudar. O que pode ser mais abominável? Cortar o próprio pau?

SAULO – Chega, Su! Não é por aí!

NÁDIA – Mas funciona...

SUSANA – Acho que sim.

RONALD – Não tá funcionando!

SAULO – No que você estava pensando, Ed?

EDGAR – Nada. Esquece!

NÁDIA – E se a gente diminuísse a importância dele?

RONALD – Lá vem!

SAULO – Como assim?

NÁDIA – As pessoas param de se importar com o que ele diz...

EDGAR – Do nada?

SUSANA – Dá um exemplo, Nádia.

NÁDIA – Na cena, a Clara reage com menos intensidade ao que ele diz ou faz, como se sentisse tédio.

RONALD – Mostra pra eles.

NÁDIA – Cala a boca! Tipo assim, o objetivo é frustrar qualquer expectativa. Tipo, a declaração de amor não emociona, o beijo é meia-boca, os conflitos são insignificantes.

EDGAR – Faz sentido... Teoricamente. É o conflito que alimenta o personagem.

SAULO – Tá! Como que isso funciona na cena?

(NÁDIA caminha até SAULO. Pega-o pelos ombros.)

NÁDIA – Levanta... Como que é a cena mesmo? Deixa! Não precisa!

(NÁDIA fica frente a frente com SAULO e coloca as mãos de SAULO na sua cintura.)

NÁDIA – Fala: “Eu descobri que te amo e não posso viver mais sem você.”

SAULO – Eu descobri que te amo e não posso viver mais sem você.

(NÁDIA atua indiferente.)

NÁDIA – Hm. Ah... OK.

(RONALD ri. SAULO se diverte.)

NÁDIA – E vem me beijar.

(SAULO se aproxima rapidamente e acaba beijando NÁDIA, que é pega despreparada. Ela fica desconcertada.)

NÁDIA – Não. Você veio muito rápido! Vem agora.

(SAULO se aproxima mais lentamente e NÁDIA vira o rosto, dando a bochecha, indiferente.)

SAULO – O que foi?

NÁDIA – Nada.

(SAULO mantém o rosto muito próximo enquanto fala. NÁDIA esquiva.)

SAULO – Como assim nada?

NÁDIA – O que você quer?

SAULO – Te beijar...

NÁDIA – Eu tô fazendo a cena, Saulo!

(NÁDIA empurra as mãos de SAULO e se afasta.)

SAULO – Sim, sim! Eu também. Eu tô improvisando.

NÁDIA – Ah, desculpa... Achei que já tinha...

SAULO – Desculpa... Eu achei que essa era a ideia...

NÁDIA – Enfim, vocês entenderam, né?

RONALD – Sim. Gostei muito.

NÁDIA – Idiota!

RONALD – Sério. Acho que dava pra aproveitar tudo.

EDGAR – Tá impossível trabalhar com vocês dois!

NÁDIA – Eu tô fazendo a minha parte, Ed! Aliás, sempre fiz!
Eu avisei... Se vocês tivessem me ouvido, nada disso estaria acontecendo!

SUSANA – Nada disso é sobre você, Nádia.

RONALD – Se a gente escutasse você, não tinha nem novela!

NÁDIA – Seria melhor mesmo!

RONALD – Pronto! Se revelou!

SAULO – Ronald, se não quer trabalhar, pode sair...

RONALD – Escancara logo que ele é nazista então!

SAULO – Chega, Ronald!

RONALD – Faz o Apolo revelar que é nazista! Não é isso que vocês dois querem?

NÁDIA – Cínico!

RONALD – Aproveita e coloca uma suástica na abertura da novela!

NÁDIA – Cretino!

RONALD – E nos créditos escreve “desculpa pelo holocausto”.

NÁDIA – Você acha que você não tem nada a ver com isso, né? Você não se compromete com nada porque não tem caráter, é um fraco, um medíocre, um homem de 30 anos inseguro que se comporta igual a um adolescente, que se esconde atrás da prepotência para garantir que nunca vai ser atacado. Você é um otário!

RONALD – E eu acho que você é uma fraude, que tenta redimir a sua incompetência condenando o trabalho dos outros. Você não está em condições de trabalhar com a gente, nunca esteve, você escreve mal, é egoísta. Eu acho que você deveria se esforçar mais, em vez de usar as suas convicções políticas para se sobressair moralmente.

(NÁDIA acerta um forte tapa no rosto de RONALD, que fica completamente desconcertado.)

RONALD – Que isso? Você é louca? Quem é que bate numa pessoa?

(NÁDIA avança sobre RONALD, que tenta se proteger. Ela segue batendo em RONALD, até que ele se esquiva e levanta a mão para bater em NÁDIA. Nesse momento, SAULO e EDGAR conseguem separá-los. SUSANA fica no meio.)

NÁDIA – Vai me bater?!

RONALD – Ia bater, sim!

SAULO – Para, Ronald!

NÁDIA – Covarde!

RONALD – Você viu o tapa que ela me deu! Ela tá me agredindo!

EDGAR – Você tá provocando ela!

SUSANA – Você se machucou?

RONALD – O que você acha?!

NÁDIA – Ah! Vai chorar?!

RONALD – Vai se foder, idiota! Incompetente!

(EDGAR leva RONALD para fora.)

SAULO – Você está bem?

(SAULO pega NÁDIA pelo braço. Ela se desvencilha com violência.)

NÁDIA – Não encosta em mim. Que nojo!

SAULO – Que isso, Nádia?

NÁDIA – Só não encosta em mim...

SAULO – Eu já falei, eu tô do seu lado, OK? Só que você precisa parar com isso!

NÁDIA – Eu não posso fazer nada! O tempo todo eu sou atacada aqui!

SAULO – Eu já falei que você tava certa!

NÁDIA – E do que adianta?!

(EDGAR entra. SAULO coloca a mão sobre o ombro de NÁDIA enquanto fala.)

SAULO – Você não precisa brigar pra...

(NÁDIA tira o ombro. Silêncio.)

SUSANA – Eu concordo com o Ronald.

EDGAR – Não, Su.

SUSANA – Eu acho que a gente tem que escancarar que o Apolo é nazista.

EDGAR – Ele estava sendo sarcástico.

SUSANA – Eu sei. Mas eu não.

SAULO – Não... Não dá.

SUSANA – É como ele disse, Saulo. O público não é burro. Já foram oitenta capítulos. Ele sabe para onde essa história está indo. Não adianta querer inventar uma solução externa. O que vai acontecer nesse caso é que as pessoas vão perceber que a gente quer mudar a história a qualquer custo... Que tem uma intenção por trás. Como que do nada ele vai transar com a mãe dele? Entende?

EDGAR – A gente descartou essa ideia, Su.

SUSANA – Sim! Eu sei. O que eu quero dizer é: como que ele vai mudar de personalidade do nada? Vai pedir desculpas pra Clara, porque descobriu que estava errado? Descobriu como? Num sonho? Teve uma revelação? Ou ele vai tomar uma surra e, humilhado, vai desistir de tudo?

EDGAR – Ele pode cometer um erro grave e se arrepender.

SUSANA – Nada a ver. Todo mundo sabe o que esperar de um ditador, de um nazista. Se essa é a natureza do Apolo, ele tem que ir até o fim, declarando exatamente aquilo que ele quer

e pensa. Pega logo um discurso do Hitler traduzido e coloca na boca desse cara! Se precisar, põe um bigode na cara dele!

SAULO – Isso é ridículo, Su. O departamento legal nunca deixaria passar uma coisa dessas.

SUSANA – Você é o autor, você tem toda autonomia!

SAULO – É muito arriscado!

SUSANA – É um personagem. Deixa que o público julgue ele!

SAULO – Mas isso é completamente suicida!

SUSANA – Pra quem?

SAULO – Pra mim!

SUSANA – Mas foi você que recebeu a homenagem e agradeceu!

SAULO – Isso é totalmente diferente. Eu não vou me declarar nazista!

SUSANA – Não! Você tá sendo negligente!

SAULO – Como? Se eu tô aqui disposto a mudar?

SUSANA – Seja homem, pelo amor deus, Saulo!

SAULO (Levanta o tom.) – Não, Susana! Ponto-final.

(Silêncio. SAULO pega o celular e se senta.)

SAULO – Eu não vou assumir uma culpa que não tenho.

EDGAR – Não, Saulo...

SUSANA – De quem é, então? Minha?! Fui eu que escrevi a novela nazista?

SAULO – De certa forma, foi.

EDGAR – Não é verdade!

SAULO – O argumento é todo dela!

EDGAR – Não é assim que funciona!

SAULO – A maior parte das cenas foi escrita por ela, muitas delas eu sequer vi.

SUSANA – Então pode deixar pra mim de novo que eu escrevo a cena.

EDGAR – Não, Su!

SAULO – Você tá bêbada!

SUSANA – Já que você não tem coragem, eu assumo toda responsabilidade!

SAULO – A gente tem um contrato novo pra assinar, Su...
Você quer jogar fora todo o trabalho que nos trouxe até aqui?

SUSANA – Se nos trouxe até aqui, é melhor que ele acabe logo antes que nos leve a um lugar pior.

SAULO – Tá bom. Calma. Espera aí, vamos pensar melhor.

SUSANA – Pensar no quê?! Que você simpatiza com o nazismo? Que eu colabore com esse projeto perverso?

SAULO – Meu deus! Nem todo nazista concordava com Hitler, Su!

SUSANA – E o que isso quer dizer?

SAULO – Que as coisas não são tão preto no branco. O que significa ser um nazista no fim das contas? Eu mesmo, quando era criança, conheci um senhor imigrante alemão que combateu na Segunda Guerra e era uma ótima pessoa, um ótimo pai de família. Era meu vizinho, eu brincava com o filho dele na rua. Nunca fez mal a uma mosca. Pelo contrário, cuidava dos cachorros de rua e fazia caridade. No fim da vida, ele chegou a ser papai noel de *shopping*. Todo ano eu encontrava ele lá. Quem condena um sujeito desses?

(Entra RONALD, em silêncio. Tenta ligar o computador, mas não funciona.)

RONALD – Merda... (Para SAULO.) Querem falar com você.
(Para NÁDIA.) Pode arrumar as suas coisas.

NÁDIA – Como você é ingênuo...

SAULO – Bom, faz o que você quiser.

(SAULO tira a medalha do bolso, coloca na frente de SUSANA e sai.)

RONALD – Olha só como as coisas são. Vocês sabiam que existe um filme nazista com o nome *O Triunfo da Vontade*?

EDGAR – Sim.

RONALD – Sim?!

EDGAR – É antigo... Mas o título tinha outro sentido quando a gente começou a escrever. Triunfo... Vontade... São palavras bem genéricas... Como eu ia adivinhar que o enredo ia servir pra um grupo de nazistas?

RONALD – Para. Você tá falando sério?

EDGAR – Tem quase cem anos isso, Ronald!

RONALD – E quem deu o nome?

SUSANA – Eu e o Saulo... Olha! Eu tô tremendo, Edgar.

RONALD (Para NÁDIA.) – Você também sabia disso, né?

EDGAR – Saiu uma nota...

5

(RONALD, EDGAR e NÁDIA olham para a tela do computador de EDGAR.)

SUSANA – Desculpa, mas eu não consigo ignorar. Acho que não fomos só nós que criamos condição pra que isso acontecesse... Mas eu não quero me omitir. Eu não vou mais me omitir. Eu não vou me sentar confortavelmente sobre esse privilégio de quem não vai sofrer as reais consequências. O que mais tem nesse país é gente que presume que é uma boa pessoa só porque não se identifica com outras: crentes, patriotas, desconstruídos, conservadores...

A pior coisa que você pode fazer numa hora dessas é se abrigar em alguma doutrina, em alguma ideologia, como se fosse um refúgio, como se não houvesse implicações sobre você. Eu não quero fazer isso! Eu não vou mais fazer isso! Você não conserta um trilho de um trem que está prestes a descarrilar com uma justificativa formal, com narrativas. Você não atribui culpa a alguém. Você não varre para baixo do tapete. Você arregaça as mangas, repara o que puder reparar, mas principalmente você lida com as consequências daquilo que você já

fez... integralmente. (Para NÁDIA.) Você, você não pode fazer nada, coitada... Ah, mas você avisou! De fato, tudo que você fez até aqui foi consumir o nosso precioso tempo questionando cada escolha... Mas sem nunca contribuir, sem fazer qualquer proposta que pudesse ser aproveitada... Infelizmente ele tem razão. (Para RONALD.) E você tá rindo de quê? Ela é sobrinha de um executivo. Não é, Edgar?

EDGAR – É, sim.

NÁDIA – Eu não tô aqui por causa dele!

SUSANA (Para RONALD.) – E não é que ela também não tenha razão. Ela está certa. Você é tão narcisista... Você acha que ter personalidade é passar o dia inteiro exibindo aquilo que você tem de pior como se fosse virtude. (Para todos.) Eu reconheço que o erro foi meu... Também. Meu e de todo mundo. Mas acontece que isso aqui é um trabalho, um serviço, que precisa ser bem-feito. E que exige responsabilidade. Que nem um médico, um advogado. Se um médico é negligente, ele coloca uma vida em risco. Um advogado pode arruinar uma pessoa. Já um roteirista pode promover uma mentira.

RONALD – Quem são essas pessoas?

EDGAR – Não conheço.

NÁDIA – Não diz nada sobre nazistas...

EDGAR – Não.

NÁDIA – Mas tem uma bandeira ali, no fundo.

RONALD – Nem dá pra perceber.

(SUSANA pega a medalha e coloca no peito.)

SUSANA – Pronto. Eu mereço.

(SUSANA abre a bolsa. Tira um lápis de olho. E pinta um bigode como o de Adolf Hitler.)

SUSANA – Agora, sim. Pronto. Tira uma foto, Edgar. Tira uma foto. Tira uma foto, caralho!

(SUSANA pega o celular de EDGAR. EDGAR tenta pegar de volta. SUSANA foge de EDGAR, que corre atrás dela em volta da mesa. Eventualmente, SUSANA brinca de soldado nazista.)

EDGAR – O que você tá fazendo, Su?! Me devolve!

(EDGAR encurrala SUSANA e puxa o celular de volta, de forma violenta.)

SUSANA – Ai!

EDGAR – Você precisa voltar pra casa...

SUSANA – Não, eu tenho que terminar de escrever a cena.

(SUSANA volta para seu lugar e escreve.)

EDGAR – Eu vou chamar um Uber pra você.

SUSANA – Não! Cuida da sua vida!

NÁDIA – Su, você não está bem.

SUSANA – Não me atrapalha.

RONALD – Su, ninguém falou nada sobre a homenagem. (Para EDGAR.) Tá tudo resolvido, né?

EDGAR – Ronald, fica de olho na porta, não deixa o Saulo ver ela assim.

(RONALD abre a porta e observa.)

EDGAR – OK, Su. Vem comigo.

SUSANA – Não encosta em mim! Não se preocupem comigo. Eu não pretendo continuar aqui nesse ninho de ratos. Eu vou pedir demissão assim que sair dessa sala.

NÁDIA – Você não está em condições de decidir nada.

SUSANA – E você?! Você está? Você pretende permanecer depois do que ele disse? E você, Edgar? Vai encobrir outra vez? Vai fingir que nada aconteceu?

EDGAR – A questão não é essa...

SUSANA – Edgar, foi assédio.

EDGAR – Não foi.

NÁDIA – Foi, sim, Ed.

SUSANA – A mesma coisa que ele disse pra ela, ele disse pra mim... Não era só uma brincadeira. Ele nos manipulou! E a gente não fez nada porque a gente confiou demais, apostou demais, dedicou tempo demais da nossa vida pra esse cara.

(Na distração de RONALD, SAULO entra. Apenas NÁDIA o percebe.)

EDGAR – Era uma “brincadeira”. Como tudo aqui é uma “brincadeira”. E ela só denunciou porque não conseguiu o que ela queria.

SUSANA – Dá na mesma.

EDGAR – O que você quer, Su? Quer fazer justiça agora?

SUSANA – Sim! Porque agora é diferente! Agora a gente tem sangue nas mãos!

EDGAR – A novela é do Saulo.

SUSANA – Até onde você vai com esse cara?

EDGAR – Ele não vai durar pra sempre, Su.

SAULO – Nádia, eu preciso que você pegue as suas coisas... Tá tudo bem. Não se preocupa. O Marcos vai te explicar melhor.

NÁDIA – Graças a deus!

(NÁDIA recolhe as suas coisas e sai.)

SAULO – Susana, me devolve a medalha.

(SUSANA ignora SAULO enquanto escreve.)

SAULO – Susana. Me devolve a medalha. O que ela tá fazendo?

EDGAR – Ela não tá bem.

SUSANA – Eu? Eu tô ótima! Finalmente, eu me sinto ótima!

Eu só tenho a agradecer. Foi um privilégio enorme estar com vocês todos esses anos. Eu tive uma grande jornada dentro dessa empresa, e isso eu devo especialmente a vocês. Sem vocês, eu seria incapaz de superar os obstáculos no meio do caminho, e de chegar aonde cheguei. Obrigada, Ronald, por romper os limites do bom senso, tornando a maior das perwersidades uma simples brincadeira. Você é um verdadeiro defensor da liberdade de expressão. Obrigada, Edgar, pelo companheirismo conveniente, pelo profissionalismo impecável e pelo medo. E Saulo, obrigada. Obrigada pela oportunidade. Uma pena que a Nádia não esteja mais aqui... De todo modo, não teria nada pra dizer pra ela mesmo. Agora, antes de ir embora eu queria deixar um presente pra vocês.

(SUSANA bate uma tecla no computador e a impressora começa a funcionar. SAULO vai até a impressora e pega uma das folhas. Ele lê.)

SAULO – O que você espera que eu faça com isso?

SUSANA – Faz o que você quiser.

SAULO – Você escreveu à toa. Eles foram bem claros sobre isso. A orientação é ignorar. A gente não fala sobre nazismo. A novela não é nazista. O Apolo não é nazista. E a gente já discutiu o suficiente aqui. Como disse o Ronald, tem muita gente que não é nazista e adora a novela. Eu errei quando recebi a homenagem, mas isso não vai acontecer outra vez. Logo logo as pessoas esquecem. Agora, se você insiste nisso, é porque você quer se aproveitar dessa situação, Susana. E isso, sim, me preocupa. Porque me faz duvidar do seu caráter.

(SAULO rasga as folhas. SUSANA bate na tecla e aciona a impressora outra vez. SAULO pega o texto e rasga novamente. SUSANA volta a acionar a impressora, mas antes que SAULO pegue a impressão, NÁDIA entra com algumas folhas na mão, desconfiada.)

NÁDIA – Foi você que enviou isso para o RH?

EDGAR – E para o *e-mail* da equipe da novela.

SAULO – O que foi que você fez, Susana?

NÁDIA – Vale dar uma revisada. Tá cheio de erros de ortografia.

SUSANA – Eu não tô muito bem.

SAULO – O que foi que você fez, Susana?

SUSANA – Já que a gente é incapaz de lidar com esse assunto entre nós, é melhor que ele seja público.

SAULO – É melhor você pegar as suas coisas e vir comigo. Já!

SUSANA – Ou o quê, Saulo?

SAULO – Se levanta, Susana!

EDGAR – Ela já vai.

SAULO – Se levanta!

SUSANA – Eu só saio se eu quiser!

(SAULO pega SUSANA pelo braço de modo firme. SUSANA põe-se de pé e tenta se soltar.)

RONALD – Solta ela, Saulo!

SUSANA – Ai, Saulo! Ai! Me solta!

EDGAR – Calma, Saulo. Ela já vai. Ela não está bem.

(SAULO puxa SUSANA para a saída, mas ela resiste, dando tapas no rosto de SAULO. RONALD e EDGAR se aproximam para conter SAULO e convencê-lo de soltar SUSANA, que geme de dor.)

SAULO – Era isso que você queria, né? Você conseguiu!

EDGAR – Ela não tá bem, Saulo! Para!

RONALD – Solta ela, Saulo! Solta ela!

(Na confusão, SAULO empurra EDGAR, que cai sentado. Pegando todos de surpresa, SUSANA despeja um longo jato de vômito sobre SAULO, que fica completamente ensopado.)

(NÁDIA olha para a plateia).

6 – FINAL

(A cena a seguir reproduz a grafia do texto de SUSANA. Os erros são propositais e podem ser usados da maneira que a direção achar necessário.)

CORREÇÃO

CENA 20 – PRAÇA. EXT. NOITE.

Chove sobre Apolo. A luz da lâmpada da praça faz uma sombra parecer um bigode em Apolo, curto como o de Adolf Hitler. Um raio ilumina o seu redor, revelando uma figura misteriosa que

se aproxima. Ele se assusta, mas sua tensão se transforma em sorriso quando ele percebe que é: Clara.

APOLO – É um sonho ou estou vendo um anjo na minha frente? Um anjo puro que com sua presença transforma a vida por onde passa. O que era sujo se torna limpo era feio o que se torna belo eo que triste se alegre. E eu que era um ressentido agora, estou mais perto da vitória.

CLARA – Apolo, precisamos falar sério. Apartir de agora de uma vez por todas precisamos falar sério

APOLO – Vamos acabar de vez com tudo que se coloca entre nós, Clara. Chegou a hora de derrubar todos os obstáculos entre o desejo e aquilo que se deseja não devem haver mais barreiras se somos aliados na guerra e no amor e eu te quero pra sempre comigo?

CLARA – Não Apolo Não Apolo. Precisamos falar sério pra que isso deixe de ser uma novela e a gente passe a lidar com a vida real. EU nunca acreditei em contos de fadas, mas eu sinto que se finalmente falarmos fracamente hoje, um feitiço vai se acabar. Quem é você, Apolo

APOLO – Eu sou o homem que te amo, Clara..... E eu quero estar com você

CLARA – Para queee

APOLO – Pra eu te dou o que você quer e você me dá o que
você eu quero.

CLARO – E vc me quer?

APOLA – Som

CLAAR – PRONTO. VOCÊ ME TEM, APOLO. E agora
o que?!1

APOLO – eU NAÕ ENTENDO, cLARA?

CLARA – O que eu posso esperar de você Eu posso confiar
em você?

APOLO – Clara eu sou aquela mesma criança que viu seus pais
serem expulsos dessa terra, Clara e encontrou em você a sua
felicidade em você, CLara mas minha vingança ainda não
está terminada Clara

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

CLARA – deve haver um instante entre uma piada e um tiro,
que você se depara com a realidade assim como eu a vejo a
realidade. Pois pra mim aquilo que você chama amor eu cha-
mo ódio e sua calma é a minha inquietação e sua paz para
mim é um pesadelo.

APOL – se eu não sou quem eu penso quem eu sou quem você
enxerga?

CLARA – Hitler

APOLO – e o que você acha que deve esperar de mim

CLARA – submissão

APOLO – Tá certo eu reconheço..... Porque eu entendo.

Porque com você aprendi a dar nome para as coisas que eu quero chamar do jeito que eu quero. E se cada coisa tem o nome que lhe cabe e que a partir de agora é comum entre nós dois eu sou sim NAZISTA!!!!!! Fui nazista quando cheguei nessa cidade, fui nazista qnd enfrentei o prefeito, fui nazista qnd me uni meus irmoas, fui nazista qnd venci, fui nazista qnd perdi, fui nazista qnd precisei matar, quando não precisei matar e matei, fui nazista quando matei por prazer, fui nazista quando segui os passos daqueles que foram nazista qnd persegui os mais fracos, fui nazista quando desprezei os direitos mais básicos em nome de uma justiça que só eu poderia nominar. MAS não fui NAZISTA quando te vi pela primeira vez, não fui nazista qnd sonhei estar junto com você, n fui nazista qnd sacrifiquei todos os meus planos por você assim como não sou nazista diante de VC agora.....

Clara se aproxima de Apolo...

CLARA – Ainda assim, É IMPOssível separar seu desejo do todo mesmo Apolo mesmo para você!! ELes são cumprices. Eu não quero servir de alento para seu ódio insociável, seu desprezo, seu gosto duvidoso, Nem quero fazer parte da sede de poder... Vc pode conseguir ficar comigo meter como

companheira, você pode ter o meu corpo você pode ter o meu tempo a sua disposição, você pode ouvir eu te amo quando você quiser. MAS VC NUNCA terá aquilo que eu guardo dentro de MIM. Você pode até se convencer mas NUNCA saberá com certeza o que eu sinto.

APOLO – Pra mim é o suficiente.....

A trilha aumenta Apolo se aproxima para beijá-la... ela beija de olho aberto SEM EMOÇÃO

P



Passageiros

BRUNA PLIGHER

Personagens

**PASSAGEIRAS
PASSAGEIROS
UM CONDUTOR
NARRADORA**

Peça composta por um prólogo e doze cenas que devem manter-se delimitadas a partir de alguma marcação visual, como a própria numeração ou *blackout*/mudança de luz.

PRÓLOGO

NARRADORA – Um condutor que não foi sempre condutor leva seus passageiros para os seus respectivos destinos. Ele não sabe como foi parar ali, assim como ele não sabe em quais outros lugares ele poderia ter parado. Sabe menos ainda em quais outros lugares ele ainda vai parar.

Quem é que sabe? Existe alguém que sabe? Você sabe?

Passageiras e passageiros dizem que sabem. Sem dúvida nenhuma eles sabem. Se estão ali, é para irem até algum lugar. Não *qualquer* lugar, mas um lugar *específico*, um lugar específico que eles sabem muito bem, eles se certificam. Eles sabem.

NARRADORA – O condutor pergunta mais uma vez antes de virar a chave na ignição...

CONDUTOR – Não é meio labiríntico para você?

PASSAGEIRO – Talvez, mas ainda assim sei para onde eu tô indo.

PASSAGEIRA – Não, o que é que tem de labiríntico? Tô indo para esse lugar aqui, ó.

PASSAGEIRO – Posso te dizer tudo o que eu vou fazer e onde.

PASSAGEIRA – E com quem.

PASSAGEIRO – Sou muito determinado.

PASSAGEIRA – Posso não estar fazendo grandes coisas da minha vida, mas também não é o caso de ser labiríntico.

PASSAGEIRO – Não tem nada de labiríntico, sempre soube a minha direção.

PASSAGEIRA – Como você é noia.

NARRADORA – Os passageiros respondem se acomodando no conforto do estofado e se preparam para seguir viagem.

(Silêncio.)

O condutor olha fixamente para a frente, com uma mão no volante e outra na ignição. Inadvertidamente lhe vem à cabeça a imagem do Minotauro, e um segundo demora minutos para passar. A imagem não está clara, assim como o próprio labirinto em que o Minotauro se encontra. O condutor não se lembra muito bem do mito, de maneira que me sinto incumbida a esclarecê-lo brevemente.

(Limpa a garganta.)

Na ilha de Creta, Minos se considerava o único herdeiro digno do trono e para assumi-lo tinha que se justificar perante a população. Para isso, pede ajuda para Poseidon. Pede que ele envie algum sinal que demonstre o quanto ele é uma pessoa especialíssima, um eleito, uma pessoa chegada dos deuses. Poseidon resolve ajudá-lo e faz sair do mar um maravilhoso touro que deve ser sacrificado em seu nome. Minos promete sacrificar o touro. O problema é que, ao ver um touro tão exuberante, resolve ficar com ele e sacrifica outro touro em seu lugar. É claro que gambiarras como essa não colam com deuses, e Poseidon fica completamente furioso por ter sido enganado e resolve castigá-lo.

A vingança consiste em nada mais nada menos do que fazer com que Pasífae, esposa de Minos, se apaixone pelo touro. Se apaixone perdidamente, desejando muito e calorosamente, muito

mesmo, desejando com todo o seu corpo e mente – quem conhece isso sabe do que se trata – ter um relacionamento *físico* com o touro.

CONDUTOR – Nossa...

NARRADORA – Pois é. (Limpa a garganta novamente.) Pasífae passa seus dias andando pelo pasto atrás do touro.

CONDUTOR – Por isso a gente fala que tá pastando por alguém?

NARRADORA – Não sei, pode ser. Pasífae passa seus dias atrás do touro, extremamente frustrada por não conseguir a sua atenção. Desesperada, pede ajuda para o engenhoso Dédalo. Sem rodeios, diz a Dédalo que precisa dormir com o maravilhoso touro. Dédalo monta então uma estrutura na forma de novilha e a cobre com couro de novilha. No interior dessa estrutura, faz uma engenhoca que permite que Pasífae encaixe perfeitamente suas pernas com as pernas da estrutura de novilha para que, bem, vocês sabem, para que a cópula fosse possível.

CONDUTOR – Nossa...

NARRADORA – Pois é. Não se sabe o que se passou no corpo e na mente de Pasífae naquele momento e nem mesmo como o touro pôde ficar interessado neste Cavalo de Troia sexual. Não dá para saber tudo. O que se sabe é que deu cer-

to. Pasífae fica grávida e dá à luz um menino com cabeça de touro, o Minotauro.

(PASSAGEIRA anda com um bebê enrolado no cobertor em seu colo. Ninguém consegue vê-lo. Vagarosamente, PASSAGEIRO fica tentando se aproximar dela querendo ver ou pegar o bebê, mas ela sempre consegue se esquivar.)

NARRADORA – Minos vê o Minotauro com horror.

CONDUTOR – Pelo adultério?

NARRADORA – Não. Apesar do Minotauro não ser seu filho, ele sabe que foram os deuses os responsáveis por isso, e que Pasífae é uma vítima.

CONDUTOR – E ela?

NARRADORA – O que é que tem?

CONDUTOR – Ela rejeita o Minotauro?

NARRADORA – Não, ela não rejeita o Minotauro. Ela cuida de seu pequeno bebê, como uma mãe cuida de seu bebê, com a diferença de que não é um bebê, e sim um bebê com cabeça de touro, quer dizer, de bezerro, um pequeno Minotauro.

(PASSAGEIRA dá de mamar a seu bebê. PASSAGEIRO olha e se afasta.)

NARRADORA – A preocupação de Minos é esconder essa aberração. O bebê Minotauro vai crescendo e deixa de ser um bebê. Começa a se tornar perigoso. É uma besta. Uma criatura com cabeça de animal, que não pensa, que não fala, que é só instinto. Uma criatura selvagem que devora o que aparece na sua frente. E manda Dédalo construir um labirinto subterrâneo para prendê-lo. Não só para que ele não saia, mas também para que ninguém entre. Uma casa construída para se perder. E faz uma exigência a Atenas, que tinha acabado de sitiar: receber sete rapazes e sete moças a cada nove anos que serão levados para Creta e jogados no labirinto para alimentar o Minotauro. E aí que entra Teseu, que, inconformado, se candidata para ser um dos jovens a entrar no labirinto com o intuito de matar o Minotauro. Ariadne, filha de Minos, e com uma queda por Teseu...

CONDUTOR – Estava com tesão.

NARRADORA – ... o ajuda na missão de entrar no labirinto e lhe entrega um fio. (Suspiro.) E agora podemos voltar à visão do condutor.

(PASSAGEIROS voltam aos seus confortáveis assentos e CONDUTOR volta a colocar uma mão no volante e a outra na ignição.)

NARRADORA – Paralisado naqueles segundos eternos, o condutor pensa que, se estão em um labirinto e ele é o guia que não sabe para onde está indo, talvez o seu papel esteja mais para barbante do que para guia. Barbante ou fio de lã, não se lembra qual é o certo, não importa: um fio. Aquele

fio que Ariadne entregou para Teseu soltar conforme entrava no labirinto atrás do Minotauro, de maneira que, depois que lutasse e matasse a besta, o fio o auxiliasse no caminho de saída do labirinto. Agora que a história já foi contada, nós sabemos que a empreitada foi um sucesso, mas Ariadne não sabia que seria um sucesso. A probabilidade de o Minotauro devorar Teseu era bastante grande, na verdade é difícil pensar que poderia ser diferente. O Minotauro devorava todas aquelas pessoas que eram enviadas ao labirinto para saciar a sua fome. O Minotauro facilmente usaria o fio de Ariadne como fio dental.

CONDUTOR – Quem é a Besta neste labirinto?

NARRADORA – É o que o condutor se pergunta durante todo o desenrolar do caminho. Liga a ignição e segue viagem.

CENA 1

(PASSAGEIRA e PASSAGEIRO deslocam enormes e variadas quantidades de malas de viagem de um ponto até outro ponto. E depois até outro ponto e assim sucessivamente durante toda a cena.)

CONDUTOR – Eu não fui sempre condutor, não. Eu já fui cozinheiro durante muito tempo. Eu gosto de cozinhar e gosto de comer. Mas eu gosto de ser condutor. Eu levo os malucos para onde eles estão indo. Cada hora entra um maluco diferente. E cada maluco tá indo para um lugar diferente. Entra bonitão indo para um casamento e em seguida entra

mulherzinha indo pra funeral. Entra casal que tá mais para um fóssil, um vestígio de casal que agora tá petrificado. Entra casal se pegando. Duas vezes aí deve ter rolado até fecundação. Eu ia gostar se alguém fosse batizado com o meu nome por ter sido concebido aí no banco. Entra criança ranheta. Entra velho tarado. Você viu a quantidade de viagens que eu já fiz? Olha aí. Tá mostrando aí em algum lugar. Imagina a quantidade de maluco. Aí eu penso que eu também já fui tanta coisa. Parece vida passada.

.

Passa mesmo.

.

Você tá indo pra onde, que mal lhe pergunte?

CENA 2

PASSAGEIRO – Congonhas.

PASSAGEIRA – Não é Congonhas, é Guarulhos.

PASSAGEIRO – Guarulhos.

(PASSAGEIRA e PASSAGEIRO tentam com dificuldade colocar as malas no porta-malas.)

PASSAGEIRA – Não vai caber.

PASSAGEIRO – Tem que caber.

PASSAGEIRA – Não vai caber.

PASSAGEIRO – Se você ficar agourando, não vai caber mesmo.

CONDUTOR – Tem que pensar positivo.

PASSAGEIRA – E desde quando o poder de agourar interfere na geometria espacial?

CONDUTOR – Tem que imaginar que é um Tetris.

PASSAGEIRO – Eu disse que era mala demais.

PASSAGEIRA – Mala é você.

PASSAGEIRO – Eu não disse você. Eu disse que isso aqui (Se referindo às malas.) era mala demais.

PASSAGEIRA – Você nunca disse que era mala demais.

CONDUTOR – Tétrico.

PASSAGEIRO – Então eu pensei.

Você não pode se desfazer de alguma mala?

PASSAGEIRA – Não posso. A gente vai ficar muito tempo, o clima varia demais por lá e ainda por cima tem os bichos.

PASSAGEIRO – Que bichos?

PASSAGEIRA – Eu não sei, esses lugares longes que parecem o paraíso sempre têm uns bichos. Paraíso que é paraíso é sempre longe, você já percebeu? A gente topa percorrer essa lonjura porque é paradisíaco. Mas sempre tem uns bichos. Uns bichos que são como uma âncora para o mundo real. Uma lembrança pra você ficar pianinho, uma lembrança que frisa que o paraíso não existe. Sempre tem uns bichos.

Os bichos, você sabe, eles são insubordinados.

PASSAGEIRO – O que tanto você traz aí para lidar com os bichos eu não sei. (Corta.)

PASSAGEIRA – Se desfaz você, eu não vou me desfazer de absolutamente nada.

PASSAGEIRO – Eu não posso.

O clima varia demais por lá.

E tem os bichos, você mesma tá falando.

PASSAGEIRA – Ali, coloca essa ali.

CONDUTOR – É por isso que brincamos com aqueles brinquedos de encaixar quando a gente é criança.
Pra saber o que cabe e em que lugar.
Cada coisa em seu lugar.
Deviam colocar umas peças que não encaixam em nenhum lugar
Para a criança se preparar melhor.
Vai enfiar onde a peça que sobra?

PASSAGEIRO/PASSAGEIRA – FOI. UHU!

CONDUTOR – Cê vê?
Se sobra, não é “encaixa” que fala.
É “enfia”.
“Enfia” você já sabe o que sugere, né?

CENA 3

PASSAGEIRA – “Com pau”?

CONDUTOR – Tá com pau. Deu um pau no *Waze* hoje e ele está com pau.

PASSAGEIRO – Não tem problema, você dá uma olhada no caminho sugerido e seguimos. Se falhar, a gente segue de cabeça até voltar a internet.

CONDUTOR – Não falei de internet. Quem falou de internet? Deu pau no *Waze*. O *Waze* tá confuso. Tá confuso com os destinos. Você coloca um destino, ele te manda pra um caminho travado.

PASSAGEIRO – Não tem como o *Waze* estar confuso, é tecnologia.

A tecnologia não fica confusa, a tecnologia funciona ou não funciona.

PASSAGEIRA – Falha.

PASSAGEIRO – Isso, a tecnologia falha.

CONDUTOR – Pois a tecnologia está confusa. Foi feita à nossa imagem e semelhança, não foi? Assim como a gente foi feito à imagem e semelhança de Deus. Por isso às vezes a gente acha que a gente não existe. Ou nos achamos importantes demais.

PASSAGEIRA – Ele não sabe do que está falando.

CONDUTOR – É claro que eu sei o que eu estou falando, a tecnologia foi criada por pessoas, e pessoas são o quê? Confusas, pessoas são confusas e por isso a tecnologia também é confusa.

PASSAGEIRA – A tecnologia é feita a partir de regras e algoritmos, de equações matemáticas. Se trata de uma ciência. Ou você também acha que a ciência é confusa?

CONDUTOR (Efusivamente.) – Completamente confusa!

PASSAGEIRA – Ele não sabe do que está falando.
Você é o quê, terraplanista?

CONDUTOR – É claro que eu não sou terraplanista. Sou totalmente redondista, eu acredito que é melhor não se prender às direções porque a Terra é redonda, estamos sempre dando voltas.

PASSAGEIRO (Em voz baixa.) – Você tá dando bastante volta mesmo.

CONDUTOR – Ah é?

(O CONDUTOR breca o carro.)

PASSAGEIRO – O que aconteceu?

PASSAGEIRA – Mais essa agora.

CONDUTOR – Fala você.

PASSAGEIRO – Oi?

CONDUTOR – Fala você o caminho.

PASSAGEIRO – Eu não sei o caminho.

CONDUTOR – Se você não sabe o caminho, como sabe que eu estou dando voltas?

PASSAGEIRO – Está tudo travando, parece que não estamos andando.

CONDUTOR – E que poder tenho eu? Está tudo travado, o *Waze* está com pau e todas as vias estão travando.

CENA 4

(PASSAGEIRA olhando a paisagem passando pela janela e ao contrário do habitual modo guardar-tudo-para-si-quando-se-está-na-frente-de-estranhos, ela resolve compartilhar a sua perplexidade com sua metralhadora de impressões.)

PASSAGEIRA – Você já se acostumou com isso? Eu quero dizer, você deve passar aqui o tempo todo, mas não tem como se acostumar, tem? Como é possível se acostumar com todas essas pessoas circulando, com todos esses prédios, esses prédios bonitos e esses prédios feios também, e esse box suspenso nesse vão aberto cheio de obras de arte dentro, o que são as obras de arte? As obras de arte imitam a natureza ou a natureza imita as obras de arte? A natureza também vê a

gente de maneira diferente conforme o passar do tempo ou só a gente que vê diferente com o passar do tempo? Como se tudo isso, as pessoas e os prédios e as obras de arte e a natureza, fossem uma coisa fácil de ver e como se todo mundo visse a mesma coisa. É claro que não vemos a mesma coisa, talvez a gente nem veja tanta coisa como a gente pensa. Cuidado com o skatista!

CONDUTOR – Depois a gente atropela e a culpa é nossa.

PASSAGEIRA – Se você atropelasse, a culpa seria sua.

CONDUTOR – Esses skatistas são o tipo de coisa muito difícil de ver mesmo.

PASSAGEIRA – Eu não estava falando sobre isso, eu estava falando de como...

CONDUTOR – Eles são loucos de tudo, não têm nada a perder.

PASSAGEIRA – Desde quando os skatistas não têm nada a perder?

CONDUTOR – Quem anda assim *alucinadamente* não tem nada a perder, você não acha?

PASSAGEIRA – Talvez o senhor que esteja andando um pouco alucinadamente.

CONDUTOR – Eu? Alucinadamente? Eu sou completamente não alucinado.

Eu nem estou correndo.

E sou muito novo para ser senhor.

PASSAGEIRA – Mas você quase atropelou o skatista.

CONDUTOR – Ele que quase me atropelou.

PASSAGEIRA – Você está em um carro e ele está em um *skate*. Há uma diferença bem explícita de tamanho, ele não te atropelou.

CONDUTOR – Atropelar é quem passa por cima.

PASSAGEIRA – Sim, mas se quem passa por cima tem dez vezes o seu tamanho, não configura atropelamento. Se uma formiga passa por você, ela não te atropela.

CONDUTOR – Mas isso só vale entre os animais, entre as pessoas não tem essa de tamanho.

CENA 5

CONDUTOR – O que rola é muita cobiça.

PASSAGEIRA – Quem tem cobiça?

CONDUTOR – Os defuntos no cemitério ficam cobiçando o pessoal no bar, cantando e se divertindo. É uma provocação um bar na frente do cemitério.

PASSAGEIRA – Eu não sei se esse pessoal dá muita cobiça. Tem uns lá que já tão meio defunto.

CONDUTOR – É claro que dão cobiça. O povo pode tá meio defunto, mas tá tentando.

PASSAGEIRA – Tentando o quê?

CONDUTOR – Eu sei lá. Tentando alguma coisa.
E se não tá tentando, tá comendo, o que já é alguma coisa.
Não tem coisa pra comer lá? Você gosta de comer?

PASSAGEIRA – Eu gosto.
Um segundo.
(Pega o celular.)

CONDUTOR – Eu gosto muito de comer.

PASSAGEIRA – Oi
Tô chegando
Na frente?
Alô?

PASSAGEIRA – Você pode pegar essa via à direita?
Moço.

CONDUTOR – Oi

PASSAGEIRA – Você pode pegar essa via à direita?

CONDUTOR – OK, OK.

PASSAGEIRA – Entra na segunda esquerda.

CONDUTOR – OK, OK.

PASSAGEIRA – (No celular.)
Pode entrar.

CONDUTOR – OK, OK.

PASSAGEIRA – Nessa não!
Não, não, não.
Essa dá o maior desvio.

CONDUTOR – Você falou.

PASSAGEIRA – Era na outra.

PASSAGEIRA – Oi.
Me espera lá dentro.
Pega uma mesinha perto do palco.
Como assim quarto?

Que pole dance?
Não, palquinho de cantar.
Onde você tá?

CONDUTOR – É aqui?

PASSAGEIRA – O que você tá fazendo aí?
No Vivo's. A gente combinou no Vivo's.
Não, não, não. Era Whitney Houston.

PASSAGEIRA – Moço, você passou!

CONDUTOR – Você que pediu.

PASSAGEIRA – Pedi Whitney Houston,
tô falando.
Sim, a primeira vez foi lá.
E eu pedi Whitney Houston.
Você se lembra da nossa primeira vez?

(Distante, um ruído de bicho atravessa a cena. CONDUTOR e PASSAGEIRA olham intrigados, tentando encontrar de onde o som veio.)

PASSAGEIRA – O que foi isso?

CONDUTOR – Eu não sei.

PASSAGEIRA – Oi.

Essa não foi nossa primeira vez.

Ah não, não, não.

Tina Turner?

Eu nunca pedi Tina Turner.

PASSAGEIRA – Volta, volta.

Moço!

PASSAGEIRA – Não, não.

Não dá pra confundir facilmente Tina

Turner com Whitney Houston.

CONDUTOR – Não dá pra voltar daqui, não.

PASSAGEIRA – Ai, moço.

PASSAGEIRA – Onde você tá?

CONDUTOR – Tá falando aqui que você já chegou.

Moça.

PASSAGEIRA – Moço, só um instante.

CONDUTOR – Tá falando aqui que você já chegou.

PASSAGEIRA – Longe pra cacete.

Não.

Você não lembra?

Você lembra de alguma coisa?
Whitney Houston.
Houston.

CONDUTOR – A gente tem um problema aqui.

PASSAGEIRA – Não não não.
Vou alterar o destino.

CENA 6

CONDUTOR – Rua Joaquim Marra, 432?

PASSAGEIRO – Isso.

CONDUTOR – Motel Adventure?

PASSAGEIRO – Adventure.

CONDUTOR – O senhor tem algum caminho de preferência
ou posso seguir o *Waze*?

PASSAGEIRO – Adventure.

(Suspiro.)

Seis anos de casados.
Dois filhos.
Adventure.

CONDUTOR – Vou seguir o *Waze*.

PASSAGEIRO – Pode seguir pela avenida do Estado.

CONDUTOR – OK, OK.

PASSAGEIRO – Quando ela me conheceu, ela não era nada.

CONDUTOR – Ela era o quê?

PASSAGEIRO – Ela não era nada.

CONDUTOR – Como ela não era nada? Ela era uma miragem?

PASSAGEIRO – Ela não era ninguém.

CONDUTOR – E agora?

PASSAGEIRO – E agora o quê?

CONDUTOR – E agora ela é o quê?

PASSAGEIRO – Agora ela tem uma família.

CONDUTOR – Então agora ela é mãe.

PASSAGEIRO – Agora ela tem filhos.
Três filhos.
Uma casa.
Duas casas.
Tem o sítio também.

CONDUTOR – Parece bastante coisa.

PASSAGEIRO – Ela não está sobrecarregada.

CONDUTOR – Eu não disse isso.

PASSAGEIRO – Ela tem babás.
Ela tem uma cozinheira.
Ela tem um jardineiro.

CONDUTOR – Entendo.
O jardineiro tem a ver com isso?

PASSAGEIRO – Isso o quê?

CONDUTOR – Adventure.

PASSAGEIRO – Não!
Pelo amor de deus, o que você anda
assistindo?

CONDUTOR – O senhor me perdoa.
Entendi a conversa completamente errada.
Hoje em dia a gente tem que prestar mais a
atenção e falar menos.
Tenho que aprender a calar a minha boca.
Eu podia jurar que você tava indo atrás da
sua esposa.
Confesso que estou aliviado.
Esses desentendimentos não acabam muito
bem, não.

PASSAGEIRO – Eu estou indo atrás da minha esposa.

CONDUTOR – No Adventure?

PASSAGEIRO – Sim.

CONDUTOR – Bem, o senhor faz muito bem, vocês fazem muito bem em aproveitar.

A gente olha um homem casado com um monte de filhos e jamais pensa que tá indo aproveitar esse tipo de coisa com a sua esposa.

PASSAGEIRO – Não tô indo aproveitar, ela está me chifrando.

CONDUTOR – O senhor me perdoa.

PASSAGEIRO – Tem outra rota possível?

Nessa lentidão não vou conseguir encontrar ela lá.

CONDUTOR (Olhando o mapa.) – Tem alguma coisa travando lá na frente.

PASSAGEIRO – É um acidente?

CONDUTOR – Não consigo identificar.

.
. .
.

PASSAGEIRO – Ela tem um marido.
Eu sou o marido dela.

CONDUTOR – É evidente, é claro.

PASSAGEIRO – Eu sou o marido dela.
Eu tenho meus defeitos, mas eu sou ótimo.
Digo, eu sou um ótimo marido, diga-se de
passagem.

(CONDUTOR fica reparando no retrovisor tentando não ser notado.)

CONDUTOR – Eu não fui sempre condutor.

PASSAGEIRO – Hm.

CONDUTOR – Eu tinha um restaurante.
Eu gosto muito de cozinhar e gosto muito de
comer.

PASSAGEIRO – O que isso tem a ver?

CONDUTOR – O que isso tem a ver o quê?

PASSAGEIRO – Com isso que estou falando.

CONDUTOR – Eu sei lá. Eu não te conheço.
Nós estamos conversando, não estamos?
Você gosta de comer?

PASSAGEIRO – Qual a relevância disso nesta situação?

CONDUTOR – Você não gosta de comer?

(Desconfiado.) Hmm.

PASSAGEIRO – Eu gosto de comer.

Só não é a minha grande satisfação.

Mas eu gosto.

CONDUTOR – Você não gosta de comer.

PASSAGEIRO – Não é que eu não gosto.

CONDUTOR – Quem tem dúvida se gosta ou não gosta de comer, não gosta de comer.

Francamente estou falando de comer, não há como ter dúvidas.

Você gosta de comer?

PASSAGEIRO – Eu sinto fome, é claro, mas eu simplesmente não me importo muito.

Mas eu gosto, é claro que eu gosto.

CONDUTOR – Não está nada claro.

PASSAGEIRO – Às vezes não tô a fim.

Às vezes eu não quero.

CONDUTOR – A minha pergunta é se você gosta, não se você quer.

CENA 7

PASSAGEIRO – Você quer?

PASSAGEIRA – Eu não quero de jeito nenhum.

PASSAGEIRO – Que ideia.

PASSAGEIRA – Que ideia.

CONDUTOR – Segue o *Waze* ou tem um caminho de preferência?

PASSAGEIRA – Pode seguir o *Waze*.

PASSAGEIRO – É um absurdo, pensa.

PASSAGEIRA – Não é porque acontece o tempo todo que a coisa deixa de ser um absurdo.

PASSAGEIRO – Perfeitamente. Como a guerra.

PASSAGEIRA – Como a guerra?

PASSAGEIRO – É. Tem guerra o tempo todo.
Não é por isso que a guerra deixa de ser um absurdo.

PASSAGEIRA – Ah, tá. Você quer?

CONDUTOR – O *Waze* tá sugerindo uma volta imensa.

PASSAGEIRO – Tudo bem, pode seguir.

PASSAGEIRO – Eu não quero de jeito nenhum.

PASSAGEIRA – Você sempre soube que você não queria?

PASSAGEIRO – Eu sempre soube e, conforme o tempo passa, eu sei mais ainda.

PASSAGEIRA – Eu também.

Sempre quando vou ao mercado, penso que eu não quero de jeito nenhum. Eu sei pelas prateleiras, é um mercado que tem tudo, e eu não pego absolutamente tudo, não é isso, eu não sou rica, você sabe, mas eu pego muitas coisas. Eu pego muitas coisas extras.

CONDUTOR – Vocês não estão atrasados não, né?
Teve uma mudança de rota.
Tá dando uns paus aqui.

PASSAGEIRO – Tudo bem, sem problemas.

PASSAGEIRO – Extras fora da lista?
Naturalmente a gente pega coisas extras fora da lista.

PASSAGEIRA – Sim, naturalmente.
Mas quero dizer verdadeiramente extra, como palitinhos.

PASSAGEIRO – Palitinhos?

PASSAGEIRA – Palitinhos recheados de creme de avelã, você sabe?

CONDUTOR – Há pouco uma passageira entrou atrasada e ficou no meu ouvido o tempo todo para eu correr.

PASSAGEIRA – Sem problemas mesmo para nós.

PASSAGEIRO – Eu adoro palitinhos recheados de creme de avelã.

O que é que tem de mau nos palitinhos recheados de creme de avelã?

PASSAGEIRA – Não são exatamente maus, não é isso.
Mas na minha idade?

PASSAGEIRO – Uma volta à infância, como os desenhos palitos.

PASSAGEIRA – Uma mulher palito.

PASSAGEIRO – Um homem palito.

PASSAGEIRA – Uma criança palito.
Tenho aqui, você quer?

PASSAGEIRO – Quero.

CONDUTOR – A pessoa não se organiza.
E sobra pra quem não tem nada a ver.

PASSAGEIRO – Complicado.

PASSAGEIRA (Comendo palitinhos.) – É que não são só os palitinhos recheados de creme de avelã.

É toda uma categoria de palitinhos recheados de creme de avelã.

Waffle.

Waffle, só pela palavra, você já sabe que se trata de um extra, entende? *Babaganush* também.

Babaganush tem o som do supérfluo.

Deve ser o *nush*.

Como *plush*.

Pijaminhas *plush*.

PASSAGEIRA – Você sabe, se eu quisesse, eu não poderia colocar todas essas coisas no meu carrinho.

PASSAGEIRO – Carrinho.

PASSAGEIRA – Carrinho.

CONDUTOR – A pessoa não consegue se planejar.
Ela não tem relógio?
Dá pra comprar um relógio por dez reais.

PASSAGEIRO – Mas você quer?

CONDUTOR – Aí o responsável sou eu.
E é aquela azucrinação sem fim.

PASSAGEIRA – Eu não quero.
Normalmente as pessoas se preocupam com o que os filhos vão comer.
Eu me preocupo com o que eu vou comer se eu tiver filhos.
Isso é não querer.
Não é?
Você não quer mesmo?

CONDUTOR – A pessoa atrasada sempre fica pentelhando a vida da outra pessoa.

PASSAGEIRO – Eu não quero de jeito nenhum, eu não consigo entender como as pessoas querem tanto.

CONDUTOR – A outra pessoa que tá no tempo dela.
No tempo normal.

PASSAGEIRA – Eu nunca tinha pensado muito a respeito.
Eu não quero, não.
E daqui a pouco, eu também não vou poder.

CONDUTOR – Quer dizer, não tem tempo normal.
O normal é o tempo da pessoa.
E só a pessoa consegue medir.

PASSAGEIRO – Mas você quer?

CONDUTOR – Mas sempre aparece um filho da puta...
Colocando uma pressão.
Parece que tá indo tirar a mãe da zona.

PASSAGEIRA – Não, imagina, eu.
Eu não quero, não.

PASSAGEIRA – Quero.

PASSAGEIRO (Entregando uma bala.) – Ó.

PASSAGEIRA (Recusando.) – Valeu.

PASSAGEIRO – Não quer?

PASSAGEIRA – Quero, eu disse que quero.
Vai ser bom pra nós.
Vai ser muito bom.

PASSAGEIRO – Hm?

PASSAGEIRA – Ah, a bala! Não quero.
Eu tô com bafo? (Checa o próprio bafo com a
palma da mão.)
Olha, eu tô?

PASSAGEIRO – Não, não tá não.

PASSAGEIRA – Achei que tivesse falando do... (Gesticulando
muito tentando contornar o abismo.)

PASSAGEIRO – Quer ligar o ar-condicionado?

CONDUTOR – Tem que fechar o vidro
pra ligar o ar-condicionado.

PASSAGEIRA – Não quero ar-condicionado.

PASSAGEIRO – Não precisa ligar o ar-condicionado.

CONDUTOR – O ar-condicionado deixa a corrida mais cara.

PASSAGEIRA – Eu quero, é claro que eu quero.

PASSAGEIRO – Eu sei que você quer.
Linda.

CONDUTOR – Quer dizer, mais cara para mim.

PASSAGEIRA – Você quer muito?

CONDUTOR – Vocês não me levem a mal, mas com o preço da gasolina.

PASSAGEIRO – A gente não quer o ar-condicionado.
Obrigado.

PASSAGEIRO – Eu quero demais.
Não tô acreditando que vai rolar.

CONDUTOR – Complica pro meu lado,
entende?

PASSAGEIRA – Eu quero. Quero sim.
Eu nem pensava nisso, mas...

PASSAGEIRO – Mas o quê?
Você não quer?

PASSAGEIRA – Mas nada, não tem mas.
Eu não pensava nisso. É que você quer tanto.
E aí passei a pensar também, e eu quero,
quero sim.
.
É que fico desconfiada com esses tipos de
aplicativos.

PASSAGEIRO – O que que tem os aplicativos?

CONDUTOR – Os aplicativos não que-
rem nem saber.

PASSAGEIRA – Oi?

CONDUTOR – Eles só querem sugar o
nosso dinheiro.
20% do valor da corrida, dá pra acreditar?

PASSAGEIRA – Eu não sei, tenho a impressão de estar esco-
lhendo produtos numa loja.

PASSAGEIRO – A gente se conheceu num aplicativo.

CONDUTOR – A gente é um pedaço de carne.

PASSAGEIRA – Mas com a gente foi diferente.

CONDUTOR – Um pedaço de carne que
leva um
Outro pedaço de carne de um ponto
Até outro ponto.

PASSAGEIRA – Foi especial.
Estamos aqui, juntos
Todos esses anos.
Seis anos já.

CONDUTOR – Seis anos nessa bosta.

PASSAGEIRA – O que é que o senhor
falou?

CONDUTOR – Há seis anos tô traba-
lhando nessa bosta.

PASSAGEIRA – Ah.

CONDUTOR – Me desculpe o vocabulá-
rio, é que realmente
É uma bosta.

O que é bosta deve ser nomeado como bosta.

PASSAGEIRA – Tudo bem.

CONDUTOR – Não é nada bem.

É uma bosta.

Eu tinha um restaurante antes.

Eu cozinhava.

PASSAGEIRO – Eu sempre quis fazer isso.

Eu quero fazer isso faz tempo.

PASSAGEIRA – Você tá pensando nisso há muito tempo?

CONDUTOR – Eu gosto muito de cozinhar.

PASSAGEIRO – Não sei se é muito.

É que é o tipo de coisa que a gente poderia querer há mais tempo.

Você não acha?

CONDUTOR – E gosto muito de comer.

PASSAGEIRA – Acho, eu acho sim.

Eu comecei a pensar na semana passada só.

Aquele dia que você falou.

PASSAGEIRO – Você não tinha pensado antes?

PASSAGEIRA – Vagamente.
Vai ser muito bom.
Uma coisinha diferente.
Afinal... tanto tempo assim.
Só nós dois.

CONDUTOR – E esse papo aí de você é dono do seu tempo e das suas escolhas é conversa pra boi dormir.

PASSAGEIRO – Não tem nenhum mal.
É tudo excelente.
Nós estamos juntos.
Vai ser bom, vai ser muito bom.

CONDUTOR – Papo *cool* de empresário cheio da grana.
A gente só toma no *cool* mesmo.

PASSAGEIRA – Vai ser muito bom, sim.
Isso é liberdade, não é?

CENA 9

CONDUTOR – No meu tempo isso era conversar. Isso que a gente tá fazendo. Mas isso é porque você gosta de conversar. Parece que gosta de conversar. Tem um pessoal prepotente que fica mandando “vai por ali, vai por aqui”. Só tá preocupado com a rota. Não pode sair da rota. Encasqueta com uma

rota e não consegue mais ver caminho nenhum. E conversar mesmo não quer nada. Hoje em dia tem que prestar muito mais atenção e falar menos. Porque você fala uma coisa e a outra pessoa interpreta uma coisa diferente. Não é preciso você ser psicólogo para saber que a pessoa tá interpretando diferente. A pessoa tá processando as coisas de um jeito diferente então não sei de fato o que ela tá pensando. É melhor esquecer. É o que eu posso te dizer. Esquece isso aí. Quer ouvir alguma coisa?

(De longe, um ruído de bicho atravessa a cena. O CONDUTOR olha na direção de onde veio o som, intrigado.)

CENA 10

PASSAGEIRA – Ahã.

CONDUTOR – Tem alguma rádio de preferência?

PASSAGEIRA – Pra mim tanto faz.

CONDUTOR – OK, OK.

(PASSAGEIRA coloca fones de ouvido e começa a ouvir áudios do *WhatsApp* pelo celular.)

PASSAGEIRA (Mandando mensagens por áudio.) –
Desculpa.
Eu não tô no meu melhor momento.

CONDUTOR – Sem problemas.
Tranquilo.

PASSAGEIRA – Eu queria ter te respondido de outro jeito.
Eu queria ter te respondido de um jeito melhor.
Eu não gosto de ser grossa.

CONDUTOR – Também não é assim.
Relaxa.

PASSAGEIRA – Mas olha a situação.
O que você quer que eu faça?
Me diga.
Aí eu fico grossa mesmo.

CONDUTOR – Nada, não precisa fazer nada.
Foi só uma pergunta.
Às vezes os passageiros querem ouvir
Uma coisa bem específica.

PASSAGEIRA – O que você espera se eu não posso te encontrar na porra do meu aniversário.
Seu porra
De um filho de uma porra.

CONDUTOR – Senhora!
(Se virando para trás.)

PASSAGEIRA – Desculpa, moço. Você me desculpa.
Eu não era assim.
Eu era outra pessoa, bem diferente dessa.

CONDUTOR – Imagina, tudo bem.

PASSAGEIRA – Hoje é meu aniversário.
45 anos.
Mais inchada.
Mais cansada.
Mais imbecil.

CONDUTOR – Parabéns.

PASSAGEIRA – Oi?

CONDUTOR – Parabéns pelo seu aniversário.

PASSAGEIRA – Ah.

CONDUTOR – Você tá ótima.
Você está muito bem mesmo.
Muito bem para a sua idade.

PASSAGEIRA – Eu não tenho certeza se isso é um elogio.

CONDUTOR – É claro que é, você está excelente.

.
.
.

CONDUTOR – Achei que a treta era comigo.

PASSAGEIRA – Não, imagina.

Era para o meu...

O meu...

(Apontando para o celular.) Era para essa criatura.

CONDUTOR – Acontece.

PASSAGEIRA – Acontece.

Tudo o que acontece, acontece mesmo. Assim é que é.

Acontece uma coisa. Depois acontece outra.

Acontece em um dia, em uma semana, em um mês.

Acontece em um ano e depois no outro.

E no outro.

E assim por diante vai acontecendo.

E você vai lustrando a sequência de acontecimentos.

CONDUTOR – Passando um pano.

PASSAGEIRA – Quando acontece bastante, eu chamo de bola de neve de merda.

CONDUTOR – Eu chamo de avalanche.

PASSAGEIRA – Sabe o que ele me disse?

CONDUTOR – Ele quem?

PASSAGEIRA – Ele me disse que a única coisa que eles têm em comum...

CONDUTOR – Eles quem?

PASSAGEIRA – Você está pronto para ouvir?
A única coisa que eles têm em comum é colocar açúcar no café.

CONDUTOR – E você gosta dele?
.
Eu gosto de adoçar o café.
Fica muito amargo sem nada.

CENA 11

(Como uma metamorfose, **PASSAGEIRA** despe-se de sua roupa normal e coloca sua fantasia de animal com chifres. O **CONDUTOR** observa.)

CONDUTOR – Você vai ficar sem nada?

PASSAGEIRA – Só vou colocar a minha fantasia.
Não é completamente nada, mas é bem pouco,
você tem quase razão.

CONDUTOR – Acho que é melhor você não fazer isso aqui.

PASSAGEIRA – Por que não?

CONDUTOR – Pode me causar problemas.

PASSAGEIRA – Se o problema especificamente for eu,
Não se preocupe.
Pode olhar.

CONDUTOR – Se eu posso olhar, todo mundo pode olhar.

PASSAGEIRA – Exatamente, todo mundo pode olhar.

CONDUTOR – Aí, ó (Para a rua.)
O taradão aí tá quase grudando no carro.

PASSAGEIRO – Todo mundo pode olhar.
(Para a rua.) Pode olhar, moço!

CONDUTOR – Por que então você já não veio vestida?
Despida, no caso.

PASSAGEIRA – Não queria que o pessoal da minha casa visse.

CONDUTOR – Então não é todo mundo que pode olhar.

PASSAGEIRA – O pessoal da minha casa não é todo mundo.
Não é o seu caso.
Você pode ficar à vontade.

CONDUTOR – Justamente.
O pessoal da minha casa.
Isso seria um problema para eles.

PASSAGEIRA – Mas como eles saberiam?

CONDUTOR – Você sabe como essas coisas são.
Elas escapam.

PASSAGEIRA – O pessoal da sua casa sabe tudo o que você olha?

CONDUTOR – Eles podem saber tudo o que eu olho.
Sou um pai de família.

PASSAGEIRA – E o que o pai de família olha?

CONDUTOR – (CONDUTOR encara a PASSAGEIRA pelo retrovisor.)
Para minha família.

PASSAGEIRA – O pai de família com um celular na mão,
Um celular com internet,
Vai pro banheiro,
Ou fica sozinho no carro, à noite, esperando
mais um cliente.
Você abre seu celular e fica olhando sua
família?

CONDUTOR – Eu fico.

PASSAGEIRA – Você pega no seu pau e olha pra sua família?
Para de ser nojento.
Tira uma foto minha.

CONDUTOR – Para com isso, moça.

PASSAGEIRA – Você gosta, eu sei que você gosta.
Você acha que essas imagens todas que você vê.
Essas imagens aí “da sua família” (Faz gesto de aspás com as mãos.)
Imagens familiares, você quer dizer?
Você acha que elas vêm de onde? Do além?
O que tá na internet vem do além?
Você não consegue ver uma pessoa de carne e osso te falando “tira aqui uma foto das minhas tetas”?
Você consegue ver as minhas tetas?
Você poderia olhar por gentileza para as minhas tetas?
Se você não olhar para as minhas tetas, eu vou te mostrar a minha boceta.

CONDUTOR – Eu consigo ver as suas tetas, muito bonitas
as suas tetas.

PASSAGEIRA – .

Você não consegue ver, não é mesmo?

Você só consegue ver o que todos os outros
veem.
Imagens do além.

CENA 12

CONDUTOR – Como se a pessoa nunca tivesse visto nada de desconcertante na internet. Nunca, nunquinha, nem em um momento de carência. Nunca, nunquinha nem em um momento de curiosidade. Nunca, nunca a pessoa agiu num impulso. Para sair da mesmice ou sei lá. Como se ela nunca simplesmente digitasse um desses *sites* que ficam aparecendo por aí o tempo todo e entrasse lá. Como se ela nunca saísse clicando nos vídeos só pra ver o que tem lá, e um vídeo leva a um outro vídeo e a um outro vídeo. Como se ela nunca de repente já estivesse vendo aquele vídeo. Como se ela nunca se sentisse degradante depois de ver aquele vídeo. Aqueles vídeos todos. Como se ela nunca se sentisse tão degradante que depois passasse o resto do dia pesquisando outras coisas só para tentar se engrandecer um pouco e passasse o resto do dia sendo extremamente gentil com as outras pessoas para compensar toda a punhetação. Compensar cosmicamente falando. É sempre o mesmo dilema: como abrir um bom caminho entre tantas coisas sórdidas?

PASSAGEIRO – Entendo.

CONDUTOR – (Pego de surpresa.) Desde quando você está aí?

PASSAGEIRO – Como assim desde quando?

CONDUTOR – O que eu disse?

PASSAGEIRO – Como abrir caminho entre tantas coisas sórdidas, eu entendo.

CONDUTOR – E o que mais?

PASSAGEIRO – Foi isso.

CONDUTOR – Já aconteceu com você?

PASSAGEIRO – O tempo todo.
Como você faz?

CONDUTOR – Eu entro no *Xvideos* mesmo.

PASSAGEIRO – Quero dizer,
Como você faz para compensar?
Compensar cosmicamente.

CONDUTOR – Bem, na sequência eu leio algumas notícias.
Tem um *site*
Só com notícias boas.
Se chama “Só notícias boas”.
Eu fico inspirado lá.

PASSAGEIRO – Você sempre se sente assim entrando no “Só notícias boas”?

CONDUTOR – Sim, eu me sinto.

Mas só funciona depois de entrar no *Xvideos*.

PASSAGEIRO – É *disso* que se trata a compensação cósmica?

É quando você se sente bem?

CONDUTOR – Não, é claro que não.

Essa é apenas uma parte.

Esse é apenas o começo da minha compensação.

Primeiro eu me sinto bem, depois sinto que eu posso ser bom.

E então eu sou bom.

Fico extremamente gentil com meus passageiros.

Eu consigo ver eles. Eu vejo eles e trato eles com paciência, com cuidado. Eu tenho uma verdadeira estima por eles.

PASSAGEIRO – E eles gostam?

CONDUTOR – É claro que eles gostam. Todo mundo gosta de se sentir acolhido.

PASSAGEIRO – Vou tentar.

CONDUTOR – É um bom caminho.

PASSAGEIRO – Você vai pegar a via expressa?

CONDUTOR – O que você preferir.

PASSAGEIRO – Acho melhor, é mais rápido.

CONDUTOR (Olhando para frente, incrédulo.) – O que é isso?

(CONDUTOR e PASSAGEIRO incrédulos acompanham com o olhar através da janela.)

PASSAGEIRO – Isso são bichos?

CONDUTOR – Eu não sei, eu nunca vi isso.

PASSAGEIRO – Que tipo de bichos são esses?

CONDUTOR – Eu não sei. São búfalos?

PASSAGEIRO – Não existem búfalos na cidade.

CONDUTOR – São touros?

PASSAGEIRO – Não existem touros nesta cidade!

CONDUTOR – Bois?

PASSAGEIRO – Você pode desviar?

CONDUTOR – Não tem como desviar.

PASSAGEIRO – Estou com pressa, eu tenho uma viagem marcada.

CONDUTOR – Os touros não parecem muito preocupados com isso.

PASSAGEIRO – Que merda.

(**PASSAGEIRO** fica tenso e mal-humorado. **CONDUTOR** pega uma coisa para comer no porta-luvas do carro. Se delicia com o pedaço.)

CONDUTOR – Tá servido?

PASSAGEIRO – Não, obrigado.

CONDUTOR – Você não gosta de comer?

Eu não fui sempre condutor, não. Eu já fui cozinheiro durante muito tempo. Eu gosto de cozinhar e gosto de comer. Mas eu gosto de ser condutor. Eu levo os malucos para onde eles estão indo.



Polinose

DANILO CORRÊA

Personagens

CHRIS – médica
ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA
ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO
ALGUÉM COM BRONQUITE – Daniel
ALGUÉM DA FLORICULTURA
ALGUÉM NA JANELA
ALGUÉM SENDO EU – gêmeo
ALGUÉM SENDO VOCÊ – gêmeo/Abel

CORREDOR **TEMPO 1**

CHRIS

Estou em um hospital erguido no centro de uma ilha longínqua, dividido em andares, alas, quartos e um corredor imenso. Quando me deparo com sua dimensão, percebo que o hospital também é uma ilha. Um lugar que a gente se encontra com o abismo de nós mesmos, mas ninguém diz muito sobre isso. Trancados aqui, isolados em alas, em corredores mal iluminados, em quartos gelados, a gente se confessa como se fosse algo convencional. São tempos incertos, pois não se pode fazer muito em relação à alergia que assola os moradores. Ela ainda é um mistério. Ela ainda não é

levada a sério. Ela ainda divide opiniões. Ela ainda me faz querer me arrepender desta gravidez desgastante. Ela ainda... Espera! O que estou dizendo? Devo admitir que este hospital tem me causado alucinações. Parece que jogaram todo o problema da ilha aqui dentro. Parece que esqueceram que o problema não é só nosso. O que seria isso? Descaso? Politicagem? Genocídio homeopático? O que eu percebo nesse corredor afora é que ninguém quer deixar nada para trás. Eu não quero. Não quero deixar que este lugar seja a única alternativa para mim e meus filhos. Digo em relação à ilha. Este hospital ainda tem solução, ainda quer acolher abraços e alívios.

Mas nem por isso ele deixa de tremer quase sempre. Ao longe, observo que Alguém sendo a nova enfermeira vem dizer que ali se inicia uma batalha entre a vida e a morte, entre o que se vê e o que se esconde. Não necessariamente nesta ordem. Ela cruza o corredor com o olhar perdido e com o seu jaleco respingado de sangue.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – O quadro piorou! Esguichos de sangue! Vida ou morte! Chamem a doutora Chris!

CHRIS

Gritam por mim, mas quero um minuto de silêncio. No desespero, o tempo não segue lógica nenhuma. É uma confissão terrível – vida ou morte! Eu entendo que não é fácil encarar vida e morte em um instante tão repentino, por isso Alguém sendo a nova enfermeira se dá conta de que ela não esperava por tanto problema para resolver de uma vez. Ela pensa em desistir. Assusta-se com sua falta de experiência. De repente, se esbarra com a correria de outro médico.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Ei, menina! Acorda! Acorda! Sala de cirurgia agora... Rápido! O que você tem? Escuta aqui! Não é hora de desânimo ou medo. Convoque agora a doutora Chris. Sala de cirurgia! Sala de cirurgia!

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – É que me deu um vazio estranho, doutor!

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – A primeira vez é osso! Na realidade é bem mais bruto que qualquer curso. Mas se concentra, menina. Vá se trocar, se limpar! E sala de cirurgia, imediatamente!

CHRIS

Alguém sendo a nova enfermeira some pelo hospital, não sem antes ficar no ar a sensação de que nesses tempos de incertezas, de verdades corrompidas, de doenças indecifráveis, ela se veja assistida, intubada diante da revelação da vida ou da morte diária. É esta ilha que nos cabe. E aqui todo mundo está querendo dizer algo, mas o silêncio também é uma confissão? O meu silêncio é uma confissão? Nada parece ter sentido diante do instante que separa vida e morte. Por isso, gosto de caminhar escondida por horas neste lugar. Meus pensamentos encontram uma ordem. Assim como eu observo, neste instante, Alguém da floricultura deitando-se sobre uma maca encostada no fundo do corredor e encontrando a ordem física de um prazer satisfatório para o corpo e a alma. Vejo ele sorrir rapidamente e confesso que a inveja paira em meus olhos.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Ai! Que noite é essa? Minhas costas precisam de um fresco! Quero um café, mas preciso de um banho urgente. Estou com cheiro de velório.

CHRIS

Estica-se. Parece cantar de felicidade. Parece gozar de espreguiçamento. O hospital não para. A noite está pior ainda com o caso do atropelamento. Além da alergia, há os fatos urgentes e inesperados. Eu confesso que estou exausta. Estou com 33 semanas e só queria ir para casa, mas o plantão é interminável. Esqueci que não posso sair do hospital por agora, não devo. Não por mim, mas por eles. São gêmeos. São duas cópias idênticas. Assim me disseram as projeções médicas. É por isso que ficar por aqui é mais seguro que nas ruas. Igual a este rapaz deitado na maca. É como se ali fosse o lugar mais seguro para ele. Mais uma vez, a inveja insiste em permanecer nos meus olhos.

CHRIS – Deve ser muito bom ficar deitado aí, mas você sabe que não é permitido ficar andando por aqui...

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Eu sei, doutora. Precisava apenas esticar as pernas. (Pausa.) Não se lembra de mim, doutora Chris? Sou eu! Da floricultura. Estou quase o dia todo separando as coroas e as flores mais lindas da loja. São para o próximo enterro, provavelmente de quem foi atropelado. Está mal, não é?

CHRIS – Como sabe disso? Nenhum boletim foi divulgado ainda.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – É o que dizem lá fora.
Que o acidente foi terrível. Que pernas e braços voaram por toda a rua...

CHRIS – Todo mundo gosta de aumentar um pouco a situação.
E você já adiantou a morte do paciente preparando coroas e vasos? Que conveniente, não é?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Não, não! Na verdade, eu vim trazer uma encomenda para a desmemoriada do quarto 33. Mais flores para alguém que nem sabe mais sobre as coisas do mundo. Deixei as flores na recepção. Vim tomar um café, passar no banheiro e relaxar um pouco. Às vezes ficar o tempo todo na floricultura me causa um desgosto enorme.

CHRIS – Às vezes ficar o tempo todo no hospital me causa um desgosto enorme...

CHRIS

Neste momento, sinto que a vida se apossa de mim novamente. Uma contração fortíssima, como se meu coração estivesse sendo apertado e devorado pelas feras da angústia, corta minha carne e minha respiração. O chão é onde eu apoio meu corpo, minha barriga, minha preocupação.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Precisa de ajuda? Quer que eu chame alguém?

CHRIS – Já passou! Só me ajude a ficar de pé...

CHRIS

Levanto com dificuldade, agradeço o rapaz que tem cheiro de flor de velório e lembro que preciso trabalhar, continuar meus cuidados.

Pacientes esperam por mim. Caminho pelo corredor com mais disposição, embora algumas pequenas contrações ainda permaneçam no fundo da barriga. Saio dali, enquanto Alguém comprando cigarro passa por mim terminando a última tragada e procurando por mais cigarros em seu jaleco.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Será que eu morreria numa maca assim?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Você tem cigarro?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – O quê?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Fuma?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Não, não! Na verdade, já estou de saída. (Pausa.) O senhor sabe me dizer se o cheiro do cigarro tira o cheiro das rosas brancas?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Que patético!

ALGUÉM DA FLORICULTURA – O quê?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Nada não! Uma questão absurda dessas? (Pausa.) Quer tirar os cheiros das coisas? Tome um bom banho.

CHRIS

Alguém da floricultura deixa o local com cara de poucos amigos. Neste momento, Alguém comprando cigarro vê o filho, médico recém-formado, saindo do banheiro com o Dr. Fernando e o abraçando. Os três se olham com curiosidade. O filho caminha em direção ao pai. Eles precisam de uma conversa definitiva. Tudo parece que vai ficar calmo, porém um grito terrível e avassalador encobre todo o hospital. De repente, paira no ar um silêncio esquisito e acusador. Parece mais um dia comum neste lugar. Parece apenas.

– QUARTO 33 –

ALGUÉM NA JANELA – Não tem ninguém que possa suportar isto, mas eu confesso, eu preciso confessar que este lugar está uma merda. O ar é como um veneno que vai linchando poro por poro, brônquio por brônquio, até você se sentir seca, oca, desenterrada por dentro. Não tem mar, horizonte, natureza exuberante que faça esta ilha deixar de ser uma merda. (Gritando.) Estou trancada aqui, do outro lado do mundo, quase outro mundo, escondida entre as pedras e montanhas, entre o vento e o tufão, entre pessoas vivas e pessoas mortas...

CHRIS – Ei! Já disse pra senhora não ficar gritando...

ALGUÉM NA JANELA – Nem sempre foi assim. Foi-se bela, prazerosa, águas abundantes... Foi-se um sonho, um paraíso.

CHRIS – Calma! Calma! Entendeu? Não precisa gritar mais. Assusta os outros pacientes, os enfermeiros, as crianças, todo mundo. Já te expliquei que, quando a senhora precisar de mim, é só apertar a campainha...

ALGUÉM NA JANELA – É uma chuva que vem vindo?

CHRIS – Parece que sim! Mas acho que agora é mais leve. (Pausa.) Deixaram esta encomenda pra senhora. Trouxe também seus últimos exames!

ALGUÉM NA JANELA – Aqui o tempo é outro, doutora. É tudo junto, confundido. (Pausa.) Não tenho ânimo! Não tenho mais tempo e não tenho necessidade de me lembrar de alguém. Lembrar é uma faca afiada, ou melhor, uma espada, pois ela pode machucar alguém, te machucar, mas pode te salvar do vazio, às vezes, te recolocar no eixo das coisas serenas da vida. Quero lembrar somente dos meus filhos, mas não consigo. Meus gêmeos, Cláudio e... Qual o nome do segundo? Qual o nome do segundo mesmo? (Pausa.) Me deixaram aqui para morrer. Não se importam com nada. Eles me deixaram aqui pra morrer, doutora. É isso que eu sei. Minha cabeça titubeia a todo instante. Só o meu coração resiste, mesmo sendo uma ilha soterrada. (Grita novamente.) A velhice incomoda a lógica do mundo. As doenças se hospedam na velhice. Sabe o que sou? Sou pele de peixe, apenas escamas da sobra do abate...

CHRIS – Ei! Chega! Quieta, calma! A senhora vai ficar bem. Vou te dar um remedinho pra cabeça. Eu sei que a noite não

tem sido fácil. Estou exausta! Estamos exaustas! Trabalhar no meio dessa gravidez precisa de um gás extra.

ALGUÉM NA JANELA – Eu não quero mais remédio nenhum! (Pausa.) Não consigo lembrar mais a sensação de ter um filho...

CHRIS – Já te falei que são dois? Gêmeos! Isso mudou muita coisa já. (Pausa.) Olha só que flores lindas deixaram pra senhora. Acho que é do seu filho. Mais uma vez não veio com bilhete. Vou lembrar o rapaz da floricultura na próxima. Eu prometo!

ALGUÉM NA JANELA – Do segundo?

CHRIS – Não tem bilhete.

ALGUÉM NA JANELA – Do segundo? O outro filho? Como é o nome? Minha cabeça queima...

CHRIS – Não se preocupe com isso. Descansa que eu descubro quem foi, está bem?

ALGUÉM NA JANELA – Não suporto esse cheiro! Não posso com elas. Leve essas flores embora! Talvez esteja alérgica também e não só desmemoriada. Esta tal polinose causa falta de memória, doutora? É isso que me sufoca, sabia? Eu perco a noção das coisas e isso me faz querer gritar para me forçar a lembrar delas. (Pausa.) As flores são lindas, mas acho que meus filhos se lembrariam de que eu odeio rosas brancas...

CHRIS – Sinto muito! Vou pedir para dobrarem sua dose, está bem? Os exames ainda estão incompletos, então vamos descansar essa cabeça e o coração. Combinado? Volto depois para continuarmos o tratamento.

ALGUÉM NA JANELA – Tudo bem, doutora. Só não quero mais ser colocada em máquina nenhuma. Chega de exames! Só quero ficar aqui olhando o nada. Quero que a janela fique aberta mais tempo que o normal. Veja só como está tudo tão escuro. É bom que amanheça chovendo, não é? Limpar um pouco de tudo. Ninguém suporta mais a rigidez das estações. (Pausa.) Não sou rígida, sou flácida, doutora. Estou virando areia. Estou virando a areia que cobre esta ilha. E meu cheiro começa a ter vida própria. Já sei que não cheiro bem. O hospital começa a cheirar rosa branca de velório como eu. (Pausa.) Talvez eu seja uma ilha. Meu coração é uma ilha distante. Eu não suporto mais viver aqui. Olhe bem pra mim, doutora. É isto o que eu sou. Quando o vento entra pela janela e meu corpo não se lembra de reagir a ele, é isto o que eu sou, doutora, uma ilha pálida. (Pausa.) Sou uma ilha e já estou morta.

– PÁTIO –

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Eu odeio filtro vermelho.

ALGUÉM COM BRONQUITE – É horrível mesmo! Talvez um sinal pra você parar...

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Não enche! Eu gosto e pronto! E outra coisa, não tinha uma marca boa, mas é o que tem e isso me acalma. Está tudo muito tenso por aqui.

ALGUÉM COM BRONQUITE – É verdade.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – E agora trancados por dias sem muita solução de ninguém.

ALGUÉM COM BRONQUITE – Preocupante! (Pausa.) Sua equipe acompanhou o atropelado?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Sim! Tive que assumir tudo. A Chris não estava muito disposta... Ela está pra ganhar, não tá?

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não tenho certeza.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Tá sim. Eu percebi. (Pausa.) Aquela bunda gostosa...

ALGUÉM COM BRONQUITE – Você não tem jeito mesmo!

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Esquece isso! Você queria me falar algo, não é? Mas antes, você viu que gracinha a nova enfermeira?

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não reparei.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Gostosa também.
Se der mole, eu pego mesmo.

ALGUÉM COM BRONQUITE – Você conhece?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Nos esbarramos.
Estava toda desorientada, coitada!

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não, o atropelado.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Não, não. Parece
que é famoso. Já estão entregando flores e mais flores. Daqui
a pouco isso aqui vira um velório.

ALGUÉM COM BRONQUITE – Um ator, talvez.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Não me interessa.
Deve ser viado.

ALGUÉM COM BRONQUITE – E qual o problema? Não
vê que as pessoas gostam dele? Qual o problema disso?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Nenhum! (Pausa.)
Lá vem você com essas conversas misteriosas de novo.

ALGUÉM COM BRONQUITE – É grave, não é?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Um pouco. Temos
que perguntar detalhes para o Fernando. Agora é ele que vai
acompanhar este caso até o fim.

ALGUÉM COM BRONQUITE – O rapaz é famoso mesmo. Veja a aglomeração! A gente querendo sair e outros insistem em entrar...

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Tudo viado! Desocupados que não têm o que fazer. Tinham que ficar quietos em casa. Eles não são imunes à alergia...

ALGUÉM COM BRONQUITE – Você julga todo mundo sem piedade. Acha isso mesmo? Ouviu o que disse?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Nesse tempo? Eu tendo a achar que sim. (Pausa.) Tá cansado?

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não. Os pulmões ainda resistem... Essa alergia vai passar. Eu sei que vai. Os exames não estão certos ainda, mas o Fernando está tomando conta disso.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Por isso estava com ele mais cedo?

ALGUÉM COM BRONQUITE – Ele é muito atencioso. Vai dar tudo certo.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Não imaginava que você tinha uma amizade tão forte com ele.

ALGUÉM COM BRONQUITE – Você não liga para o que eu faço, pai. Fora daqui, deste hospital, você não se inte-

ressa pelo que eu faço ou sinto. Só agora que fica em cima de mim, porque essa alergia, essa tosse, essa bronquite, essa pneumonia, isso que eu não sei mais o que é, está tirando o nosso sossego.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Não seja dramático, Daniel. Acho melhor você entrar e descansar. Vou dobrar meu intervalo. Que dia insuportável! Maldito dia que fiquei trancafiado aqui. Esse tanto de gente se infiltrando na recepção, daqui a pouco vai transformar esse hospital em um teatro ou uma boate gay. (Pausa.) Você sabe que o Fernando deve gostar disso. Ainda bem que ele decidiu ir embora da ilha. É um bom médico, mas muito prepotente. Fiquei sabendo ainda que ele vai embora com outro namoradinho do hospital.

ALGUÉM COM BRONQUITE – Você não tem jeito, pai!

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Não enche, rapaz! Você é muito parecido com sua mãe. Implica com tudo. Não posso falar nada? É minha opinião, porra! (Pausa.) Ela está bem?

ALGUÉM COM BRONQUITE – Melhor impossível. E você, pai? Você está bem?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Que pergunta idiota! Claro que estou bem! Você acha que seu velho aqui não dá mais pro gasto? Presta atenção, Daniel. Sou um dos médicos mais cobiçados nesse hospital. E depois você vai assumir meu lugar. Já é tempo de fazer outras coisas da minha vida.

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não vou continuar aqui, pai. Vou embora.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Como assim? Embora pra onde? Não seja ingrato...

ALGUÉM COM BRONQUITE – Embora da ilha.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Deve estar brincando... Você acha que vão te pagar tão bem quanto aqui?

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não estou preocupado com isso.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Não está preocupado com isso? Você enlouqueceu? Sua carreira nem começou direito e já quer desistir? Escuta, eu sei que a alergia tem te deixado pra baixo, que isso tem deixado você sem trabalhar e colocar sua medicina em prática, mas é preciso ter calma e não querer chutar o balde logo no primeiro problema.

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não se preocupe comigo, pai. Eu vou ficar bem. Pode apostar!

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Era isso que queria me falar, não é? Pensa bem, Daniel! Aqui é um espaço excelente. Não seja irresponsável! Você não sabe o que tá fazendo.

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não é sobre minha carreira... Você acha que essa ilha, essa doença, esse medo são os maiores problemas que eu tenho enfrentado? Você acha?

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Chega de rodeios, rapaz. Já entendi que você é um egoísta. Quer ir embora? Então suma de uma vez! Mas depois não quero que volte arrependido. (Pausa.) Eu preciso comprar mais cigarro. Adeus, Daniel! Curta sua viagem. Não sei qual é o problema que você tem com o hospital, mas...

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não é o hospital, pai!

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Não? Então não comece com frescuras...

ALGUÉM COM BRONQUITE – Não é frescura...

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Então me diz qual é o problema, afinal?

ALGUÉM COM BRONQUITE – É conviver com você! É você não se importar com o que sinto! É você não respeitar o que sou! É você sufocar as pessoas com suas normas e regras que funcionam somente no seu mundinho, na sua ilha particular. É você achar que preconceito é opinião. É você... Ah! Estou cansado! Acho que você entendeu. Está esfriando. Depois, se quiser, conversamos mais...

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Acho que conversamos o suficiente!

ALGUÉM COM BRONQUITE – É uma pena que ache que já foi o suficiente...

– MATERNIDADE –

CHRIS

Eu preciso me lembrar de que antes mesmo de tudo isso acontecer, o hospital virou de cabeça para baixo. Conheceu o avesso do mundo. Está lacrado, isolado. Um vírus mortal tomou conta da ilha. É isso que fez a gente dobrar nossos plantões, é isso que fez os quartos e salas ficarem repletos de gente viva e gente morta, é isso que nos faz permanecer por aqui, às vezes trancados, às vezes sem ter pra onde ir. É tudo muito duvidoso. Querendo ou não, todos se encontram pelos corredores do hospital. O atropelado está morto. A senhora do quarto 33 está morta. Alguns vão embora, outros decidem ficar e enfrentar seus fantasmas. Nessa atmosfera, minha bolsa se rompe. Não consigo evitar o nascimento não programado. Está adiantado! Não era esperado! Não agora. São apenas 33 semanas. Eu ecoo um grito terrível e avassalador por todo o hospital. Sou amparada, carregada, medicada. A verdade é que o nascimento está adiantado. Não quero ser mãe. Digo, não queria ser mãe agora. Eles, meus filhos, devem estar eufóricos pela vida. E eu estou tão exausta! Vou perdendo as forças. De repente, um silêncio esquisito e acusador toma conta de todos. Amanhece com calma e parece mais um dia comum no hospital.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – São dois lindos meninos. Idênticos e saudáveis! Já têm nome?

CHRIS – Esse será o meu Abel.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – E o outro?

CHRIS – Que olhos lindos!

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – E o outro?

CHRIS – O que você está procurando, Abel? Que menino esperto!

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Quer segurar o outro?

CHRIS – Me ajude até a janela, por favor! Quero mostrar pra ele a nossa ilha, suas flores, seus corredores...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Ilha que está do avesso...

CHRIS – Suas histórias maravilhosas...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Que ainda nos mantêm isolados.

CHRIS – Eles carregam o vírus? Estão condenados por essa alergia?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Os exames são inconclusivos, então, só o tempo poderá dizer.

CHRIS – Só o tempo? O tempo pode ser muita coisa. O tempo nesta ilha pode ser suave e amigável como uma brisa, pesado e avassalador como um tufão.

CORREDOR TEMPO 2

CHRIS

Me volto para um novo tempo. Algumas coisas mudaram, outras permaneceram intactas, como Alguém sendo a nova enfermeira que depois de alguns anos continua sendo a nova enfermeira. O hospital continua trancando e isolando as síndromes alérgicas. O descaso permanece. As verdades corrompidas ainda circulam sem precedentes. As injúrias sobre os corpos enterrados viram piadas de café da tarde. Ainda sem entender muito bem como resiste a tudo isso, é fato que a ilha se desconhece estranhamente. Nestes novos anos, Alguém comprando cigarro caminha pelos corredores com dificuldade. É um homem velho e triste. Ele carrega um galão de oxigênio como se andasse de mãos dadas com alguém.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Que merda de música é essa?

CHRIS

Ah! Sim, claro. Devo lembrar que é tempo de carnaval. A ilha tenta festejar, talvez por estar sobrevivendo a um martírio de pânico e desconfiança. Enquanto isso, essas flores que Alguém sendo a nova enfermeira carrega são para alegrar um pouco o ambiente, apesar das rosas brancas terem cheiro de velório. Mas não importa. Enquanto a ilha tenta achar um ritmo de felicidade, a gente, aqui, vai resistindo como dá.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Sabe onde está o Dr. Daniel? Sabe de alguma coisa? (Grita.) Daniel!?! Vem aqui, estou aqui...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Dr. Daniel já não trabalha neste hospital há anos. Para de algazarra! O carnaval é lá fora...

CHRIS

Ela carrega Alguém comprando cigarro pelo braço para longe dali. Ele pergunta se ela pode lhe dar um cigarro. De longe, eu vejo aquela cena e me aproximo devagar. Aquela mulher tem sido uma grande amiga, aquele homem, um paciente cansativo.

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Tira essas flores do meu lado! Elas pioram minha alergia. (Pausa.) Você me dá um cigarro?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Você está pra morrer e não larga essa merda.

CHRIS

Alguém comprando cigarro se irrita, se solta do balão de oxigênio, pega o vaso e o joga no lixo. Eu tenho a impressão que ele vai fazer alguma coisa com Alguém sendo a nova enfermeira, mas seu grito rompe o espaço.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Você tá maluco? Olha o que você fez!

CHRIS – Tem gente querendo ficar sedado, hein? Elas não eram pra você! É pra nossa capela. A gente precisa manter isso daqui com fé. Não entende, não? Qual o seu problema? Se continuar irritado, eu mando te sedar. Fazer você dormir por um mês. Anda logo! Está na hora da sua sessão!

ALGUÉM COMPRANDO CIGARRO – Me desculpe, Chris! Fé aqui não resolve meu problema, resolve? É que você falando desse jeito, ela falando da minha situação, eu fico um pouco... Enfim, sinto muito! Sabe, Chris, não posso morrer sem ver o Daniel, entende?

CHRIS

Eu finjo que entendo a situação. Na verdade, é uma situação complexa. Agora, com o pé na cova, ele quer resolver todos os problemas do mundo? Eu tenho é pena! Eu cuido e ajudo do jeito que eu posso. Tiro um cigarro do bolso e entrego para ele. Tenho tido o hábito de fumar também. Só ele que sabe. Compartilhamos nossas angústias durante alguns tragos.

– CAPELA –

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Não entendi!

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Eu perguntei se você está gostando...

ALGUÉM DA FLORICULTURA – E você? Está gostando?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Sim! Muito! Mas acho que você poderia variar as flores. Tem muito branco. Hospital já é tudo branco. Acho que as flores da capela poderiam ser mais coloridas.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Igual ao carnaval lá de fora.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Sim! É disso que estou falando! Gosto desta animação.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Com certeza! É ótimo! Vou trazer margaridas, tulipas e rosas vermelhas daqui a pouco. Eu prometo.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Não me faça promessas. Isso nunca deu certo.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Só pra quebrar o gelo...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Você trouxe algo pra beber? Depois de anos aprendeu a carregar outra coisa além de flores?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Pega leve, hein! Eu trouxe cerveja, mas tá quente. Não vai dar problema pra você? Você está em horário de serviço ainda.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – É carnaval! Dá um tempo! E ninguém precisa saber. Mas, pra minha sorte, eu só bebo vinho agora.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Chique! Sempre fazendo mistérios... Nunca pensei nessa situação antes.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Na nossa situação? Ou no fato de eu preferir vinho? Fala sério! Você é muito engraçado! Nunca pensou? Até parece... Me dá um gole! Estou com sede.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Está horrível! (Pausa.) Ei! Vai com calma! Não é água.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Ah! Credo! Muito ruim!

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Eu te avisei...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Ah! Esquece. Eu precisava de alguma coisa pra me animar. Vem aqui logo...

ALGUÉM DA FLORICULTURA – O beijo já?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Precisamos disso, não é? Estamos aqui pra isso. Você mesmo disse que isso era inevitável. Não vamos adiar mais nada.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Tudo bem! (Pausa.) Só fecha o olho antes, pode ser?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Ah! Que frescura! Vem logo!

(Silêncio e beijo.)

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Você pode colocar a língua, se quiser...

ALGUÉM DA FLORICULTURA – É uma lembrança esquisita. Desculpa!

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Pode ser do jeito que você quiser, então. Só abre mais a boca.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Assim?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Isso! Só relaxa...

(Silêncio e beijo.)

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – E então?
Como foi?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Pode de novo?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Você falou
um beijo só e já foram dois.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Eu sei! É que está com
muito gosto de cerveja...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Sério? Nos-
sa, que merda! (Pausa.) Tem uma bala aí?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Não se preocupe. É bes-
teira minha.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Então, vem
cá! Vamos logo com isso! Preciso voltar ao trabalho.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Mas já? Preciso tomar
um fôlego...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Você quer
outro beijo ou não?

(Silêncio e beijo.)

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Desculpa, desculpa, des-
culpa...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Ai! Vai com calma, caralho! Deu de morder agora?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Desculpa! É melhor deixar quieto. Eu não sei o que estou fazendo. Não sei por que insistimos nisso.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Relaxa! Não machucou. (Pausa.) Então você concorda?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Concorda com o quê?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Que não precisamos insistir mais?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Acho que sim! Você é maravilhosa, mas, ao mesmo tempo, você é muito eufórica também. Nem sei por que estou falando isso. (Pausa.) Posso te mandar umas flores se você quiser?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Que mania chata você tem de querer mandar flores pra todo mundo...

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Achei que você gostasse das flores.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Não é nada pessoal, mas tem hora que precisamos fazer algo diferente, mandar coisas diferentes, sei lá. Acho que isso poderia ter evitado nosso desgaste. (Pausa.) Enfim, acho que você entendeu. Vamos parar por aqui!

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Não tiro sua razão, mas você podia ter me dito antes também, não é? (Pausa.) Está certo então, não vamos enrolar mais nada, mas antes posso pedir uma última coisa?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Outro beijo?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Finalmente estamos em sintonia...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Só pensei nisso porque você fez uma cara de cachorro abandonado, e também não foi tão ruim assim.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Sério? Você gostou?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Não vou te dar essa certeza ainda! Mas agora você fica quietinho com a cabeça. Eu comando, tá bom?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Sim! Combinado! Mas e se...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Mas o quê, seu bobo?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Se eu te morder de novo?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Não fica pensando nisso... Vem cá!

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Calma! Você mexe muito a língua. Eu fico perdido. É muito gostoso, mas eu fico perdido, então...

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Será que eu não sei mais? (Pausa.) Meu Deus, eu não sei mais beijar! Depois de tanto tempo, será que a gente desaprendeu as coisas?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Que coisas?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Tipo beijar, amar, abraçar, cuidar...

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Quer um abraço?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Quero um beijo, porra! Agora eu não posso ir embora com essa dúvida.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Pode ser, mas eu não tenho mais dúvidas sobre nós.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Não tem? Admiro sua segurança.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Só sinto que não temos mais dúvidas. Igual quando eu separo as rosas brancas para a morte e as rosas vermelhas para os amantes. Não há dúvidas!

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Pena que percebemos tudo isso tarde, não é? Igual os espinhos que você tira das rosas. Às vezes você percebe que se machuca, às vezes não, e às vezes vai entender que se machucou só algum tempo depois. Ou quando eu fazia os curativos, ou quando você não queria fazer nada...

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Não começa a complicar as coisas de novo.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Já entendi. Então precisamos mesmo pôr um ponto-final nisso. Quer um último beijo ou não?

ALGUÉM DA FLORICULTURA – O derradeiro!

(Silêncio e beijo.)

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Agora sim! Acho que esse foi melhor.

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Tipo um vulcão em erupção! Um vulcão da ilha.

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – Não precisa aumentar. Você ainda não pegou o *time* da língua...

ALGUÉM DA FLORICULTURA – Ah! Lá vem você com essa história de novo. (Pausa.) E agora? O que vai ser?

ALGUÉM SENDO A NOVA ENFERMEIRA – A gente não deu certo. Desde quando nos conhecemos naquela noite enlouquecida pelo atropelamento, tivemos bons momentos. Suas manias, sua doçura e até seu cheiro de rosa branca de velório tinham um encanto. Mas agora nós dois sabemos que o nosso casamento foi um fiasco, e os santos daqui são testemunhas. Acho que tentamos de tudo ou tentamos do jeito errado, mas agora o melhor é a gente seguir o bloco. Aproveitar que o bloco tá na rua e se misturar com ele. Precisamos deste divórcio pra gente manter nossa crença de dias melhores, antes mesmo que outra tragédia caia sobre este hospital.

CORREDOR TEMPO 3

CHRIS

O hospital está se despedaçando. Há alas interditadas pela defesa civil, outras foram leiloadas e viraram shopping, academia, mercado e cinema. A ilha não se reconhece mais. Só chove, só treme, só teme seu fim. O tempo vai passando como se fosse a única atividade daqui: observar o tempo passar sem muito alarde. Também preciso dizer que fui acometida pela alergia mortal, pela demência constante, pela velhice incompreendida. Diante dos dias vazios, eu me encontro com memórias e sonhos que vivi nesses corredores. Aqui, o tempo é outro, e meu coração, uma ilha.

– SALA DE ESPERA –

ALGUÉM SENDO EU – O que eu queria dizer é que aqui parece o paraíso que eu desenhei. Não é muita coisa. É simples: tem uma sala vazia. Somente cadeiras e uma mesa velha. Sobre a mesa, um vaso colorido com flores robustas e lindas. Você se aproxima da mesa, está vestido para uma festa, muda o vaso de lugar várias vezes. Outro homem corta a sala observando-o de longe. Ele é idêntico a você: roupas, cabelos, trejeitos. Você sente a presença dele... (Pausa.) Depois você...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Shhh!!!

ALGUÉM SENDO EU – O que foi?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Shhh!! Tô pensando...

ALGUÉM SENDO EU – É só uma ideia. Não filmei, não roteirizei ainda...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Quietos!

(Silêncio.)

ALGUÉM SENDO VOCÊ – É infantil demais.

ALGUÉM SENDO EU – Infantil é seu rabo!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Grosso! Eu que estou investindo na produção...

ALGUÉM SENDO EU – É só uma ideia!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não gostei! Você imaginou justamente este lugar. O filme é sobre este hospital? Isso daqui é um paraíso? Não viaja na maionese! Até o perfil das flores está idêntico. Aliás, que flores horríveis você trouxe para a mamãe. Têm um cheiro esquisito. Você é muito estranho, irmão!

ALGUÉM SENDO EU – Aqui virou minha inspiração.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Tudo bem! Já entendi! Estou falando para o seu bem. (Pausa.) Eu acho que falta você considerar a presença do vaso de flores como um enigma. Elas são brancas na sua maioria, mas podem ficar vermelhas.

ALGUÉM SENDO EU – Vermelho é uma cor que eu não gosto.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – As flores podem ser a prova deste paraíso. Elas te recordam de um sonho?

ALGUÉM SENDO EU – Não me lembram de nada. Na verdade, só a situação crítica da nossa mãe.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – E a sensação? Qual a sensação de quem entra nesta sala e observa as flores? Os sentimentos que rodeiam o lugar...

ALGUÉM SENDO EU – Não sei ainda. (Pausa.) Pode ser a sensação de esperar por alguém. De visitar alguém. De ouvir que alguém se foi ou já está de alta. Ou melhor, de que precisa contar algo para alguém.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Uma confissão?

ALGUÉM SENDO EU – Talvez.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Descreva outra ideia. Acho melhor considerar o que acontece lá fora.

ALGUÉM SENDO EU – Na ilha? Aqui já é uma ilha, Abel. Tenho calafrios só de pensar que estamos nessa sala. Mas quer saber? Vou aceitar suas dicas. Agora eu preciso de um tempo sozinho.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não vai ver a mamãe? Vem mais um temporal por aí, e preciso ir pra casa.

ALGUÉM SENDO EU – Você sempre com pressa. Ela nem deve se lembrar mais da gente.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Já me disseram que às vezes, no meio da noite, ela grita nossos nomes. Isso é perturbador!

ALGUÉM SENDO EU – Eu vim, comprei as flores, me preparei até para falar sobre os filmes favoritos dela. Mas toda vez que chego aqui, não consigo mover um passo. Como se eu fosse ao encontro do fim. Entende?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – É só ir lá e fingir que está tudo bem. Talvez ela esteja dopada de remédio e nem perceba sua presença.

ALGUÉM SENDO EU – Me responde com franqueza, Abel. O que você acha que tem depois da morte?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Como é?

ALGUÉM SENDO EU – Diga logo, o que você acha que tem depois da morte?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Sei lá. Não acredito muito nisso!

ALGUÉM SENDO EU – Então você acha que é um completo vazio? Uma suspensão infinita?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Que papo doido! Eu não disse nada disso. Eu acho que depois da morte acaba tudo, como as flores deste vaso. Elas vão murchar, secar, morrer e depois... Não tem depois.

ALGUÉM SENDO EU – As lembranças são um depois?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Acho que isso explica melhor a morte do que o que vem depois dela. (Pausa.) É isso! Você me convenceu. O depois pode ser as lembranças.

ALGUÉM SENDO EU – Boas e ruins?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Boas e ruins! Como uma faca ou espada que pode te ferir, machucar alguém ou te defender... Sei lá.

ALGUÉM SENDO EU – Ou o inferno.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Ou o inferno.

(Silêncio.)

ALGUÉM SENDO EU – Afinal, esse tempo não se resolve logo. Esse vírus, esse medo, essa falta de expectativa... Chove e para, chove e para...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Você sempre ansioso.

ALGUÉM SENDO EU – Eu tenho outras coisas pra fazer, mas parece que estamos aqui esperando que ela vá embora de uma vez por todas.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – A gente em estado de espera, nossa mãe em estado de espera. Todos aqui em estado de espera, meu irmão.

ALGUÉM SENDO EU – Ela espera a morte, Abel. É isso que você quer dizer?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Claro que não! Talvez ela espere por Godot.

ALGUÉM SENDO EU – Quem?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Godot! Já se esqueceu? Quem espera por alguém sempre espera por Godot! Deve ser uma metáfora. Nunca encontraram Godot, nunca suspeitaram sobre a forma de Godot, nunca fizeram um retrato falado dele. A morte não tem rosto, e Godot também não.

ALGUÉM SENDO EU – Você enlouqueceu!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Ei! Isso é seu. Do seu último filme. Não lembra?

ALGUÉM SENDO EU – Um fracasso! Mas a nossa mãe adorou.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Nem tanto! O prejuízo foi muito pequeno.

ALGUÉM SENDO EU – Cala a boca, Abel! Só pensa no seu bolso. Eu errei a mão naquele filme. Devia ter feito a peça que seria mais viável. Sairia mais barato e a crítica não iria cair matando. Quis reinventar o Godot e acabei criando uma epopeia grotesca. Nós dois criamos expectativas desnecessárias.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Protuberâncias, meu irmão. A vida requer protuberâncias!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não! Pode ficar tranquilo. Devo ter lido em algum lugar... (Pausa.) Se você não vai, eu vou. Já está ficando tarde e eu não quero passar a noite aqui.

ALGUÉM SENDO EU – Você leva as flores? Aliás, gostou delas?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Quando você comprou as flores?

ALGUÉM SENDO EU – Não interessa! Tá comprado!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Espero que pelo menos seja do gosto dela. Ela é enjoada com presentes, você sabe.

ALGUÉM SENDO EU – Será que ela nota a diferença?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Acho que ela já não tem idade pra entender mais nada. Não é a primeira vez que deixamos flores pra ela.

ALGUÉM SENDO EU – Não é isso, Abel. Será que ela imagina que sou eu quando ela te vê?

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Está delirando agora?

ALGUÉM SENDO EU – Pensa comigo. Você é meu duplo. E já tiramos proveito disso... (Pausa.) Quando te vejo, é como se eu pudesse me encontrar várias vezes, me amar e me odiar também. Em dose dupla, sabe? Ela deve se confundir...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Tipo te suportar duas vezes, não é?

ALGUÉM SENDO EU – Algo assim. E quando eu não consigo ser eu, parece que você me rouba isso. Me rouba a chance de acertar e de errar. Não é algo fácil de pensar...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – É algo turbulento. Já tive a sensação de você viver o que eu tinha que viver e sentir o que eu tinha que sentir.

ALGUÉM SENDO EU – É exatamente isso, Abel. Parece que somos metade. Mas você sempre foi uma metade mais completa.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não seja idiota!

ALGUÉM SENDO EU – Eu queria dizer outra coisa. Uma confissão, talvez. (Pausa.) Você precisa entender que não damos certo...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Quero pensar coisas boas! Não venha com revolta pra cima de mim...

ALGUÉM SENDO EU – Você me incomoda...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Estive pensando em dar uma festa...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Depois que a mamãe superar tudo isso.

ALGUÉM SENDO EU – Minhas ideias, meus projetos...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Cozinhar, dançar, beber com os amigos...

ALGUÉM SENDO EU – Uma vez eu coloquei veneno na sua comida...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não vai contestar esses “amigos”?

ALGUÉM SENDO EU – Mas daí foi o seu gato que comeu...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – O que foi? (Pausa.) Você tinha o costume de contestar tudo...

ALGUÉM SENDO EU – Você sempre decidindo tudo pela gente.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Tudo não! Somente o que não é legal pra gente.

ALGUÉM SENDO EU – Pra mim!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Pra gente!

ALGUÉM SENDO EU – Pra você!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Pra gente!

ALGUÉM SENDO EU – Para de falar “a gente”, “a gente”, “a gente”... Não existe “a gente”, Abel. Não existe porcaria nenhuma. Somente essas cadeiras velhas, esta sala vazia cheirando a água sanitária e esse vaso horrível que eu deveria ter jogado no lixo há muito tempo. Você é uma dor cancerígena. Eu quero gritar essa dor! Eu quero gritar essa dor que você me trouxe. Suma daqui! Você finge que tá tudo bem, mas não tem nada bem entre a gente.

(Silêncio.)

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Sou apenas uma cópia pra você, é isso?

ALGUÉM SENDO EU – Eu queria já ter te enrolado no cordão na barriga da nossa mãe, mas não tive forças...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – A versão que não precisava...

ALGUÉM SENDO EU – Eu prendo a minha respiração e você respira por mim.

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não é um gesto nobre?

ALGUÉM SENDO EU – É um assalto! Eu não consigo evitar. Você é uma sombra...

ALGUÉM SENDO EU – Quer saber? Eu não vou ver mais aquela velha caduca. E esse vaso de merda vai para o lixo!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Impossível! Não vai nada! Dá aqui que eu levo pra ela.

ALGUÉM SENDO EU – Joga fora!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não! É um presente!

ALGUÉM SENDO EU – Meu presente!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não! É meu! Eu que tive a ideia.

ALGUÉM SENDO EU – Óbvio que não! Me dá isso daqui, Abel...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não! Solta! Você está me machucando...

ALGUÉM SENDO EU – Isso vai pro lixo agora!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não! Não! Ela vai gostar...

ALGUÉM SENDO EU – As flores são minhas... Presente que eu comprei...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Não! Solta, seu imbecil! Solta que eu vou gritar pra todo mundo ouvir...

ALGUÉM SENDO EU – Solta, Abel! Estou mandando...

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Para! Solta a porra do vaso...
Ai! Ai!

ALGUÉM SENDO EU – Então engula essas flores, Abel!

ALGUÉM SENDO VOCÊ – Chega! Chega! Minha cabeça...

ALGUÉM SENDO EU – Toma! Toma! Por que você não morre de uma vez, Abel?

(Silêncio.)

ALGUÉM SENDO EU – Olha só o que você me fez fazer!
Fica aí estirado no chão... A sua sorte é que já estamos no hospital.

(Silêncio.)

ALGUÉM SENDO EU – Não vai falar mais nada? Levanta daí logo, Abel... Vou chamar alguém pra te ajudar e vou lá ver a mamãe. Quem sabe agora, depois de tanto tempo, eu tenha a atenção dela.

(Silêncio.)

ALGUÉM SENDO EU – Pode ficar com esse vaso agora. As flores estão vermelhas e eu não gosto de vermelho.

CHRIS – Você acredita, meu filho, que parece que já vi esta cena? A janela, a chuva vindo de longe, os remédios que não acabam nunca, a campainha do lado da cama... Engraçado que eu consiga me lembrar disso, não é, Abel?

ALGUÉM SENDO EU – Mãe! A senhora está cansada e confusa...

CHRIS – Tantos anos me dedicando a este hospital pra terminar meus dias nele...

ALGUÉM SENDO EU – Veja que aqui a senhora está sendo amparada e...

CHRIS – Abel, cadê o seu irmão? Você disse que ele viria hoje. Eu preciso abraçá-lo. Sinto falta da companhia dele...

ALGUÉM SENDO EU – Sente falta dele?

CHRIS – A todo instante (Pausa.) Chega mais perto, Abel. Você está muito esquisito hoje...

ALGUÉM SENDO EU – A senhora está cansada e confusa, mamãe. É melhor eu voltar outra hora...

CHRIS – Deixa disso, rapaz! Venha aqui. (Pausa.) Estranho! Muito estranho! Esses seus olhos não são os olhos de Abel.

CORREDOR TEMPO VAZIO

CHRIS

Finalmente, uma brisa fina toca a janela e o meu rosto. A sensação é que estou neste hospital erguido no centro de uma ilha longínqua, dividido em andares, alas, quartos e um corredor imenso, mas que já não é somente um hospital. É uma via de confissão para o singelo e o bruto da vida. Aqui, quando um grito de dor, quando lágrimas escorrem dos olhos apavorados, quando um sorriso de conforto é encontrado na face de alguém, quando um abraço é mais que uma palavra serena, em outras ilhas soltas pelo mundo, a vida caminha em paz e maravilhada. Assim me parece o tempo das coisas, assim me parece a ilha que cada um carrega no coração. O hospital é uma ilha, mas já é diferente. Já estamos diferentes ou pelo menos teríamos que tentar. Em êxtase, aperto a campainha para que todos venham ver o horizonte da ilha. Alguém sendo a nova enfermeira entra sem pressa pelos quartos, salas e corredores, abre cortinas, janelas e portas. Uma luz suave da noite invade o local e revela, na penumbra, fantasmas, sadios, doentes, sobreviventes, velhos, jovens e crianças. A noite ganha ternura e aconchego. Nos reunimos como se fosse uma festa, uma celebração amigável, um bloco de carnaval. E então, desfazendo de nossas inseguranças, saímos pelo hospital afora.

FIM



Quando há fundo

AIÊ ANTÔNIO

VOZ DE DUAS CRIANÇAS NO GRAVADOR – Tudo azul. É uma mulher negra com roupa de praia. O cabelo dela é bonito, mãe. O que é isso? CAN-GA CO-LO-RI-DA. BOL-SA DE PRA-IA. GUAR-DA SOL LA-RAN-JA GRAN-DE, I-SO-POR – Deixa que eu leio: que cabe fruta, água, refrigerante, cerveja. Esta luz, mãe? É forte. Luz azul FORTE, luz azul cor de céu, cor de água do mar. O mar não tem cor, tem? É fundo, mãe. Posso entrar? É fundo. Né? Fundo, fundo de tudo. Que isso? Que isso aqui, mãe? É ME-DO.

SULA – Eu tenho medo de lua cheia. Ondas. Eu tenho medo de chuva muito forte e da noite escura. Muita água. Quando venta muito, eu tenho medo do uivar do vento. Se eu tiver que tirar os pés do chão – Que horas? – pra boiar, eu temo. Eu sinto dor nas pernas, mas não cedo. Eu pressiono, seguro: ando feito caranguejo. Fico de lado na quebra da onda. Nem molho o cabelo. Tem que dar pé... É outra, se tiver que falar em público, muita gente, as palavras banguçam, eu me repito. Tento pegar as imagens e fixar no chão feito guarda-sol de dois metros e quarenta – esqueci de comprar o sacador – sei lá: aquele que puxa a terra pra ter profundidade na hora de fincar, e aí o guarda-sol voa, eu vou atrás correndo. Todo mundo ali, esperando para me ouvir. Eu cheia de areia que sobe no meu desespero e gruda na perna molhada da água que só lambeu, só encostou

na minha pele. E aí, o biquíni que é lindo, que ficaria perfeito no meu corpo, perde toda a elegância, pois eu pareço um caranguejo cheio de lama, correndo de um lado a outro, repetitiva, no mesmo lugar, gingando pra direita e pra esquerda sem avançar no assunto. Ah! A profundidade, sabe? Não me cabe, eu não tiro os pés do chão. Areia macia, fofa... O público. A plateia. Ah, estes querem me ouvir ou simplesmente, simplesmente cumprir o protocolo. Não sei nadar. Não visualizo a técnica, e não vou. A galera minha amiga vai. Eu fico cuidando das coisas na esteira: as frutas, a água, o celular, os óculos de grau e os óculos de sol, as cangas, as carteiras e os brinquedos. Tipo a bola ou a rede de vôlei. Eu também não sei jogar vôlei. A bola vem rápido na minha direção. Me assusto. Bate no meu rosto. Acabou o jogo. Pronto-socorro. Bombeiro. Afogamentos. Ponto de referência, se eu não enxergar e a onda me levar, como eu volto? Se o mar me quiser, o que eu faço? As pessoas costumam ter paciência comigo ou relevam eu não me dedicar a algumas coisas. Me sinto mal, parece que eu não atravessei a margem. Boba. À toa. Rasa. Café com leite. Piscina infantil. Aquários de sala. Boia. Boia de plástico. Boia inflável colorida. Eu sou adulta, pow! Que medo que tenho da lua quando me olha a noite. E se a noite é negra: eu sou o quê? A lama é uma coisa doída.

“Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é, caranguejo só é peixe na enchente da maré.”

SULA – Luz azul-fundo-do-mar apaga. Sula tá ali no meio da noite segurando tudo. Me segura, Sula. Me segura, que se eu der mais um passo, eu afundo. Eu sou uma atriz e, mesmo que eu saiba nadar, os seus medos me afogam.

QUANDO A ONDA CHEGA

VOZ DE DUAS CRIANÇAS NO GRAVADOR – Qual o som da água do mar, mamãe? (Reproduzem vocalmente sons possíveis.) Sula tá com roupa de verão: sandália de dedo, chapéu de praia, bolsa de couro, bolsa de couro de mentira, né? O couro não é de bicho, é? E tem alça, o vestido parece de véu de cortina e tem alça, é curto, transparente, mas é bonito. Voa solto que nem os cabelos de Sula. As alças servem para SE-GU-RAR. Deixa que eu leio. Mas eu tô vendo as imagens. Mas deixa que eu leio as palavras. Tá. Na praia, na beira da praia, os pés de Sula deixaram um monte de pegadas. Dá até pra seguir se as ondas não cobrirem. Vamos brincar de andar sobre as pegadas? Minha vez. Olha pra trás. Minha vez. Por que ela tá triste, mamãe? Não chora, Sula!

SULA – (SULA suspira.)

VENDEDOR DE COCO (Animado.) – E aí, minha rainha, água de coco fresquinha da boa. Olhe... Uma água de coco

gostosa igual a esta você não encontra igual em toda Salvador. Leve, moça... Que tal?

SULA (Séria com ar de desconfiada.) – Quanto é?

VENDEDOR DE COCO – Se ligue... Pra você, pretinha, o valor é o ideal. Este coco aqui sai apenas doze reais a unidade, com canudinho biodegradável. Massa... Veja que a gente tem consciência que a natureza é a divindade soberana que devemos preservar, não é, nega? Leve...

SULA (Meio tímida.) – Entendi... Mas doze reais? Tá meio caro.

VENDEDOR DE COCO – Se tu experimentar este coco, vai ver que não tem nada igual, não. Aí tu me fala se não vale doze conto. Bora testar, mainha?

SULA – A água de coco costuma ter um gosto meio parecido na verdade.

VENDEDOR DE COCO – “*A saudade, ela queima como o sol. A saudade, ela é grande como o mar. A saudade, ela é forte como o vento. Ela abre um caminho pra voltar.*”⁴ (Ele canta.) Dez reais então, senhorinha.

SULA (Permanece séria.) – Aceita cartão?

VENDEDOR DE COCO – Com certeza! Débito, crédito, dinheiro, até piíiiiix a gente tá facilitando, aqui é barril. (Risos, enquanto agiliza já no preparo do coco.)

SULA – Vo-u que-rer sim, então.

VENDEDOR DE COCO (Abre o coco, coloca o canudo, entrega na mão de SULA.) – Tá aí... Tá dada a canudada, e diga se não é um coco delicioso.

SULA (Pega o coco na mão e deixa escorregar. O coco rola no chão.) – Ai... Puta merda, me desculpa, moço. (Tenta agarrar o coco que rola na areia.) Poxa vida, eu sou muito estabana. Eu pago...

VENDEDOR DE COCO – Se picou... haha. Deixa que eu pegu. (Corre atrás do coco. Volta limpando a areia nele com um sorriso no rosto.) Se acalme, tá tudo certo, apronto outro sem problema nenhum, nega. Este eu bebo, limpo a areia aqui, ó... Novinho. Eu trabalhei demais hoje, véi. Só alegria! Hora de saborear um coco para finalizar o dia na onda. E você não é daqui, não. É de onde? Se mal lhe pergunte.

(VENDEDOR DE COCO entrega o novo coco pra SULA.)

SULA – Obrigada, moço, me desculpa mesmo. (Dá uma sugada no canudo.) Então... Sou de São Paulo, capital.

VENDEDOR DE COCO – Já veio outras vezes pra cá?

SULA – Sim, quando eu era bem pequena, então hoje é quase a minha primeira vez. (Dá outra sugada no canudo.) Saboroso mesmo!

(Abre a carteira e entrega o dinheiro com um sorriso leve.)

VENDEDOR DE COCO – Doze reais...? Te disse, preta. É água, véi. Melhor água de coco por aqui. Olha, esta cidade, não é por nada não, é boa de – mais!!!! (Guarda o dinheiro e pega o coco que havia caído no chão e que está sobre o carrinho. Troca o canudo. Bebe também enquanto proseia olhando contemplativo a praia.) Não é só porque nasci e me criei aqui que digo. Tem coisa normal de cidade grande? Tem, basta ver noticiário: é trânsito, é assalto, desemprego. Mas o axé da Bahia, o axé você sente no ar. Do nada você esbarra nele e nem vê. Aqui é diferente. Já trabalhei em todo canto, mas aqui é meu lugar. Oxi... Troco por nada não.

SULA (Concordando tímida.) – Pois é, outra energia mesmo.

VENDEDOR DE COCO – Tô te falando, nega. (Pausa olhando pro mar. SULA suga a água de coco pelo canudo, quieta olhando na mesma direção. O vendedor guarda o coco no carrinho.)

Eu vou lá. Viu? Tô por aqui todo dia. Qualquer coisa a gente se tromba por aqui no Farol. Pra mais água de coco, ou quem sabe uma breja, camarão, caruru. (Enquanto muda a direção do carrinho de coco.) Veio pra ficar?

SULA – Passagem, moço. Conhecer só.

VENDEDOR DE COCO – Mas fica quanto tempo?

SULA – Pouco.

VENDEDOR DE COCO – Tendi. Venha mais vezes com tempo pra aproveitar. É nesta sua passagem, seja muito bem-vinda, viu? Seu nome?

SULA – **Inventa um nome. Emília. Anita. Soraia. Domenica. Madalena. Anastácia. Qualquer um.** Sula. E o seu?

VENDEDOR DE COCO (Canta.) – “*Faz tanto tempo que eu te conheço, mas você mudou. Faz tanto tempo que eu te conheço, mas você mudou. Minha flor bonita – minha linda flor.*”⁵ (Ele canta.)

Som metalizado: “Eu sou Exu”.

– Dingo, chama Dingo e eu respondo.

SULA (Ri um pouco mais solta.) – Entendi. OK, Dingo. Obrigada. Bom trabalho ou bom descanso. E está aprovado, o coco é maravilhoso mesmo!

VENDEDOR DE COCO (Dá uma gargalhada.) – Te disse... Doze conto. Axé, preta, muito axé no teu caminho. Se preocupe muito não, aqui o vento é que te leva...

5. Música “Diga que valeu”, de Chiclete com Banana.

SULA (Sorriso ainda tímido. Acena com a cabeça.) – Axé. Axé. Axé.

O vendedor de cocos desapareceu. Talvez não seja seguro andar sozinha pela praia. Mas Sula acabou de chegar, deseja ver a noite chegar também. Tira da bolsa uma espécie de canga e escolhe um lugar na areia. Desfruta do coco olhando pro mar como quem encara um inimigo. Eu vejo um mar de cabeças que me assistem. Ela vê o mar azul que a afoga. O que esperam da gente?

QUANDO O MAR INVADIR O MUNDO

VOZ DE DUAS CRIANÇAS NO GRAVADOR – A Sula é engraçada, mãe!

SULA – Que cara dado. Arg... Sangue quente deste povo. Tá bem que um pouco desse sangue percorre também minhas veias. Eu poderia ser menos fria, menos tímida talvez. **Sula, você poderia tanta coisa...** (Dá uma sugada no canudo espetado no coco e continua a admirar a água). O mar é grande demais. As pessoas vêm aqui pra se banhar; mas o mar, o mar engoliria a todos num piscar de olhos se quisesse. (Suga o canudo com a água de coco novamente.) Do nada, uma catástrofe poderia chegar à Bahia. Agora, por exemplo, será que daria tempo de avisarem ali do farol? O farol, que acho euuuu, deve servir só de enfeite e cartão-postal. E se avisassem? Daria tempo de correr? (Suga novamente a água de coco.) Eu nem sei nadar. Seria uma merda, porque, pelo que vi nos filmes, você nem sente se vem assim uma onda gigante. Você até vê, corre um pouco se conseguir, e acho que não dá nem

três segundos, tudo te invade de um jeito: boca, olhos, nariz, ouvido, que, até seus órgãos assimilarem, você já não é mais nada. Fora se, com a força da água que carrega tudo, um barco, uma corrente ou um tronco te atropelar numa dessas. Nem morre afogado, morre de trauma no crânio ou perfurado. (Dá uma sugada no canudo e percebe que a água do coco acabou.) Que droga. Vem pra uma praia desta, na BA-HI-A, com tanta gente bonita. Sarada! Gostosa! (Com um sorriso forçado.) E não consegue pensar em outra coisa, senão em como morrer debaixo da água.

SULA – Esbarra no coco que rola pro mar. Congela enquanto assiste a cena do coco rolando pra beira da praia. Tanto lugar, parece pirraça. Tudo te chama pra dentro da água.

Será que eu posso deixar este coco aqui? O canudo é BIO-DE-GRA-DÁ-VEL. Paguei doze reais só por esse motivo.

SULA – Sula levanta sacudindo a canga, tira a areia do corpo, colocando sua bolsa no ombro. Persegue agora o coco que rolou pra beira do mar. Se aproxima e se agacha. Ao segurá-lo, ele escorrega novamente, está coberto com uma lama: mistura de areia e água. Sula, inconformada, segue o coco – não poderia chegar assim, sujando a praia – ainda que os cocos sejam todos BIO-DE-GRA-DÁ-VEIS. Quando finalmente o alcançou, viu uma concha muito bonita e pequena, então a segurou na mão por um tempo e devolveu para o mesmo lugar que achou, sacudindo os dedos sujos de lama: mistura de areia e água.

Bonita! Mas eu vi numa matéria que dá alguma coisa de desequilíbrio aquático se eu tirar ela daqui pra fazer um colar. Um colar seria lindo. “Sula... É só uma concha, uma conchinha” – Porém, foi assim que a gente chegou nesse inferno global: arrancando coisas do lugar de origem, não é? Não respeitando cada ecossistema: é só uma conchinha, disseram, é sim... A gente nem devia entrar na água. (Olha pra concha que devolveu pra areia.) Nisto eu não vou colaborar com o fim da sua humanidade. Fica aí, conchinha... Só vim buscar aquele coco desagradável. Ops, biodegradável haha pra jogar no local adequado, que eu nem sei onde é.

QUANDO SÓ RESTAR BELEZA

VOZ DE DUAS CRIANÇAS NO GRAVADOR – Quando eu crescer, quero ser bonita que nem ela. Eu já sou. É verdade, então eu também sou. É verdade. Ela parece com você, mamãe. Parece com a gente. Bem bonita. Ela precisa entrar na água. A Sula precisa entrar na água. Eu trouxe um baldinho. É agora? É agora que ela entra na água? Calma, é minha vez de brincar.

(Uma mulher negra e alta, vestida de vermelho, se aproxima de SULA.)

SULA – Esta mulher parece até que está trazendo a noite com ela. Atravessa tudo em imagem, como se um raio partisse o peito em pedaços e as cargas elétricas o prendessem no chão. Sula, esta mulher que cruza seu caminho, antecede os trovões.

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – Que graça você é.

SULA (Olha pra mulher assustada.) – Oi.

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – Deixou mesmo aquela concha linda ali?

SULA – É que eu vi numa matéria que... Enfim, deixa pra lá. Boa tarde, eu sou a Sula. E você? Quem é?

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – Eu moro aqui próximo, rainha. Vim conversar com minha mãe. Vira e mexe estou por aqui fazendo muita coisa ao mesmo tempo, sabe? Aí passei e vi você, devolvendo delicadamente a pequena pra areia. Não tive como não notar. Achei muito específico isto – falando sozinha, Sula? – O jeito que você entende as coisas é importante, mas tem mais mistérios por aqui. Olhe, a noite está quase chegando. E o seu movimento, ainda tímido, não será esquecido.

SULA – Imagina, senhora. Isso eu vi numa matéria. Você disse que eu estou falando sozinha? Nem percebi, acho que não. Eu não sou daqui e achei respeitoso devolver a concha. Não devia nem ter pegado na verdade. Mas, OK. O céu tá rosinha, né? Você é muito bonita. É tudo bonito, tudo, de uma forma que me incomoda.

MULHER DO VESTIDO VERMELHO (Olhando SULA fixamente.) – Já vem a noite. Você fica?

SULA – Fico! É... Como assim? Se eu fico na Bahia ou na praia?

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – Se você fica um pouco mais. Tem uma pressa no teu olhar e uma represa que não deixa o rio passar.

SULA – Eu...

MULHER DO VESTIDO VERMELHO (Caminhando em direção ao mar.) – Vem comigo.

SULA – Obrigada, moça, eu não entendi muito bem seu nome. Eu não te conheço também. E sua mãe? Você está indo encontrar a sua mãe, né? Não quero atrapalhar. Porque eu já vou pro hotel. Acho melhor. E... Dispensar este coco em algum lugar reservado para o lixo orgânico. É... Bom, bom fim de tarde.

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – Ah, rainha. Minha mãe tá aí já. (MULHER DO VESTIDO VERMELHO vai em direção ao mar, põe os braços abertos com as mãos para o alto fazendo movimentos circulares. Sussurrando uma frase inaudível. Ainda olhando pro mar.) E a noite? Você tem que aproveitar a noite. Será que ainda faz sentido fugir, Salu? Não há lugar mais seguro para você olhar para tudo isto do que aqui.

SULA (Séria.) – Salu? Fugir?

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – O que te prende?

SULA – Você me chamou de... (Fica com falta de ar.) Me chamou para entrar na água. (Fala de forma ansiosa.) Desculpa, eu não

sei nadar. É uma questão pra mim. Sou neta de pescador, minha mãe nasceu aqui, não exatamente aqui. Mas ela é baiana, sabe nadar. Não que todo mundo que nasceu na Bahia saiba, mas minha mãe sim. Sempre vivi e fui muito da terra, não sei se você entende desse negócio de signo. Tá tranquilo. Não entendo muito também. Bom... Sinceramente me incomodo em pensar que se algo acontecesse de terrível, eu não saberia nadar. E... (Com os olhos levemente marejados.) É isto. Esta é minha questão, vim aqui olhar pra tudo isso de novo. Porque toda vez que vou na praia é a mesma coisa. E eu sei que o mar vai cobrir a terra toda numa espécie de dilúvio. Eu sei. As calotas polares. Os terremotos. Os maremotos. Vou ter que nadar. Mover os braços e as pernas com pressa. Mais pressa. Muita pressa. Como se estivesse correndo, correndo. Abrir os olhos para enxergar embaixo, e todo mundo terá a vista turva que nem a minha quando estiverem dentro da água. Toda terra molhada. Eu, pequena, me afogando sem poder encostar os pés no chão. Meus pés buscando o chão e o meu corpo imerso no mundo. **O convite é pra soltar, largar tudo que me é seguro, pois nada aqui foi feito para me suportar. Soltar o porto e eu. Soltar o porto e eu...** Enfim, moça. Nem sei por que estou te enchendo com isto. Mas, sei lá... Você. A senhora. É... Falou de rio, de represa. E é tão bonita, tão bonita que me dá vontade de dançar. E sobre os rios... Então, sobre os rios, eu os acho mais tranquilos. A água é mais gelada e eu vejo as margens, mas também tenho medo. Às vezes o rio pode ser fundo, né? Eu entrando na água, água na cintura, espaço seguro, tudo certo, tudo lindo, pássaro cantando, alguém jogando água na minha cara, eu ficando irritada, mas mesmo assim sorrindo e acenando.

Dou mais alguns passos e de repente, ops! Um buraco e eu no fundo. *Aí... Não sei nadar. Perigo. Trauma. Sufoco. Não sei... Fico bem chateada de ir em trilha também, cachoeira com amigos, me sinto medrosa (é, eu sou medrosa). Esse lance de tirar o pé do chão e boiar, eu não consigo. Acredita? Acho tão legal quem boia. Quem pelo menos boia... Eu não consigo. Tanto curso de natação por aí e eu choramingando. Desculpa. Mas é... Em... E a noite aqui? Não é perigosa?*

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – Ahhh! A barragem começou a romper. As palavras, Sula, elas têm energia. É como uma rede que você lança sobre a água e, dependendo da maneira que você escolhe jogá-la, define toda a sua pesca. Sua cabeça tem muito poder. É uma cabeça boa. Seu corpo todo está submetido a ela, Salu. O que te engana são os teus olhos. O que você viu definiu todo o seu caminho e envenenou sua cabeça. Mas a cabeça sabe, Sula. E você veio alimentar ela aqui.

SULA – Me desculpa, acho que está me confundindo com outra pessoa.

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – Eu não vou te enganar, Sula. Tem hora que você tem que segurar com toda força. Mas tem momento que você tem que soltar. Você não acredita que está pronta e então continua parada. Enquanto se enxergar assim, vai continuar se sentindo muito pequena. Tudo aqui quer que você sinta terror e culpa.

SULA – Do que a senhora está falando?

MULHER DO VESTIDO VERMELHO – Não é sobre o mar. Não é sobre nadar. É sobre viver aqui. O destino está escrito na sua pele, Sula. E não tem a ver com o que eles dizem. Sua cabeça sabe. Amor, o marinheiro chegou num mergulho profundo de passado. Quem tem coragem vai com ele em pequena jangada ou em uma grande embarcação. Aventureiro namorador. Caminhando, cambaleia, está embriagado de oceano. Sim, está. É o vento que sopra a vela para outro lugar. Eu sou o vento. Você vai? O marinheiro veio fazer a noite longa mais que qualquer outra. Tem notícias de outro canto. O canto que levou embora os corajosos, porque o medo impediu todos os outros. Você vai? É o que pergunta o marinheiro com gosto, com sabores de várias terras aguando a boca. Você vai? Pescar a noite toda um sonho, para aqueles que não dormem quando a onda bate a nau? Você vai? Veja o que ninguém jamais viu. Você vai? O que dirá? Nem barco, nem vela, nem mastro, nem cela são maiores que o mar. Porque quem não teme a morte, não tem com o que se preocupar, senão com a vida.

Sula, este medo não é seu. Solte-o!

(O som do mar aumenta. MULHER DO VESTIDO VERMELHO desaparece.)

QUANDO DÁ PÉ

SULA – A luz volta a ficar azul. Que se fosse lápis de cor, seria o azul-marinho, aquele que se usamos para pintar o céu,

serve como farol para dizer que é noite. A Sula está deitada no chão, de biquíni, treinando tipos diversos de nado, no seco, na areia.

VOZ DE DUAS CRIANÇAS NO GRAVADOR (Gargalhadas.) – Livre, peito, borboleta, costas. Peito, borboleta, costas, livre. Borboleta, peito, livre costas. (Gargalhadas.) Olha a onda! kkkkk Este eu sei. Peito, livre, borboleta, costas... Eu estou me afogando. Olha... Estou me afogando. Nada... Vai. Nada. Por que ela não treina na água?

QUANDO TIRAR A ROUPA

SULA – Calça branca. Camisa branca. Caxangá na cabeça. Ele é negro e sorri. Enquanto isso, o som do mar sobe. É como se saudasse sua chegada, seu desviar do mundo. É a luz do farol. É a música. O axé que toca alto. Som de pessoas rindo. Festa à beira-mar. Álcool. Cheiro de sexo: todo num frasco de perfume quebrado no calçadão. Suor. Luzes explodem de um lado a outro, e nem é ano-novo. Mas a noite é quente por aqui. Um calor que lembra febre.

MARINHEIRO – Você já entrou alguma vez nua dentro do mar?

SULA – Sula, não olha para ele, só escuta. Que papo.

MARINHEIRO – É uma experiência deliciosa, sabia?

SULA – Eu não entro na água, sabia? **SULA!**

MARINHEIRO – Não estou te azarando, sossega, nega. Estou apenas te propondo algo, que talvez você já até tenha feito.

SULA – Eu não entrei na água desde que cheguei aqui.

MARINHEIRO (Olha pro mar.) – Talvez deixar todas as coisas aqui e ir seja uma ótima experiência.

SULA – Eu não quero entrar na água. E muito menos ficar nua dentro dela.

MARINHEIRO – Está bem... Você só não imagina o quanto seria maravilhoso sentir o corpo todo imerso na temperatura do mar, a água em toda parte, te ouriçado os pelos, os seios, o grelo, as coxas, a nuca, as costas... No meio da noite, a cidade em festa, e o seu corpo imerso no gelo da água feito pérola.

SULA – **Continue olhando pra água, séria. Ele vai embora.**

MARINHEIRO – Mas estou apenas te propondo algo, que talvez você já tenha feito. E que, se fez, entende que é delicioso.

SULA – **Silêncio.**

MARINHEIRO – Você sabe quando tem água no coco? Sabe escolher um coco com água? Um coco suculento, que se você dá uma canudada, ele te sacia? Sabe?

SULA – Talvez.

MARINHEIRO – Bom, é simples. A maioria das pessoas sabe.

Se você chacoalha o coco e tem som, é porque tem pouca água. E se você chacoalha e o coco está pesado, e não tem som nenhum, é porque tem muita água. Quem não sabe, quando escuta o coco, vê que é óbvio. Quer que eu te ensine a boiar?

SULA – Quero.

MARINHEIRO – E também tem a cor do coco: quanto mais verde, mais água. O que não quer dizer tão doce. Os mais amarelados são mais doces. Se o coco é mais maduro, a água diminui também, ganha mais carne, aquela parte branca, sabe? Porém, o líquido fica mais doce. Você se acha uma mulher doce?

SULA – Você ia me ensinar a nadar.

MARINHEIRO – Não terminei de falar sobre o coco.

SULA – **Sula, eu disse para ficar em silêncio.**

MARINHEIRO – Você se acha doce?

SULA – Depende.

MARINHEIRO – Se o coco tem rachaduras, não escolha ele.

Pode ter ficado amargo, ácido demais, devido aos machucados em sua pele.

SULA – ...

MARINHEIRO – Boiar, eu ia te ensinar a boiar.

(SULA olha pra ele. Ele sorri pra ela.)

MARINHEIRO – Eu sou um ótimo nadador. Mas só gosto de nadar pelado. Pelado como vim ao mundo, como boiei no ventre de minha mãe. Se você ainda não o fez, deveria.

SULA – Eu não sei nadar. E eu paguei doze reais neste coco, e ele não estava tão bom.

MARINHEIRO – Lamento. Agora você sabe, lembre-se do que falei sobre os cocos, assim você se sentirá mais segura.

SULA – **O som da festa só aumenta. O som do mar avança. A mulher de vermelho aparece tirando a roupa e entra na água COM-PLÉ-TA-MEN-TE nua. Grita: vamos, marinheiro! Ele se despe na frente de Sula e vai para a água. Sula assiste imóvel. Ele retorna molhado e nu. NU. A mulher de vermelho está na água e canta enquanto seu corpo boia. O marinheiro entrega na mão de Sula um colar que tirou do pescoço. Sula pega o colar de ouro e âncora. Olha imóvel tudo como quem aprecia um quadro. O marinheiro é bonito, muito bonito. Volta feito peixe pra dentro da água.**

MARINHEIRO (Grita de dentro d'água.) – É uma experiência deliciosa! Se você ficar aí parada que nem pedra, a água vai te bater. Ela bate, Sula. Sula, não é?

SULA (Grita de volta.) – Como sabe meu nome?

MARINHEIRO – Venha pra água, antes que seque o mar dentro de você!

QUANDO O PÉ FLUTUA

SULA – A luz dourada, como se Sula tivesse encontrado um tesouro. O dourado que há no colar do marinheiro, o dourado que ele carrega cravado no peito, o dourado ancorado em seu pescoço. Eles estão no centro. No centro do peito do Marinheiro, que, dentro da água, sorri.

MARINHEIRO – O mar calmo me traz muitas memórias. Minha mãe, que deus a tenha e os orixás. Mãe que eu deixei quando eu era ainda jovem, pela curiosidade de navegar. Desde então fui adotado por outra mãe, Iemanjá, que me acolheu nas suas águas. Seu colo marítimo me balança como num berço para lá e pra cá, pra lá e pra cá. De casa, em terra firme, dona Judite fazia sua reza, eu sei disso. Ela e seus pedidos por proteção, juízo, riqueza e barcos de boa madeira para segurar a fúria da vida batendo contra mim. Duas mães, boas mães, em terno diálogo me criaram. O colo é âncora, o colo é âncora, Sula! Teve também a Aninha, que jovem bonita! Eu a tive por uma noite apenas. Nos despimos depois de dançar forró, mergulhamos na água e nos amamos. Mas eu não pude ficar. Aninha me maldisse. Praguejou contra mim por dias. Chorava no porto – tive notícias – dizendo que cada lágrima, ao cair no mar, viraria uma tempestade onde eu

estivesse e que eu gritaria: “Aninhahh! Não chora! Sua dor vai me afogar!”. Isso bem que aconteceu: toda vez que o mar quase quebrava o barco que eu estava, lembrava de Aninha, de Francisca, Isabel, Leonarda, Jamili, Petra, Amanda, Felipa, Justina, Camila, Suelen, tão lindas, que, encantado, pude jurar amor por uma noite inteira. Mesmo assim, tive que deixá-las pela manhã. Paixão melhor sempre encontro em outro mar. A paixão, Sula, é perigosa, também é como âncora! Conheci depois o comerciante Júlio Vigori, num bar em um porto, enquanto ele exibia suas peripécias mercantis a alguns políticos e compradores locais. Homem culto e esperto, que, quando me encontrou, viu em mim uma forma de continuar existindo. Naquele momento, a embarcação que eu estava entrou em manutenção. Passaria dias e até alguns meses em terra firme. Seu Vigori, que era um homem solitário e sem filhos, resolveu que me ensinaria o trabalho, dizia que a minha curiosidade era excepcional e que a minha juventude traria um novo frescor aos negócios. Foram meses longos assistindo suas compras, vendas, administrando seus estoques, entendendo as rotas de alguns produtos e a quantidade de riqueza que abastecia cada porto. Quanto trabalho! Quanta malícia! Fui servido com as cervejas mais caras. Comi do grão colhido nos lugares mais distantes. Saí com as mulheres mais desejadas. Enchi meu pulmão da fumaça dos charutos mais finos. Quatro meses e a embarcação ali, ficando pronta novamente para se esmerar no mar. O senhor Vigori, empolgado, me deu o acesso a contratos importantes. Ele pensava em me deixar como representante legal de seus negócios, deslumbrado com a minha ousadia em aprender e questionar. Porém, assim que o navio desse seu primeiro sinal, eu iria embora. Eu repetia

muitas vezes, mas ele não acreditava. Ali eu tinha tudo que um jovem almejava. Mas quando o navio deu seu primeiro sinal, eu parti. Não roubaria nada de um tão grande amigo como o senhor Vigori. Tudo que ele me deu, eu deixei. Mas minha fama ali seria de um pirata. Ele insistiria até o fim da vida que um menino lhe tomara o coração. Sula, o dinheiro, o poder, a glória, o conforto, a expectativa dos outros sobre nós muitas vezes são ideias deliciosas e empolgantes. Mas, não se esqueça, são âncoras também.

Se nos guiarmos pelo medo de que algo nos falte, nada faremos. O mar é abundância, Sula! E me deu mais do que toda terra poderia me entregar. É importante que tudo que você tenha, você possa deixar um dia. Porque quando o navio afunda, não tem jeito. Pra sobreviver, você salta na água, nada o tanto que conseguir pra longe e observa o mar recolher tudo que você construiu. Entra no mar, Sula! Pois quando o dilúvio acontecer, só quem sabe nadar olhará para a morte e a verá sorrindo.

(SULA olha fixamente para o colar de âncora feito de ouro.)

SULA – Você disse que me ensinaria a boiar.

MARINHEIRO – Eu te ensinaria a soltar. **SOL-TAR, SALU!**

(Som de mar aumenta, **MARINHEIRO** e **MULHER DO VESTIDO VERMELHO** desaparecem.)

VOZ DE DUAS CRIANÇAS NO GRAVADOR – Meninas podem ser marinheiras, né? Eu queria conhecer o mundo num barquinho. Velejar. Velejar. Velejar. Vou fazer um barquinho de papel para você. Eu fiz na escola. Eu serei marinheira, mamãe. Eu também. Ontem eu queria ser atriz. Atriz pode ser marinheira também. Mas o chapéu de marinheiro não entra na sua cabeça. Então você pode construir um que caiba. Verdade, eu construo. Eu vou ser atriz e marinheira e vou apresentar uma peça em alto-mar. Vai? E eu vou lá te assistir usando o chapéu que eu inventei.

QUANDO A MORTE ATRAVESSA

(SULA está enterrada na areia ou age como se estivesse.)

SULA (Grita.) – Não sei como isso aconteceu. Por que tudo está tão rápido? Ali. Ali. A criança vai se afogar! Cadê os pais da criança? Eu não consigo correr até lá. Meus pés, olha... Olhe para os meus pés. Olha!!! Estão plantados na areia, enterraram meus pés no molhado. Na lama. **A água sozinha não cria formas, Sula. É preciso dar forma ao que te assusta. A areia com a água. A lama. Um pequeno castelo de areia. Quem fez isto? Aquela criança é muito pequena para estar sozinha na praia, Sula.** – A areia já está nos meus joelhos. Não consigo me mover. Eu devia ter tirado meus pés naquela hora. **Já faz tanto tempo.** Eles estão gelados, eu movo os meus dedos dentro da areia branca. Ali, sozinha, é uma menininha. Não pode ser, ninguém está vendo aquela criança?

A noite está assustadora, e aquela menininha... **Você tem medo do escuro, Sula? É dele que nascem todas as coisas. Você tem medo de nascer de novo?** A areia está nos meus quadris, a calcinha do meu biquíni está repleta de areia, meu corpo está adormecendo aqui – **é relaxante também.** Ninguém está vendo aquela criança?! **Tudo é sobre você, Sula.** Ela vai entrar na água e é pequena demais. Por favor, meus braços estão cobertos, eu não consigo acenar pra ela. Eu não consigo puxá-la, ela está muito longe e os meus braços, os meus braços estão imersos na areia. **É delicioso como este frio te conforta.** Eu sinto as batidas do meu peito acelerado na areia. Eu sinto os grãos dançando sobre a minha pele. Eu sinto os pequenos grãos dançarem. A minha pele está enterrada nesta praia. Meu coração está enterrado nesta praia. Me acariciam e me incomodam. Que tipo de afeto é este que me arranca tudo? Por que eu estou aqui?! **Te disse, continua sendo sobre você.** A menininha sumiu. Ali. Olha a cabeça dela naquela onda que a arrasta para uma dança estranha. Estou presa: a ondaaaa vai carregá-la. Os cabelinhos dela. Cadê? Cadê a menininha? Ela estava, e agora meu pescoço está debaixo da areia. Não consigo ver mais nada. A onda a engoliu. Ela não tem medo de nadar, não tem medo de nadar. Não tem medo de nada.

(Um minuto de silêncio. Homem com uma coberta bege se aproxima, seu rosto é de difícil visualização.)

HOMEM COBERTO – Você está quente.

SULA – Eu sinto muito frio e não consigo mexer meu tronco, meus pés, meus braços, estou com muito frio.

HOMEM COBERTO – É febre. Quer?

SULA – Quero. Estou com fome. Me lembra a espuma nas ondas. Pode pôr na minha boca, por favor?

HOMEM COBERTO – Come.

SULA – Obrigada, moço.

HOMEM COBERTO – Nada.

SULA (Fala mastigando.) – Tem areia. Quero sair daqui. Me desenterra, por favor.

HOMEM COBERTO – Você está doente. Quer mais?

SULA – Sim, mas tira um pouco da areia pra mim, por gentileza. Me desculpe, mas não estou acostumada.

HOMEM COBERTO – Bom.

SULA – E a menininha?

HOMEM COBERTO – Que menininha?

SULA – Ali, na margem, tinha uma menininha brincando com a água. Aí ela correu atrás da onda quando o mar recolheu. E correu da onda quando o mar avançou.

HOMEM COBERTO – Não tem nenhuma menininha. Mais?

SULA – Quero, obrigada. (Mastigando.) Então... Ela era bem pequena. E aí, ela correu pro mar e entrou na água. Mas ela era bem pequena, talvez por isso você não tenha visto. Eu a vi se afogando. A última coisa que vi foi a cabeça, antes os cabelos e um dos braços, mas eu não conseguia ir... Eu estava enterrada aqui.

HOMEM COBERTO – Hum... Não. Vou guardar a pipoca, vai querer mais?

SULA – Só mais um pouco, por gentileza. Eu estava com bastante fome.

HOMEM COBERTO – Toma, abra a boca. Isto.

SULA (Mastigando.) – Obrigada. Mas e se ela estiver morta? Será que se afogou? Você poderia ir lá. Você poderia tentar achá-la. Por que ninguém fez nada!? Eu vi.

HOMEM COBERTO – Não tem nenhuma menina morta no mar. A única pessoa enterrada aqui é você.

SULA – Eu estou morta?

HOMEM COBERTO – Você está doente, mas há remédio.

SULA – Tá muito frio agora. Esta pipoca, o senhor trouxe de onde?

HOMEM COBERTO – É febre. As pipocas? São minhas.

SULA – Eu não estou doente. Eu só não sei nadar. O senhor estava onde?

HOMEM COBERTO – É invisível.

SULA – O que é invisível? A menina? Só eu vi?

HOMEM COBERTO – A doença. A sua doença é invisível. Assimombra a cabeça e açoita o teu corpo. Mas você não sabe ainda o que é, porque, se olhar direito, vai entender. Eu? Eu estava ali.

SULA (Chora.) – Como assim na minha cabeça? Eu não estou doida.

HOMEM COBERTO – É invisível, mas mesmo assim existe. Não é culpa sua, nunca foi culpa sua. Fizeram parecer, porque tudo aqui é contra você. Vão tentar te matar também, se não for no corpo, vão te matar por dentro, eles começam pela cabeça. (O homem come pipoca enquanto olha pro mar.) Vão te deixar doente por inteiro. Tudo aqui pode te adoecer, Sula. Você sabe disso. Precisa cuidar. Não adianta negar.

SULA (Chorando.) – Eu quero sair daqui. Eu não sei como isso aconteceu. Eu vi a areia subindo até o meu pescoço. Entalou minha garganta. To entalada. Entalada na areia. E o senhor estava ali? Quanto tempo?

HOMEM COBERTO – Aaaahh, a menininha.

SULA – Cadê? Eu te disse... Não estou doida.

HOMEM COBERTO – Eu vi. Estava te enterrando na areia.

SULA – Como? Ela estava brincando com a água.

HOMEM COBERTO – Não, não... Esta só brinca com a areia. Ela só brinca com areia.

SULA – Eu vi na água, moço.

HOMEM COBERTO – Mas estou lhe dizendo que ela te enterrou aqui. Eu a vi buscando a areia molhada e te cobrindo os pés e depois as suas panturrilhas até o seu quadril.

SULA – Não, não... Não vi isso.

HOMEM COBERTO – Com um baldinho de plástico azul bem pequeno, ela enchia e trazia a areia e ia te cobrindo... Você parecia bem. Isso durou muito tempo. Muito tempo, porque realmente ela era bem pequena, até que chegou a cobrir o seus braços e seu pescoço com a areia molhada daquele pequeno baldinho azul. Uma volta. Duas voltas. Três voltas. É bom que os olhos sejam saudáveis. Mas melhor é que a cabeça seja. Tem que querer, mas não se cura sozinha. Porque tudo aqui adocece. Esta terra adocece. Mas tem remédio. Tem remédio, Sula.

SULA – Eu sou a Sula. Eu sou a Sula. Ainda estou com fome. Ela era muito pequenininha, eu fiquei preocupada com ela ali sozinha.

HOMEM COBERTO – Ela não estava sozinha, tinha você aqui. Você era responsável por ela.

SULA – Não... Eu não era responsável.

HOMEM COBERTO – Você é a única pessoa adulta aqui.

SULA (Chora.) – Não. Eu não era. O senhor? Onde o senhor estava. Eu estou presa na areia.

HOMEM COBERTO – Que aquela pequena criança te cobriu. Eu te disse, é invisível. Grão a grão. É invisível. De pouquinho em pouquinho, eles enterram você viva, Sula!

SULA (Chorosa.) – Mãe! Mãezinha! Mãe! Onde ela está? Onde ela está, moço? Eu deixei ela se afogar?

HOMEM COBERTO – Deixou.

SULA – Não! Não! Eu não conseguia sair, o senhor me entende? Eu não pude ir. Eu queria.

HOMEM COBERTO – Não, você não queria.

SULA – Eu queria salvar a criança.

HOMEM COBERTO – Eu estou te dizendo. Você queria que ela morresse pra dizer que o mar é perigoso. Mas o perigo não é o mar, Sula. O perigo está aqui.

SULA (Chorando.) – Não foi minha culpa.

HOMEM COBERTO – Viu? Esta é a tua chaga. Tá na cabeça. Está no que você acredita. Tem que alimentar a cabeça. Come. Tem que cuidar. Tudo adoce aqui, Sula. Palavras mágicas. Palavras mágicas. Palavras mágicas. Tem que cuidar da cabeça. Come.

SULA (Mastigando.) – **Você acredita no quê, Sula?** Eu não queria que ela morresse!

HOMEM COBERTO – Você sabe que sim, que deixou te cobrir de areia para não ter que sair daí quando ela entrasse em perigo, e então você diria o que está dizendo agora.

SULA – Não, moço. Não!

HOMEM COBERTO – Você diz isso, Sula. Diz que não. Mas sabe que no fundo acredita que sim. É esta a tua chaga.

SULA (Chorando.) – **No que você acredita, Sula?** Do que o senhor está falando?

HOMEM COBERTO – Você está apegada a isso, Sula. Mas se não tiver o pensamento firme, vai ser enterrada viva. Tudo aqui adoce. É preciso alimentar a cabeça. Come.

SULA (Chora enquanto mastiga.) – Não, moço. Como você sabe que eu me chamo Sula?

HOMEM COBERTO – Vou buscar ela no mar.

SULA – Não, moço, como sabe meu nome?

HOMEM COBERTO – Vou buscar ela para que consiga distinguir o que aconteceu.

SULA – Não. Não. Não quero ver.

HOMEM COBERTO – Você precisa entender como eles mexem com a cabeça. Se não entender, eles vão te adoecer. Tenha coragem. Ainda é cedo para morrer, Sula. Você precisa cuidar da cabeça. Nunca esteve sozinha. Nunca te deixamos sozinha. Tudo aqui adoece – terra amarga – você tem que cuidar da sua cabeça.

(O HOMEM COBERTO levanta e sai para buscar a criança.)

SULA – Me tira daqui! Não. Não me deixe aqui. Eu não quero. Eu não quero ver.

(O HOMEM COBERTO com um cobertor velho bege não volta.)

SULA – Às vezes, os olhos só conseguem captar o que é aparente, os olhos são uma arma contra a cabeça. Não é à toa que o mar te chama para um mergulho profundo. A travessia é sair do subconsciente para o consciente. Não é à toa que o medo insiste em te afastar destas águas. A gente se acostuma com cada coisa. Mas sua cabeça te trouxe aqui, ela sabe, Sula! E ela não está sozinha.

(HOMEM COBERTO volta, aparece com duas meninas gêmeas, uma repleta de areia e a outra toda molhada, ambas comendo pipoca e sorrindo pra SULA.)

HOMEM COBERTO – Não deixe o medo te afundar.

(HOMEM COBERTO desaparece com as gêmeas.)

QUANDO A MORTE INTERESSA

(Alguns minutos olhando pro nada, SULA olha para o público. O som do mar aumenta como se as ondas estivessem avançando. Ela constrói um castelo de areia, com um baldinho azul.)

SULA – Vou contar três sonhos que tive: um, dois, três. **UM**: Eu era adolescente e este sonho se repetia muitas e muitas noites. Acordava chorando com o peito dolorido. Não sabia desvendá-lo, e ele parecia premonitório. Eu chegava em minha casa e encontrava meu pai. Ele olhava para mim com os olhos vazios de lembrança e me tratava como uma criança outra, como uma desconhecida. Olhava nos meus olhos e perguntava o que eu estava fazendo ali. Eu repetia: “Sou eu, a Sula. Sou eu, a sua princesa”. Ele me olhava, me encarava e me perguntava: “O que está fazendo aqui? Quem é você? Por que está na minha casa?”. Eu repetia: “Eu moro aqui, sou tua filha, pai! Não me trate assim”. O olhar dele era distante. Ele me via e não me reconhecia. Eu acordava afundada no travesseiro encharcado de lágrimas. Sonho **DOIS**: O vento forte vinha do oeste. Eu

olhava da janela e ele era muito forte como um furacão. Os telhados vizinhos descolavam das casas enquanto avançava a grande tempestade que destruiria tudo que conheci. Eu não iria morrer, não ali. Mas tudo que me era casa, sim. Fuja daí! Corra daí! Vai desabar! Vai desabar! Eu acordei sem ar. Sonho

TRÊS: A casa em que cresci, o sobrado em que eu morava, estava simplesmente desmoronando. O tempo prestes a desabar e eu via meu pai, olhando a vista pela janela. “Pai, temos que ir”, ele estava com os olhos marejados de aquários, numa dor tão profunda de quem não tem forças para nadar dali, olhos que prefeririam ser soterrados a entender o que estava acontecendo. Entre ondas de poeira, eu acordei.

(SULA antes paralisada. Deita-se sobre o palco, treina nado novamente.)

SULA – Se um grande vento invadisse sua cidade, seu bairro, sua casa; se a água de uma grande onda emergisse contra tudo que você conhece, no que você se agarraria?

(Castelo de “areia” desmorona.)

QUANDO A TERRA É UMA ILUSÃO

(Um ENFERMEIRO está com um desfibrilador cardíaco no peito de SULA, que está completamente seca, deitada no chão, como desmaiada. Junto a ele, um BOMBEIRO salva-vidas e um GARI.)

ENFERMEIRO – Se afastem. Sula... Sula... Me dê um sinal.

BOMBEIRO – Achei que tivesse sido atingida por um raio, do jeito que o rapaz aí contou a história.

ENFERMEIRO – Sula... Sula... Parada cardíaca. O tambor do peito parou de soar. Parada cardíaca.

BOMBEIRO – Parece que ela nem entrou na água.

ENFERMEIRO – Sula... Se afastem.

(Desfibrilador é aplicado no tórax de SULA. Em seguida, o BOMBEIRO faz massagem cardíaca.)

ENFERMEIRO – Sula... Tenha coragem.

GARI – Ela foi buscar alguma coisa. Eu vi, foi um coco.

ENFERMEIRO – Um coco?

GARI – Sim, o coco rolou para dentro da água e ela foi atrás. Não vi muito bem como aconteceu, porque estava muito escuro, mas ela caiu dura do nada.

BOMBEIRO – Ele me acionou, então busquei ela. Está sequinha. Caiu antes de chegar na água.

ENFERMEIRO – Se afastem.

(Desfibrilador é aplicado no tórax de SULA. Em seguida, o BOMBEIRO faz massagem cardíaca.)

ENFERMEIRO – Sem sinal. E ela falava alguma coisa?

GARI – Cantava: *“Marinheiro me chamou, um colar de ouro me deu, ancorou meu coração, antes de chegar o sol, ele desapareceu. Marinheiro!”*.

BOMBEIRO – Esta é muito boa. *“O Marinheiro me chamou, um colar de ouro me deu, ancorou meu coração, antes de chegar o sol, ele desapareceu.”*.

BOMBEIRO, ENFERMEIRO, GARI – *“O Marinheiro me chamou, um colar de ouro me deu, ancorou meu coração, antes de chegar o sol, ele desapareceu.”*.

ENFERMEIRO – Se afastem.

(Desfibrilador é aplicado no tórax de SULA. Os três começam a dançar.)

ENFERMEIRO – Será que ela toma algum medicamento?

BOMBEIRO – Estava sozinha.

GARI – Achei o nome dela neste documento no fundo da bolsa.

BOMBEIRO – Olha esta foto, é bem antiga.

ENFERMEIRO – É, ela parece bem feliz nesta foto. Sula?

GARI – Eu até já recolhi o coco. E aí, doutor?

BOMBEIRO – Será que não é melhor deixar este coco com ela. Talvez seja algo importante.

GARI – Mas ela já morreu.

BOMBEIRO – Morreu?

GARI – Tá morta, doutor?

ENFERMEIRO – Sula! Calma aí... A chance de sobrevivência já diminuiu bastante.

GARI – Esta música é muito boa. “*O marinheiro me chamou, um colar de ouro me deu, ancorou meu coração, antes de chegar o sol, ele desapareceu.*”. Deixa ela ir, doutor, às vezes, é o destino dela.

BOMBEIRO – Que papo, véi.

ENFERMEIRO – De todos nós, (Pausa.) você é uma rocha, Sula. É muito forte, mulher. Mas até as rochas sofrem mudanças.

O tempo garante isto. Caiu um raio aqui. Eu vim em seguida para te lembrar do caminho que está sobre a tua cabeça.

GARI – Tem trovoado bastante. Esta noite teve de tudo. Praia agitada. (Dançando) Ampulheta. Ampulheta. Ampulheta. Eu queria achar uma nessas andanças que eu faço, acho um objeto muito interessante. O tempo acaba e recomeça. A areia escorre no vazio. Tempo e espaço espiralado.

BOMBEIRO – Ela volta, doutor?

ENFERMEIRO – Isso depende muito da vontade que a pessoa tem de viver. Já vi casos de pessoas ficarem algumas horas neste processo e sobreviverem. Como já vi casos de pessoas serem socorridas rapidamente e, mesmo assim, não resistirem. Sula? Sula? E, às vezes, é só a hora mesmo. E cada pessoa tem a sua. Eu só preciso de um sinal para anunciar. Me dê um sinal. Se afastem! Olha o tempo, minha mãe!

(ENFERMEIRO aponta o dedo indicador de uma das mãos para o alto, fazendo movimentos circulares, como se estivesse mostrando o tempo. O BOMBEIRO e o GARI fazem o mesmo sinal e repetem a saudação: “Olha o tempo, minha mãe!”. O ENFERMEIRO aplica o desfibrilador no tórax de SULA, que desperta.)

GARI – Voltou a menina! Ê! Ê! Um milagre!

ENFERMEIRO – Sula, está me escutando? Fala comigo.

BOMBEIRO (Para o GARI.) – Este coco deve ter ouro dentro.

GARI – Não tinha nada, nem água, tava levinho, levinho. (Canta sussurrando pra si, e os outros não escutam.) “*Tem areia, tem areia, no fundo do mar, tem areia*”⁶.

ENFERMEIRO – Sula, fala comigo. Está tudo bem agora.

SULA (Fraca e sorridente.) – Doutor, doutor... As crianças eram gêmeas. Uma sabia boiar muito bem. Ela me ensinou. Consegui. Mas a outra queria brincar de enterrar na areia. Ela me puxou pra beira, as duas ficaram me disputando. Eu me senti tão importante, doutor. Eu queria muito voltar para água, mas tinha que ter uma estratégia, ser diplomática. Então, eu brincava na areia. Contava um sonho e voltava para água. Fiz isso três vezes. “*Não sei se morri em terra, não sei se morri no mar. Só sei que voltei com o homem que me chamou para lá.*”

GARI – Esta é barril. (Canta.) “*Não sei se morri em terra, não sei se morri no mar. Só sei que voltei com o homem que me chamou para lá.*”

(GARI dança e canta.)

BOMBEIRO e ENFERMEIRO – “*Marinheiroooo!!*”

6. *Tem areia (no fundo do mar tem areia)*, canção de capoeira.

NÃO sei se morri em terra, não sei se morri no mar. Só sei que voltei com o homem que me chamou para lá.”

(Todos dançam.)

GARI – E o que mais?

SULA – O marinheiro disse que ia me ensinar a boiar.

GARI – Ohhh! Marinheirooo!

SULA – Mas ele não me ensinou. Ele me deu um colar de âncora e disse que era de um parente meu. Ele entrou na água nu, mas antes me beijou a boca. Fiquei toda. Foi aí que começou minha febre.

GARI – Febre é bom, sinaliza a doença.

BOMBEIRO – Estava bêbada?

SULA – Doente, o homem disse que eu estava doente, o homem coberto. Ele era bonito, cambaleava, mas não era nenhum bêbado.

GARI – Quem?

SULA – O marinheiro.

GARI – Salve Marujo!

BOMBEIRO – Que tipo de doença?

ENFERMEIRO – Temos que ir.

SULA – Já estou melhor, doutor. Disse que é minha cabeça.
“Cuida da cabeça, Sula. Nenhuma divindade abençoa uma pessoa sem o consentimento do seu Ori. Cuida da cabeça, Sula!” E me deu pipoca pra comer. Eram deliciosas.

ENFERMEIRO – É o procedimento. Preciso que venha comigo.

GARI – O marinheiro te deu pipocas para comer?

SULA – Não, o homem coberto. Ele trouxe as gêmeas pra eu ver.

GARI – E ele era bonito?

SULA – Não sei. Não consegui enxergar. Meu corpo estava paralisado. Ele estava coberto, todo coberto, não vi muito bem. Eu soltei o colar de âncora. Soltei e o marinheiro partiu. Só lembro do seu sorriso e como dizia para eu deixar o medo escoar: – Solta o medo, que você conseguirá boiar – Ele gritava confiante: – nem sempre estar com os pés no chão é sinal de segurança, Sula. Dependendo do lugar, soltar é o que te manterá viva – dizia sorrindo até desaparecer com suas roupas, cheiro, e o colar de Salu... Ele era tão livre que me intimidava. Tão livre do jeito que eu gostaria de ser.

BOMBEIRO e GARI – Salve Marujo!

ENFERMEIRO – Se não a levar agora, talvez não seja possível remediar ou evitar sequelas.

(SULA aponta para o mar. Eles olham na mesma direção.)

SULA – Olha, doutor. Havia uma mulher. Eu não falei dela para vocês. Ela era muito bonita, negra, negra, muito negra. Os cabelos crespos bem volumosos. Um vestido vermelho, vazado, leve. Ela veio ver a mãe. Me chamou para dançar. A gente ria, gargalhava muito, doutor. Eu estava tímida porque ela era muito bonita. Nunca tinha visto igual. “*A dona das cabeças.*” Eu perguntava: Quem é sua mãe? Ela dançava me chamando para um tipo de brincadeira com o corpo, ela vinha pra cima e eu desviava. “*A dona das cabeças, minha mãe.*” Ela era bem rápida. Falava: vim ver a dona das cabeças, a filha de Olokum, minha mãe. Eu saltava em sua direção, ela desviava. Rápida. E a gente ria. Comentei sobre o meu medo da água, das grandes ondas, da imensidão e do infinito. Giros que flutuavam. Corpo que deslizava sobre a areia branca. Braços que chicoteavam o ar. Quadril sacudindo em minha direção. Tronco que torcia inclinado para trás. Meu desequilíbrio. Todo o meu desequilíbrio em cada salto. Vim ver minha irmã – Eu respondi chorando. A mulher de vermelho me afirmou que o mar, com toda a sua magnitude, poderia destruir a terra num piscar de olhos, como se afundasse um navio. Ela me disse que o mar, reconhecendo a parcela de

divindade que nos habita, não se vê como maior, por isso, ao se aproximar da praia, diminui sua força em respeito à nossa existência – Somos deuses, Sula! – Ela dizia. – Tudo aqui também é. – E ela se deslocava de um lado a outro, doutor. Eu a vi, depois, não mais, ela estava em tudo. Tudo. E tudo era bonito como o céu rosado no fim da tarde.

GARI – Ai, que vontade de dançar. Ei... Ei... Ei...

BOMBEIRO – Os três sonhos que você contou para as gêmeas, eram sobre o quê?

SULA – Os sonhos? Sobre... Ai. Sobre abandono, esquecimento, fuga. Meu pai não me reconhecia. Um vento forte me ameaçava. E a casa onde eu morava iria desabar. Abandono, esquecimento e fuga.

BOMBEIRO – Nossa, não são sonhos, são pesadelos. Você contou isso para as crianças?

SULA – Conteí. Eu queria enterrar e afogar estes medos.

ENFERMEIRO – Preciso te levar ao hospital agora, Sula. É o procedimento.

GARI – Sonhar com casa desabando significa: vida parada, emoções que te limitam e prendem a algum lugar.

442 **BOMBEIRO** – Onde você viu isso?

GARI – Horóscopo virtual, no Google. Diz aqui que você precisa se livrar do estresse físico por traumas emocionais e dificuldades, e diz pra você ser mais confiante nas suas escolhas de vida.

BOMBEIRO – E sobre o vento forte? Diz o quê?

GARI (Digitando no celular.) – SO-NHAR COM VEN-TO FOR-TE. Pera! Bom, tem relação com tumulto mental e necessidade de se desenvolver espiritualmente. Essa agitação de uma tempestade de ventos é também um sinal de transformação vindo aí. Segura, ou melhor: solta, Sula! (Risos.)

SULA (Desconfiada.) – Como sabe meu nome?

GARI – Vi no Google. Brincadeira, seus documentos na bolsa. Como você estava desmaiada, precisávamos te identificar para pedir ajuda.

BOMBEIRO – E o negócio do sonho?

GARI – Calma... E, por último, sonhar com esquecimento. Vou colocar assim: sonhar com falta de memória. Você precisa se libertar de sua concha e deixar os outros conhecerem seu verdadeiro eu. É isso, Sula!

SULA – Sair da concha? Que poético. (Sorri tímida.) Obrigada.

BOMBEIRO – Interessante.

SULA – *“Marinheirooooo!!”*

Não sei se morri em terra, não sei se morri no mar. Só sei que voltei com o homem que me chamou para lá.” O sol está vindo em sua barca.

GARI – É, já vou trocar de turno, véi.

BOMBEIRO – Se ela diz estar bem, doutor! Deixa ela ver o nascer do sol na praia. Depois você leva a turista para conhecer o hospital da cidade.

SULA – Eu estou bem. Eu quero ficar mais um pouco.

ENFERMEIRO – Não, não, não, Sula. Você precisa ficar de observação. Fazer exames. Você sofreu um trauma muito forte. Teve uma parada cardíaca.

GARI – Se o coração estivesse parado, doutor, ela ainda cantaria?

(SULA caminha se afastando do grupo e ri.)

SULA – É certo que nada disso aconteceu desse jeito. Um bombeiro e um enfermeiro não discutiriam os procedimentos de prestação de socorros, enquanto um gari busca na internet por interpretação de sonhos. Sim, era um enfermeiro, mas todos o chamavam de doutor. Ao reanimá-la, não houve tempo para apresentações, cantos, danças e diálogos intrigantes. Todo encantamento rodeava somente a sua cabeça. Sula não queria sujar a praia com um coco.

Apesar daquele coco quase mágico saber mais sobre o destino do que ela. Ao buscá-lo, se afogou em terra dentro dos próprios medos “*Cuida da cabeça, Sula. A roda da sua vida está parada. Não há tempo*”, disse o homem coberto de palha, sem ao menos abrir a boca. Aqui, o vento leva! (Chorando.) Duas crianças negras passaram por mim dentro do hotel assim que eu cheguei. Uma carregava uma pá e um baldinho azul e a outra, uma boia. Elas sorriram pra mim de uma forma que fez eu me sentir muito abençoada. Era como se me vissem bonita. As gêmeas estavam acompanhadas de uma mulher negra, de cabelos crespos e cheios, vestida com um longo azul: azul-fundo-do-mar, azul profundo. A mulher segurava um livro infantil. Na capa, havia o desenho de uma menina preta velejando num barquinho entre ondas gigantes, desbravando o mar.

VOZ DE CRIANÇAS NO GRAVADOR – Ela é uma MA-RI-NHE-I-RA. Uma ME-NI-NA PRE-TA MA-RI-NHE-I-RA. Minha vez, deixa eu ler. Minha vez. Tá. Ela viaja pelos mares. E conhece seres mágicos. Ela ama a água. Aprendeu a nadar com os peixes. Minha vez, agora. Vai, minha vez. Deixa. Ela conheceu muitos lugares no mundo. E é muito corajosa. Mãe, ela não deixa eu ler. Mãe, só ela quer ler. Fica com as imagens. Vai! Olha as imagens. Mas eu quero ler. Você demora muito. Não, eu estou aprendendo, você está me atrapalhando. Tá bom, lê. E - LA NÃO TEM ME - DO. E - LAA - CRE - DI - TA. E-LA NÃO CAR-RE-GA OS PRO-BLE-MAS. E-LA A-PREN-DE COM A VI-DA E DE-I-XA O ME-DO PARA TRÁS. Ela aprendeu que toda a tempestade passa.

Então, sempre que o tempo melhora, consegue recomeçar com esperança. Mas você nem deixou eu terminar. Calma, já acabou, a gente lê de novo juntas quando voltar da praia. Tá bom.

(Tudo é claro. SULA numa maca médica, sendo entrevistada por um ENFERMEIRO. Apenas os dois estão em cena. Som de búzios sendo jogados no tabuleiro.)

ENFERMEIRO – Sua idade?

SULA – Tenho 32 anos.

ENFERMEIRO – Origem étnica?

SULA – Sou negra, afro-americana? É...

ENFERMEIRO – Grau de escolaridade?

SULA – Superior Completo.

ENFERMEIRO – Estado civil?

SULA – Solteira.

ENFERMEIRO – Situação de trabalho?

SULA – Se estou empregada? Estou.

ENFERMEIRO – Você já foi tratada em uma sala de emergência?

SULA – Já, quando eu era criança.

ENFERMEIRO – Qual foi o motivo? Você se lembra?

SULA – Salu era minha irmã. Minha irmã gêmea. Ela entrou na água enquanto eu fazia um castelo, bem depois que enterrei nossa mãe na areia de brincadeira. Salu disse que ia buscar um pouco de água para encher a fonte do meu castelinho. Salu foi para a água. Minha mãe se distraiu um minuto comigo, que chorava porque o castelo estava desabando. Desabando. Salu foi para a água sozinha, enquanto eu chorava pelo meu castelo de areia enlameado. E as pessoas não fizeram nada. Todo mundo viu ela, pequena, indo para a água, e não fizeram nada, porque ela era como eu! E crianças como nós são muito mais fortes e espertas! Fazem brincadeiras e pregam peças! São atrizes! Inventam que estão se afogando! Crianças como eu e ela. Crianças como eu e ela. Minha mãe ficou em choque quando viu a água levar Salu. Eu senti meus dedinhos afundarem na areia fria. As pessoas. Elas... Elas não fizeram nada. Não fizeram nada. Não porque não sabiam nadar, mas porque Salu era como eu. **Como eu.**

Eu sei que você ainda vai me perguntar. Mas eu nunca tive problemas no coração, doutor. Na verdade, faz tempo que não faço um *check-up*. (Suspira.) E sim, tem histórico na minha família. Minha vó morreu assim, dançando e sorrindo numa gira. Como num quadro, o coração dela parou de bater, congelando o momento da travessia em som de festa. Foi porque

era a hora, doutor. Não porque ela tinha medo de viver. Pelo contrário, teve sempre muita coragem. Muita coragem e alegria, sabe? Mas minha irmã morreu, não porque era a hora, mas porque, ninguém achou importante salvá-la.

ENFERMEIRO – Lamento muito, Sula.

SULA – Eu nunca fui religiosa. Mas meu avô, sabendo que eu viria para cá, disse para que, quando eu chegasse em Salvador, saudasse A Dona das Cabeças, Iemanjá.

(Chora.)

“Faz tanto tempo que eu te conheço, mas você mudou. Faz tanto tempo que eu te conheço, mas você mudou. Minha flor bonita, minha linda flor.”⁷

Eu obedeci.

(Chora.)

O meu coração parar, doutor, foi uma sorte grande. Só soltando eu poderia sair do fundo. Minha mãe não teve a mesma sorte, ficou tão doente que meu pai a deixou e a alegria também. Eu não lembro de como vou morrer, e isso complica as coisas. A morte não deveria ser uma ameaça. Você não acha? Tudo segue seu ciclo. Tudo tem seu tempo. Aquele coco ia, em algum momento, voltar pra terra. BI-O-DE-GRA-DÁ-VEL. Eu só queria achar o lugar certo para isso, para soltá-lo. Salu sabia nadar muito bem, doutor. Não tinha medo de nada. Tão pequena, já sabia até ler. Tinha um sorriso incrível. Não foi o mar que levou minha irmã, eu sempre soube. Não foi minha culpa. Não foi culpa da minha mãe. As pessoas viram e não fizeram nada. A minha cabeça sempre soube.

Luz fica azul-fundo-do-mar. Azul profundo. Azul marinho. Esta luz. Esta luz mesmo. Eu sei nadar. Sula não. Mas, mesmo assim, ela continuou batendo as pernas e os braços com toda a força que pôde depois daquele dia. *Eu sou parte da imagem que atravessa o tempo, em busca do espelho nas águas.* O medo que estava nela foi fabricado para fazê-la afundar. Me despeço de Sula. Sou uma atriz e ela, uma personagem. Quem dera que tudo aqui fosse apenas ficção. Quando eu sair deste teatro, saber nadar não será suficiente para me manter viva.

(Luzes apagam.)



Sinto saudades de mim

MARCO PEDRA

Sinopse

Tem tragédia que envolve o mundo inteiro. Tem tragédia que só você conhece. O choro escorre lento. Os dias passam depressa. Bianca quer aprender a dirigir. Dora não sabe como vai pagar as contas. Osvaldo comprou um ar-condicionado. O filho de Amélia morreu.

Personagens

BIANCA
DORA
AMÉLIA
OSVALDO
JÚLIA
LAERTE
LUCAS
VOZ DO DOUTOR

1

(Sala de estar.)

BIANCA – Você tá com dor?

DORA – Não.

BIANCA – Tá brava?

DORA – Não.

BIANCA – Então o que foi?

DORA – Cansaço.

BIANCA – Cansaço de quê?

DORA – De tudo.

BIANCA – Até de mim?

DORA – Tudo.

BIANCA – É por causa das contas?

DORA – É.

BIANCA – Mas a gente vai dar um jeito de pagar, a senhora
vai ver...

DORA – Eu sei.

BIANCA – A senhora vai ficar bem?

DORA – Você acha que vale a pena?

BIANCA – Ficar bem?

DORA – Dar um jeito.

BIANCA – Acho.

DORA – Eu tô cheia de viver dando jeito em tudo.

BIANCA – Mas viver... viver é isso mesmo.

DORA – Eu queria ter sossego.

BIANCA – O importante é ter saúde!

DORA – Então eu queria ter saúde.

BIANCA – A senhora tem.

DORA – Eu não acho.

BIANCA – Dora...

DORA – Você escutou os gritos do Osvaldo ontem à noite?

BIANCA – Ele tava gritando?

DORA – De felicidade. Se fosse de dor, eu não me incomodaria, mas o desgraçado tava feliz à beça. Bem aí na frente, gritando a plenos pulmões, pra toda a vizinhança ouvir, que a filha tá voltando da Europa. A filha dele tá voltando formada, Bianquinha. E o meu filho? O que é que tá fazendo o meu filho?

BIANCA – Trabalhando.

DORA – Trabalhando?!

BIANCA – É!

DORA – Ele tá fazendo caridade. Aquele salário que ele ganha não é dinheiro, é miséria...

BIANCA – É um bom trabalho, Dona Dora. O Lucas gosta.

DORA – Você se engana.

(O telefone toca. BIANCA vai atender, DORA interrompe.)

DORA – Não, não! Deixa tocar! Deve ser cobrador. Deixa tocar!

2

(AMÉLIA monta um quebra-cabeça.)

(AMÉLIA continua montando o quebra-cabeça.)

OSVALDO (Voz.) – Atende o telefone, Amélia, pode ser a Júlia...!

(AMÉLIA continua montando.)

OSVALDO (Entrando.) – Ô, mulher, tá surda, tá? (Atende o telefone.) Alô?... Júlia!! ... Oi, minha pequena! Eu tô bem sim, e você? ... Que bom, meu anjinho! ... Nossa! ... Que coisa boa, Júlia. Sua mãe tá aqui do lado, quer que eu passe pra ela? ... Não, ela não tá ocupada não... Tá montando quebra-cabeça. Você quer que eu passe pra ela? ... Ah, tá bom então... Onde você tá? ... Se agasalha bem, ouviu? ... E a comida? Você tá se alimentando direitinho? ... Que beleza, hein... Tá bom... Tá bom, vai lá... Beijo! ... Eu te amo ... Tá bom... Tá bom... Tchau! (Desliga o telefone). (Para AMÉLIA) Era a Júlia.

AMÉLIA – Eu ouvi.

OSVALDO – Ela tá chegando. Tá em Nova York, fazendo a conexão. Ela disse que lá tá um frio lascado.

(Silêncio.)

OSVALDO – Mas ela tá bem agasalhada, então não precisamos nos preocupar.

(Silêncio.)

OSVALDO – Ela te mandou um beijo.

(Silêncio.)

OSVALDO – Eu disse que ela te mandou um beijo.

(Silêncio.)

OSVALDO – Eu acabo de dizer que ela te mandou...

AMÉLIA – Um beijo?

OSVALDO – É. (Tempo) Você quer ajuda?

AMÉLIA – Não.

OSVALDO – Dá pra acreditar que daqui a pouco ela vai tá aqui com a gente?

AMÉLIA – O tempo passou rápido.

OSVALDO – Parecia que não ia passar nunca. Será que ela vai estranhar?

AMÉLIA – Ela vai receber a bolsa até quando?

OSVALDO – Não sei...

AMÉLIA – Tomara que ela arranje um emprego logo.

OSVALDO – Vai arranjar, ela é esperta. Você sabe onde tá o meu óculos?

AMÉLIA – Em cima da pia do banheiro.

OSVALDO (Enquanto vai buscar os óculos.) – A gente precisa dormir cedo, amanhã temos que estar no aeroporto às sete.

AMÉLIA – Ainda são oito horas.

OSVALDO (Voz.) – Só tô dizendo.

AMÉLIA – E eu não vou.

OSVALDO (Entrando com os óculos.) – Não vai?

AMÉLIA – No aeroporto.

OSVALDO – Não vai?

AMÉLIA – Não.

OSVALDO – Não vai?

(Silêncio.)

OSVALDO – Precisamos ir ao médico. Os seus remédios estão acabando.

(Silêncio.)

OSVALDO – A próxima consulta já tá marcada?

(Silêncio.)

OSVALDO – Amélia?

(Silêncio.)

OSVALDO – É bom marcar logo, ouviu? O remédio tá acabando... e não dá pra ficar sem remédio, é impossível, você sabe... e o doutor tem tantos pacientes, tantos compromissos... Amélia, escuta! Eu quero que você fique bem, meu amor. Eu quero ver você sorrindo outra vez. Você pensa que eu não sofro? Eu sofri muito, eu fiquei sem chão... Mas a vida precisa continuar, entende?

3

(Gargalhadas de Dora e Bianca.)

BIANCA – Eu corria! Corria, Dona Dora, corria... De moto! Pela estrada! O meu cabelo balançava e eu não tinha medo. Eu tava sem capacete e eu tava na pista, acredita? Sem capacete!

DORA – Indo pra onde?

BIANCA – Eu não sei. Eu não tinha rumo. Eu não precisava chegar a lugar algum. Quando eu acordei, tive vontade de chorar.

DORA – Você não pensa em tirar carta?

BIANCA – Pensar eu penso, mas o seu filho não deixa. Ele tem medo que eu me machuque.

DORA – Isso é conversa fiada.

BIANCA – Ele me explicou que dirigir é complicado. Não é só ligar a moto e sair andando não. Tem marcha, embreagem... Embreagem! Eu nem sei o que é isso.

DORA – Na autoescola eles ensinam.

BIANCA – Mas tem gente que não aprende, Dona Dora. Eu ia ter dificuldade.

DORA – Teu marido é instrutor, ele ensina tanta gente, devia te ensinar!

BIANCA – O problema não é ele. Eu que sou medrosa... E outra, a gente já não tem conta o suficiente?

4

OSVALDO (Entusiasmado.) – Entra, filha, entra! Fica à vontade! Tira esses sapatos... Quer deitar no sofá? Ele é retrátil, é bem confortável, e a imagem dessa TV é muito boa. Você quer que eu ligue? (Ligando a TV.) Quando a gente fecha a cortina, parece tela de cinema. (Enquanto fecha a cortina.) Anda,

Júlia! Pode deitar, deita, pode deitar! É TV por assinatura, tem uns quinhentos canais... O que achou da imagem?

JÚLIA – É boa.

OSVALDO – E o sofá?

JÚLIA – Confortável.

OSVALDO – Você tá com fome? Quer um sanduíche? Eu posso preparar. (Indo em direção à cozinha. Volta.) Ah! A gente colocou ar-condicionado no seu quarto...

JÚLIA – Não precisava. Não vou ficar muito.

OSVALDO – Compramos um colchão novo também. (Confuso.) O que eu ia fazer? Ah! O sanduíche! Você quer, não quer? Você deve tá com fome... (Indo em direção à cozinha.)

JÚLIA – Eu não quero.

OSVALDO – Não?

JÚLIA – Eu comi no avião.

OSVALDO – E sede? Você tá com sede?

JÚLIA – Não.

462 **OSVALDO** – Eu posso te dar um abraço?

JÚLIA – Eles deram água durante a viagem, então eu não tô com sede.

OSVALDO – Eu posso te dar um abraço?

JÚLIA – Na verdade, eles venderam a água. Eu paguei. Mas não foi caro. Também não foi barato...

OSVALDO – Eu posso te dar um abraço? Eu quase morri de saudades de você.

JÚLIA – É o preço. Tudo tem o seu preço. Eu paguei numa água de avião o que custa uma água de avião... Vocês pintaram aquela parede?

OSVALDO – Você gostou?

JÚLIA – Ficou bom.

OSVALDO – Você tem certeza que não tá com fome?

JÚLIA – Tenho.

OSVALDO – Você quer alguma coisa?

JÚLIA – Não. Eu vou pegar minhas malas.

OSVALDO – Não! Não se preocupe com isso. Deixa no carro. Deixa no carro que depois eu pego. Quantas horas de viagem?

JÚLIA – Onze.

OSVALDO – Você ouviu isso, Amélia? Onze horas de viagem!

(Amélia está montando um quebra-cabeça.)

OSVALDO – Ela só faz isso agora... (Alto.) Onze horas de viagem pra nos ver, Amélia! Pra ver essas nossas caras cansadas! (Ri.)

JÚLIA – Pai, o senhor tem *Tylenol*[®]?

OSVALDO – Tenho. Com dor?

JÚLIA – De cabeça. É por causa do voo...

OSVALDO – Vou pegar. (Sai.)

(Júlia olha a casa. A mãe e ela não conversam. Longo silêncio.)

OSVALDO – Achei!

JÚLIA (Tomando o remédio.) – Eu não sabia que vocês gostavam de azul.

OSVALDO – Azul acalma...

JÚLIA – Vocês pintaram o meu antigo quarto também?

OSVALDO – Não. O seu quarto continua branco.

JÚLIA – Eu gosto de branco.

OSVALDO (Apontando para a TV.) – Você quer que eu coloque em outro canal? A gente tem TV por assinatura agora. Tem mais de quinhentos canais. Você quer que eu troque?

JÚLIA – Não, eu não quero não. Eu tô com dor de cabeça, eu não quero assistir TV.

OSVALDO (Desligando a TV.) – Mas esse *Tylenol*[®] faz efeito rápido, viu? Ele não é genérico não, é original.

JÚLIA – Acho que eu vou descansar um pouquinho. Com licença. (Vai saindo.)

OSVALDO – Se precisar de alguma coisa, me avisa. (Júlia sai. Osvaldo, alto.) E, depois que o remédio fizer efeito, eu coloco um filme aqui na TV pra gente assistir... Eu estouro uma pipoca...

5

JÚLIA – É normal ter um medinho no início, mas depois passa, você vai ver. Eu sentei do lado da janela, fiquei observando as nuvens de cima. O céu é tão bonito!

(Barulho de vidro quebrando.)

JÚLIA – Depois o avião pousou. Meu pai me buscou no aeroporto e eu voltei pra casa.

LAERTE – A sua mãe ainda tá mal, Júlia?

JÚLIA – Ela sempre tá mal.

(Barulho de vidro quebrando.)

JÚLIA – Que barulho é esse?

LAERTE – O vizinho tá de mudança.

JÚLIA – O da festa?

LAERTE – O outro.

JÚLIA – O do cachorro?

LAERTE – Sim.

JÚLIA – Por que ele tá saindo?

LAERTE – Não deu conta do aluguel, vai pra um lugar mais barato.

JÚLIA – E você não me fala nada, Laerte?

(Barulho de vidro quebrando.)

LAERTE – Eu imaginei que você quisesse um lugar melhor.

466 **JÚLIA** – Sendo melhor que a casa dos meus pais, já basta.

LAERTE – Mas e a sua mãe?

JÚLIA – O que tem a minha mãe?

LAERTE – Você não vai ficar com ela, Júlia?

(Barulho de vidro quebrando.)

JÚLIA – O seu vizinho é muito desastrado.

LAERTE – Ele é...

JÚLIA – Quanto ele paga de aluguel?

LAERTE – Não sei.

JÚLIA – Quanto você paga?

LAERTE – Seiscentos.

JÚLIA – É caro.

LAERTE – Eu não acho, eu gosto daqui.

JÚLIA – Você tá feliz?

LAERTE – Com o quê?

JÚLIA – Com a viagem. Você tá feliz?

LAERTE – Tô.

JÚLIA – Vai ser bom pra você, você vai ver.

LAERTE – Andar de avião ainda me assusta, mas eu tô feliz.

JÚLIA – É normal ter medo no início, mas depois passa.

6

DORA – Avião?! Você vai de avião? Por que você não vai de carro?

LUCAS (Fechando uma mala.) – Eu tô te pedindo dinheiro?

DORA – E que amigo é esse, Lucas?

LUCAS – Era da escola, já falei.

BIANCA (Entrando.) – Vocês estão brigando?

LUCAS – Vai pro quarto, Bianquinha.

DORA – Ela sabe?

BIANCA – Do quê?

DORA – Teu marido tá indo pro Rio de Janeiro.

LUCAS – Pra um enterro! Teu marido tá indo pra um enterro no Rio de Janeiro.

BIANCA – Quem morreu?

LUCAS – Heitor, um amigo da escola.

BIANCA – Você quer que eu pegue as minhas coisas?

LUCAS – Eu vou sozinho.

BIANCA – Sozinho?! Mas e se você dormir no volante?

DORA – Ele não vai de carro, vai de avião.

BIANCA – De avião?!

LUCAS – Algum problema?

BIANCA – Se você fosse de carro, eu poderia ir com você. A gente poderia passear...

LUCAS – Eu vou pro enterro, não vou passear.

BIANCA – E não pode fazer as duas coisas?

LUCAS – Não é certo.

DORA – Eu nunca ouvi falar desse Heitor...

LUCAS – Se você prestasse atenção em mim, teria ouvido.

BIANCA – Quando você volta?

DORA – Só domingo à noite...

LUCAS – Eram as passagens que tinham.

BIANCA – E você vai ficar onde?

LUCAS – Hotel.

BIANCA – Mas não é caro?

LUCAS – Eu tô te pedindo dinheiro?

BIANCA – Eu só perguntei.

(Silêncio.)

BIANCA – Vocês eram próximos?

7

JÚLIA – Não. Nenhum pouco! Eu até gostaria de ter visitado a Itália, mas ia sair tão caro.

OSVALDO – Eu pensei que tudo fosse perto na Europa.

JÚLIA – Se você tem dinheiro, tudo é perto. Mas eu tava lisa, pra mim tudo era longe.

OSVALDO – Mas agora você tá aqui! Eu vou te comprar roupa, comida... Eu vou cuidar de você.

JÚLIA – Agora eu não preciso mais, pai. Agora eu sou crescida.

AMÉLIA – Você vai ficar aqui por muito tempo?

JÚLIA – Não, mãe. Eu tô procurando casa pra alugar...

OSVALDO – Por quê? Por que você não fica aqui? Seria tão bom pra sua mãe...

JÚLIA – Eu me acostumei a morar sozinha. Eu prefiro assim.

OSVALDO – Isso não tá certo.

JÚLIA – A gente poderia mudar de assunto?

AMÉLIA – Você vai receber a bolsa até quando?

JÚLIA – Até dezembro.

OSVALDO – E vai ficar gastando com aluguel?! Por que você não fica aqui?

JÚLIA – A gente poderia mudar de assunto?

OSVALDO – Por que você não fica?

JÚLIA – A gente precisa mudar de assunto.

OSVALDO – Por que você não ficou?

JÚLIA – A gente muda de assunto pra sobreviver.

OSVALDO – Eu vou te comprar roupa, comida... Eu vou cuidar de você.

JÚLIA – Agora eu não preciso mais, pai. Agora eu sou crescida.

OSVALDO – Se você for embora, a sua mãe morre.

8

LUCAS – Ela vai ficar bem.

LAERTE – Ela não desconfiou de nada?

LUCAS – Não. Eu disse que ia enterrar um amigo no Rio de Janeiro.

LAERTE – Eu não gosto de mentira que envolve morte.

LUCAS – Foi por uma boa causa.

LAERTE – Eu me sinto mal por ela...

LUCAS – Não precisa se sentir mal, ela tem a minha mãe.

LAERTE – Ela perguntou quando você volta?

LUCAS – Eu falei que voltava domingo.

LAERTE – Eu tenho dó dela, Lucas, ela vai ficar esperando!

LUCAS – Depois de um tempo, ela percebe. Você tá nervoso?

LAERTE – Andar de avião ainda me assusta.

LUCAS – Vai dar tudo certo. A gente vai ficar bem.

9

OSVALDO – A Júlia sempre teve um estômago muito sensível, doutor. E ela acabou de chegar da Europa, morou lá por quatro anos. O estômago deve tá estranhando esse clima tropical...

VOZ DO DOUTOR – Você sentia essas dores longe de casa, Júlia?

OSVALDO – Ela não sentia dor nenhuma, doutor. Eu ligava pra ela e ela sempre tava bem.

VOZ DO DOUTOR – Você sofre de gastrite, refluxo...?

OSVALDO – Refluxo gastroesofágico, doutor. Ela sofre disso desde pequena. Tem coisas que o corpo dela não consegue digerir. Ela engole e as coisas voltam.

VOZ DO DOUTOR – Você precisa de uma dieta restritiva.

OSVALDO – Ela fez, doutor! Ela fez uma dieta altamente restritiva enquanto estive na Europa. E a gente tá tentando continuar a dieta dela, a gente tá tentando!

10

DORA – Não adianta, Bianquinha. Eu já tentei ligar mil vezes, ele não atende.

BIANCA – Ele precisa atender, Dona Dora, precisa dizer que chegou bem. Senão, como o nosso coração fica? Como a gente dorme?

DORA – Dormindo. Notícia ruim chega rápido. Se tivesse acontecido alguma coisa, a gente já tava sabendo. Se eu conheço o Lucas, ele tá revendo os amigos do colégio e esqueceu da gente.

BIANCA – Ele tá em cidade grande, Dona Dora. Acontece tanta desgraça por lá...

DORA – Você tá se preocupando à toa.

BIANCA – Eu devia ter ido com ele, eu devia ter insistido.

DORA – Cabeça-dura do jeito que ele é, você acha que ia ter alguma chance?

BIANCA – Não sei, mas devia ter tentado.

DORA – Ele tá bem.

BIANCA – Tomara. Vou esperar mais um pouco. Daqui um tempo eu ligo de novo.

11

AMÉLIA – Que horas são?

JÚLIA – Seis da tarde.

AMÉLIA – Cadê o seu pai?

JÚLIA – Saiu.

AMÉLIA – O seu irmão já chegou?

JÚLIA – Como?

AMÉLIA – Que dia é hoje?

JÚLIA – A senhora tomou seus remédios?

AMÉLIA – O que aconteceu com as minhas flores?

JÚLIA – Que flores?

AMÉLIA – As flores do jardim... Eu reguei cada uma delas. Coloquei adubo. Eu dei sol às que precisavam de luz e resguardei as que precisavam de sombra. Mas elas sumiram e o meu jardim tá vazio.

JÚLIA (Com o dorso da mão na testa da mãe.) – A senhora tá com febre.

AMÉLIA – Eu tive um pesadelo.

JÚLIA – Com o quê?

AMÉLIA – Foi ruim demais...

JÚLIA – Fala.

AMÉLIA – Parecia real. Eu podia sentir... eu podia sentir a temperatura. Tava tão quente. Acho que era verão. A jabuticabeira do quintal lotada. E o seu irmão me disse que, depois que chegasse do trabalho, ia colher as jabuticabas. Ele prestes a sair. Vestia o uniforme do trabalho. Me deu um beijo na testa e partiu. Eu, à mesa, escolhendo feijão pro almoço. De repente, escutei um barulho.

JÚLIA – JOÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃ!

AMÉLIA – Eu sabia, eu senti. Fui correndo pra frente de casa e... ele tava atropelado. Comecei a gritar.

JÚLIA – Ele vai ficar bem! Ele vai ficar bem!

AMÉLIA – Comecei a gritar na calçada e você me segurava. Você pedia pra eu ficar calma. Você ligava pra ambulância.

JÚLIA – Eles estão a caminho! Ele vai ficar bem!

AMÉLIA – O seu pai não tava aqui. Tava no bar. Eu me lembro do sangue do seu irmão tingindo o asfalto.

LUCAS – Tingindo de vermelho. De repente, minha vida mudou. Aquele corpo ensanguentado nunca mais saiu da minha cabeça. E eu fui embora. Eu não sabia o que fazer. Só sabia que não podia ficar. Havia tanto sangue na rua. Era impossível que ele sobrevivesse. As rodas do carro da autoescola ficaram manchadas. E o corpo agonizando. E eu pensava: “Não posso me envolver em acidente. Eu sou instrutor, vou perder o emprego”. E o corpo no chão. E os olhos dele me encaravam. E as rodas sujas de sangue. E eu indo embora. E ele ficando pra trás. Se eu pudesse voltar no tempo...

AMÉLIA – ...eu diria: “Filho, não vai trabalhar hoje não. Fica com a mãe”. Eu queria ter morrido. E às vezes eu rezo por ele e, de repente, me vem uma angústia. Me sinto boba. E se o céu não existir? E se ele não estiver em lugar nenhum? Eu amo tanto ele. O céu precisa existir pra ele estar lá. No início, eu não conseguia entender. Achava que os médicos

iam dar um jeito de salvá-lo. No velório, esperava um milagre. Esperava que os olhos dele se abrissem e ele voltasse pra mim. Mas não abriram. E ele foi enterrado. E eu fiquei aqui. Depois, o pé de jabuticaba morreu. Você foi embora. E hoje o seu irmão tá no cemitério, é um amontoado de ossos. Eu queria abraçá-lo. Eu queria abraçá-lo mais uma vez. E queria ter morrido. Ainda quero.

JÚLIA – Mãe, escuta! Eu quero que você fique bem. Eu quero ver você sorrindo outra vez. É imensa a dor que eu sinto quando te vejo aqui, paralisada. Você pensa que eu não sofro? Eu sofri muito. Eu fiquei sem chão. Mas a vida precisa continuar, entende? Acho que uma parte de todos nós morreu naquele dia, mas sinto que não podemos nos entregar por completo. Nunca mais seremos felizes, mãe. Eu sei disso. Mas é insuportável continuar vivendo em completa infelicidade. É isso que quero te dizer! É isso que quero te dizer desde que cheguei aqui. Você compreende?

12

DORA – A gente já tentou de tudo, doutor. Omeprazol, Label, Buscopan®, Estomazil®, Dramin®, Lansoprazol, Pantoprazol... Nada funciona!

VOZ DO DOUTOR – Quando isso começou?

DORA – Faz umas duas semanas.

VOZ DO DOUTOR – Você comeu alguma coisa diferente, Bianca?

DORA – Ela só come pão. Se come outra coisa, vomita.

VOZ DO DOUTOR – O que você sente, Bianca?

BIANCA – É confuso. Às vezes me vem uma raiva imensa, pois penso que ele me abandonou.

DORA – Responde, Bianca!

BIANCA – Outra hora, uma preocupação toma conta de todo o meu corpo, pois penso que alguma coisa aconteceu com ele.

DORA – O doutor tá falando com você!

BIANCA – Sem ele eu não sei viver, não sei conversar, não sei caminhar, não sei como se respira... Antes de conhecê-lo, eu sabia de tudo isso, mas agora não sei. Me sinto tão tola!

DORA – Eu peço desculpas. Ela agora vive assim, com a cabeça em outro mundo.

BIANCA – Eles dizem: “Bianquinha, faça isso”, “Bianquinha, faça aquilo”, e eu faço. Eu me acostumei. Não sei mais fazer de outro jeito.

DORA – E eu fico preocupada, sabe? Essa dor no estômago mexeu com ela.

BIANCA – E, agora, ela fala: “Esqueça ele, Bianquinha, ande com suas próprias pernas!”. Como? Eu desaprendi. E não sei se quero aprender novamente. Andar pra onde? Pra qual direção? Direção! Se ao menos eu soubesse dirigir, poderia ir até o Rio de Janeiro atrás dele.

DORA – Você acha que o caso dela é grave, doutor?

BIANCA – Não! Ele não me abandonou! Se ele tivesse me abandonado, não levaria o carro junto com ele? Ele não deixaria o carro! Ele não deixaria!

DORA – O que o senhor indica?

13

OSVALDO – Aí ele disse que ela precisa fazer uma dieta restritiva, Amélia. Então é bom não encher a salada de vinagre, ouviu? Deixa separado que cada um coloca no próprio prato.

AMÉLIA – Tá.

OSVALDO – Molho de tomate também não pode.

DORA – Não faz isso!

AMÉLIA – Por que não pode?

BIANCA – Eu vou de avião!

OSVALDO – É ácido.

DORA – De avião?

OSVALDO – Tudo o que é ácido não pode.

BIANCA – Comprei a passagem com o cartão do Lucas. Ele não levou o cartão, sabia? Ele não levou o cartão, nem a moto, nem o carro...

OSVALDO – E molho de tomate é ácido.

DORA – Não vai!

OSVALDO – Tem gente que coloca açúcar pra cortar a acidez...

DORA – Eu te imploro: não vai!

OSVALDO – mas eu acho que não é bom. É melhor cortar o molho.

DORA – ELE NÃO TÁ NO RIO DE JANEIRO:
NÃO VAI!

OSVALDO – Só pode comprar laranja se for lima.

DORA – Desculpa.

OSVALDO – Você tá anotando?

DORA – Eu pensei em vender o carro...

OSVALDO – Ela tá sofrendo muito.

BIANCA – Onde ele tá?

OSVALDO – Ela vê você triste e ela fica triste.

DORA – Eu não sei.

OSVALDO – Você precisa ficar feliz pra ela ficar feliz.

DORA – Eu pensei em vender o carro pela internet. Então eu abri o carro. Pra fazer umas fotos, sabe? ... Eu abri o carro e achei uma carta.

OSVALDO – Você me escuta?

DORA – Uma carta do Lucas. E ele disse que não volta.

OSVALDO – Você tá aí?

DORA – Ele disse que te ama muito.

OSVALDO – Amélia?

DORA – Ele sente falta de você.

OSVALDO – Ela te vê triste e ela fica triste.

DORA – Ele pediu pra gente não vender o carro. Ele disse que quer que você dirija o carro.

OSVALDO – Ela sente falta de você.

DORA – Então eu acho que a gente não devia vender o carro.

OSVALDO – Você não responde?

DORA – Ele deixou pago o curso de habilitação na autoescola. Ele falou que você só precisa fazer as aulas. Ele deixou dinheiro pros exames...

OSVALDO – Eu também me canso, Amélia.

DORA – Ele disse que te ama muito.

OSVALDO – Falar com você é enxugar gelo!

14

BIANCA – AAAAAAAAAAAAAAAA

(Com uma marreta, BIANCA destrói o próprio carro. Quebra os vidros, amassa a lataria e grita em fúria. Simultaneamente, LUCAS lê a carta:)

Meu bem,

Não fique com raiva de mim. Sei que fui um moleque contigo, mas tenta entender. Eu ando muito confuso. Não posso continuar aqui. Não sei pra onde vou, menti pra você. E não precisa sair à minha procura. Quem precisa fazer isso sou eu.

Quero que você fique com o carro. Vai na autoescola. Deixei tudo pago: o curso, os exames. Tira tua carta! Deixei também um dinheiro no nosso armário.

Adeus

15

OSVALDO – Eu vou sentir tanta saudade!

JÚLIA – São só 40 km. Antes, nós estávamos separados por milhares.

OSVALDO – É separação do mesmo jeito.

JÚLIA – Não é do mesmo jeito, o senhor sabe...

OSVALDO – Eu queria cuidar de você.

JÚLIA – Mãe, eu tô indo.

OSVALDO – Te comprar roupa, comida...

JÚLIA – O pai vai me levar na rodoviária, eu tô indo.

OSVALDO – Você pegou remédio? Leva remédio, é sempre bom ter...

JÚLIA – Se precisar, eu compro. Mãe, você ouviu?

OSVALDO – Leva, Júlia, aqui tem muito.

JÚLIA – Não precisa. Mãe!

OSVALDO – Você volta no final de semana?

JÚLIA – Depende de como for o serviço... Mãe!

OSVALDO – Tenta voltar, é importante pra ela.

JÚLIA – Se o serviço for pesado, eu não vou conseguir voltar...
Mãe!

OSVALDO – Tem certeza que não quer levar mais nada? Faz uma marmitta, você vai chegar cansada.

JÚLIA – São só 40 km, pai.

OSVALDO – Tem muita comida aqui, vai acabar estragando se você não levar...

JÚLIA – Acho que tá na hora de irmos. Tchau, mãe.

16

DORA – Um bom filho à casa torna! Entra, Laerte, fica à vontade! Quer um cafézinho?

LAERTE – Não precisa se preocupar comigo. Eu não vim dar trabalho. Quero saber como a senhora tá... soube que o Lucas foi embora...

DORA – É... Ele foi.

LAERTE – E a senhora? E a Bianca? Vocês estão bem? A Bianca tá em casa?

DORA – Ela tá em casa, sim. Nós vamos indo, na medida do possível...

LAERTE – Eu trouxe essa cesta básica.

DORA – Não precisava.

LAERTE – Precisava, sim. Toma.

DORA – Obrigada.

LAERTE – Qualquer dificuldade, é só falar comigo, tá? Não é pra ter vergonha, não. A senhora tem o meu celular?

DORA – Tenho, meu querido.

BIANCA (Entrando.) – Oi...

DORA – Bianquinha! Olha quem veio nos visitar!

LAERTE – Eu tava ansioso pra te conhecer, Bianca. Meu nome é Laerte. Eu sou da autoescola.

BIANCA – Amigo do Lucas?

LAERTE – Isso.

BIANCA – Senta!

LAERTE – Não precisa, eu só tô de passagem...

DORA – Ele trouxe essa cesta, Bianquinha...

BIANCA – É a cesta da autoescola?

LAERTE – É.

BIANCA – Não vai te fazer falta?

LAERTE – Não.

DORA – O Laerte morava aqui na rua. Ele e o Lucas passavam o dia todo na frente do meu portão. Jogando bola, soltando pipa... Os filhos do Seu Osvaldo também, não era, Laerte?

LAERTE – Era...

DORA (Sorrindo.) – Quando você foi embora, o Lucas ficava enchendo a minha paciência, dizendo que a gente tinha que ir embora também, pra rua do Laerte... (Ri.) Vocês eram crianças de tudo, né? Eu fiquei tão feliz quando soube que vocês tavam trabalhando juntos. Lembro até hoje do barulho, das risadas... É uma pena que o grupinho nunca mais vai ficar completo. O João partiu tão cedo...

LAERTE – É...

DORA – O Lucas ficou arrasado.

LAERTE – Eu também fiquei.

DORA – Eu pensei que o Lucas fosse morrer!

LAERTE – Eles ainda mantinham contato?

DORA – Não. O João parou de brincar na rua depois que você foi embora. Ele virou a cara pro Lucas, parou de cumprir, sei lá o que aconteceu... Mas mesmo assim o Lucas sentiu. Amigo de infância é coisa que marca.

LAERTE – E a Amélia? Ela ainda tá mal?

DORA – Muito, muito mal. O Osvaldo melhorou. Ficou mais decente depois da morte do filho. Também... O filho morto na calçada, sangue pra todo lado e ele dormindo numa mesa

de bar... Mas a Amélia não superou não... Talvez agora fique mais fácil, a filha dela voltou...

OSVALDO – A nossa menininha! A nossa caçula!

LAERTE – A Júlia me visitou há umas semanas. Ela tá tão diferente...

OSVALDO – Entrou no ônibus e partiu!

LAERTE – Não parece a mesma que brincava com a gente.

OSVALDO – E eu chorei.

DORA – Não vi.

OSVALDO – De novo.

DORA – A última vez que a encontrei, foi antes dela ir pra Europa.

OSVALDO – Eu sei que são só 40 km, mas, quando ela entrou no ônibus, eu chorei.

LAERTE – Acho que vou passar pra dar um abraço nela.

OSVALDO – Eu chorei porque eu sei que ela não vai voltar.

DORA – Fala que eu mandei um beijo.

OSVALDO – Ela não tem motivo pra voltar.

LAERTE – Falo sim.

(Laerte e Dora saem.)

OSVALDO – Eu chorei porque ela nunca usou o ar-condicionado que eu coloquei no quarto dela. Porque a gente não assistiu nenhum filme juntos. Não comeu pipoca. Eu chorei porque ela não me abraçou. Eu chorei porque ela não chorou. Eu chorei porque eu vi felicidade nos olhos dela quando o ônibus chegou na rodoviária. Eu chorei porque ela não olhou pra trás. Eu chorei porque ela não volta.

17

LAERTE – Calma. É bem simples. Você vai conseguir. Lembra de não deixar tremer muito. Aí vai tirando o pé do freio e colocando no acelerador. Mas não mexe na embreagem. Deixa ela quieta por enquanto. Agora sim. Agora vai soltando. Solta aos poucos...

BIANCA – Morreu.

LAERTE – Morre mesmo. Morre com todo mundo, o tempo todo, todo dia, em todo lugar.

BIANCA – E agora?

LAERTE – Agora tenta de novo. Toda vez que morrer, você vai tentar de novo. Pisa na embreagem... coloca em ponto morto... pisa no freio... e liga o motor... isso! Agora coloca em primeira... solta a embreagem até tremer... aí, aí! Não precisa tremer mais do que isso, OK?

BIANCA – OK.

LAERTE – Aí vai deslizando o pé do freio pro acelerador. Ainda não precisa mexer na embreagem. Isso! Muito bem. Agora sim. Agora vai soltando. Solta aos poucos... Isso! Muito bem! Acelera. No pedal do acelerador, a gente sempre pisa de leve, OK?

BIANCA – OK.

LAERTE – Você tá indo muito bem, Bianca. Olha o velocímetro. Que velocidade você tá?

BIANCA – Quinze por hora.

LAERTE – Pisa na embreagem e põe em segunda. Isso. Solta a embreagem bem aos poucos, igual você fez da outra vez... Percebe como foi macio? Pode acelerar um pouquinho... Lembra de ficar sempre do lado direito da rua, tá? Se a gente fica do lado esquerdo, impede o percurso do carro de trás. Tem carro que tem pressa. E é bom não se meter com eles.

BIANCA – Agora é só seguir em frente?

LAERTE – Sim. Você vai reparar que seguir em frente é muito mais gostoso. É bem melhor do que ficar fazendo curva, estacionar...

BIANCA – O Lucas dirigia esse carro?

LAERTE – Porque fazer curva é ruim, sabe? Ficar dando volta e mais volta e mais volta. Eu prefiro começar ensinando os meus alunos a seguir em frente. É mais prazeroso pra quem tá dirigindo ver que tá indo pra algum lugar. Ficar dando volta é igual estacionar, o aluno não vê resultado. Pensa: “Ainda tamo nessa rua? Não vamos sair daqui?”. Quando segue em frente, ele vê que foi longe, ele vê que é capaz.

OSVALDO – É essa capacidade que me irrita. Como pode seguir em frente e não olhar pra trás?

DORA – Acaba a carne, a gente troca por frango. Acaba o frango, a gente troca por batata. Acaba a batata, a gente só come arroz. E vai tudo perdendo o gosto. Eu boto um tempero, engulo com água. Tento disfarçar, mas o meu estômago é esperto. Não consigo enganá-lo. Eu não consigo enganar ninguém. Acaba o respeito, eu troco por medo. Acaba o amor, eu faço chantagem. Mas ele é esperto e sabe que tá sendo enganado. Aí um dia ele vai embora. Aí um dia ele me deixa um dinheiro. Ele pensa que a presença dele vale tão pouco?

OSVALDO – E não olha pra trás. E não vê que tem alguém que chora. É essa capacidade, é essa capacidade que me irrita.

LAERTE – Olhar no retrovisor é importante, mas seguir em frente olhando pra ele, é perigoso.

OSVALDO – A gente troca um telefonema. A gente fica bobo! A gente pensa que a pessoa vai voltar. A gente pensa que vai ter aquilo outra vez. A gente espera a pessoa. A gente prepara um jantar. A gente se arruma. A gente espera que a pessoa venha... A pessoa não vem.

DORA – E o tempo vai passando e a gente finge que aceitou. E a gente finge que não espera mais. A gente sempre espera. E a gente lembra do passado. E a gente lembra da pessoa. E a gente pensa que o passado era bom. A gente inventa que foi bom. A gente espera um abraço. A gente espera um sorriso, um cheiro, uma voz... A gente espera que a pessoa também sinta falta de nós... E a pessoa não vem.

OSVALDO – Você atende o telefone e ouve a voz dela. Não é a mesma voz. É uma voz alegre. Ela tá longe de você.

BIANCA – E me dá uma vontade de entrar no primeiro retorno que eu vejo. Me dá vontade de voltar pras ruas conhecidas. Seguir em frente é se deparar com novos caminhos. Se deparar com novos caminhos me dá a sensação de estar perdida.

LAERTE – Se o sinal ficar vermelho, você para. É perigoso continuar. Mas, quando ele estiver verde, você precisa seguir em frente. Segue em frente, Bianca! Segue em frente! Agora não é hora de olhar pro retrovisor. Segue em frente!

(Todos tentam seguir em frente.)

(Oswaldo fica só.)

OSVALDO – É um exagero. A minha mesa tem oito lugares. Eu e a Amélia somos só duas pessoas. Às vezes é útil, mas na maioria das vezes é um desperdício. Os vizinhos da casa da frente estão passando por dificuldades. Foi o Laerte quem disse. O Laerte é amigo da minha filha. Os vizinhos da casa da frente mal têm o que comer. A minha mesa tem oito lugares. Eu sou muito exagerado. Convidei os vizinhos da casa da frente pra jantar. Jantaremos eu, a Amélia, a Bianca, a Dora e o Laerte. É fim de semana, então talvez a Júlia também venha. A Amélia vai fazer a comida. A Amélia vai fazer picadinho.

18

OSVALDO (Entusiasmado.) – Entrem, entrem! Fiquem à vontade! Sentem-se! Bianquinha! Como você tá? Quanto tempo não te vejo, não falo com você...

BIANCA – Eu tô bem, Seu Oswaldo. Obrigada por nos receber!

LAERTE – Eu trouxe um vinho!

OSVALDO – Vinho? Olha só! Mas não precisava... não vai ser necessário. A Amélia fez suco. Se vocês quiserem beber

vinho, podem beber. Eu não bebo. Eu não bebo mais. Eu só bebo suco.

LAERTE – Ah... Desculpe, eu não...

OSVALDO – Imagina! Não peça desculpas! Por favor, sentem-se! A Júlia ainda não chegou. O trabalho dela é uma correria. Eu não sei se ela vem. Então a gente não precisa esperar por ela. A Amélia fez picadinho. Por favor, sentem-se!

DORA – Obrigada, Seu Osvaldo.

OSVALDO – Bianquinha! O Laerte me contou que você tá na autoescola.

BIANCA – Tô... foi o Lucas que pagou.

OSVALDO – Você tá gostando?

BIANCA – Gostando? É... Tô gostando sim. Mas eu ainda tô pegando o jeito. Eu ainda deixo o carro morrer toda hora.

OSVALDO – O Laerte é um bom professor?

BIANCA – Sim. Ele ensina muito bem. Ele tem uma paciência de Jó.

LAERTE – Ela é muito aplicada.

OSVALDO – E o aluguel? Desculpa perguntar... mas vocês estão... conseguindo?

DORA – O Lucas deixou um dinheiro. E eu tenho a minha aposentadoria.

BIANCA – E eu tô procurando emprego, e a gente tá procurando uma casa mais barata...

OSVALDO – Vocês vão se mudar? Não, não podem! A Dona Dora mora aqui faz tanto tempo... Vocês já falaram com o proprietário?

DORA – A gente não vai se mudar. A gente vai ficar aqui e dar um jeito.

OSVALDO – Se precisarem de alguma ajuda, não fiquem com vergonha de me pedir, viu?

DORA – Não se preocupe, Seu Osvaldo. E a Dona Amélia? Será que ela precisa de ajuda na cozinha?

OSVALDO – Não, não precisa, não. Na verdade, eu acho até que ela não gosta. Não gosta de ninguém na cozinha dela...

LAERTE – Onde fica o banheiro?

OSVALDO – Segue o corredor, segunda porta à esquerda.

LAERTE – Com licença. (Sai.)

DORA – Sempre foi azul?

OSVALDO – A gente pintou faz pouco tempo. Azul acalma.

(Barulho de vidro quebrando.)

OSVALDO – Xiii! Vou ver o que aconteceu. (Sai.)

DORA – Azul na sala... acho esquisito.

(Dora fica observando a casa.)

OSVALDO (Rindo.) – A Amélia... a Amélia viu o Laerte e pensou que fosse um fantasma...

DORA – E o barulho?

OSVALDO – Quebrou um prato.

DORA – Ela se machucou?

(Amélia entra segurando uma panela grande, pesada e quente. Coloca em cima da mesa.)

DORA – Quer ajuda, Dona Amélia?

AMÉLIA – Não.

DORA – Certeza? Eu posso ajudar.

(Amélia sai. Depois de um tempo, volta com duas panelas, tentando equilibrá-las.)

DORA – A senhora tem certeza que não quer ajuda?

(Amélia coloca as panelas na mesa.)

AMÉLIA – Eram as últimas.

OSVALDO – Por favor, sirvam-se!

(Todos começam a colocar comida no prato.)

DORA – Tá com uma cara muito boa esse picadinho, Dona Amélia.

LAERTE (Entrando.) – E o cheiro também tá ótimo.

OSVALDO – Quer que eu sirva o picadinho, Bianquinha?

BIANCA – Não, eu não vou querer...

OSVALDO – Não vai?

BIANCA – O picadinho.

OSVALDO – Não vai?

DORA – Pega, Bianquinha. Deixa disso!

BIANCA – Eu acho melhor não, Dona Dora...

OSVALDO – Você não gosta de picadinho?

BIANCA – É que o cheiro...

OSVALDO – O cheiro?

BIANCA – Desculpa!

DORA – Pega, Bianquinha, o Osvaldo tá pedindo...

OSVALDO – Eu coloco só um pouquinho pra você experimentar, você vai gostar.

DORA – Anda, Bianquinha, dá o prato pra ele.

LAERTE – Você tá bem?

(Bianca vomita em cima da mesa.)

DORA – BIANCA!

OSVALDO – Calma, calma! Não grita com ela, ela não fez por mal...

DORA – Que vergonha!

LAERTE – Calma, Dona Dora!

DORA – Vergonha! Vergonha!

OSVALDO – Não tem problema, acontece.

DORA – Eu também sofro, Bianca! Mas eu seguro, eu deixo guardado!

OSVALDO – Eu vou pegar um pano.

(Bianca vomita outra vez.)

LUCAS – Eu tinha um nó na garganta.

JÚLIA – Eu não conseguia falar, eu não conseguia pedir socorro.

JÚLIA e LUCAS – Ninguém notou.

(Bianca vomita de novo.)

JÚLIA e LUCAS – E eu fui embora sem dizer uma palavra. Sem fazer novela. Sem chorar as pitangas. Eu fui embora sem escândalo. Eu fui embora na ponta do pé. Eu precisei ter coragem. Eu não sou covarde. Eu tinha um nó na garganta. E você nunca vai entender. Você nunca vai chorar as minhas lágrimas. As minhas lágrimas são as minhas lágrimas. E eu não entendo as suas. Por que você me queria por perto? Eu tava sofrendo! Eu tava com um nó na garganta!

(Amélia se levanta da mesa e sai.)

OSVALDO – Você tá melhor, Bianca? Eu posso colocar alguma coisa no seu prato?

BIANCA (Canta.)⁸ –
Você partiu
Nem me acordou

(Barulho de vidro quebrando.)

Estava frio
Nem me beijou

OSVALDO – Com licença. (Sai.)

BIANCA (Canta.) –
Foi tão ruim
Pobre de mim

LUCAS (Canta.) –
Fiquei assim
Como quem quer se matar

LAERTE (Canta.) –
Dia após dia
Foi só chorar

8. Trecho da música “Você se foi”, de Itamar Assumpção e Ná Ozzetti.

(BARULHO DE VIDRO QUEBRANDO.)

DORA – Come! Chora lá em casa. Lá em casa não tem comida, isso sim é de chorar.

(BARULHO DE VIDRO QUEBRANDO.)

(BARULHO DE VIDRO QUEBRANDO.)

(BARULHO DE VIDRO QUEBRANDO.)

OSVALDO (Em uma voz doce.) – Amélia, por favor! Amélia, me deixa entrar! Fala comigo! Vem aqui fora, o pessoal tá te esperando. Amélia? Você não vai responder? Amélia? Eu só tenho você. Nossos filhos foram embora... Vai ser só nós dois, Amélia. Pra sempre. Se você me deixar, a gente vai ficar sozinho. Eu não quero ficar sozinho, eu quero ficar com você. Vem, Amélia! O pessoal tá te esperando. Abre a porta, me deixa entrar.

(BARULHO DE VIDRO QUEBRANDO.)

(BARULHO DE VIDRO QUEBRANDO.)

DORA – Não vai comer, Laerte?

LAERTE – Não tô com cabeça...

OSVALDO (Entrando, simpático.) – Desculpem a demora... A Amélia não tá se sentindo muito bem.

DORA – Precisa de alguma ajuda, Seu Osvaldo?

OSVALDO – Não precisa. Eu peço desculpas por tudo isso...

DORA – Imagina.

OSVALDO – Eu vou lá falar com ela de novo. Mas fiquem à vontade, por favor.

BIANCA – A gente já tá indo.

OSVALDO – Não, por favor, fiquem! Eu vou me sentir mal se vocês forem. Vocês querem que eu coloque uma música?

BIANCA – Eu não tô me sentindo bem, eu preciso ir pra casa.

DORA – Ela não comeu nada, Seu Osvaldo. Depois vai se arrepender... O picadinho tá uma delícia.

OSVALDO – Leva pra ela, aí depois ela come. Querem uma música?

DORA – Obrigada, Seu Osvaldo. Posso usar essa vasilha?

OSVALDO – Claro.

DORA – Amanhã eu trago de volta, tá?

OSVALDO – Tudo bem. Vocês não querem uma música?

LAERTE – Acho melhor não, Seu Osvaldo. O clima tá triste demais...

OSVALDO – Mas a Amélia já parou de gritar. Foi só um susto. Eu não acho que o clima tá triste demais.

LAERTE – Desculpa, Seu Osvaldo. Eu não quis ofender...

OSVALDO – Não, não peça desculpas. Eu só não quero que vocês saiam daqui com a sensação de que o clima tá triste demais...

DORA – Por mim, tudo bem colocar uma música, Seu Osvaldo.

LAERTE – É. Pode colocar. Foi só besteira minha...

OSVALDO – Imagina, cada um pensa de um jeito. Se você não quer música, eu entendo, não vou colocar. Eu só não quero que vocês saiam daqui tristes.

LAERTE – A gente não vai sair triste não, foi só um modo de dizer...

OSVALDO – Quando eu combinei esse jantar, imaginei que a gente ia se divertir. Eu não queria que fosse triste.

LAERTE – Desculpa, Seu Osvaldo. Errei as palavras.

OSVALDO – Não, Laerte, não foi culpa sua!

DORA – Coloca a música, Seu Osvaldo.

OSVALDO – Não. Não precisa. Se vocês não querem, eu também não quero, entende?

DORA – Deixa disso!

BIANCA – Eu preciso ir pra casa, Dona Dora.

OSVALDO – O Laerte tem toda razão. Não tem clima pra música.

LAERTE – Eu realmente não quis ofender.

OSVALDO – Mas eu não fiquei ofendido. Imagina! Eu só acho uma pena toda essa situação. É tão triste não ter clima pra música! Mas a vida é assim mesmo, não tem clima pra música, pra dançar, pra rir, pra nada de bom...

DORA – Calma, Seu Osvaldo...

OSVALDO – Eu tô calmo. Eu não assisto jornal, não bebo, não buzino pra ninguém. Faço de tudo pra não perder o controle. Eu sempre tô calmo. Mas não posso suportar a ideia de que não tem clima pra música, entende?

DORA – Não foi por mal, Seu Osvaldo...

OSVALDO – Eu sinto muito se isso soa rude pra vocês, mas pra mim é um absurdo. Eu não posso aceitar.

506 **DORA** – Imagina, Seu Osvaldo, o senhor não foi rude.

OSVALDO – A minha vida não é feliz. Não é nenhum pouco feliz. Mas eu decidi que eu não vou viver sofrendo, entendeu? Eu não vou viver sofrendo!

DORA – O senhor tá certo, Seu Osvaldo.

OSVALDO (Em um crescente.) – Todo mundo sabe que meu filho morreu. E eu também sei. Eu também sei! Mas eu decidi que não vou entregar os pontos, entende? Eu não vou! E vocês podem pensar o que quiserem. Que eu sou egoísta, que tô tapando o sol com a peneira, mas a única coisa que eu tô fazendo é tentando me manter em pé!!! (Tempo.) Desculpa. Eu preciso ir ao banheiro. Acho que esse picadinho não me caiu bem. (Sai.)

(Silêncio.)

DORA – Me passa o arroz, Laerte. Deixa eu terminar a marmita da Bianca.

(DORA recolhe a comida. Em seguida, começa a recolher tudo que vê pela frente. BIANCA sai. Uma mudança de espaço-tempo é sugerida.)

19

LAERTE – Falta embalar o quê?

DORA – Nada.

LAERTE – E a mesa? E as cadeiras?

DORA – Vão ficar aí. São do proprietário.

BIANCA (Entra carregando malas.) – Vamos?

DORA – Guardou tudo? Não esqueceu nada?

BIANCA – Tá tudo aqui. Vamos?

LAERTE – Quer ajuda com as malas, Bianquinha?

BIANCA – Não precisa. Eu dou conta.

DORA – Pode ir pra casa, Laerte, você já ajudou muito.

LAERTE – Imagina. Eu faço questão.

DORA – Você também merece descansar, Laerte. Você também é filho de Deus.

LAERTE – Mas vocês não vão precisar de mais nada?

DORA – Agora já tá tudo certo.

LAERTE – E o carro? Você consegue levar, Bianquinha? Você quer que eu leve?

BIANCA – Eu dou conta. Agora ele tá nos trinques.

LAERTE – Mesmo?

BIANCA – Ficou novo...

LAERTE – Ah, então eu vou indo... Se precisarem de alguma coisa, me liguem. Não façam cerimônia, por favor.

DORA – Pode deixar.

LAERTE – Tchau, Bianca. Tchau, Dona Dora.

DORA – Tchau, meu querido. Quando a gente se ajeitar, eu te convido pra jantar na casa nova. Eu faço panqueca, feijoada, um banquete! Não vai se esquecer da gente, viu?

LAERTE – Não vou esquecer não, Dona Dora. Boa sorte pra vocês. Boa sorte com a mudança.

BIANCA – Obrigada, Laerte.

LAERTE – Tchau.

DORA – Tchau.

(LAERTE sai.

DORA observa a casa por um tempo.)

BIANCA – Você tá pronta?

DORA – Pra quê?

BIANCA – Pra mudar.

DORA – Não tô com pressa.

BIANCA – A senhora não tá animada?

DORA – Animada?

BIANCA – Pra conhecer o bairro, os vizinhos, a casa nova...

DORA – A casa tá caindo aos pedaços, Bianquinha, cheira a podre.

BIANCA – A gente vai limpar, vai dar um jeito.

DORA – O espaço é pequeno, a vizinhança é ruim.

BIANCA – Sabia que lá perto tem um restaurante chinês? Eu nunca comi comida chinesa.

DORA – Aqui não, aqui o espaço é grande.

BIANCA – Tem uma igreja também.

DORA – Eu fui feliz aqui.

BIANCA – Tocam uns sinos toda manhã. É pra dar esperança.

DORA – Eu vou sentir saudades do nosso chorão, demorou tanto pra crescer...

BIANCA – Ontem eu fui na papelaria. Fiz um currículo e mandei imprimir cinquenta cópias.

DORA – Quando eu plantei, o Lucas era pequeno...

BIANCA – Eu vou entregar em todas as lojas, bares, fábricas, floriculturas, borracharias...

DORA – O Lucas também foi feliz aqui...

BIANCA – Eu vou caminhar pelas ruas com as minhas pernas.

DORA – Eu nunca vou esquecer da risada dele.

BIANCA – Escolher minha direção.

DORA – Era risada de menino.

BIANCA – Eu vou sentir o sopro do vento nos meus cabelos, o sabor da comida na minha boca. Me apaixonar pelo azul do céu, pelo voo dos pássaros, pelo barulho do mar. Eu tenho pulgas debaixo dos pés. Preciso conhecer o mundo, agarrar o mundo, devorar o mundo. Eu fui tão boba, Dona Dora! Pensei que precisava descobrir alguma coisa pra conseguir seguir em frente. Mas é seguindo em frente que se descobre alguma coisa. Que te faz levantar da cama, comer, tomar banho...

Eu vou rir sozinha no meio da rua até sentir dor na barriga. Comer pipoca no cinema assistindo filme de ação. Jantar sorvete e beliscar macarronada na sobremesa. Comprar uma casa, um carro, um caminhão. Estourar plástico-bolha. Fazer uma lista com todos os meus desejos. Ter certeza que hoje é hoje, ontem foi ontem e amanhã é mistério. Concordar com as pessoas. Discordar das pessoas. Não ter medo. Não mentir. Não vou dizer “tudo bem” quando eu estiver desmoronando. Não vou falar “tanto faz” quando fizer toda a diferença. Eu vou tomar decisões! E ninguém vai ficar me oferecendo ajuda. Ninguém vai me ensinar como se respira. Porque eu sei. Eu sei respirar, eu sei caminhar, eu sei conversar, eu sei viver. Eu vou pegar o carro, descer a serra e ir pra praia. Abrir uma conta no banco. Fazer um exame de sangue.

(Canta.)⁹

Também não vou
Sofrer demais
Mais que o normal
Não vou, não vou
Se quer saber
Se for voltar
Não estarei
A te esperar nunca mais
Minha razão quer pensar
Em paz

(O telefone toca.)

OSVALDO (Voz.) – Amélia, o telefone tá tocando!

(Amélia monta o quebra-cabeça.)

OSVALDO (Voz.) – Atende o telefone, Amélia, pode ser a Júlia!

(Amélia continua montando.)

OSVALDO (Entra e atende o telefone.) – Alô? ... Júlia!!! ... Oi, minha pequena! Eu tô bem sim, e você? ... Que bom! ... Sua mãe? Ela tá bem... Tá montando quebra-cabeça. Você quer que eu passe pra ela? ... Ah... Tá bom então. A gente tá com saudade... É... de você... Eu sei, eu sei... é corrido... A gente entende... O colchão? ... Tá aqui sim, por quê? ... Ah, claro... Não, não tem problema não... Tá bom... Combinado... A gente te ama... Beijo... (Desliga o telefone.) (Para Amélia.) Era a Júlia.

AMÉLIA – Eu ouvi.

OSVALDO – Ela tá na correria do trabalho.

(Silêncio.)

OSVALDO – Me perguntou se podia levar o colchão embora...

(Silêncio.)

OSVALDO – O colchão que eu comprei pra ela.

(Silêncio.)

OSVALDO – Eu disse que sim.

(Silêncio.)

OSVALDO – O colchão é dela!

(Longo silêncio.)

AMÉLIA – Osvaldo?

OSVALDO – Oi.

AMÉLIA – Você pode me ajudar? Eu não tô sabendo onde encaixar essa peça.

OSVALDO – Claro.

(Os dois observam o quebra-cabeça.)

AMÉLIA – Qualquer coisa, a Júlia pode dormir no quarto do João, quando ela vier.

OSVALDO – Não precisa. A gente compra outro colchão pra deixar aqui.

AMÉLIA – Você que sabe...

OSVALDO – E também tem o sofá. É retrátil. É superconfortável...

AMÉLIA – Você ouviu os gritos da Bianquinha ontem à noite?

OSVALDO – Ela tava gritando?

AMÉLIA – De felicidade. Ela tá toda animada com a mudança.

OSVALDO – Faz bem.

AMÉLIA – Eu também acho.

OSVALDO – Aqui, Amélia! É aqui que essa peça encaixa!

AMÉLIA – Obrigada.

OSVALDO – E olha que eu tava sem óculos, hein? Você sabe onde eu deixei?

AMÉLIA – No armário da cozinha.

OSVALDO – Vou buscar.

(Luz mingua. Blecaute.)



sismos não listados

RÚBIA VAZ

*eis que eu te ensinarei a não matar.
erige dentro de ti um monumento
do desejo insatisfeito.
e assim as coisas nunca morrerão,
antes que tu mesmo morras.
porque eu te digo,
ainda mais triste que lançar pedras
é arrastar cadáveres.¹⁰*

clarice lispector

10. LISPECTOR, Clarice. "Cartas para Hermengardo". In: MONTERO, Teresa; MANZO, Lícia (org.). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 21

1.

no início a palavra se fez pedra, e muitas delas caíram do céu.

PADRE – minha filha, o que te traz aqui hoje?

MENINA – eu estou sentindo muita raiva.

PADRE – por algum motivo específico?

MENINA – sim... quer dizer, acho que sempre tem um motivo específico, sinto que a raiva é quase o meu estado de espírito.

PADRE – é... isso não é bom...

MENINA – mas o senhor precisa me dar um desconto também, é que eu tenho o sol em áries.

PADRE – sol em áries? aquelas coisas de horóscopo?

MULHER – é! meu signo!

PADRE – ah, então você também está envolvida com essas coisas?

MENINA – é, eu leio quando dá. tem isso também: eu leio o horóscopo que sai na *capricho* escondida da minha mãe. isso também é pecado, não é?

PADRE – é, minha filha. tudo o que nos afasta do caminho de deus é pecado.

MENINA – mas eu sempre me sinto melhor depois de entender que o que acontece comigo envolve todo o céu.

PADRE – se fosse assim, se te fizesse bem, você não sentiria raiva, por exemplo.

MENINA – isso significa que é responsabilidade minha?

PADRE – sim, é você que lê.

MULHER – mas eu sempre sinto raiva por causa dos outros.

PADRE – os outros podem agir sobre você, mas a raiva é toda sua.

MENINA – então, a culpa é minha?

PADRE – sim. é isso. é sua culpa. e eu preciso que você acredite nessa culpa pelo resto da sua vida, entendeu?

MENINA – sim. acreditar sempre na minha culpa!

PADRE – é a herança que eva te deixou. foi ela quem, no princípio, mordeu a maçã. se não fosse por causa dela, todos nós ainda estaríamos no paraíso.

MENINA – então eu posso sentir raiva de eva?

PADRE – de certa maneira... mas é como se estivesse sentido raiva de você mesma.

MENINA – quando eu sinto raiva de uma mulher, é sempre como se eu sentisse raiva de mim mesma?

PADRE – essa é a culpa que vocês carregam. o pecado original.

MULHER – é por causa dele que estou aqui hoje, padre. é ele que movimenta o meu corpo como se um terremoto estivesse acontecendo dentro de mim, e a consequência esperada é uma rachadura bem no meio do meu coração. padre, eu sou uma mulher e sinto muita raiva de uma outra mulher.

DRAMATURGA – *é importante que saibam de uma coisa para a encenação desse texto:*

três dias depois de ter escrito essa cena eu comecei a ter uma crise de labirintite. a primeira vertigem veio e eu vi o quadro deslizar pela parede do quarto de casal. quando acordei no dia seguinte e abri os olhos, a janela na minha frente deu uma cambalhota e foi parar na minha nuca. tentei levantar, mas tinha perdido o chão.

PADRE – vá e não peques mais...

2.

DRAMATURGA – *eu já quase morri afogada uma vez... sabe aquela história de um amigo estar se afogando, e aí ele quer se*

salvar, e ele apoia no outro amigo? então, quase que eu fui dessa para uma melhor...

vídeo antigo esquecido em uma pasta com arquivos de 2010: duas meninas que acabaram de sair da praia. a lembrança da água marca seus corpos. param em uma feirinha de artesanato e mentem para as vendedoras que são chilenas para poder treinar oportunhol.

AMIGA – de novo?

MULHER – o quê?

AMIGA – tá vendo isso de novo?

MULHER – é que eu acho que pode ter alguma coisa aqui que me dê uma pista...

AMIGA – para o tema? você não consegue nem definir o tema do que está escrevendo?

MULHER – você não vai fazer isso comigo. não dessa vez.

AMIGA – eu? talvez seja mais honesto se você chegar lá e disser: minha melhor amiga é minha obsessão. não tenho tema. não tenho forma. mas tenho um objeto! talvez alguma coisa surja daí. não. como é que você diz? ex-melhor amiga, não é? você insiste em colocar esse ex antes.

MENINA – eu não consegui nem tentar... foi tudo muito rápido. lembro de ter recolhido meu corpo e protegido meu rosto com os braços. a primeira pedra... veio da tua mão.

AMIGA – então é sobre isso? olha de novo! a gente era feliz...

MULHER – não... a gente tava mentindo, entende? essas, aqui no vídeo, não eram a gente. essas eram duas meninas chilenas passando as férias no brasil. eram personagens. mentira!

a AMIGA ri

MENINA – o que foi? do que você tá rindo? você sabe o que é uma mentira! você é uma atriz, não é? você sabe mentir. você sabe fingir. eu também sei! eu também sou atriz, sabia? isso também é pecado?

AMIGA – é a herança que eva te deixou...

MULHER – se não fosse por causa dela, todas nós ainda estaríamos no paraíso... não, isso foi na cena anterior... olha, eu preciso que você vá embora! tá bem? eu preciso terminar isso aqui e já está tarde. amanhã eu acordo cedo. por favor não volte a me procurar. eu não quero mais ter nenhum contato com você. eu tenho medo do que pode acontecer se algum dia a gente se esbarrar por aí. você vai vir falar comigo como se nada tivesse acontecido? eu juro que, se isso acontecer, eu dou um soco na sua cara. é sério! te deito na porrada no meio

da rua mesmo. você é maior, mas eu sou mais forte, lembra? às vezes tenho sonhos em que eu te ataco furiosamente. na semana passada eu sonhei que chegava em uma festa e via que você estava lá. aí eu começava a quebrar alguns copos para usar os cacos como arma enquanto olhava o seu pescoço.

DRAMATURGA – *ninguém chuta cachorra morta! ninguém chuta cachorra morta, entendeu? lembra desse conselho. você vai precisar dele para conseguir chegar ao final desse texto. você vai precisar dele para chegar ao final dessa semana. você vai precisar dele para chegar ao final dessa noite.*

vídeo antigo esquecido em uma pasta com arquivos de 2010: um carro dá partida. as mãos dele no volante. no banco de trás está a menina desacordada. se ela conseguisse abrir os olhos, veria a amiga pelo retrovisor. sentiria sua ausência. descobriria a fenda.

3.

TARÓLOGA – olá, bom dia! seja bem-vinda! vamos começar o seu jogo... eu vou te pedir para você começar me falando quais são as principais questões que te trazem aqui hoje. a gente começa com um cenário geral e depois a gente vai para as questões específicas.

MULHER – tá bem. é... então... eu tinha uma amiga... a gente brigou e aí eu parei de falar com ela, depois de um tempo eu

voltei, mas não estava achando legal... só que ela sempre me procura e às vezes eu me pergunto se eu não devo esquecer essa história, perdoar e voltar a falar com ela.

TARÓLOGA – bom, primeiro eu vou te dar um conselho, depois eu vou explicar o jogo: enterra e mande flores!

MENINA – foi tudo muito rápido. lembro de ter recolhido meu corpo e protegido meu rosto com os braços. a primeira pedra... veio...

TARÓLOGA – “a casa de deus” é uma carta que fala sobre um momento de desilusão. a lenda dessa carta conta a história de duas pessoas que subiram até essa casa, até essa torre... em alguns outros baralhos essa carta é chamada de “a torre”... elas subiram até essa torre para falar com deus. mas essas duas pessoas tinham vidas extremamente ordinárias, tinham as coisas razoavelmente resolvidas no plano terreno e não buscavam qualquer tipo de jornada espiritual. aí elas sobem nessa torre para falar com deus e perguntar sobre os mistérios da existência. mas as duas pessoas fazem a mesma pergunta da mesma forma, então deus olha para elas e fica furioso e expulsa as duas da torre. essa carta mostra pra você que em algum momento você teve uma desilusão, mas que essa desilusão pode te levar para um lugar melhor. é uma carta que sempre pede para a gente tomar cuidado com as nossas projeções, que em alguns momentos da vida é melhor a gente destruir essa torre pra poder ser o que a gente quiser.

4.

DRAMATURGA – *eu precisava fazer uma viagem mas como estava tonta não consegui dirigir. assim que sentei na poltrona do ônibus, recebi uma mensagem da minha sogra, que é terapeuta. ela me disse que na antroposofia a labirintite está relacionada a um momento em que estamos desenhando outro eixo na nossa vida ou a uma grande carga de estresse.
tomei dois comprimidos para os sintomas com medo de um só não fazer efeito. e também para garantir que conseguiria dormir. não consigo mais pegar no sono por conta própria quando desconheço quem está na direção.*

*os olhos começam a fechar nas primeiras imagens de árvores correndo para trás.
as mãos seguram uma pedra.*

AMIGA – da próxima vez, vê se não bebe tanto!

5.

*fotos espalhadas em uma cama.
uma montagem de “o auto da barca do inferno” realizada no colégio.*

AMIGA (DIABO) – põe o pé aqui!

MENINA (BRÍSIDA VAZ) – não! eu vou para o paraíso!

526

AMIGA (DIABO) – e quem te disse isso?

DRAMATURGA – *eu acordei na minha cama de solteira depois de três anos sem visitar minha mãe. é estranho estar novamente no quarto em que vivi toda minha infância e adolescência. estranho ir dormir e acordar sem ninguém ao meu lado. isso também é pecado?*

AMIGA (DIABO) – ora entrai, minha senhora, e serês bem recebida; se vivestes santa vida, vós o sentirês agora.

MULHER – se não fosse por causa dela, todas nós iríamos para o paraíso...

AMIGA – mas foi você que quis ser a cafetina, lembra?

MULHER – porque ela tinha o mesmo sobrenome que o meu...

AMIGA – mas como foi? colocar aquela meia arrastão, a cinta-liga...

MULHER – a construção de um estereótipo!

AMIGA – você tem certeza? mas o que você sentiu? qual foi a sensação?

MULHER – eu só tive a certeza que queria ser atriz. era por isso que eu sempre dava um jeito de transformar todos os nossos trabalhos em peça... era onde eu podia atuar: na escola e na igreja. você também queria ser atriz ou só aconteceu?

AMIGA – tem tanta coisa que você não sabe...

MENINA – então me conta! me conta, por favor. se foi você que fez isso, me conta. tá doendo tanto. eu não consigo nem me levantar... e aqui, no peito, parece que alguma coisa rasgou...

AMIGA – não. não fui eu.

MENINA – eu não consegui nem tentar... foi tudo muito rápido. lembro de ter recolhido meu corpo e protegido meu rosto com os braços. a primeira pedra... veio da tua mão.

AMIGA – não. não fui eu, eu juro!

MULHER – mentira! foi você sim! você é uma atriz, não é? você sabe mentir.

as duas se olham no espelho do banheiro feminino do colégio enquanto choram.

se acham muito bonitas chorando. lágrimas e estilhaços.

6.

DRAMATURGA – *decidi fazer o caminho sozinha e a pé, me sentia melhor. mas ainda sem saber se conseguiria chegar ao meu destino. o trajeto me fez passar obrigatoriamente pela praça central da cidade. no primeiro plano, o coreto. no fundo, a igreja. atrás da igreja, minha antiga escola. sinto um zumbido agudo transitar em meus ouvidos.*

uma pedra é atirada.

MULHER – o quê?

PESSOA 2 – eu perguntei se você também virou atriz pornô...

uma pedra é atirada.

MULHER – como assim?

PESSOA 3 – calma! eu estou só brincando... você deveria ver a sua cara agora!

uma pedra é atirada.

MULHER – ah, tá...

PESSOA 4 – mas você também é atriz, não é?

uma pedra é atirada.

MULHER – sou!

PESSOA 5 – mas eu nunca te vi na tv.

uma pedra é atirada.

MENINA – um dia eu vou estar!

PESSOA 6 – talvez se você seguisse os passos dela...

uma pedra é atirada.

MENINA – não! eu não quero! vai embora!

PESSOA 7 – mês passado ela estava em um programa!

o chão todo treme.

a MENINA cai de joelhos em cima das pedras.

7.

lista de pecados estabelecida pela mãe, rascunhada em um caderninho de bolso.

- usar tornozeleira
- acender incenso
- comprar cristais
- assistir novelas com temática espírita
- ler horóscopo
- usar a palavra “adorar” sem se referir a deus
- assistir aos filmes do harry potter
- ter uma espada de são jorge
- fazer piercings e tatuagens

- beijar alguém do mesmo sexo
- transar antes de casar

*a menina continua ajoelhada em cima de pedras.
toca o sino da igreja.*

8.

DRAMATURGA – *um som ensurdecedor! quando ela morou aqui
perto, guiávamos as atividades da nossa rotina pelo som do sino.
uma hora pra fazer o dever de biologia. outra hora para ler re-
vistas adolescentes. outra hora para jogar “cara a cara”.*

MENINA – eu sou loira?

AMIGA – não! eu sou homem?

MENINA – é!

AMIGA – eu tenho olho azul?

MENINA – não! eu sou idiota?

AMIGA – como assim?

MULHER – você acha que eu sou idiota? eu sei que foi você,
ele me contou... fala alguma coisa!

*a AMIGA permanece em silêncio. um som ensurdecedor.
um zumbido no ouvido. som de um sino tocando. som de um carro
dando partida.*

9.

a MULHER de quatro em cima das pedras.

MULHER – “quero te dar de presente esta cadela, pequeno
vítor, para que você a encha com meu sêmen corrompido.
mas antes quero que ela seja açoitada para que o sangue de
vocês se misture”¹¹.

a MULHER cai exaurida.

DIRETOR – não, nós não acabamos... você pode dar muito
mais!

MULHER – eu só me lembro de acordar na manhã seguinte
sentindo muita dor. isso também é pecado?

DIRETOR – pensa na sua amiga. você queria ser ela, não queria?

11. MÜLLER, Heiner. “A missão”. In: *Quatro textos para teatro*. Tradução de Fernando Peixoto. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 44.

MULHER – como se meu coração tivesse sido dividido ao meio.

DIRETOR – vamos fazer assim, você se veste como ela e me diz esse texto como se fosse ela. o que acha? pode ser?

MULHER – eu não consegui nem tentar... foi tudo muito rápido. lembro de ter recolhido meu corpo e protegido meu rosto com os braços.

DIRETOR – tipo uma personagem do nelson rodrigues...

MENINA – a pedra... o som do carro... o som do sino... o zumbido no ouvido... não, essa é a cena anterior...

***DRAMATURGA** – ninguém chuta cachorra morta! ninguém chuta cachorra morta, entendeu? lembra desse conselho. você vai precisar dele para conseguir chegar ao final desse texto. você vai precisar dele para chegar ao final dessa semana. você vai precisar dele para chegar ao final dessa noite.*

DIRETOR – quero que você assuma que tem inveja dela!

10.

“camgirl revela que clientes triplicaram ao longo da pandemia”

“feminicídio e violência contra mulheres aumentam durante isolamento social”¹²

11.

no primeiro plano um coreto. no fundo, a igreja. atrás da igreja, a escola.

PROFESSORA – nessa semana e na próxima eu vou usar as aulas de biologia para explicar sobre reprodução e aproveitar para falar de educação sexual. bom, meninas, primeiro eu vou dar um conselho, depois eu vou explicar a matéria: casem-se virgens! se deem valor para que os homens aprendam a valorizar vocês.

AMIGA – e agora?

MENINA – o quê?

AMIGA – você! o que vai acontecer com você?

MENINA – acho que vou para o inferno. não tem mais o que fazer...

AMIGA – mas foi bom, não foi?

MENINA – acho que foi...

AMIGA – você acha que ele vai terminar com você?

12. Manchetes fictícias baseadas em notícias reais.

MENINA – possivelmente... olha o que a professora falou...

AMIGA – eu sinto muito!

MENINA – pensa bem quando for fazer...

AMIGA – um dia a gente não vai ter que se preocupar com isso.
vamos sair dessa cidade, dividir um apartamento e chamar quem quiser para ficar com a gente.

MULHER – a primeira pedra veio da tua mão!

12.

DRAMATURGA – sento em um banco da praça, apertando os ouvidos com as mãos como se estivesse protegendo todo o meu rosto. tomo mais um remédio e enquanto espero o efeito, recebo uma ligação da minha mãe.

MÃE – tá tudo bem?

MULHER – tá sim.

MÃE – mesmo?

MULHER – aham.

MÃE – é que senti um aperto no peito, igual quando você foi...

MULHER – pode falar a palavra, mãe. não vai mudar nada.

MÃE – não dá.

silêncio. som do sino. som de um carro dando partida.

MÃE – já chegou?

MULHER – ainda não!

MÃE – tá onde?

MULHER – acabei de passar a igreja.

MÃE – mentira! você está mentindo. você é atriz. você sabe mentir muito bem.

MULHER – eu senti uma pressão muito forte no ouvido e um barulho bem agudo, aí sentei um pouco para esperar passar.

MÃE – você tem certeza que quer fazer isso?

MULHER – eu não decidi ainda, quando chegar lá eu vejo...

MÃE – se conseguir, não esquece de mandar meus sentimentos!

MULHER – mãe, eu já disse que, se eu for, não vou falar com ninguém.

MÃE – mas ela vai vir falar com você.

uma pedra é atirada.

MÃE – você acha que consegue continuar?

MULHER – já disse que não sei.

MÃE – se você vai continuar escrevendo... se você vai achar um fim para esse texto. olha como você ficou...

MULHER – também não sei, mas vou tentar.

MÃE – quando você saiu, lembrei de uma primeira peça que você escreveu. acho que você tinha uns doze anos e a gente ia viajar. você foi escrevendo no avião em um caderno cor-de-rosa que você tinha, das meninas superpoderosas.

MENINA – eu lembro.

MÃE – era uma peça para vocês duas atuarem. lembro que a gente foi viajar com ela e com a vó dela depois e vocês ficaram ensaiando na praia... a vó dela sempre gostou muito de você!

uma pedra é atirada.

MULHER – eu sei... queria muito conseguir me despedir...

13.

a MULHER segura o máximo de pedras que consegue com as mãos. começa a construir um tribunal.

MULHER (ADVOGADA DE ACUSAÇÃO) – é... bom...

a primeira vez que eu fiz isso que eu vou fazer aqui foi em um núcleo de estudos, pra uma pessoa que eu nunca tinha visto antes, depois eu fiz pro meu companheiro, e aí depois eu fiz pra duas amigas minhas, e foi pra elas que eu comecei a gravar, porque eu percebi que eu conseguia usar esse material de uma outra maneira depois. e quando eu fiz pra elas, eu pedi que elas me indicassem dois homens pra quem eu pudesse fazer depois, só que elas ficaram com um pouco de medo de eu ser exposta e ter consequências mais sérias. então a gente pensou juntas que talvez fosse melhor espelhar isso e fazer pros dois melhores amigos do meu companheiro... é, vamos lá... eu tinha uma pesquisa, anterior a essa, que era sobre ofélia, e aí quando senti que eu precisava ir pra um outro trabalho, eu já tinha caminhos apontados nesse trabalho da ofélia. uma vez o orientador do processo falou que a gente tava no universo de uma menina adolescente, e ela tá ali só no meio de homens, cadê a mãe dessa menina, cadê a melhor amiga dessa menina?

MENINA (ADVOGADA DE DEFESA) – e aí eu fiquei pensando nisso, onde estavam essas figuras. e ao mesmo tempo eu estava em uma pesquisa sobre maria madalena, a figura bíblica, e aí pesquisando sobre, lendo os evangelhos apócrifos

e tudo mais, eu cheguei na expressão “a puta de cristo”. e aí essa expressão pra mim era muito interessante, e aí eu fiquei pesquisando e pensando no arquétipo da puta, nesse lugar tanto de atração quanto de repulsa. aí pensando sobre isso, ao mesmo tempo que eu pensava sobre a minha melhor amiga, eu me dei conta que eu tinha uma história que é: a minha melhor amiga de infância é uma atriz pornô muito famosa, a gente brigou na adolescência, quando a gente tinha dezesseis anos, a gente teve uma puta treta e a gente nunca mais se falou.

DRAMATURGA (TESTEMUNHA) – só que de tempos em tempos ela tenta uma reaproximação e eu sempre sou muito combativa. a última vez que ela tentou uma reaproximação foi no começo desse ano, ela começou a me seguir no instagram e curtir as minhas fotos e eu dei um tempo e bloqueei ela e logo em seguida eu comecei a escrever muito sobre isso, então eu tenho muito material escrito sobre, mas eu nunca experimentei nada cenicamente, então é um começo desse experimento... então o que eu vou fazer agora é apresentar um pouco dessa minha melhor amiga de infância pra vocês. todo esse texto que eu disse até aqui, ele foi decorado, mas a partir de agora eu vou colocar um fone de ouvido e vou falar conforme escuto o que ela mesma diz.

enunciado do programa performativo: reproduzir – dizendo enquanto ouve – o vídeo de uma atriz pornô que apresenta 69 verdades sobre ela.

14.

MULHER – se não fosse por causa dela, todas nós ainda estaríamos no paraíso...

MENINA – “não julgueis para não ser julgada!”

PESSOA 1 – esse pra mim foi um divisor de águas para eu não ser mais amiga dela, porque eu achei que estava ficando muito barra-pesada e aí eu me afastei de todas vocês...

uma pedra é atirada.

PESSOA 2 – sério, eu prefiro imaginar que eu nunca conheci essa pessoa... eu quero apagar da minha vida...

uma pedra é atirada.

PESSOA 3 – eu acho muito legal que eu sei muitas coisas da vida dela, é como se eu fosse amiga de uma pessoa famosa...

uma pedra é atirada.

PESSOA 4 – já fiz muita coisa muito errada por conta da companhia dela, que poderia ter dado muita muita muita muita merda e eu não sei como não deu e eu estou aqui viva e bem.

uma pedra é atirada.

PESSOA 5 – é bizarro acompanhar tudo isso de longe e, ao mesmo tempo, é legal, entre aspas, ter essa experiência de uma ex-amiga minha ter virado atriz pornô e ser famosa hoje em dia, é uma experiência diferente...

uma pedra é atirada.

PESSOA 6 – essa parte de liberdade de expressão, acho que essa desculpa não cola, mas eu sinto mais dó dela do que qualquer outra coisa.

uma pedra é atirada.

PESSOA 7 – eu não olho pra ela com ódio, eu não tenho raiva das paradas que aconteceram quando a gente era amiga, assim, pelas merdas que ela fez. foi merda, foi foda, não seria mais amiga dela, mas acho que não tenho nenhum rancor, nada mal resolvido comigo.

uma pedra é atirada.

PESSOA 1 – porque ao mesmo tempo que eu sei que é uma pessoa real, é, tipo, muito uma personagem. acho que deve ter várias pessoas iguais.

uma pedra é atirada.

PESSOA 2 – é uma vergonha constante que eu tenho comigo mesmo.

uma pedra é atirada.

PESSOA 3 – só que é um hábito tão velho na minha vida que, por mais que eu moralmente ache errado e tente evitar, é uma coisa que volta pra minha vida em alguns momentos.

uma pedra é atirada.

PESSOA 4 – e, ao mesmo tempo, tinha uma estranheza da artificialidade que você não saca muito bem o que é e se torna um hábito.

uma pedra é atirada.

PESSOA 5 – por mais que seja uma coisa que sempre volta, a conscientização acaba levando a diminuir...

uma pedra é atirada.

PESSOA 6 – e é muito chocante que as pessoas gastam dinheiro real com relações falsas, porque é mais fácil lidar com conhecer as pessoas desse jeito e não ter que lidar com uma pessoa real.

uma pedra é atirada.

PESSOA 7 – e as pessoas que estão, vão entrando nuns picos de antissocialidade.

uma pedra é atirada.

MULHER – isso também é pecado?

réveillon de 2009 e o ritual de pular sete ondas.

DRAMATURGA – *fiz minha primeira tatuagem aos dezesseis anos. um ano antes de tudo acontecer. a gente estava passando nossas férias na praia e fomos até o tatuador apresentando um rg falso. ela já tinha feito duas tatuagens antes de mim. eu escolhi um desenho pequeno. um coração tatuado no pulso direito. precisava esconder da minha mãe então era só colocar uma pulseira um pouco mais larga no local.*

por questões óbvias, essa imagem ainda está na minha pele. eu não olhava para ela com muita frequência, então é quase como se não existisse. como se fosse a cicatriz de uma ferida milenar. tão intrínseca que já faz parte do todo. mas no último ano, por me deparar mais com a minha própria imagem, a tatuagem começou a me perseguir como um fantasma desconhecido. sempre que olho para a tela do computador e apoio minha cabeça nas mãos, ela está lá. um coração bem pequeno marcado no pulso direito.

é como se a ferida tivesse sido aberta. porque não há cura. a cura é apaziguamento, esquecimento. e eu não consigo esquecer. eu sobrevivi e, por isso, preciso contar e recontar, porque o coração tatuado no pulso direito pela menina de dezesseis anos não combina com essa que apoia a cabeça nas mãos. memória corporal daquele instinto de proteção: recolher o corpo e proteger o rosto. mas com o coração feito o escudo de uma joana d'arc prestes a ir para a fogueira. foi por isso que o primeiro sintoma foi uma rachadura, bem no meio do coração. divisão de territórios sagrados. queda livre para o abismo da memória. você lembra? você consegue me ouvir? eu não senti dor nenhuma quando a agulha perfurou a

minha pele. achei que isso era um sinal de que eu estava imune a dores futuras. mas aí vieram as pedras. uma a uma. eu no banco de trás de um carro. eu no fundo de um rio. viva. dramaturga boa é dramaturga viva. eu estou viva! você consegue me ouvir? porque ontem, quando eu escutei o seu choro, senti uma onda de prazer indescritível. você chorava e eu acreditava em misericórdia divina. sem que eu precisasse sujar as minhas mãos. até saber o motivo e começar a chorar também. porque a cura... a cura não existe. a cura é apaziguamento, esquecimento. eu não consegui esquecer de nenhum detalhe. só consegue cuspir inveja pela boca quem nunca sentiu a ferocidade da palavra saudade. te corroendo viva. só consegue ser livre de verdade quem não usa a liberdade como o lombo de um cavalo que desfalece ao final da corrida para que se ganhe a medalha de ouro. eu estou aqui. ouvindo seu choro e chorando também. nossa imagem refletida no espelho. estilhaços. eu gostaria tanto de conseguir me despedir dela. eu sei que ela gostava muito de mim...

minha mãe tenta me impedir, mas a vó dela argumenta, e nós três pulamos.

16.

AMIGA – da próxima vez vê se não bebe tanto!

MULHER – você não sabia o que estava acontecendo lá dentro?

AMIGA – eu não sabia que você não queria.

MULHER – por que você chamou ele? como ele apareceu lá?

AMIGA – você não lembra de nada?

MULHER – lembro de estar chorando na praça e de você brava comigo.

AMIGA – a gente estava ali para se divertir!

MULHER – você acha que foi isso que aconteceu? você acha que foi um ano divertido pra mim? foi divertido pra você?

DRAMATURGA – *consegui enfim dar alguns primeiros passos. a casa funerária era no final daquela rua. sempre pensei nesse momento. sempre temi por esse momento. porque eu sabia que ia querer me despedir. e sabia que não ia ter coragem. e na minha memória a vó dela seria para sempre a senhora que acobertou nossa mentira enquanto fingíamos ser chilenas em uma feirinha de praia e que segurou na minha mão para que eu pulasse as ondas de um ano novo. chego até a porta da entrada, vejo ela aos prantos. a imagem dá uma cambalhota e para na minha nuca. não sinto o chão.*

AMIGA – a primeira pedra veio da tua mão!

17.

a mulher descobre a pedra que há no próprio coração.

MULHER – eu não conseguiria pisar em uma igreja nesse momento. também não sei qual é a taróloga mais perto e que seja de confiança. então, você! me diz, você, o que acha que eu devo fazer?

MENINA – debes perdoar até setenta vezes sete.

MULHER – então porque deus não perdoou eva?

18.

ANCIÃ – ó fia, isso aí não é coisa de ouvido não. só reverbera aí em cima. mas tá tudo é preso no fígado mesmo! essa raiva encruada aí, precisa colocar essas coisas pra fora. não pode ficar guardando isso não! você tá intoxicada. seu órgão tá pedindo arrego, ó. vai precisar colocar pra fora! vai alternar chá de manjeriçõ e chá de boldo no final do dia, tá? pode não ser muito gostoso. o manjeriçõ vai ajudar na limpeza e purificação. e você vai precisar deixar sair, ir embora. vai tirar esse barulho da cabeça e equilibrar o corpo todo. o boldo vai ajudar no seu fortalecimento. erva de cura é erva de perdãõ e amadurecimento. você disse que não acredita em cura, não é? mas ele vai ajudar a cicatrizar essas feridas. nada desaparece mesmo, fica uma lembrança ali no corpo da dor que ele sentiu um dia. mas muda, se transforma.

19.

AMIGA – por que você tá brava?

MENINA – porque a van tá demorando muito, aí eu vou perder a novela.

AMIGA – você pode ir almoçar em casa. minha vó deixa, aí a gente assiste juntas.

MENINA – tá bom. pode ser!

AMIGA – ah, olha pro telão! acho que não vai ter novela hoje!

MENINA – o que aconteceu?

AMIGA – acho que é um acidente. um avião entrou nos prédios.

MENINA – são as torres gêmeas!

AMIGA – é o nome dos prédios?

MENINA – não, o nome é outro, esse é mais um apelido que elas têm.

AMIGA – você já viu assim, de perto?

MENINA – não.

AMIGA – mas você já viajou de avião?

MENINA – já, e você?

AMIGA – não. mas eu minto pras outras pessoas e falo que já.
ninguém pode saber a verdade, tá bom?

MENINA – tá bom.

AMIGA – como é o nome do prédio mesmo? torres gêmeas?

MULHER – é... uma caiu e a outra caiu logo em seguida...

escombros.



Sobre a margem do lago

ÁQUILA MATTOS

Sinopse

Um homem decide regressar à sua cidade para celebrar um enterro, porém no caminho um acidente o faz encarar seus medos, memórias e traumas, enquanto sua família espera ansiosamente a sua volta.

Personagens

EU – Homem de 32 anos, usa roupas puídas e rasgadas, roupas que mostram uma antiga, porém longínqua, ascensão.

É escritor, mas não se sente mais à vontade para escrever.

AVÓ – Mulher de 83 anos, cheia de energia e vitalidade, que não aceita estar envelhecendo. Não tem noção de que seu corpo não responde mais aos seus estímulos como antes.

AMÃE – Mulher de 53 anos, vive entre a obrigação de ser mãe, dona de casa, apicultora e o sentimento de perda.

A FILHA – Jovem, em torno de 23 anos, que não sai de casa há anos porque tem síndrome do pânico, abandonou a escola e ajuda a família na apicultura. Não tem grandes

aspirações e é viciada em compras *on-line*. Está grávida, porém não sabe que a(o) bebê já está morta(o). A cada cena que passa, ela parece mais grávida.

O OUTRO – Figura misteriosa que não se relaciona diretamente com a família, anda nu e está totalmente molhado o tempo todo, aparentemente não sente frio ou calor. Tem as mesmas características físicas de EU.

AQUELE QUE PODERIA SER – Homem de 36 anos que vive nas sombras, é misterioso e sempre utiliza chapéu, o que ajuda a esconder seu rosto. Fuma muito e é bastante analítico. Nunca se relaciona diretamente com as mulheres da família.

LILICA – A cachorra da família. Suas falas devem ser projetadas ou aparecer em placas, elas são opcionais, entram em sintonia com as ações dos atores. Ela deve ser interpretada pelo mesmo ator que faz O OUTRO ou pelo ator que faz AQUELE QUE PODERIA SER, que revezam entre os personagens colocando uma máscara de cachorro, daquelas fetichistas de couro.

PRÓLOGO

EU – Hora de colocar as poucas coisas que sobraram dentro do carro. Algumas roupas, aquelas que ainda não se desgastaram com o tempo, um tênis velho, que machuca o calcanhar esquerdo toda vez que piso no chão, três chicletes melados, que provavelmente já passaram do prazo de validade, e outras coisas menos importantes. Não que essas tenham algu-

ma importância, foram as que consegui lembrar ou o que consegui juntar na saída. O carro faz muito barulho porque algumas peças já deveriam ter sido trocadas há muito tempo. É o único som que me acompanha. A estrada é longa e a neblina impede que consiga ver onde vou chegar. Onde vou chegar? Está frio. Muito frio. A umidade do ar gelado entra pelas minhas narinas e gela meu corpo inteiro, de dentro pra fora. De dentro pra fora. Eu dirijo.

(EU entra no espaço cênico, espalhados estão alguns móveis que remetem a sua antiga casa. Tudo está coberto por lençóis brancos, como se a casa estivesse desabitada há muito tempo. EU retira os lençóis, e os atores que estavam embaixo dos lençóis, assim como os móveis e objetos, iniciam suas ações. A MÃE veste um avental e, desgrenhada, inicia os preparativos para a chegada do filho. A VÓ veste um macacão de apicultura e segura o capacete, remetendo à atividade da família. A FILHA está sentada na cama, que fica em um nível superior à ação das demais personagens. Com a mão na barriga, que neste momento ainda não é muito grande, ela deita na cama. O OUTRO está sentado, nu, em uma cadeira próxima à mesa da cozinha observando a projeção que há na mesa. As demais personagens não o veem. Há uma câmera filmando toda a ação com um ponto de vista de cima, tendo A FILHA deitada fumando em primeiro plano e as demais personagens menores, realizando seus trajetos. No canto esquerdo do palco, há um microfone em um pedestal móvel. EU observa a cena. LILICA, na primeira cena, é representada por AQUELE QUE PODERIA SER. Ao longo da peça, ouve-se som de água pingando.)

ANTES DELE CHEGAR

A MÃE – Vem, se arruma. Ele já vai chegar.

A VÓ – Você tem certeza?

A MÃE – Claro, ele avisou que chegaria essa hora.

A VÓ – Como se pontualidade fosse seu forte.

A MÃE – Não começa. Desce, ele já vai chegar.

A VÓ – Será que vem mesmo?

A MÃE – Por que não viria?

(LILICA – Por que ele nunca aparece?)

A VÓ – Não é a primeira vez que ele diz que vem, mas não vem.

A MÃE – Se ele não viesse, avisaria. Se ajeita, vai causar má impressão.

A VÓ – No meu próprio neto?

A MÃE – Penteia o cabelo.

A VÓ – Está penteado.

A MÃE – Não parece.

A VÓ – Se olha no espelho antes de falar de mim. Lilica, vem dar um beijo na vovó.

(LILICA – A velha tem bafo de bode.)

A MÃE – Não beija o cachorro na boca.

(LILICA – Mas eu gosto.)

A VÓ – É cachorra.

A MÃE – Não importa. Você está colocando a língua.

A VÓ – É a única que me dá carinho atualmente.

A MÃE – Cachorros transmitem doenças.

(LILICA – Olha quem você chama de cachorra, sua cadela.)

A VÓ – Humanos também.

A MÃE – Não acredito.

A VÓ – O que houve?

A MÃE – Desce. Você esqueceu a torneira aberta de novo.

(LILICA – A velha está louca.)

A VÓ – Foi sem querer.

A MÃE – Presta atenção, por favor.

(LILICA – Não dá pra confiar.)

A VÓ – Não começa.

A MÃE – É sério, a última vez fui eu que tive que ficar de joelhos secando a casa toda.

A VÓ – Você fala como se fosse de propósito.

A MÃE – Pega um pano, vou secar antes dele chegar. Desce, seu irmão já vai chegar.

A VÓ – Porque não pede ajuda pra preguiçosa?

A MÃE – Você sabe que ela não tem como ajudar agora.

(LILICA – Ela está em estado interessante.)

A VÓ – Por quê? Você e eu sabemos que o que ela tem não impede de fazer nada.

A MÃE – Eu não estou te pedindo pra secar nada, só para prestar atenção no que faz e para não atrapalhar. Sai da frente.

A VÓ – Não, eu vou secar.

(LILICA – Não a velha, a outra.)

A MÃE – Mãe, por favor, não atrapalha.

A VÓ – Me dá esse pano.

A MÃE – Deixa que eu seco.

A VÓ – Me dá.

A MÃE – Olha aí, você se machucou?

A VÓ – Nada, ainda consigo secar.

A MÃE – Senta quieta aqui. Olha, você está sangrando.

(LILICA – Quando me beija, sua língua parece uma lixa.)

A VÓ – Coisa pouca.

A MÃE – Desce, estou gerenciando o caos aqui e preciso de ajuda.

A VÓ – Eu consigo limpar.

(LILICA – Eu gosto.)

A MÃE – Você não consegue nem se limpar.

A VÓ – Pagou as contas?

A MÃE – Pedi para ela pagar.

AVÓ – Não sei como será esse mês. Junto junto dinheiro e nunca dá pra nada. Eu não gasto com nada. Nem saio de casa.

AMÃE – É assim que funciona.

AVÓ – Estranho.

AMÃE – Os gastos com a casa e com o apiário são muitos.

AVÓ – Até parece que tem uma torneira aberta jorrando meu dinheiro pelo ralo.

(LILICA – A torneira tem nome.)

AMÃE – Eu vou dar um jeito.

AVÓ – Obrigada.

AMÃE – De nada. Estou aqui para isso.

AVÓ – Sempre a heroína protetora.

(LILICA – Nós não gostamos dessa.)

AMÃE – Vou pegar a caixa de remédios. Desce, por favor. Me ajuda.

AVÓ – Essa aí não ajuda em nada.

AMÃE – Não se mete. Desce.

(LÍLICA – Na verdade, nem me sobe, nem me desce.)

A VÓ – O chão ficou bem molhado mesmo. Não vai causar boa impressão. Com esse ar gelado, esse chão não seca mesmo. Onde ela colocou o pano? Bom, vou usar esse mesmo.

A MÃE – Não acredito, fica sentada aqui, você é pior que criança. Estava limpando o chão com a própria roupa? Vai congelar nesse frio.

A VÓ – É só trocar.

A MÃE – Você não para. Cadê você que não desceu ainda?

A VÓ – Ia limpar pra não causar má impressão.

A MÃE – Deixa que eu resolvo.

A VÓ – Foi você quem disse que causaria má impressão.

A MÃE – Vai doer.

A VÓ – Onde já se viu uma mãe preocupada com o que o filho irá achar? Ai.

A MÃE – Eu avisei.

A VÓ – Você fez de propósito.

A MÃE – Não exagera.

A VÓ – Me machucou, fez doer de propósito.

A MÃE – Parece criança.

A VÓ – Fala porque não foi com você.

A MÃE – Vou terminar o curativo.

A VÓ – Não.

A MÃE – Sim.

A VÓ – Ai.

A MÃE – Eu avisei.

(LILICA – Típico dela.)

A VÓ – Eles têm leis pra isso, sabia? Leis que defendem os idosos.

A MÃE – Ah é? Quem te disse isso?

A VÓ – A televisão.

A MÃE – A televisão mente.

A VÓ – Você também. Sua querida filha também. Todo mundo mente.

(LILICA – Eu minto quando digo que você tem bom hálito.)

A MÃE – Confissão de culpa?

A VÓ – Eu não minto. Respeita a sua mãe. Onde já se viu uma filha falando assim com a mãe? Onde já se viu a filha chamar a mãe de mentirosa?

A FILHA – Ele já chegou?

A MÃE – Ainda não. Por que você não desceu ainda?

A VÓ – Porque é uma vadia preguiçosa.

A MÃE – Você chamou sua neta de vadia?

A VÓ – É sinônimo de vagabunda. Isso que ela é.

(LILICA – Piranha.)

A MÃE – Você perdeu totalmente o respeito pelas pessoas.

A VÓ – Eu quis dizer que ela é preguiçosa. Deveria ter se preocupado antes com o que vão pensar ou deixar de pensar da sua querida filha. Agora é tarde.

A MÃE – Tarde por quê? Não vivemos mais na sua época, mãe, hoje isso não é mais um problema.

(LILICA – Eu posso ser o pai do bebê.)

AVÓ – Isso é só mais um problema, é a cereja do bolo.

AMÃE – Não chama meu neto de problema.

AVÓ – Que neto? Que neto? Você não tem idade pra ser avó. Eu sei disso porque eu sou avó. Idade pra ser vó eu tenho, mas ser bisavó é um pouco demais. Tô sentindo cheiro de queimado.

AMÃE – Não pode ser.

AVÓ – O que os vizinhos vão pensar de nós?

AMÃE – Que vizinhos? Nossa casa é a única em um raio de três quilômetros.

AVÓ – A gente da cidade. Eu construí essa região. Minha história se confunde com a história da cidade. Todo mundo nos conhece.

AMÃE – O peixe. A senhora pode olhar o peixe no forno?

(LILICA – Eu ouvi “peixe”?)

AVÓ – Senhora é a senhora sua mãe, eu sou uma velha. Se a inútil estivesse ajudando, isso não teria acontecido.

AMÃE – Para.

A VÓ – Tudo começou lá atrás, quando você deixou que essa menina deixasse a escola.

A MÃE – Deixa que eu olho.

(LILICA – Amo peixe.)

A VÓ – E o chão?

A MÃE – Eu já seco. Queimou.

A FILHA – Tô sentindo o cheiro daqui de cima.

A VÓ – Deixou não. Abandonou a escola.

A MÃE – Por que não me avisou?

(LILICA – Esses dourados do aquário. Como todos.)

A FILHA – Só percebi agora.

A MÃE – Você está fumando?

A FILHA – Jamais.

A VÓ – Abandonou.

A MÃE – Tô sentindo o cheiro.

A VÓ – Como seu querido filho que nos abandonou aqui.

A MÃE – Desliga esse cigarro.

A FILHA – Não é luz para desligar.

A MÃE – Fecha.

A FILHA – Não é porta.

A MÃE – Apaga, faz qualquer coisa, só para de fumar.

A VÓ – Abandonou.

A MÃE – A sua ironia não vai te levar a nada.

A VÓ – Nos deixou sozinhas. Sozinhas.

(LILICA – Que forte.)

A MÃE – Chega, mamãe. Chega. Por que você está fazendo isso comigo justo hoje? Justo agora? Eu já te disse que você não tem o direito de falar o que acha sobre a vida das pessoas, não. Você tem que respeitar. Guarde sua opinião para você.

A VÓ – Não é opinião, são fatos.

A MÃE – Mãe.

A VÓ – Quem tem olhos vê.

(LILICA – Vou até pegar a pipoca.)

A MÃE – Eu já cansei de você. Estou farta.

A VÓ – Você acabou de quebrar a forma de vidro.

A MÃE – Eu vi.

(LILICA – Eu adoro um drama familiar.)

A VÓ – E o problema era o chão molhado.

A MÃE – Eu quero que você vá embora.

(LILICA – Ela não falou isso.)

A VÓ – Quem vai limpar essa bagunça?

A MÃE – Com certeza não vai ser você.

A VÓ – Nem sua filha.

(LILICA – Está melhor do que novela.)

A VÓ – Quer dizer que vou ter que ir embora da minha própria casa?

A MÃE – Vou eu, então?

A VÓ – Se você tem vontade.

A MÃE – Vai você ou vou eu.

A FILHA – Ou as duas.

(LILICA – Debochada.)

A MÃE – Silêncio.

A VÓ – Não, pode deixar que eu abandono tudo que construí
uma vida inteira e dou de bandeja para você.

A MÃE – Desculpa.

A VÓ – Não, eu vou. Já estou olhando casa de repouso faz algum tempo. Eu estava sentindo que essa hora iria chegar. Eu tenho que ficar junto dos meus, não é? Já não sirvo mais.

(LILICA – Eu adoro o jogo psicológico da velha.)

A FILHA – Ouvei o barulho de um carro.

A MÃE – Ele chegou.

A VÓ – Eu vou arrumar minhas malas.

A MÃE – Não. Desculpa, eu não quis dizer isso. Você é muito bem-vinda aqui. Muito. Eu só estou. Eu só. É demais. Eu.

A VÓ – Senta, respira. Você precisa medir suas palavras.

(LILICA – É a minha personagem favorita.)

A FILHA – O carro estacionou.

A MÃE – Ele chegou.

A VÓ – Meu filhinho querido, que saudades.

A MÃE – Não.

A VÓ – Cadê ele? Me conta o que houve. Por que essa cara?

A MÃE – A balsa.

NO PRESENTE

O OUTRO – A mão no rosto, a corda no pescoço. O ar entra refeito a aspiração expiração inspiração entra aos poucos em. A balsa a travessia. Aos poucos. A corda no pescoço roçando, laçando, entrelaçando esticando e apertando e fazendo o ar entrar em. Ar entrar em. A virada o tombo a queda o fundo. As mãos no pescoço o aperto o assopro. O ar entra em. Em. Um metro ou dois suas mãos são fortes. Apertam eu gosto eu peço eu roxo. Três ou quatro metros azul. Os braços fazem força lutam nadam apertam. O ar entra em. Eu peixe. Entra em. Solta. O roxo o gozo o resquício do sopro. O ar entra em. Ar entra em. Ar pressão aumenta. O corpo afunda o ar a

pressão o polvo. O ar o bar o suspiro no mar. O peixe. Solta o ar em. Solta o ar em. E inspira e suspira em. Suspira em. Goza respira inspira. O azul e vermelho. Os pulmões cheios de ar em. Ar em. Pulmões água em 3 2 1. Hipotermia 3/4/6 horas. Restam. Submerso.

Contagem regressiva.

ESPELHO

O OUTRO – Bem-vindo de volta.

EU – Você sempre esteve aqui?

O OUTRO – Como você, de alguma maneira. Bem-vindo de volta ao lugar a que você pertence. Sei como é difícil para você entender e aceitar isso, mas aqui está você, estão você. Suas memórias, a sua história. Ali naquele canto você se segurou na parede e se levantou pela primeira vez, deu alguns passos, os primeiros de tantos que viriam a seguir, passos em diferentes caminhos, nem todos eram iluminados. Aqui você pintou pela primeira vez, e lembro como se fosse hoje da tinta amarela nas mãos, o sol desenhado na parede, a casa sem chão, a casa não ter um chão era muito significativo, te ensinaram a por um chão na casa, aterre-se, eles diziam. Mal sabiam eles que você via um mundo diferente, escreveu um mundo diferente. Essas paredes manchadas foram cobertas de cartazes, cartazes dos seus filmes favoritos, cartazes das

bandas favoritas, dos artistas favoritos. Você gostava tanto desses artistas que as manchas amareladas dos desenhos da infância foram substituídas pelas esbranquiçadas da puberdade. Você é hilário. Você os admirava tanto, tinha uma paixão tão grande que era sexual, você queria comer esses artistas, queria engolir esses artistas, se alimentar. Sentir o gosto da sua carne para que eles te preenchessem e para que você então pudesse produzir sua arte. Você encheu essas paredes de desenhos, depois de escritos, depois de anotações, encheu de pessoas. Personagens, começou a criar pessoas, pessoas mais interessantes do que nós. Você começou a estudar pessoas, pessoas mais interessantes do que nós. Você passou e se encontrou com pessoas, todas essas, mais importantes do que nós.

Então você se julgou mais importante do que nós. Superior. Estudado. Letrado. Você nos olhava com desdém, olhar de quem sentia nojo e pena. Você se sentia tão superior que não aguentava a ideia de viver aqui, estar entre os selvagens ignorantes. Você foi embora, de uma hora para outra. Você foi embora, mas uma parte sua ficou. Nas paredes que desenhavam a sua história, nas pessoas que te faziam mais companhia do que nós. Você deixou o vazio. Você deixou a sua ausência. Você me deixou. A sua falta era sempre presente aqui, nos aniversários, nos natais, nos jantares de família que passaram a ser cada vez mais escassos. Você foi viver entre os seus. Eu fiquei nas sombras. Eu também sou você.

EU – As coisas se confundem na minha cabeça.

DURANTE

A MÃE – Você está tão (não). Você veio. Você vai. Quer ajuda para organizar as coisas?

EU – Não tem muita coisa para organizar.

A MÃE – Você é um pouco bagunceiro. Você espalha tudo pela casa, você acha que a sala e a cozinha são extensões do seu quarto. Você desorganiza, bagunça. Você sempre traz consigo o caos.

EU – Não começa.

A MÃE – Você está tão. O cano da casa estourou mais uma vez, eu ia chamar um encanador, mas esses tempos sozinha me prepararam para tudo.

EU – Quer ajuda?

A MÃE – Não, já consertei, apesar da dor no braço. Você quer?

EU – Ainda dói?

A MÃE – O quê? Ah sim, o braço. Dói. Dói bastante, mas já acostumei, a dor é minha companheira mais fiel.

EU – Você tem que ir ao médico.

A MÃE – Não confio em médicos.

EU – Nós já falamos sobre isso.

A MÃE – Vamos mudar de assunto, vamos falar sobre você. E agora?

EU – O que tem?

A MÃE – Por que você vai embora? Parece que tem medo daqui. Parece que não gosta da gente.

EU – Não vou falar sobre isso.

A MÃE – Por quê? Eu quero te entender.

EU – Não.

A MÃE – Você é difícil de capturar, você é como a neblina. Nunca sabemos onde você está nem como estará. Você se desintegra e desaparece.

EU – O que quer que eu diga?

A MÃE – O que vai fazer?

EU – Não sei.

A MÃE – Como não sabe? Você tem que saber, é a sua vida. Eu me preocupo com você. O que será de você quando eu não estiver mais aqui?

EU – Você ainda vai estar por aqui por muito tempo.

A MÃE – Como você sabe?

EU – Eu ainda vou antes de você.

A MÃE – Para onde?

EU – O cheiro está ótimo.

A MÃE – Está quase pronto.

EU – Delícia.

A MÃE – Sua comida favorita.

EU – Não sabia disso.

A MÃE – Você tem que continuar, seguir em frente. Você tem que permanecer em movimento. Como um peixe. Sempre nadar pra frente. Você.

EU – Não quero falar.

A MÃE – Como não quer falar? Você não conversa, você não me escuta. Você leva a sua vida do seu jeito, crente de que não afeta a vida de mais ninguém, mas afeta sim. Você está fazendo tudo errado. Do que você foge tanto?

EU – Você se acha no direito de se meter nas minhas decisões. Você me conhece tão pouco e ainda acredita que pode decidir por mim ou opinar sobre as minhas atitudes. Você não viu o mundo lá fora, não conhece muito mais do que a realidade de dentro das paredes dessa casa. Você.

(Tempo.)

EU – O que estou fazendo errado?

A MÃE – As suas coisas, ia dizer que não iriam caber todas se continuasse arrumando assim, mas.

EU – Me ajuda?

A MÃE – Sim.

EU – Você lembra daquele verão? Aquele que íamos sempre ao lago?

A MÃE – Claro que lembro. O sol no rosto, a sensação dos pés tocando a areia quente. A água gelada. Todos nós juntos.

EU – Foi naquele verão que você deixou que me acordassem com um balde de água gelada.

A MÃE – Você que pediu. Não tinha hora para acordar.

EU – Que exagero.

A MÃE – Foi no ano que comemoramos juntos. Vimos os fogos na beira do lago.

EU – Sim.

A MÃE – Você não acordava nunca. Não reclama da água, estava calor. Quando eu fecho os meus olhos eu nos vejo, todos na beira do lago. Juntos. Os verões sempre foram tão curtos se comparados aos invernos. Depois desse ano você ficou diferente. Foi nesse ano que.

EU – Está na hora.

A MÃE – Já?

EU – Sim.

A MÃE – Até quando?

EU – Ainda não sei, não me pressiona.

A MÃE – Até quando vamos ficar assim? Até quando vamos ficar entre idas e vindas?

EU – Até breve.

A MÃE – Beijinho de esquimó?

EU – Até.

ANTES OU DEPOIS

EU – O barulho do carro permanece, está cada vez maior. Me acalma. O silêncio pode ser perturbador. As coisas vão ficando cada vez mais desgastadas, outras somem. A cada parada rápida, a cada saída brusca, a mala diminui. Não faz tanta diferença ter tantas coisas. Falo de “coisas” mesmo, objetos inanimados sem sentido que só servem para aumentar a noção de propriedade. Eu não tenho quase nada. O frio aumenta, consigo sentir nos meus ossos. A neblina cega. A estrada não termina. A balsa. A volta.

NO SÓTÃO

A FILHA – Entra, senta aqui. Vamos conversar.

EU – Não ganho um abraço?

A FILHA – Um abraço e um beijo, na boca.

EU – Gostei do que você fez com o lugar.

A FILHA – Um sótão é um sótão, né, amor? Lugar perfeito para ser a morada de uma gótica suave.

EU – Decorou com cores fortes, como a sua personalidade.

A FILHA – *This is me.*

EU – Você poderia ter um quarto maior, se quisesse.

A FILHA – E mexer no santuário do filho pródigo? Jamais. Ela ficaria louca, tudo tinha que estar do jeito que você deixou. Além disso, esse é o lugar perfeito para uma vampira morar.

EU – Eu gostaria que você tivesse me visitado.

A FILHA – Eu gostaria que você tivesse me convidado.

EU – Desculpa, eu não ficava muito tempo no mesmo lugar.

A FILHA – É engraçado imaginar como é a sua vida. Viajando o país de ponta a ponta. Uma vida de sexo e drogas *e rock'n roll*. Eu imaginava. É engraçado pensar que, quando você morava aqui, eu não te suportava. Eu não suportava olhar para você. Seu cheiro, sua voz. Eu sentia nojo. Tudo me irritava. Então você foi embora e eu vivia aqui, olhando suas fotos, vendo de longe as coisas que você via de perto. Foi quando me senti próxima a você. Na verdade, fiquei obcecada em acompanhar você, em *stalkear* você. Eu queria saber onde você estava a cada momento, acompanhava cada lugar que você visitava. Eu pesquisava cada lugar, queria saber a história, queria entender porque você estava lá. Imaginava o que tinha te levado a viajar cem, duzentos quilômetros até lá. Por quê? Eu queria entender, entrar na sua cabeça e saber porque você estava lá e não aqui, com a gente. Eu estava obcecada. Tentava te entender assim, aos pedaços, juntando as pistas que você deixava. O caminho das migalhas de pão.

Fui montando o quebra-cabeça. Eu estava apaixonada por você. Eu vivia por você, eu via o mundo sob o seu olhar e isso me fazia ficar mais próxima de você. Eu me sentia próxima a você. Eu amei você. Foi a relação mais saudável que já tive. Se eu estivesse chateada com você, eu simplesmente te bloqueava e você nem ficava sabendo. Quantas vezes eu bloqueei você. Mas no final eu sempre te escolhia. Eu sempre voltava pra você. Acompanhar você era o que me fazia feliz. Eu carrego comigo uma foto sua 3 × 4. Uma antiga que ficou jogada aqui em casa. Não é engraçado como, mesmo que seja a mesma foto, parecem diferentes? É verdade. Olha, quase um jogo dos sete erros. Eu fico olhando pra ela, comparando uma com a outra. Elas são iguais e tão diferentes. Eu passo horas fazendo isso. Quase como se fossem dois, três diferentes de você mesmo. Eu ri com você, mas eu também chorei por você. Por causa da sua distância, por causa das lacunas nas suas histórias. Porque competir com a ideia de quem alguém possa vir a ser é injusta com quem está. Eu fiquei. Eu imaginei tantas vezes você aqui comigo, sentado aí onde está, me olhando e querendo saber como vão as coisas. Querendo saber como tinham sido os últimos anos. Foram iguais aos anteriores. Aqui todas têm suas funções, acordamos e sabemos exatamente como o dia será. Sabemos o que temos que saber. Cuidamos do apiário. Vó alimenta as abelhas. Mãe tira o mel. Eu cuido das vendas, apesar de fazer tudo pelo computador e elas não entenderem isso como um trabalho real. Às vezes penso que nós que somos as abelhas da colmeia. Ainda conseguimos vender o mel, sabe? Apesar do agronegócio. Dá para sobreviver. Às vezes as vendas di-

minuem, principalmente agora. Acredito que pode melhorar, estou trabalhando num projeto novo para divulgar o apiário. Ah, você deve estar se perguntando como isso aconteceu. Isso, assim, desse jeito mesmo. Ainda não sei se é menino ou menina, também não sei se quero saber. Você deve estar se perguntando como isso aconteceu com uma pessoa que não sai de casa. Com uma pessoa que não consegue respirar fora de casa. Eu também não sei. Foi milagre. Espírito Santo. Ele não fez o mesmo com a tal Maria? Digamos que conseguimos tudo que quisermos na internet. Tudo que você possa imaginar. Eu amo a internet. É a minha vida. Eu compro muitas coisas *on-line*. Coisas mesmo, assim, sem muito significado. Coisas que me ajudam a aumentar a noção de propriedade. Eu adoro comprar na internet porque não precisa ter dinheiro. Só um cartão de crédito no nome de alguém e... Vontade. Já nem sei quanto a gente está devendo. Mas tudo bem, a gente não sabe até quando está vivo. Aqui não chega nada nem ninguém. Só poucas pessoas perdidas que acabam comprando o mel, e as minhas contas. Compras. Essas, sim, conseguem chegar sempre, fico impressionada. Eu amo a internet. Ela era a minha única companheira. Ela que me aproximava de você. Nossa eu falei tanto, não te dei um minuto de descanso. Me desculpa?

EU – Você não tem culpa.

A FILHA – Não mesmo. Você que tem. Nada. Eu preciso que você nade.

EM ALGUM LUGAR

O OUTRO – No fundo. Água. 2 graus. Nos pulmões a água dança. Livre. Entra e sai. Leva o corpo à deriva. À beira. A água. O lago. A casa. O cheiro de peixe assado com batatas. Respira ar. Coração batendo forte fraco. Descompassado. O lago. O áudio os pés sujos de terra vermelha o asfalto. O mel a abelha a rainha a vó funeral. A volta. A água. Faltam 2/3 horas socorro. Sozinho.

Submerso. O capô do carro o chapéu ela traz o bebê que nada morto a garrafa verde. À deriva na água. No líquido.

ENTRE A FUMAÇA E O QUEBRA-CABEÇA

AVÓ – Vem, minha filha, onde acha que se encaixa essa peça?

(LILICA – Não responder onde estou pensando.)

AVÓ – Aqui?

(LILICA – Você é burra?)

AVÓ – Não, não é mesmo.

(LILICA – Óbvio.)

AVÓ – E aqui?

(LILICA – Você precisa de óculos.)

A FILHA – Ah, é você.

AVÓ – Sim, sou eu. Desculpa decepcionar.

A FILHA – Achei que fosse outra pessoa.

AVÓ – Achei que estava na minha casa.

A FILHA – Achei que fosse a mãe.

AVÓ – E é, mas não a sua.

(LILICA – Sempre certa.)

A FILHA – Vou pegar um copo d'água.

AVÓ – Sua mãe começou o processo de extração de mel, cuidado com a fumaça.

A FILHA – Eu estou com sede.

AVÓ – Como cabe tanta água dentro de você?

(LILICA – É um poço sem fundo.)

A FILHA – Eu me esforço.

A VÓ – Será que essa peça encaixa aqui. O que acha, minha filha?

(LILICA – Óbvio que não.)

A FILHA – Com certeza não.

A VÓ – Falava com a cachorra.

(LILICA – Senhora cachorra, para você.)

A FILHA – Só tentei ajudar.

A VÓ – Já que se meteu. Vem aqui, me ajuda.

A FILHA – Você deixou a torneira aberta.

(LILICA – Tentei avisar, mas ela não me escuta.)

A VÓ – Esqueci.

A FILHA – Estava pingando.

A VÓ – Acontece.

A FILHA – Você não ouviu o barulho?

A VÓ – Acha que essa peça se encaixa aqui?

A FILHA – Não, aqui.

(LILICA – Uma pior que a outra.)

A VÓ – Como vai?

A FILHA – Bem, obrigada.

A VÓ – Falava da gravidez.

(LILICA – Deve ser a genética ruim.)

A FILHA – Normal.

A VÓ – É normal sentir desconforto.

A FILHA – Essa deve ser daqui e vir pra cá. Encaixou.

A VÓ – Você é boa. Inteligente.

A FILHA – Eu sei.

A VÓ – Não tanto pra evitar essa gravidez.

(LILICA – Você que está me entendendo.)

A FILHA – O que isso tem a ver com você?

A VÓ – São tempos terríveis para trazer uma criança ao mundo. Ainda mais uma criança gerada à base de tanta fumaça.

A FILHA – Eu enxergo diferente de você. Essa vai aqui. Acho que uma criança traz esperança, é disso que precisamos agora.

(A MÃE entra e tira o capacete do uniforme.)

A MÃE – Estou exausta.

A FILHA – Como foi?

A MÃE – Estamos perdendo a rainha, ela já gerou a sua sucessora.

A VÓ – Nenhuma surpresa.

(LILICA – Pra mim, sim.)

A MÃE – Não esperava que fosse tão cedo.

A VÓ – É o ciclo da vida.

(LILICA – Que bafo. E agora?)

A FILHA – Essas três: aqui, aqui e aqui.

A VÓ – Boa.

A MÃE – O que vocês estão fazendo?

A FILHA – Encaixamos as peças.

A VÓ – A menina é sagaz.

(LILICA – Alguém responde à minha pergunta.)

A MÃE – Ela vai levar nosso apiário a outro nível, escreve o que estou dizendo.

A VÓ – Mais populoso, com certeza, vai ficar. Essa aqui e aqui.

A MÃE – Que água é essa?

A FILHA – Ela deixou a torneira aberta de novo.

(LILICA – Acostumada a ser ignorada.)

A VÓ – Foram só uns pingos.

A MÃE – Vou ter que limpar.

A VÓ – Relaxa.

A FILHA – Está quase pronto.

A VÓ – Ele mandou alguma mensagem?

A MÃE – Nada.

(LILICA – Outra vez essa história.)

586 **A VÓ** – Ouviu?

A MÃE – É a balsa.

A FILHA – Será que...

(LILICA – Supera.)

A MÃE – Pode ser.

A FILHA – Assim, de surpresa?

A VÓ – Fiquei até nervosa.

A MÃE – Vamos iniciar os preparativos.

A VÓ – Põe o peixe no forno.

(LILICA – Ele não vem.)

A FILHA – Limpa essa bagunça.

A MÃE – Me ajuda, por favor.

A VÓ – Pronto. Terminamos.

A MÃE – O quê?

A VÓ – O quebra-cabeça.

A MÃE – O que é?

A FILHA – Uau.

A VÓ – É lindo.

A MÃE – O que é?

A VÓ – Um polvo. Azul e vermelho.

O CHAMADO

A MÃE – Eu saí à noite. Eu não conseguia dormir ou tinha acordado no meio da noite, não sei bem, às vezes as lembranças ficam embaralhadas na minha cabeça. Eu saí na madrugada, era madrugada. Tarde. Eu saí com os pés descalços. Saí com os pés descalços e só percebi isso quando toquei a terra fria. Era tão fria e macia a terra vermelha. Eu saí, era tarde. Eu caminhei sem rumo rápido e devagar. Eu não sei. Saí. Parecia ser devagar, mas rapidamente o chão muda e passa a ficar ainda mais frio. O asfalto toca meus pés, já sujos da terra vermelha, e é frio e é incômodo e é desconfortável e eu gosto. Eu caminho e chego na cidade e é tarde. Muito tarde. É tudo azul, azul-escuro, marinho. É tudo azul como se mar e terra fossem uma única coisa. É azul-escuro e eu não vejo muita coisa. Eu sento no cordão da calçada quando canso de andar sem rumo. Minha camisola encosta no chão e já está suja e molhada e fria. É frio. Eu sinto medo porque é tarde. Eu gosto do frio, eu gosto do medo. Eu gosto de não gostar. Eu quero sentir alguma coisa. Só quero sentir alguma coisa

que não seja. Eu deito no asfalto molhado de chuva e olho pro céu e vejo as estrelas e me sinto tão pequena. Eu sinto as pedras no asfalto tocarem minha pele. Minha pele no asfalto e a água gelada são uma única coisa. Eu sinto. Olho para cima e me sinto tão minúscula. Isso me faz bem porque eu me sinto vulnerável e frágil e me coloca no lugar onde me ensinaram a estar. Eu passo os dedos da mão direita pela minha coxa. Deslizando sobre a minha coxa, acariciando a minha coxa. Os dedos também são gelados e eu sinto cada dobra das minhas impressões digitais marcando a minha pele. Sou eu. Eu sinto. As impressões digitais se encaixam nas cicatrizes das pernas. Formam um mapa, meu mapa. Mapa da minha história. Algumas pessoas se cortam onde ninguém vê porque precisam sentir alguma coisa, alguma coisa além da dor que não tem fim. Eu não preciso mais. Porque eu sinto. Deitada no chão frio do asfalto molhado, eu sinto algo. Eu. O frio, a terra, a água, o chão, o medo, a minha pequenez. Eu sinto. Eu sinto algo que não é somente a dor de perder você.

NAS MARGENS DO LAGO

AQUELE QUE PODERIA SER – Sabia que te encontraria aqui. Vai ficar em silêncio? Não vai falar nada?

EU – O que quer que eu fale?

AQUELE QUE PODERIA SER – Não sei, talvez algo como “Oi, tudo bem?”; “Como você está depois de tanto tempo?”.

EU – Como vai?

AQUELE QUE PODERIA SER – Melhor agora.

EU – Não falava de você. Como vai a mulher e o bebê?

AQUELE QUE PODERIA SER – Ainda não sei.

EU – Parabéns, papai.

AQUELE QUE PODERIA SER – Vai ser assim?

EU – Assim como?

AQUELE QUE PODERIA SER – Uma conversa cheia de perguntas sem respostas?

EU – Me diz você.

AQUELE QUE PODERIA SER – Me diz você. Você que é o escritor aqui, o gênio das palavras. Pode usar algumas para responder às perguntas.

EU – Eu sabia que era você, aqui sozinho fumando seu cigarro no meio da noite. Iluminado somente pela brasa, sugando o cigarro com voracidade. Esperando algum desavisado que.

AQUELE QUE PODERIA SER – Tragando o cigarro.

EU – Quem é bom com a palavras agora?

AQUELE QUE PODERIA SER – Você me pegou.

EU – Não.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você é esquecido. Esquece as palavras com frequência, sempre foi assim.

EU – Às vezes as palavras fogem de mim. Elas simplesmente fogem, tento me agarrar com força, mas elas simplesmente fogem.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você só esquece o que não tem importância.

EU – Talvez.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não esqueceu de mim.

EU – O quê?

AQUELE QUE PODERIA SER – Você se lembrou de mim aqui, parado, escorado no meu carro, fumando um palheiro.

EU – Memória fotográfica.

AQUELE QUE PODERIA SER – Afetiva.

EU – Preciso ir.

AQUELE QUE PODERIA SER – Lembra desse lugar?

EU – Vou indo.

AQUELE QUE PODERIA SER – Lembra?

EU – É meio difícil esquecer o lago da cidade onde a gente cresceu.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não muda de assunto.

EU – Não mudei, falávamos sobre lagos.

AQUELE QUE PODERIA SER – Memórias.

EU – Vou indo.

AQUELE QUE PODERIA SER – Indo pra onde?

EU – Eu vou para.

AQUELE QUE PODERIA SER – Te deixei desnortado.

EU – Não começa.

AQUELE QUE PODERIA SER – Fica.

EU – Eu sinto que preciso ir.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não é fácil para mim também. Lembra?

(Flash. Todos os flashes são cortes secos. Devem ser feitos de maneira ágil, mais rápido que um piscar de olhos. Vêm acompanhados de um leve som estridente e de uma luz muito forte.)

AQUELE QUE PODERIA SER – Lembra?

EU – Você já me perguntou isso.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não.

EU – Perguntou sim.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você está confuso.

EU – Pode ser.

AQUELE QUE PODERIA SER – Então. Você lembra?

EU – Minha família mora em frente ao lago, é claro que eu lembro.

AQUELE QUE PODERIA SER – Dessa parte específica?

EU – O que você quer falar?

AQUELE QUE PODERIA SER – Eu estou puxando assunto.

EU – Não. Você está me atrapalhando.

AQUELE QUE PODERIA SER – Eu estou tentando te ajudar.

EU – Não.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você está perdido.

EU – Você está me desviando do meu caminho. Você está fazendo eu me perder e deve ser por algum motivo.

AQUELE QUE PODERIA SER – Só quero conversar. Eu quero te acompanhar nessa jornada.

EU – Sobre o que você quer falar?

AQUELE QUE PODERIA SER – Sobre a margem do lago.

EU – Por favor, não seja um completo covarde uma vez na vida. Pergunte o que quer perguntar, fale o que realmente quer falar. Pare de se esconder na surdina, implorando um pouco de carinho às escondidas. Seja franco, honesto consigo mesmo e com as outras pessoas. Seja quem você é.

AQUELE QUE PODERIA SER – Desculpa.

EU – Está se desculpando pelo quê?

AQUELE QUE PODERIA SER – Por eu não ser a pessoa que você esperava que eu fosse.

(Flash. Corte seco.)

AQUELE QUE PODERIA SER – Desculpa.

EU – Se desculpando pelo quê?

AQUELE QUE PODERIA SER – Por ter atravessado seu caminho. Eu queria ser a pessoa que você precisava que eu fosse.

EU – Você não entende nada mesmo.

AQUELE QUE PODERIA SER – Como é a sua vida?

EU – Tchau.

AQUELE QUE PODERIA SER – Eu estou curioso. Você disse que estava perdido.

EU – Minha vida é normal, apesar dessa palavra ser um pouco estranha.

AQUELE QUE PODERIA SER – Descreve pra mim.

EU – Você me conhece.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não, eu conheci um outro você. Uma versão do passado, mais jovem, mais interiorana e um pouco mais destemida e esperançosa.

EU – Cala a boca.

AQUELE QUE PODERIA SER – Uma versão tão furiosa como essa de agora. Me fala de você.

EU – Normalmente eu faço as perguntas.

AQUELE QUE PODERIA SER – Eu imaginava você.

EU – Sério?

AQUELE QUE PODERIA SER – Sim.

EU – Como eu sou?

AQUELE QUE PODERIA SER – Você é exatamente assim.

EU – Assim como?

AQUELE QUE PODERIA SER – Você quer saber o que eu imaginava?

EU – Óbvio.

AQUELE QUE PODERIA SER – Eu imaginava você assim, sem envelhecer um dia, mesma carinha que eu costumava ver todos os dias. Você está vestido com as roupas da moda, essas que todo mundo usa nas grandes cidades. Essas que não usamos aqui. Eu fecho meus olhos e te vejo correndo, bloco de notas na mão. Você resolve pegar o metrô porque é o meio que vai te deixar mais rápido aonde quer chegar. É uma reunião importante. Você corre para pegar o metrô e, quando entra, deixa cair seu bloco de anotações com todos os papéis, guardanapos e afins no chão, você faz uma bagunça, se irrita porque suas ideias se espalham no chão. Suas

pessoas espalhadas. Personagens, você chama de personagens. As personagens estão espalhadas pelo vagão e, escorregando e se equilibrando por pouco, você junta os seus papéis. Você molha um papel. Você molha uma pessoa. Perda total. Você dá de cara com um homem, um cara bonito que te ajuda a se organizar, a juntar os papéis. Quando seus olhos se cruzam, o tempo para. Quando você percebe, está na hora de descer e esse homem vai se eternizar em mais uma de suas histórias. Você corre, sobe as escadas enquanto anota a descrição do homem tentando equilibrar uma caneta vermelha em cima de um guardanapo sujo de batom. De onde surgiu esse batom? Você chega na sua reunião e espalha todos seus papéis, guardanapos, *post-its*, anotações em notas de supermercado e afins em um quadro na parede e tenta explicar para pessoas de terno e gravata um pouco das suas ideias. Eles tentam entrar no seu cérebro e percebem a bagunça que é. É impossível montar esse quebra-cabeça. Eles fecham o contrato, pensam que uma pessoa tão desorganizada só pode ser genial e se sentem estúpidos por não conseguirem entender sua proposta. Proposta essa aparentemente tão clara, tão óbvia para você que a conta com tanta paixão. Você fecha um contrato.

EU – Que sonho.

AQUELE QUE PODERIA SER – É a sua vida.

EU – A vida achatou meus sonhos.

AQUELE QUE PODERIA SER – Sobre o que tem escrito?
Sobre mim?

EU – Não. Eu não sei. Eu me sinto um pouco travado, acuado.

Escrever precisa de autoconhecimento e não estou no melhor momento para escrita. Eu, agora, só consigo fugir, correr de mim mesmo. Eu tinha uma ideia. Uma inspiração. Mas tudo que eu escrevo parece que não avança. Eu escrevo um texto cheio de perguntas sem respostas que fica dando voltas em cima do mesmo ponto. Como um texto vai funcionar assim? Li uma matéria sobre um homem que caiu de uma balsa. Ele se debruçou sobre o parapeito. Ele olhava para baixo como se visse alguém. Ele estava hipnotizado, como Ulysses encantado com o canto da sereia ou Narciso hipnotizado pela própria imagem. É difícil olhar para si mesmo. É agridoce. O homem olhava para baixo e caiu. Como se tivesse sido sugado. A água era fria. Dois graus. Ele teve hipotermia e seu corpo parou de funcionar por algumas horas. Ele morreu por algumas horas. O que acontece com alguém que morre por algumas horas? É o único estado que conseguimos voltar à vida, sabe? Se estivermos congelados e nosso corpo parar de responder. Isso me intrigava. O que acontece quando não temos mais nada além de nós mesmos no fundo do oceano?

AQUELE QUE PODERIA SER – O que aconteceu com o homem?

EU – Não sei. Não consigo lembrar.

(Flash.)

AQUELE QUE PODERIA SER – Se esforça.

EU – Não consigo.

AQUELE QUE PODERIA SER – Talvez você pudesse escrever um desfecho diferente.

EU – Parece que a gente já teve essa conversa antes.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você pensou em mim?

EU – A gente sempre fica dando voltas no assunto.

AQUELE QUE PODERIA SER – Pensou? Você imaginava o que teria sido? Como teria sido?

EU – Eu não lembrei de você. Eu não quis voltar todos os dias, durante esse tempo todo que passou. Eu não quis te dizer que eu entendia as suas escolhas. Eu não quis dizer que eu me culpava por entender as suas escolhas e que entender as suas escolhas não foi o que me fez ir embora. Eu não bebi todos os dias. Não dancei até acabar a festa aproveitando cada segundo pra tentar esquecer. Eu não transei com várias pessoas, pessoas que eu nem sei os nomes, só pra tentar aliviar esse vazio que eu sentia. Eu não subia os degraus de dois em dois porque eu não tinha paciência para esperar o elevador chegar. Eu não senti raiva das minhas pernas por não serem mais ágeis e por não me levarem mais rápido para lugares que eu nem gostaria de estar. Eu não menti. Eu não roubei coisas que eu não precisava para sentir um pouco de adrenalina. Eu não roubei coisas que eu precisava porque eu tinha perdido o controle da minha vida. Eu não perdi o controle da minha vida. Eu não perdi a minha vida. Eu não procurei um pouco de verdade no meio do fluxo avassalador de pessoas que cumpriam com seus trajetos. Eu não fui obstáculo

de propósito para desviar alguém do seu caminho. Eu não acordei às três da tarde torcendo pro dia terminar nem fiquei durante a madrugada contando os segundos para amanhecer. Eu não esperei do futuro algo melhor e esqueci de viver o presente. Eu não coloquei as poucas coisas do passado que ainda me restavam dentro do carro e viajei sem rumo, fugindo dos problemas que cismavam em me encontrar aonde quer que eu fosse. Eu não sentei no capô do carro e esperei o tempo passar e quando acordei tinham se passado dez anos e eu me olhava no espelho e não me reconhecia, porque de uma hora para outra tudo era diferente, mesmo que ainda fosse o mesmo, ou parecesse o mesmo. Não. Eu não contei os cabelos brancos e em um piscar de olhos eles multiplicaram de dez para mil. Eu não percebi que eu mudava os lugares, mas vivia as mesmas relações viciadas e que os personagens só eram interpretados por atores diferentes. Maus atores que viviam caricaturas de pessoas incompletas e perdidas, tão perdidas quanto eu, que me julgava superior. Eu não me apavorei ao descobrir que eu era tão vazio, plástico e substituível como essas pessoas.

Não. Eu não. Sobrevivi.

A vida achatou meus sonhos.

AQUELE QUE PODERIA SER – A realidade pode ser mais dura do que a gente espera que seja. O que você veio fazer aqui?

EU – Vim para o enterro da minha avó.

HÁ QUATRO MÃOS

AVÓ – Dessa da vasilha não. Está aí há dias. Essa água está morta.

EU – Água não morre.

AVÓ – Morre sim, água parada morre, é preciso que esteja em movimento pra viver. Liberta essa e pega outra. Corrente. Da torneira.

EU – Você tem cada ideia.

AVÓ – É a verdade. Por isso eu deixo a torneira aberta, para deixar a vida correr seu curso.

EU – Isso é desculpa para os seus esquecimentos.

AVÓ – Minha memória é ótima. O que você está fazendo?

EU – A bacalhoda para hoje à noite.

AVÓ – Peixe com batatas. Você está cozinhando peixe com batatas, não vem com nome *gourmet*.

EU – Como quiser.

AVÓ – É o preferido da sua mãe.

EU – E seu.

AVÓ – Ela vai adorar.

EU – Como vocês estão?

AVÓ – Vivas. Ativas. Animadas como sempre.

EU – Vocês duas, uma com a outra.

AVÓ – Como cão e gato, gato e rato. Como todas essas dicotomias que deixam claro que uma coisa não combina com a outra.

EU – Elas coexistem na cadeia alimentar.

AVÓ – Elas se alimentam uma da outra. É estranho. Péssima analogia.

EU – Ela se alimenta de você. Da sua vitalidade e fome de viver.

AVÓ – Ela é uma cabeça-dura autoritária. Isso sim.

EU – Puxou a quem?

AVÓ – Eu não entendo as suas decisões. Ela não entende as minhas. Seguimos assim. Você está cortando a batata em pedaços grandes demais.

EU – Eu sei cozinhar este prato.

AVÓ – Não parece.

EU – Você tem seu jeito de fazer as coisas.

AVÓ – É o jeito certo. O seu está errado.

EU – A gente sofre e ama e odeia quem está perto, e diz as coisas mais horríveis sem pensar. E pensa no que diz e não consegue se desculpar. E não consegue expressar mais as qualidades, as coisas boas, porque não percebeu que deixou que as ruins tomassem conta.

AVÓ – O que é isso?

EU – Do meu novo texto.

AVÓ – Eu não entendo. É lindo, mas eu não entendo. A batata, cuida a batata. Vai colar na minha chapa.

EU – Eu sei o que estou fazendo.

AVÓ – Não parece.

EU – Cada pessoa cozinha de um jeito. É engraçado. Mesmo que a gente saiba que alguém vai conseguir terminar o prato, cismamos em querer dizer o que a pessoa tem que fazer. Passo a passo.

AVÓ – Outro texto?

EU – Assim é a vida. Queremos que as pessoas façam aquilo que nós decidimos para as suas vidas, não o que elas decidem.

AVÓ – Por falar em vida, já cuidou da sua?

EU – Já.

AVÓ – E?

EU – Está em movimento. Sempre de um lugar a outro. Aqui.
Lá.

AVÓ – Por que você não fica? É bom aterrar de vez em quando.

EU – Este tamanho está bom?

AVÓ – Não. Deixa que eu corto.

EU – Eu estou cozinhando.

AVÓ – Não cabem dois chefes na mesma cozinha. Você foi demitido.

EU – O que eu faço agora?

AVÓ – Assista e aprenda como se faz.

EU – Eu sei como.

AVÓ – É assim que tem que ser feito. Sempre funcionou e sempre vai funcionar.

604 **EU** – Mas.

AVÓ – Fim da discussão.

EU – Você é muito autoritária.

AVÓ – E você um avoadado. Está rindo de quê?

EU – Nada.

AVÓ – Fala. Sou palhaça agora?

EU – É que é assim que eu sempre me lembro de você.

AVÓ – Firme e ciente do que estou fazendo?

EU – Autoritária e resmungona.

AVÓ – Malcriado. Só você fala assim comigo.

EU – Privilégios.

AVÓ – É bom ter você aqui. Eu sinto a sua falta.

EU – Eu também.

AVÓ – Promete vir mais vezes?

EU – Prometo.

AVÓ – Agora deixa ver se eu vou conseguir salvar essas batatas que você assassinou. Vai ficar parado me olhando?

EU – Você me demitiu.

AVÓ – Está readmitido. Passa no RH e aproveita e traz o peixe para temperar. Vai, menino. Parece que está com a vida ganha. E não fala nada para a sua mãe. Ela vai adorar a surpresa.

(Flash.)

AQUELE QUE PODERIA SER – Meus pêsames.

EU – Obrigado. Quer dizer. Nunca sei o que dizer quando me dizem isso. Eu tenho que agradecer o luto? Ficar parado de jeito desconfortável esperando que outro assunto consiga afastar a estranheza da situação ou o quê?

AQUELE QUE PODERIA SER – Você poderia agradecer.

EU – Não sou muito de agradecer. Não sou muito educado. Não por culpa da minha mãe, ela tentou me ensinar, eu que me esforcei pra não aprender. As convenções sociais me dão brotoejas. Eu nunca sei o que fazer.

AQUELE QUE PODERIA SER – Faça o que sentir vontade.

EU – Eu queria ficar em silêncio.

AQUELE QUE PODERIA SER – Desculpa.

EU – Não quero ficar sozinho. Fica.

AQUELE QUE PODERIA SER – Eu ainda estou aqui.

EU – Me abraça?

AQUELE QUE PODERIA SER – Eu não me sinto confortável fazendo.

EU – Deixa. Você não me respondeu. Do que você foge tanto?

AQUELE QUE PODERIA SER – O quê?

EU – Quem é você?

AQUELE QUE PODERIA SER – Já não sei mais. Acho que sou você se tivesse ficado.

A ESPERA

AVÓ – Lilica, vem comigo. Vem.

(LILICA – Silêncio, por favor.)

AVÓ – Vem.

(LILICA – Não posso, velha, também sinto dores.)

AVÓ – A vovó não pode se abaixar. Vem.

(LILICA – Cada um com seus problemas.)

AVÓ – Vem aqui.

(LILICA – Velha repetitiva.)

AVÓ – O que você tem?

(LILICA – Sinto enjoo, dores no corpo.)

AVÓ – Eu te entendo.

(LILICA – Dos meus seios jorra leite e mel.)

AVÓ – Você anda tão quietinha.

(LILICA – Você deveria fazer o mesmo.)

AVÓ – Acho que você também tá sentindo o peso da idade.

(LILICA – Desconfia, velha.)

AVÓ – Minha companheira.

(LILICA – Está ficando estranho.)

AVÓ – Só você me entende.

(LILICA – Precisamos conversar.)

AVÓ – Me sinto tão perdida.

(LILICA – Siga seu caminho, vá para a luz.)

A VÓ – Ainda bem que eu tenho você.

(LILICA – Está tudo acabado entre nós.)

A VÓ – Onde você está indo? Ei? Até você vai me deixar sozinha aqui?

A MÃE – Falando sozinha?

A VÓ – Com a cadela.

A MÃE – Cachorra.

A VÓ – Até ela virou as costas pra mim.

A MÃE – Você precisa cuidar melhor da Lilica.

A VÓ – Eu sei como cuidar dos meus animais.

A MÃE – Não percebeu que está tentando amamentar os ursinhos de pelúcia? Até sai leite. Ela está com gravidez psicológica. Coitadinha.

A VÓ – E o que você sabe sobre gravidez?

A MÃE – O mesmo que você.

A VÓ – Como eu não notei isso antes?

A MÃE – Você não presta atenção no que acontece ao seu redor.

A VÓ – Você ficou tão entendida sobre tantas coisas ultimamente.

A MÃE – Eu me esforço.

A VÓ – Estou vendo.

A MÃE – Eu fui até a cidade.

A VÓ – Esperou a balsa?

A MÃE – Sim.

A VÓ – E então?

A MÃE – Nada.

A VÓ – Novidade.

A MÃE – Não adianta ficar amargurada.

A VÓ – Quem está amargurada aqui?

A MÃE – Ninguém, mãe. Eu. Eu estou amargurada de viver essa vida. Eu estou amargurada de extrair com dificuldade esse mel que ninguém quer comprar.

A MÃE – Já a senhora está sempre de bem com a vida, não é mesmo?

A VÓ – Estonteante.

A MÃE – Vamos aproveitar esse bom humor. Não está na hora de trocar?

A VÓ – Me leva pra lá. Quero ver a colmeia.

A MÃE – Você está pesada.

A VÓ – Eu iria andando se.

A MÃE – Entenda as suas limitações.

A VÓ – Me leva. Lilica, vem com a vovó.

A MÃE – Deixa o cachorro em paz.

A VÓ – Cachorra.

A MÃE – Cadela.

A VÓ – Ai.

A MÃE – Que cheiro é esse?

A VÓ – O quê?

A MÃE – Fez cocô de novo?

A VÓ – Ela não faz cocô dentro de casa.

A MÃE – Falava da cadela. Não. De você. Você fez cocô de novo.

A VÓ – Não fala assim comigo. Eu não sou seu bebê.

A MÃE – Deixa eu ver.

A VÓ – Tira a mão.

A MÃE – Deixa eu pegar a cadeira de rodas então.

A VÓ – Eu quero ver o que você anda aprontando.

A MÃE – Eu vou ter que trocar a sua fralda.

A VÓ – Olha como fala comigo.

A MÃE – Vamos.

A VÓ – Eu quero ver minha colmeia. Como estão minhas abelhas?

A MÃE – Eu já alimentei elas hoje. Logo mais tiro o mel. Deixa eu trocar a fralda.

A VÓ – Você não sabe fazer isso.

612 **A MÃE** – Não adianta ficar brava comigo.

A VÓ – Eu quero ver como elas estão.

A MÃE – Você não vai lá.

A VÓ – Você não manda em mim.

A MÃE – Então vai sozinha.

A VÓ – Não. Não faz isso. Você sabe que não consigo.

A MÃE – Me escuta.

A VÓ – Quando ele vai chegar?

A MÃE – Em breve. Deixa eu trocar a fralda.

A VÓ – Tira a mão. Quero meu neto.

A MÃE – Ele avisou que viria.

A VÓ – Quando?

A MÃE – Não sei.

A VÓ – Eu não queria ter tido filhos, eu nunca deveria ter sido mãe. Eu olhava as outras mulheres, grávidas, inflando a cada dia e aquilo não fazia sentido para mim. Para que trazer outra pessoa pra este mundo? Já não está povoado o bastante? Os casais felizes, as mulheres iguais a bolotas infladas e cheias de varizes, sorridentes. Eu nunca deveria ter sido mãe. O

tempo passou e as pessoas perguntavam. Quando você será mãe? Quando a colmeia vai aumentar? Nojo. As perguntas viraram cobranças e as cobranças viraram: Você não consegue ter filhos? Tem algum problema? É estragada? Nada me irrita mais do que duvidarem da minha capacidade. Eu passei a sonhar com abelhas. Eu já imaginava o que estava por vir. Então chegou minha vez e eu inflava a cada dia. Cada dia mais. Me sentia pesada. Cheia de líquido. Você me sugava como um parasita. Eu me sentia exausta. Exaurida. Meu corpo parecia avesso a você. Você nasceu em uma noite chuvosa aqui nesta casa. Eu pari sozinha, ninguém conseguia chegar até aqui, relampejava. Eu olhei para você nos meus braços, tão pequena e frágil. Eu senti vontade de apertar a sua cabeça, apertar tão forte sua cabecinha que sentiria seus miolos entre meus dedos. Eu queria me livrar de você. Não porque eu não te amasse, mas porque eu sentia pavor. Eu era jovem e vivia sozinha nesta casa. Eu cuidava da colmeia. Eu cuidava de você. Você chorava dia e noite e esse choro se misturava ao zunido das abelhas. Eu não sabia o que fazer com você. Eu não dormia mais. Mas você gostava do mel. Quando não sabia mais o que fazer com você. Eu queria silêncio. Então eu te dava o mel das abelhas, o mel da abelha-rainha. Isso te acalmava. Você gostava do mel e da colmeia. Eu pisquei os olhos e você cresceu. Você continuou sendo a frágil criança que adorava a colmeia. Você viveu sua vida sempre aqui, na minha casa. Eu nunca consegui me livrar de você. Então você seguiu o mesmo caminho e inflou como um balão. Quando ele nasceu, eu realmente entendi o que era o amor que tanto falam. Ele era tão perfeito. Ele me olhava profundamente nos olhos e eu sentia como se ele tivesse saído de dentro de mim.

E tinha. Ele era especial e diferente de qualquer outra pessoa que eu tivesse conhecido. Ele era meu. Assim como você também é. Ele era criativo, desenhava coisas nas paredes e eu não me importava. Ele era meu. Era um artista. Tão diferente de todas as outras pessoas. Então você conseguiu estragar a única coisa boa que tinha acontecido comigo e eu fiquei aqui, sozinha, com você, sua fragilidade e essa colmeia. Ele foi embora. E agora dependo de você até para ir ao banheiro.

A MÃE – Não entendo porque você faz isso.

A VÓ – Aonde você vai?

A MÃE – Vou alimentar as abelhas.

A VÓ – E eu?

A MÃE – Você sabe se cuidar sozinha.

A VÓ – Vai me deixar assim? Não vai falar nada? Você vai me deixar atolada na minha própria merda? Você quer que eu implore sua ajuda?

A MÃE – É difícil pra mim.

A VÓ – Não reclama. É difícil pra mim. Eu que sou tratada como um bebê.

A MÃE – Você me prendeu numa rede, você me faz saber que depende de mim e que sem mim você não consegue seguir

e eu fico presa a essa obrigação e isso acaba comigo, isso me torna vulnerável a você e às suas vontades. Você se nega a fazer um esforço pra sair dessa situação e sabe que sozinha não consegue resolver sua própria vida. Você me tem nas mãos como um ratinho acuado, você conseguiu me dominar da mesma maneira que fazia quando eu era criança. Perto de você, eu nunca sou boa o bastante, responsável o bastante e nem mulher o bastante. Eu nunca consigo. Eu cuido da casa, do apiário, de você, dela e do que mais precisar. Mas estou sempre sozinha. Eu escolhi ficar. Você que não percebe.

AVÓ – Onde ele está?

AMÃE – Eu não sei.

AVÓ – Quando ele vem?

AMÃE – Acho que você não vai chegar a tempo.

UM AMOR QUE ME APERTAVA AS COSTELAS

A FILHA – Não se mexe mais. Eu conseguia sentir antes. Ele dava pulos e lutava contra a água. Contra todo o líquido ao redor. Ele pulava. Com os punhos cerrados, ele dava socos e tentava sair. Eu sentia. Ele tinha uma fome de viver. Eu sonhava com ele. Eu acompanhava seu crescimento de perto. Eu me cuidava por causa dele. Eu mudei a minha vida por causa dele. Eu o esperava. Eu o queria com tanta vontade

que não conseguia lidar. Eu o amava com tanta força que me fazia perder o ar. Um amor que me apertava as costelas. Apertava meus órgãos. Rins, fígado, bexiga, pulmões. Não se mexe mais. Eu consigo sentir. Dentro de mim eu sinto. Seu corpo frágil cansou de lutar. Eu fecho meus olhos e consigo vê-lo, boiando inerte e imóvel.

Submerso. Eu sei. Acabou.

(Da rua eles veem a esquina)

AQUELE QUE PODERIA SER – Vou tentar te alegrar.

EU – Para. Deixar de ser bobo.

AQUELE QUE PODERIA SER – Um *striptease* para você no meio da rua.

EU – Alguém pode ver.

AQUELE QUE PODERIA SER – É tarde.

EU – Que careta horrível. Nossa. Foi aqui.

AQUELE QUE PODERIA SER – Tem certeza?

EU – Claro.

AQUELE QUE PODERIA SER – Se você diz.

EU – Você usava uma calça jeans azul-escuro, azul-marinho, aquele azul que todo mundo tinha em alguma peça de roupa. Usava camiseta listrada, preta e branca, não, cinza e branca, com capuz.

AQUELE QUE PODERIA SER – Aquela que eu “te dei”.

EU – Essa mesma. Você sabe que me deu de presente.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você tem a coragem de dizer que te presenteei com a minha camiseta favorita?

EU – Não, você me deu a camiseta que usava no dia que a gente se conheceu.

AQUELE QUE PODERIA SER – É a mesma.

EU – Continua o mesmo esnobe daquele dia.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não mesmo. Pode perguntar para qualquer pessoa, essa foi só a sua impressão sobre mim.

EU – A minha impressão sobre as suas atitudes.

AQUELE QUE PODERIA SER – Quais atitudes?

EU – Você agia como se fosse o centro das atenções. Olhava as pessoas de cima e não deixava ninguém se aproximar.

AQUELE QUE PODERIA SER – Tinha medo de quê?

EU – De você.

AQUELE QUE PODERIA SER – Impossível.

EU – Por quê?

AQUELE QUE PODERIA SER – Porque foi onde a gente se conheceu. Neste instante.

EU – Não.

AQUELE QUE PODERIA SER – Então quando foi?

EU – Quando você entrou pela porta, perdido, procurando alguém.

(Flash.)

AQUELE QUE PODERIA SER – Quando?

EU – Pela porta, perdido, procurando alguém.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não mesmo.

EU – A sua irmã. Procurava a sua irmã.

O OUTRO – Eu te contei isso, eu te contei que entrei na sala mais cedo naquele dia, te contei que procurava minha irmã

e que, se você estava lá, provavelmente me viu. Mas você não lembrava de ter me visto, pelo menos não naquela noite mais cedo, antes da esquina. Você criou essa memória.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não mesmo, eu lembro de você.

O OUTRO – Tem certeza?

EU – Tenho uma lembrança sim, vaga, mas lembro de alguém entrando pela porta da frente. Lembro que alguém entrou fazendo perguntas, procurando uma pessoa.

AQUELE QUE PODERIA SER – Por que eu tenho que ser esse “alguém”?

O OUTRO – Porque era você quem procurava, você procurava desesperadamente alguém. Então a gente se encontrou.

(Flash.)

EU – Naquela noite. A gente se encontrou. Na noite em que tudo aconteceu.

APOPTOSE

AVÓ – É curioso como funciona o corpo humano. Você já pensou sobre isso? Iniciamos de uma célula, uma única célula e viramos amora girino peixe macaco bebê. Nosso corpo

desenvolve os órgãos. Nascemos. O primeiro grito anuncia a contagem regressiva. Quatro patas dois pés. Chegamos no auge. Vocês já pensaram? Três pernas na idade avançada. Ainda tentamos desvendar o enigma da esfinge. Isso é a vida. Então o corpo entende que já está na hora de. E não responde mais às nossas vontades. A mão treme a perna treme tudo treme. Apoptose: o suicídio programado da célula. Aquela mesma. Já nascemos com prazo de validade. Nossa mente não acompanha esse processo. E nos apavoramos quando vemos dia a dia nosso corpo despedaçar. Despetalar. Como uma rosa que já foi pulverizada e dá lugar a outra que a substitui. Você já parou para pensar que o tempo está passando. Que o tempo é um deus que decide quem morre e quem vive? Eu vivi projetando o futuro e ainda não tinha me dado conta. Você já parou? Meu corpo se despedaça. Eu desfaleci. Dizem que no fim vemos o começo de tudo. Voltamos. Dizem que ficamos presos na última lembrança. Bom, “dizem”, assim sem sujeito, já que ninguém assume essa responsabilidade. Você conhece alguém que voltou para contar como é? Dizem que a gente olha para cima e tudo é branco. Tudo é neblina. Eu não parei. Então vem a lembrança. Aquela que nos aprisiona e nos conforta. Eu queria lembrar de nós reunidos. Eu com certeza lembraria de nós. E quando os vermes estiverem comendo o meu corpo. Desculpa falar uma coisa tão forte e dura e natural. Mas quando isso acontecer, quando eu me despedaçar. Vai ser bonito. Eu vou me transmutar em pequenas partículas. Pequenas partículas viajantes que vão continuar vivas conhecendo lugares que eu nunca fui antes. Eu ainda vou estar viva. Eu vou estar com vocês.

NA FLORESTA

AQUELE QUE PODERIA SER – Aceita uma cerveja?

EU – Claro. Você me ofereceu uma cerveja.

AQUELE QUE PODERIA SER – Sim, pega.

EU – Não agora. Aquele dia. À noite.

AQUELE QUE PODERIA SER – Ainda tentando lembrar?
Me fala da sua irmã.

EU – Não tive muito contato com ela. Ela era bem jovem quando fui embora. Eu.

AQUELE QUE PODERIA SER – Por que você foi embora?

EU – Eu fui.

AQUELE QUE PODERIA SER – Como era a sua mãe?

EU – Você faz tantas perguntas.

AQUELE QUE PODERIA SER – Estou tentando entender.
Estou tentando te distrair.

(Flash.)

EU – Quieta. Calma. Ela adorava cozinhar. Sempre fazia para mim peixe com salada de batatas. Estava sempre atarefada e cheirava a mel de abelhas. Minha infância cheirava a mel de abelhas. Por quê? Para onde você está me levando?

AQUELE QUE PODERIA SER – Mais para o fundo.

NO COMEÇO DA NOITE

(Eles trazem cadeiras de praia, suas falas devem ser um pouco sobrepostas umas às outras. O **OUTRO** e **AQUELE QUE PODERIA SER** se relacionam apenas com **EU**, ficando sempre à margem da cena.)

A MÃE – Vamos, senão chegaremos tarde.

A FILHA – Entraremos tarde no ano-novo?

O OUTRO – Bem a sua cara atrasar até para a virada do ano.

A MÃE – Trouxe as taças?

A VÓ – Servem essas?

EU – Trouxe as uvas?

A MÃE – Claro, são obrigatórias.

A VÓ – Uvas verdes para todos.

A FILHA – Para todas.

A MÃE – Estende a canga.

A FILHA – Eu não vou sentar no chão.

A MÃE – Trouxe cadeiras de praia também, abre uma para a sua avó.

AVÓ – Eu sento no chão.

O OUTRO – Não, senta na cadeira, melhor para você se levantar.

EU – Abre uma cerveja.

AVÓ – Me alcança também.

(O OUTRO põe a máscara e se transforma em LILICA.)

EU – O quê?

AVÓ – Uma cerveja.

(LILICA – Espero que tenham razão.)

A MÃE – Mãe, olha a pressão.

A FILHA – Está no *cooler*.

624 **AVÓ** – Não incomoda, hoje é dia de ano bom.

A FILHA – Abre o pote de mel.

A VÓ – Lilica, vem com a vovó.

(LILICA – Deu de beijo por hoje, velha.)

A MÃE – Cuidado pra ela não comer a comida da cesta. Olha aí.

(LILICA – Ai, não! PEIXE.)

A VÓ – Lilica, volta aqui.

EU – Devolva o peixe.

A FILHA – Perdemos um pedaço da ceia.

EU – Não tão perto do lago, assim vamos nos molhar.

A FILHA – Está com medo da água?

A VÓ – Não me joga água.

A MÃE – Para de nos molhar.

EU – A balsa já saiu.

A FILHA – Será que esse ano vai ser melhor?

(Entra AQUELE QUE PODERIA SER e tangencia a cena.)

EU – Não sei.

AQUELE QUE PODERIA SER – Pedi que o show de fogos demorasse mais tempo esse ano, na verdade cinco minutos mais.

A VÓ – Obrigado, senhor prefeito, foi um superinvestimento. Deveria se preocupar em acabar com o inseticida que estão jogando para matar as abelhas.

AMÃE – Mãe.

A VÓ – Verdade.

AMÃE – Hoje não, por favor.

EU – Hoje é dia de comemoração.

(LILICA – Será que vão notar se eu tomar cerveja?)

A VÓ – Tem razão, meu filho. Vamos comemorar. Abre mais uma cerveja.

EU – Um brinde a nós.

AMÃE – Lilica, não lambe a boca da vovó.

A VÓ – Cuida da sua vida. Vem, meu amor, me dá um beijo.

(LILICA – Só uma lambida.)

A MÃE – Cachorro transmite doenças.

A VÓ – Gente também.

A FILHA – Posso tomar uma taça?

A MÃE – Você é muito jovem.

A FILHA – Só hoje.

(LILICA – Ou duas lambidas.)

A VÓ – Deixa a menina, ela está enorme.

A MÃE – OK, só hoje.

AQUELE QUE PODERIA SER – A noite está linda.

(LILICA – Três.)

EU – A neblina dissipou um pouco.

AQUELE QUE PODERIA SER – Dá para ver o céu.

EU – Dá pra ver as estrelas.

AQUELE QUE PODERIA SER – Dá pra ver você.

A FILHA – Contagem regressiva.

A MÃE – Um brinde.

A VÓ – Antes um brinde.

(LILICA – Caralho, isso é muito bom.)

A MÃE – Agradeço por este momento, pela oportunidade de estarmos todas e todos aqui juntos hoje. É um privilégio reunir todo mundo aqui, nesse momento. A gente esperou tanto por isso. Esperamos tanto para estarmos todos juntos de novo. Se eu pudesse escolher um momento para tatuar no osso, para levar comigo, seria esse momento de encontro. Se eu pudesse escolher um momento para escolher viver de novo e de novo a cada dia, seria esse. Um brinde a.

A FILHA – 5.

UNS POUCOS – 4.

A FILHA – Desculpa te interromper.

TODOS – 3.

ALGUNS – 2.

A VÓ – Está chegando.

TODOS – 1.

A VÓ – Estoura a champanhe.

EU – É sidra barata.

A VÓ – Não. Hoje é champanhe. Vamos beber.

(LILICA – Acho que estou um pouco alta.)

A FILHA – Não me molha.

EU – Chuva de champanhe.

A FILHA – Meu cabelo vai feder a sidra barata.

AQUELE QUE PODERIA SER – Olha, começou o show de fogos.

(LILICA – Acharam que eu ia me assustar com os fogos?)

A MÃE – Uau.

AQUELE QUE PODERIA SER – Que lindo.

A VÓ – Meu deus.

(LILICA – Meu bem, vim preparada.)

EU – Que lindo o reflexo na água.

A VÓ – Esse foi forte.

(LILICA – Tampões de ouvido.)

A FILHA – Parece um polvo em cima do lago.

EU – Onde?

A FILHA – Em cima do lago.

A MÃE – Olha esse.

AQUELE QUE PODERIA SER – Uau.

(LILICA – A bebida não está batendo bem.)

A FILHA – Um clarão.

EU – Parece um flash.

A FILHA – Corta o céu.

AVÓ – O céu fica branco.

A MÃE – De onde eles estão surgindo?

(LILICA – Estou tonta com tanto flash.)

EU – Da balsa.

A FILHA – Lindo.

EU – O azul e vermelho.

AQUELE QUE PODERIA SER – Em cima das nossas cabeças.

AVÓ – Mais um.

A FILHA – Hora da tradição.

(LILICA – Acho que eu vou vomitar.)

A MÃE – Vamos, tem que molhar a uva no mel e fazer um pedido.

AVÓ – De mãe para filho.

A FILHA – Vai, vó, você começa.

(LILICA – Estou humilhada.)

AVÓ – Vai, minha filha, sua vez de fazer o pedido.

EU – Cuidado para não se afogar.

AMÃE – Desejo que venham dias mais doces, para todos nós.

(Ao longo da cena, eles repetem a tradição, A MÃE molha a uva no mel e dá na boca dos filhos, eles riem e comentam sobre os fogos de artifício. A cada novo estouro de luz, os vemos soltar gritos e gemidos de admiração e empolgação. A cena dura por um tempo.)

PASSO A PASSO

EU – Nossa, que linda essa floresta.

AQUELE QUE PODERIA SER – Está aqui há centenas de anos.

EU – Imagina que tudo isso um dia foi um brotinho.

AQUELE QUE PODERIA SER – Foi flor.

EU – Foi polinizada por abelhas, elas que construíram tudo ao nosso redor.

AQUELE QUE PODERIA SER – Disso você entende.

EU – Construção?

AQUELE QUE PODERIA SER – Não, de abelhas.

EU – É, pena que sou alérgico.

AQUELE QUE PODERIA SER – A abelhas?

EU – Muita sorte, né? Ser alérgico ao negócio da família. Eu sou. Eu sou alérgico ao negócio, muito provável que seja alérgico à família e com certeza alérgico a esse lugar.

(Flash.)

AQUELE QUE PODERIA SER – Por quê?

EU – Tudo você pergunta. É uma condição. É genética.

AQUELE QUE PODERIA SER – Sempre paciente. Nossa, sentia falta de todo esse verde?

EU – Qual? Da floresta?

AQUELE QUE PODERIA SER – Sim.

EU – Sabia que a floresta não é verde?

AQUELE QUE PODERIA SER – Acho que você bebeu cerveja demais.

(Flash.)

EU – Sidra.

AQUELE QUE PODERIA SER – Borracho.

EU – Estou um pouco alto. Sim. Pode ser que sim. Mas é sério, as plantas refletem a luz verde porque é a luz que não utilizam para fotossíntese, elas usam as ondas azuis e vermelhas, normalmente.

AQUELE QUE PODERIA SER – Espertas essas plantas.

EU – Por quê?

AQUELE QUE PODERIA SER – Decidem como querem se mostrar para o mundo. Não mostram aquilo que são, mostram aquilo que querem que a gente veja.

EU – É.

AQUELE QUE PODERIA SER – Vamos curtir.

EU – Você também bebeu muito.

AQUELE QUE PODERIA SER – Me fala, o que a gente faz agora?

EU – Acho que você bebeu demais.

AQUELE QUE PODERIA SER – A gente está só começando.

EU – Estou confundindo tudo.

AQUELE QUE PODERIA SER – Às vezes eu bebo e... Me arrependo das coisas que eu faço.

EU – Talvez eu queira que você se arrependa.

AQUELE QUE PODERIA SER – Tem certeza?

EU – Não. Sim. Não sei. Sim. O que pode dar errado?

NO APIÁRIO

A FILHA – Sua aparência está péssima.

A VÓ – Obrigada.

A FILHA – Por que voltou? Acha que as pessoas vivem errado e que é uma obrigação sua ensiná-las a viver?

A VÓ – Não.

A FILHA – Você é má.

A VÓ – Eu sou dura porque a vida me fez assim.

A FILHA – Eu não gosto de você.

A VÓ – Nossa, você é uma pessoa tão positiva.

A FILHA – Sou igual a você.

A MÃE – Olha como fala com a sua vó.

A FILHA – É como se falasse com um fantasma.

A MÃE – Quer ajuda pra se sentar?

A VÓ – Não.

A MÃE – Vou buscar a cadeira de rodas.

A VÓ – Vem, Lilica.

(LILICA – Sem papo, hoje não quero conversa.)

A FILHA – Como é?

A VÓ – A morte? Para mim é como um dia normal.

A FILHA – Você sente falta?

A VÓ – Dele?

A FILHA – Nem tudo é sobre ele.

A VÓ – De quê, então?

A FILHA – Da alegria, das risadas; de mais momentos felizes.

A VÓ – Eu sinto falta de um tempo em que eu não me esquecia de tudo, que eu não precisava de outra pessoa para me levar até para o banheiro. Sinto falta de não me preocupar com a falta de carros vindo buscar mel ou com o veneno que a cidade manda para matar nossas abelhas.

A FILHA – Talvez a vida fosse um pouco mais fácil se você não a tratasse tão mal.

A VÓ – Um dia você vai me entender.

636 **A MÃE** – Ela estava com a rodinha solta, mas já consertei.

A VÓ – Obrigada.

A FILHA – Estou com sede, vou pegar uma bebida.

A VÓ – Seu cabelo está solto, o grampo caiu.

A MÃE – Obrigada, vou arrumar.

A VÓ – Não, vem aqui. Deixa que eu arrumo.

A MÃE – Não precisa.

A VÓ – Senta aqui na minha frente.

A MÃE – Não precisa mesmo. Já consertei.

A VÓ – Só uma vez, me obedece. Senta.

A MÃE – OK.

A VÓ – Vou soltar seus cabelos.

A MÃE – Seus dedos são gelados.

A VÓ – Desculpa.

A MÃE – Não, eu gosto.

A VÓ – Eu queria poder sentir a textura dos seus cabelos.

A MÃE – Não sente mais?

A VÓ – Não.

A MÃE – Eu também não sinto muitas coisas mais.

A VÓ – Eu não vou te pedir desculpas.

A MÃE – Pelo quê?

A VÓ – Me escuta: Eu não vou pedir desculpas, mas quero que saiba que eu sinto muito. Eu vivi tantas coisas, passei por tantos problemas. Vivi acreditando que uma catástrofe era iminente. Vivi prevendo o futuro e esqueci de viver o presente. Eu fui dura com você, mas na verdade estava sendo dura comigo mesma, não me permitia errar. Eu me cobrava todos os dias. Eu era uma mulher sozinha e com uma criança, eu estava perdida. Eu capturei as abelhas, sozinha, sem quase nenhum conhecimento. Eu capturei a rainha e comecei o apiário, eu errei muito, aprendi com meus erros. Levei muitas ferroadas. Foi difícil para mim, já para você, não. Você nasceu no meio das abelhas, conhece cada colmeia, sabe de olhos fechados onde tirar cada tipo de mel. Você viveu a colmeia e elas eram mais seus familiares que nós mesmas. Você nos levou para outro nível, um que nunca imaginei chegar. Você nos exigia o máximo de dedicação todos os dias. Sempre foi difícil para nós, ainda mais difícil era ver o quão natural era para você. Seu cabelo cheira a mel de abelhas. Sei que fui egoísta, sei que muitas vezes não soube como falar com você ou tratar você ou amar você. Infelizmente eu queria ser diferente, mas foi assim

que aprendi. É como um ciclo que somos apenas uma parte, apenas uma peça. A abelha operária não é o que precisa ser, ela é o que a colmeia precisa que ela seja. Você nunca entendeu isso. Você é o que a gente precisa. Preciso dizer antes que seja tarde demais: nunca duvidei, só esqueci de te dizer o quanto acreditava em você. Você está linda.

A FILHA – Só encontrei cerveja, acabou a champanhe.

A MÃE – Você sempre fez tudo muito bem.

A VÓ – Não tão bem quanto você.

A MÃE – Eu não sei o que seria da gente sem você.

A VÓ – Você tomaria as rédeas e seria incrível.

A FILHA – Acho que vocês estão tendo um momento, vou me retirar.

A VÓ – Não, me traz uma cerveja também.

A FILHA – Ah é? Que novidade.

A MÃE – Você está bebendo?

A FILHA – Claro.

A MÃE – Você não deveria, nenhuma de vocês duas deveria.

A FILHA – Só hoje.

A MÃE – Nossa, nunca ouvi você dizer isso.

A VÓ – Aproveita enquanto há tempo.

A FILHA – Toma uma também.

A VÓ – É.

A FILHA – Relaxa um pouco.

A VÓ – Vem.

A FILHA – Você é sempre tão tensa.

A VÓ – É. Se deixa levar.

A FILHA – Faz a louca.

A VÓ – A vida é uma só.

A FILHA – Se deixa levar.

A VÓ – Bebe dança pula.

A FILHA – Passa mel no bico da teta.

A VÓ – Curte o momento.

A FILHA – Transa no mato.

A VÓ – Faz a louca.

A FILHA – Se deixa levar.

A MÃE – Só hoje.

A FILHA – Obaa.

A VÓ – Essa é a noite.

A MÃE – Não acredito que eu também disse isso.

A FILHA – *Hoy vamos ficar locas, chicas.*

A VÓ – *Trae una cerveza para Lilica también.*

A FILHA – *Claro, vieja.*

A VÓ – *Loca.*

A FILHA – *Bruja.*

(LILICA – Elas se adoram.)

A MÃE – Agora vocês falam espanhol?

A VÓ – *No.*

A FILHA – *Cállate, perra.*

AVÓ – *Vamos a beber y bailar toda la noche, putas.*

A FILHA – *Arriba.*

(Elas bebem e cantam. A música que dançam continua como base da próxima cena.)

DANÇAM AS ESTRELAS

AQUELE QUE PODERIA SER – Vou colocar uma música para você dançar.

EU – Eu não danço bem.

AQUELE QUE PODERIA SER – Vem, vai ser divertido.

EU – Não.

AQUELE QUE PODERIA SER – Dança. Dança comigo.

EU – Você não pode me dar um abraço, mas pode tirar a roupa e dançar comigo?

AQUELE QUE PODERIA SER – Agora é diferente. Culpa da bebida.

(Eles dançam, riem e bebem. Durante a dança, eles acabam se beijando, o clima fica estranho e tenso entre os dois e é encerrado pelo convite para nadar no lago.)

AQUELE QUE PODERIA SER – Vamos dar um mergulho no lago?

EU – Nesse frio? Não.

(Flash.)

AQUELE QUE PODERIA SER – Um mergulho?

EU – Não sei. Não. Sim. O que pode dar errado?

AQUELE QUE PODERIA SER – Acho que já é hora de fazer coisas loucas, nem vamos sentir o frio.

EU – Com essa neblina, a gente não vai conseguir enxergar nada.

AQUELE QUE PODERIA SER – Qual o problema?

EU – E se aparece alguém e rouba nossas coisas?

AQUELE QUE PODERIA SER – Aqui?

EU – É.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você sabe que não vem ninguém. É sempre bom viver uma aventura.

EU – E se aparece um barco e passa com a hélice por cima da gente?

AQUELE QUE PODERIA SER – Quanto drama.

EU – Pode acontecer.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você realmente está na profissão certa, é muito criativo.

EU – E se.

AQUELE QUE PODERIA SER – E se NADA. Noites assim são melhores para nadar pelado.

EU – Me convenceu.

(Eles tiram o restante das roupas e correm para o lago.)

TIRANDO O MEL

A FILHA – Não se mexe mais.

A MÃE – Você tem que resolver isso.

A FILHA – Não se mexe.

A MÃE – Você precisa ir ao médico.

A FILHA – Eu não saio de casa.

A MÃE – A gente tem que pegar a balsa.

A FILHA – Pra quê?

A MÃE – Pra ir ao médico.

A FILHA – Eu não vou sair de casa, eu não consigo.

A MÃE – Você precisa se esforçar.

A FILHA – Não se mexe mais.

A MÃE – Respira fundo.

A FILHA – Não dá. Tá faltando o ar.

A MÃE – Eu te avisei.

A FILHA – Agora não.

A MÃE – Você não se cuidou.

A FILHA – Por favor, agora não.

A MÃE – Você precisa se acalmar.

A FILHA – Não consigo.

A MÃE – Está quase na hora da balsa, você precisa se acalmar.

A FILHA – Eu não vou conseguir.

A MÃE – Que água é essa?

A FILHA – A bolsa.

A MÃE – Temos que resolver isso.

A FILHA – Como?

A MÃE – Vou pegar as luvas.

MAIS PARA O FUNDO

O OUTRO – A neblina aumenta e é impossível ver alguma coisa à frente. Eles saem do lago, caminham e vão para uma parte ainda mais afastada, onde só há árvores e tudo é neblina. Um coloca a mão no pescoço do outro. Um coloca a mão no pescoço do outro. Um coloca a mão no pescoço do outro e aperta com toda a força.

EU – Você está me machucando.

AQUELE QUE PODERIA SER – Você sempre gostou disso.

EU – Está um pouco forte demais.

AQUELE QUE PODERIA SER – Aguenta.

EU – Me solta, eu não estou confortável com isso.

AQUELE QUE PODERIA SER – Quietos.

EU – Me larga.

AQUELE QUE PODERIA SER – Não foi assim.

O OUTRO – Como foi então? Como foi?

(EU e O OUTRO trocam de lugar.)

EU – Ele leva o homem para o meio da floresta. Leva o Outro. Eles bebem, conversam. Ele estica a mão para tocar no Outro. Ele quer tocar, ele quer sentir o Outro. Quer sentir o cheiro, a textura da pele. Ele quer. Ele não conhece outro jeito. Ele coloca as suas mãos em volta do pescoço do Outro. Ele aperta com tanta força que quase me deixa desacordado. Eles faziam isso, já tinham feito, acho que já tinham feito, quer dizer, não lembro direito. Hoje é diferente. Hoje é animalesco. Ele arranca seu cinto e prende as mãos do Outro. As minhas mãos. Ele prende enquanto tapa a boca. A neblina impede que o Outro eu veja alguma coisa. Flash. Eles brigam, uma luta corporal. O Outro eu corre e vê um farol de carro na estrada ao longe. Flash. Tento gritar, mas a voz não sai, a boca está tapada. O Outro eu corre e tropeça. Ele vem correndo com fúria, com ódio nos olhos. Ele pula em cima de mim e amarra minhas pernas. Ele tem ódio no

olhar. Ele me amarra, o Outro eu, e consigo ver as estrelas em forma de polvo no céu. Flash. Tudo é azul. Ele rasga a minha roupa. E enfia seu dedo dentro de mim, depois dois, quatro, a mão, o punho. Ele enfia o braço inteiro dentro de mim. *Fist-fucking*, ele diz. Ele enfia até o cotovelo. Eu não quero. Um filme pornô barato. Um desejo reprimido. Programado. Ele sente prazer e dor. O Outro eu pede para parar. Eu peço para parar. Eu grito “Para”, ele não para. É só assim que ele sabe amar. Aprendeu nos filmes que via escondido. Ele bebe cerveja, a famosa cerveja da garrafa verde. A garrafa de vidro. Ele quebra a garrafa e. Ele quebra a garrafa e. Ele quebra a garrafa e enfia dentro de mim. O vidro me corta por dentro. Ele quer me cortar. Ele enfia de novo uma duas três. Ele enfia a garrafa em mim como se quisesse me dividir em dois três. Ele me divide em três. Ele enfia a garrafa porque me ama. Ele enfia a garrafa porque sente ódio de me amar. Ele me machuca como se machucasse a si mesmo. Ele enfia a garrafa como se quisesse tirar algo de dentro de mim. Ele sente ódio de si mesmo. Ele sente ódio do mundo. Eu sinto ódio do mundo. Ódio desse lugar. Ele sangra, eu sangro. Eu olho pro céu. Neblina. Estrelas. Polvo. Meu sangue escorre pela terra desse lugar. A água molha o sangue seco. Eu descubro o cheiro do sangue. Esse lugar nunca vai ser o mesmo. Flash. Ele chora, eu choro. Ele não entende o que fez. Eu não entendo. Ele pensa nela. Tem o bebê. Eu sou ele e ele sou eu. O tempo para. Eu fecho os olhos. A água, o polvo, o fundo do mar, a pressão, o frio. Eu vejo o azul e o vermelho. Flash. Ele não está mais lá. Eu caminho cambaleando. Eu vou embora porque aqui não é seguro. Eu vou embora porque não há lugar seguro.

GELEIA REAL

(EU em uma versão levemente infantil.)

A MÃE – Vem, faz força. O que houve?

EU – Nada.

A MÃE – Me fala.

EU – Não.

A MÃE – Você está sangrando.

EU – Não houve nada.

A MÃE – Seu joelho está sangrando.

EU – Não.

A MÃE – Senta aqui. Está sangrando sim. Vem que vou fazer um curativo. Me conta o que aconteceu ou não aconteceu.

EU – Foi uma longa caminhada até aqui.

A MÃE – Só isso?

EU – Não foi nada.

A MÃE – Se não fosse nada, você não estaria sangrando. Foram os garotos da escola?

EU – Eu chutei a bola e caí. A bola ficou toda suja e eu tive que limpar. Eu limpava a bola e tirava o sangue seco com água. À medida que a água tocava na bola, subia aquele cheiro de sangue. Foi quando eu descobri qual cheiro tem o sangue.

A MÃE – Mesmo? Olha pra mim. Não abaixa a cabeça. O que foi então?

EU – Por que as coisas são assim? Por que as pessoas machucam a gente?

A MÃE – As pessoas nos machucam porque veem na gente aquilo que elas não gostam nelas mesmas.

EU – Dói.

A MÃE – Vai doer.

EU – Ai.

A MÃE – Eu avisei.

EU – É sempre assim?

A MÃE – Doído? Nem sempre. Passa.

650 **EU** – Eu queria poder esquecer.

A MÃE – Infelizmente não pode.

EU – Eu não lembro direito o que aconteceu. Talvez nem tenha sido assim. Talvez não tenha sido desse jeito ou nessa ordem. Talvez não tenha sido tão violento, mas foi como eu me senti.

A MÃE – Quando?

EU – Em algum lugar nesse meio-tempo. A cada dia, a cada piada, a cada soco. Eu me senti violentado.

A MÃE – Eu gostaria de te dizer que passa rápido. Gostaria de te dizer que eu vou estar sempre por perto para resolver as situações, mas nem sempre eu vou. Você precisa ser forte. Não é amanhã que você vai esquecer. Talvez não seja depois de amanhã. Nem depois. Talvez lembre todos os dias. Eu não posso te dizer que vai ser fácil daqui pra frente. Só posso te dizer que eu vou estar sempre aqui. Curativo pronto.

EU – Dói.

A MÃE – Eu sei. Lembra quando você ficava inchado quando era picado pelas abelhas? Demorou muito para descobrirmos que você era alérgico. Você se coçava e sentia dores. A gente tirava os ferrões com pinça e você não aguentava a dor. Você era alérgico à gente. Então descobrimos a injeção, aquela picadinha mágica e tudo melhorou. A mesma picada que te fazia adoecer passou a te deixar mais forte. Vai passar. Toma.

EU – O que é isso?

A MÃE – Um pouco de geleia real. É especial, a melhor que existe. Só a rainha pode ter.

EU – Gostosa.

A MÃE – Só pra você. Agora vem, me dá um beijinho de esquimó.

EU – Que engraçado, como é isso?

A MÃE – A gente esfrega um nariz no outro. Assim. Os esquimós se cumprimentavam com o nariz, já que era a única parte do corpo que não estava coberta no frio.

EU – Faz cócegas.

A MÃE – Sim.

EU – E agora?

A MÃE – Agora eu preciso que você nade.

NA Balsa

EU – Eu coloco minhas mãos no ferro que me separa da imensidão azul. O nevoeiro me impede de olhar mais adiante. Não tem estrelas, nem céu, nem mar. Só a névoa. O frio congela as minhas mãos, unhas, cabelos, nariz ou boca. Congela qualquer parte exposta, nua. Eu vejo alguém me chamar, me

debruço sobre o ferro. O nevoeiro me impede de ver quem está do outro lado. Eu vejo alguém no azul. Eu olho o reflexo na água. O nevoeiro aumenta. Eu procuro fascinado a voz que me chama. Eu procuro de dentro da balsa como Ulysses se encanta pelo canto da sereia. Me jogo para frente, subo mais alto. Eu vejo. Eu o vejo. Com um olhar de estranhamento, ele me olha de volta. Quem eu vejo não sou eu, é o Outro. O Narciso que se encanta pelo reflexo na água. Esquece que entre eu e o outro existe a água. Um pé em falso. O frio. O nevoeiro. O grito. Homem ao mar. O homem sou eu. Homem é o Outro. O Homem que poderia ser. Tudo é azul. Eu submerso. Neblina.

A CAIXA DE SAPATOS

A FILHA – Por que você está com os pés sujos de terra?

A MÃE – Estava trabalhando.

A FILHA – Por que não usa sapatos?

A MÃE – Como está?

A FILHA – Tudo pronto.

A MÃE – Perguntava de você.

A FILHA – Levando.

A MÃE – Onde ele está?

A FILHA – Aqui, na caixa de sapatos.

A MÃE – Ele é tão pequeno.

A FILHA – É tão bonito.

A MÃE – Ele é tão perfeito.

A FILHA – Olha as mãozinhas.

A MÃE – Enrugadinhas.

A FILHA – Ele tem até unhas.

A MÃE – E a boca perfeita.

A FILHA – E os olhos fechados.

A MÃE – Parece com ele.

A FILHA – Parece com o pai.

A MÃE – Parece com meu filho.

A VÓ – Pra mim tem cara de joelho.

A FILHA – A senhora não estava morta?

AVÓ – Tenho que trabalhar para pagar o enterro. Morrer é caro.
E eu sou uma velha, eu sou uma velha. Senhora é a sua mãe.

A FILHA – Eu não tenho forças para brigar com você agora.

AVÓ – Vem, me dá a sua mão. Eu vim para que a gente faça isso juntas. Nem sempre fomos as melhores amigas, mas posso imaginar o que você está sentindo.

A FILHA – Ninguém consegue.

AMÃE – Está pronta?

A FILHA – Sim.

AMÃE – E assim nós vivemos os dias das nossas vidas. Minha mãe alimenta as abelhas. Eu tiro o mel e minha filha cuida das vendas. Ela faz tudo pelo computador, o que não parece realmente ser um trabalho. Somos as únicas aqui. Todos os dias são assim. Acordamos e sabemos o que temos que fazer. Todos os dias são iguais. Faz frio e a neblina impede que a gente veja muita coisa. Às vezes para um carro, vemos pela luz do farol. Ele para, compra um pouco de mel e vai embora. A vida é doce aqui. Ontem eu saí, fui até o centro da cidade ver a balsa chegar. Achei que você pudesse estar nela. Eu sempre acho. Eu espero. Um dia você vai voltar.

A FILHA – Ele vai voltar.

AVÓ – Eu sei que ele vai voltar.

A MÃE – Ele volta.

A FILHA – Eu espero que ele volte.

A MÃE – Um dia ele vai voltar.

A VÓ – Eu quero que ele volte.

A FILHA – Ele vai voltar.

A VÓ – Eu espero.

A MÃE – Volta.

A VÓ – Ele volta.

A FILHA – Ele vai escrever um final diferente.

A MÃE – Ele.

(Elas colocam os capacetes da roupa de trabalho do apiário e dividem um guarda-chuva em formato de polvo. Chove muito. Enterram a caixa de sapatos na areia vermelha.)

Fim.



Véspera

FERNANDA STEFANSKI

Personagens

OFÉLIA
FANTASMA

1. VÉSPERA

(Penumbra

No fundo do palco há uma parede de azulejos brancos e brilhantes.

Em frente à parede está uma pequena mesa com peças de um *micro system* desmontado. O modelo é antigo e está fora de linha – foi um lançamento de 1994.

Atrás da mesa está a silhueta de uma pessoa não identificável, o FANTASMA, que realizará o concerto do *micro system* ao longo de toda a ação do espetáculo.

Tempo.

OFÉLIA entra em cena usando pijamas e um par de chinelos muito maiores que seus pés. Seu cabelo está bagunçado e preso em bobes. Ela arrasta uma mesa até um canto do palco e cobre a

mesa com uma toalha de festa bufante cor-de-rosa. Uma espessa nuvem de pó se desprende da toalha enquanto ela faz os ajustes. Em seguida, coloca na mesa diversas taças de vidro, um vaso com flores secas, um vestido de festa bufante cor-de-rosa e um par de saltos. Toalha de mesa, vestido e sapatos são exatamente da mesma cor. Traz uma geladeira e confere seu interior, que está abarrotado de frascos de vidro com um líquido vermelho. Pega alguns frascos e preenche as taças que estão na mesa. Finaliza a arrumação do ambiente trazendo uma privada, uma banheira com água, uma TV, uma balança de chão e um pequeno armário de parede com espelho. Pendura o armário na parede de azulejos. Dentro dele estão um batom vermelho, uma pinça, um rímel, um frasco de laquê e um teste de gravidez. Em frente ao espelho, retoca o batom, o rímel e tira pelos do queixo com a pinça. Aplica uma camada excessiva de laquê nos cabelos. Escreve um recado no espelho com o batom. Ela aciona um interruptor e fitas LED se acendem no chão, revelando a planta baixa de um apartamento. Pega um celular e faz uma ligação.

Tempo.)

OFÉLIA – Alô?

(O FANTASMA deixa cair uma peça do *micro system* no chão.)

OFÉLIA – Que barulho é esse? (Pausa.) Eu estou te esperando pra cortar o bolo. (Pausa.) Você vem?

(Som prolongado de parada cardíaca.)

2. O RESTO É SILÊNCIO

(Penumbra.)

OFÉLIA está sentada na privada com o vestido de festa e a calcinha abaixada. Ela olha fixamente para o celular que ilumina seu rosto, enquanto segura um teste de gravidez.)

OFÉLIA (Para o público.) – Isso já aconteceu! Exatamente assim: eu, vinte e cinco anos atrás, escondida no banheiro, na véspera da minha festa de quinze anos. Eu tinha mandado um convite pessoal e intransferível para cada uma das pessoas que eu mais (Confere o celular.) amava.

(OFÉLIA tenta fechar o vestido, mas está apertado e o zíper não fecha.)

OFÉLIA – Eu convidei uma pessoa que obviamente não está aqui. Toda festa tem a pessoa ilustre que a gente espera. Às vezes todo mundo espera com a gente, mas, na maior parte das vezes, a gente espera em segredo.

(Ela confere o celular.)

OFÉLIA – Vou aproveitar que estou aqui para fazer uma pergunta íntima: hoje de manhã, quando você estava no banheiro, o que você estava fazendo? (Pausa, esperando resposta.) Eu estava organizando os preparativos da minha festa de

quarenta anos. (Tenta fechar o zíper.) Eu vou ser honesta com vocês, essa festa que eu estava preparando era para essa pessoa ilustre, que eu não sei se vem ou não vem.

(Ela confere o celular.)

OFÉLIA – Essa foi a última vez que eu conferi o celular.

(OFÉLIA joga o celular contra a parede de azulejos e quase acerta o FANTASMA, que permanece consertando o *micro system*.)

OFÉLIA – Eu não tinha celular na véspera da minha festa de quinze anos. Eu só existia e ponto. (Tenta fechar o zíper.) Minha menstruação ainda não desceu. (OFÉLIA aperta seus mamilos com força.) OK. Está doendo. (Pausa.) Calma, você não está perdida. Você continua com capacidade de raciocínio. Vai descer. (Para o público.) Alguém sabe que horas são?

(OFÉLIA realiza o teste de gravidez.)

OFÉLIA – Ontem, quando eu estava com insônia, resolvi terminar de editar a Wikipédia da Ofélia e do Hamlet. Eu amo (Corrige.) amava o Hamlet. Na Wikipédia tem mais de oitenta parágrafos sobre ele e três sobre a Ofélia. (OFÉLIA vai até a balança e se pesa.) Dizem que Ofélia foi inspirada em uma moça que morreu na véspera de seu aniversário de quinze anos: Katherine Hamlet. Supostamente essa moça, numa noite de 1579, à beira do Rio Avon, estava carregando muito peso, perdeu o equilíbrio, caiu no rio e, em profunda solidão, morreu afogada. Uma outra fonte diz que, na verdade,

ela tinha acabado de sofrer uma desilusão amorosa, caiu em profunda melancolia e se matou.

(OFÉLIA escolhe alguém do público e pede ajuda para fechar o zíper de seu vestido.)

OFÉLIA – Desde a minha festa de quinze anos, todos os meses eu guardo o sangue da minha menstruação para tentar reconfigurar, restabelecer, restaurar, reparar, reabilitar, reconstruir, restituir, reequilibrar a memória uterina da Ofélia, ou da Katherine, sei lá. Aliás, qualquer pessoa pode facilmente editar qualquer artigo da Wikipédia. Basta clicar no *link* “Editar”, que está na parte superior ou na lateral de cada seção da página, para que ela seja modificada, ou então clicar em “Discussão” e em seguida em “Editar código-fonte” para escrever na página de discussão correspondente. Mas, por favor, isso é importante: tem que usar um ponto de vista neutro e também citar as fontes de forma que outras pessoas possam verificar e complementar o trabalho. Segundo o princípio da imparcialidade da Wikipédia, os artigos devem ser imparciais, ou seja, devem ser escritos em uma forma com a qual ambos ou todos os lados envolvidos possam concordar com ele.

(O FANTASMA vai até a coxia e faz bastante barulho enquanto procura algo.)

OFÉLIA – Os artigos devem representar as diferentes visões sobre um assunto, incluindo-as e definindo claramente onde há conflitos e quais são os lados da disputa. Por exemplo, num artigo sobre o aborto, (Barulho na coxia.) Shakespeare

escreveu o que uma mulher pensa de si mesma. Será que ele poderia? Poderia conhecer seus pensamentos mais íntimos? Alguém poderia? Dá pra entender? (Mostra.) Aqui temos a água, OK, OK? Aqui temos a mulher, OK, OK? Se a mulher vai nessa água e se afoga, não interessa se quis ou não quis. Ela foi, percebeu? Agora, se a água vem até a mulher e a afoga, ela não se afoga. Então, quem não é culpada da própria morte não encurta a própria vida. (Pergunta.) Já se passaram três minutos?

(O FANTASMA volta da coxia e continua o concerto do *micro system*.)

(OFÉLIA confere o teste de gravidez. Sai da privada e o posiciona delicadamente no chão ao lado da banheira. Pega mais alguns frascos com líquido vermelho da geladeira. Derrama o líquido ao redor da privada e da banheira. Joga uma toalha de banho na poça vermelha no chão. Posiciona o celular quebrado no chão ao lado da banheira. Arremessa o líquido vermelho contra a parede de azulejos e quase acerta o FANTASMA. OFÉLIA tira o vestido e o deixa no chão ao lado da toalha. Espalha o que restou do líquido vermelho entre as pernas. Acende uma luz ultravioleta que revela as manchas vermelhas em todo o ambiente, como em um efeito luminol. Vai até a balança e se pesa. Ela permanece imóvel.)

OFÉLIA – Eu preciso sair desse banheiro antes que seja tarde.

(Som prolongado de descarga.)

3. PALAVRAS PALAVRAS PALAVRAS

(Penumbra.

A TV ao lado da banheira está ligada, exibindo um trecho do filme *À Meia-Noite Levarei Sua Alma*, de Zé do Caixão, lançado em 1964.

Ouve-se na TV o seguinte trecho do filme: “O que é a vida? É o princípio da morte. O que é a morte? É o fim da vida. O que é a existência? É a continuidade do sangue. O que é o sangue? É a razão da existência”.

A partir de agora as ações de OFÉLIA serão captadas por câmeras de segurança posicionadas em todo o ambiente e transmitidas ao vivo na parede de azulejos ao fundo. Há sempre um *delay* de vinte segundos que gera um descompasso entre a ação e a imagem projetada.

OFÉLIA está nua e inerte na banheira, mergulhada no líquido vermelho. Ela olha fixamente para o teto. Seus cabelos estão soltos e molhados, e uma perna e um braço pendem para fora da banheira, como se ela tivesse sido interrompida ao tentar sair dali. No chão, ao lado da banheira, estão vários papéis e um Jogo da vida¹³.

OFÉLIA segura um celular sugerindo que falava com alguém momentos antes.

13. Jogo de tabuleiro da Estrela, famoso nos anos 80.

Tempo.

O filme é interrompido pela vinheta do Plantão da Globo. Segue-se uma edição de reportagens sobre os principais acontecimentos políticos do Brasil nos últimos 25 anos. A última notícia é o discurso de despedida da presidenta Dilma Roussef. OFÉLIA subitamente senta-se na banheira. Ela tira o som da TV.)

OFÉLIA (Para o público.) – Todo dia eu acordo às três horas da manhã. Todo dia. Isso já faz um tempo. E eu sempre dormi muito bem em qualquer lugar. Não importava: ônibus, avião, barco, moto, rua, praça. Andando, a pé, em pé, acordada, nas festas. Eu dormia nas minhas próprias festas, as pessoas me carregavam como naquele filme *Um morto muito louco*. E aquela pessoa ilustre – que já está no passado – costumava me dizer que eu tenho uma capacidade maravilhosa de adormecer os ambientes. Um amigo, o Fernando, que é massoterapeuta, falou que a minha insônia é por causa de uma obstrução energética no meridiano do pulmão, que gera tristeza. (Corrige.) Não! A tristeza é que gera uma obstrução energética no meridiano do pulmão. Enfim, é isso: eu estou com desequilíbrio do elemento madeira, que tem a ver com rancor ou raiva guardada, e eu deveria ligar para aquela pessoa ilustre e saber de uma vez por todas (Interrompe.) porque faz vinte e cinco anos que estou remoendo isso e esperando uma resposta. É por isso que toda noite eu acordo na hora do demônio. É sério isso, gente. Vocês podem observar, em todos os filmes... (Interrompe.)

OFÉLIA – Olha como eu sou! (OFÉLIA observa sua imagem projetada.) Como eu exagero a vida! (Para o público.) Que horas são? Já estou há quase uma hora sem o celular. (Pega o celular quebrado e enrola na toalha ao lado da banheira.) Eu faço isso senão eu fico com um assombro de que todas as pessoas estão ouvindo o que eu estou falando delas. (Observa sua imagem na projeção.) Esse horário diabólico das três horas da manhã é também um horário místico, um horário de abertura de portais. Porque Jesus Cristo morreu às três da tarde, então supostamente o seu oposto complementar, que seria Lúcifer, o Senhor das Trevas, está associado a esse horário das três da manhã.

(OFÉLIA sai da banheira e vai até a mesa. Pega uma das taças com líquido vermelho e bebe.)

OFÉLIA – Ah, tem aquele filme, superimportante, do Buñuel, *O anjo exterminador*, em que uma mulher acorda de um pesadelo terrível às três da manhã, vê uma mão decepada caminhando sozinha e, desesperada, espeta essa mão com uma faca. Tem aquele outro também: *A convocação do mal*. Eu acho que é alguma coisa assim.

(OFÉLIA volta para a banheira.)

OFÉLIA – Eu achei que estava louca e repetia em todas as sessões de psicanálise a mesma frase: “Eu vou enlouquecer, eu não consigo dormir”. E o Zé – meu psicanalista – que inclusive jurou que estaria na minha festa hoje... (Interrompe.) Aliás, hoje ainda é hoje ou hoje já é amanhã? (Observa sua imagem

na projeção.) O Zé me falava em todas as sessões que eu estou sofrendo de (Soletra.) D-e-s-a-m-p-a-r-o. Desamparo. Ou seja, no momento em que meu corpo deveria começar a relaxar, é como se o meu cérebro falasse: “Não! Você tem que acordar! Alerta! Sempre alerta!”. É como se eu estivesse presa em um ciclo vicioso de melancolia, insônia e delírio. Uma vigília eterna, sabe? Um estado constante de vigília que não me deixa morrer.

(OFÉLIA mergulha na água da banheira e fica submersa o maior tempo possível.

O FANTASMA vai até a coxia.

OFÉLIA emerge, retomando o fôlego com violência.)

OFÉLIA – Vocês ouviram um celular tocar? Eu tenho certeza que eu ouvi meu celular tocar.

(OFÉLIA começa a zapear os canais da TV. Ela para em um canal. É uma apresentação da cantora Whitney Houston cantando “I will always love you”. Depois de alguns segundos, OFÉLIA tira o som da TV.)

OFÉLIA – Eu estou na reta final de um processo de autoajuda importantíssimo pra arrancar esse (Soletra.) d-e-s-a-m-p-a-r-o pela raiz. Aqui estão todas as notas fiscais das compras que eu fiz em mercados e farmácias nos últimos tempos. (Mostra os papéis para o público.) Eu uso na *Corrente da Prosperidade*, do Deepak Chopra. Você tem que anotar atrás de

cada nota a frase: “Cada investimento que eu faço em mim mesma voltará sete vezes mais”. Depois eu guardo embaixo do travesseiro por sete dias. Isso me dá segurança. Junto com as notas, eu coloco essa carta que eu escrevi para mim mesma na véspera do meu aniversário de quinze anos: (Lendo.) “Quem sou eu? Se a gente pudesse viver todos os dias como sendo apenas um, quase sempre eu imagino como seria se não tivesse essa divisão de dias, meses, anos, e que todo esse tempo, desde quando eu nasci até hoje, fosse apenas um dia. Que loucura! Tudo aquilo de bom que me aconteceu teria sido hoje. O problema é que eu não ia querer me lembrar de certas coisinhas. Passado é passado. Quando vou aprender a me livrar dele?” (Pausa.) Vou fazer uma pergunta íntima: onde vocês estavam quando Katherine Hamlet se matou?

(OFÉLIA sai da banheira e pega o Jogo da Vida. Vai até a boca de cena e senta-se no chão. Ajusta a toalha formando um ninho ao seu redor.)

OFÉLIA – Eu queria estar pequena. No meio dos meus pais. (Demonstra.) Eu aqui, meu pai aqui, vendo jogo do Palmeiras, e minha mãe aqui, fazendo tricô. Eu costumava fazer um muro de proteção (Ajeita a toalha.) pra brincar. Tinha bonecas. Eu construía sofazinhos, caminhas. Isso era tão maravilhoso. E eu aqui, brincando de amores-perfeitos. (Brincando sozinha.) Antes de me atracar, você prometeu casar. Ele responde: pelo sol, eu o teria feito se não fosses ao meu leito.

(O FANTASMA volta da coxia com um CD.)

OFÉLIA – Dizem que a coruja era filha do padeiro. Nós sabemos o que somos, mas o que seremos?

(OFÉLIA mostra a capa da caixa do jogo para o público.)

OFÉLIA – O Jogo da Vida. Alguém aqui já jogou esse jogo? (Lendo a caixa.) “Jogo da Vida: uma disputa emocionante em busca do sucesso”. (Abre a caixa.) Esse jogo é muito revelador. Primeiro, porque ele tem uma régua de intensidades. Se você está feliz: de 1 a 10. Se você está triste: de 1 a 10. Se você está com grana: de 1 a 10. Se você está com sono: de 1 a 10. Enfim, uma vida de 1 a 10. Aqui estão as regras que eu já decorei. (Mostra.) É como eu jogo toda noite, já tem um caminho marcado no tabuleiro, um caminho de sorte ou revés.

(O FANTASMA testa o aparelho. Som alto de chiado, seguido de um estouro.

OFÉLIA gira a roleta do jogo.)

OFÉLIA – E atenção: gire a roleta e receba mil vezes o número sorteado. Cada participante recebe uma grana para poder entrar no Jogo da Vida (Mostra.) e pode escolher que carro quer ter. Porque é isso mesmo, logo de cara a pessoa já entra na vida com um carro. Cada dia eu escolho uma cor diferente. Hoje eu vou escolher de novo o vermelho. Já vou aproveitar para dar um *spoiler*: em algum momento desse jogo, eu vou me casar e ter filhos e, de acordo com o jogo, é assim...

(OFÉLIA monta seu carrinho vermelho, colocando os pinos que simbolizam sua família.)

OFÉLIA – Eu sou esse pino rosa, que se casa com o pino azul e tem dois filhos, um casal: azul e rosa.

(OFÉLIA olha para o seu carrinho e para o tabuleiro.)

OFÉLIA – Amanhã é São Valentino e bem cedo eu, donzela, pra ser tua valentina, estarei em tua janela. E ele acorda e se veste e abre o quarto pra ela.

(O FANTASMA coloca uma fita cassete no *micro system*. Ouve-se uma gravação de OFÉLIA.)

OFÉLIA (Voz.) – ...eu amei o presente que você me deu! Vou jogar toda noite e marcar as casinhas que eu quero parar: todas as casinhas de “dia pagamento” e “hoje é seu aniversário receba os presentes”. Eu pulei a casinha “doação para um convento”. (Gargalhada.) Até a gente se ver de novo, eu vou estar rica, com uma fortuna de 3.741.000 reais...

(O FANTASMA interrompe a gravação.)

OFÉLIA – É isso que eu achei que seria. (Pausa.) Uma menina que ganha uma moeda falsa e acha que é dinheiro de verdade. (Pausa.) Os bonequinhos, um casal de filhos, um casal. (Pausa.) Se vê a donzela entrando, não se vê sair donzela.

(Ofélia observa sua imagem na projeção.)

OFÉLIA (Perguntando ao público) – Quanto tempo faz que isso começou? Que estamos aqui? (Aguarda a resposta.)

(OFÉLIA pega o celular e liga-o.)

OFÉLIA – Só consigo aguentar até agora. Alô?

(Som prolongado de chamada telefônica.)

(Áudio em *off* de um recado na caixa postal.)

OFÉLIA – Tenho comigo umas lembranças suas que eu queria muito te devolver. Já faz vinte e cinco anos, por favor, aceite agora. O perfume acabou. Eu realmente cheguei a acreditar em você. Tanto maior meu engano. Palavras, palavras, palavras.

4. EU TE AMEI, UM DIA

(Penumbra.)

As ações de Ofélia continuam sendo transmitidas ao vivo na parede de azulejos. Sempre com um *delay* de vinte segundos que gera um descompasso entre a ação e a imagem projetada.

Ofélia entra em cena usando o vestido de festa com zíper aberto e sujo de sangue e o par de chinelos muito maiores que seus pés. Seu cabelo está penteado.

Ela organiza o espaço com pressa extrema: retira a privada, a banheira e a balança; ajeita a mesa, o vaso de flores secas e as taças com líquido vermelho sobre a mesa; tenta limpar o líquido vermelho do chão e da parede; joga os frascos que restam na geladeira dentro da privada; esconde os últimos objetos e roupas que restam no espaço; retoca o batom e o rímel no espelho e tira pelos do queixo com a pinça; aplica uma camada excessiva de laquê nos cabelos e termina o penteado; limpa o sangue que está entre as pernas e apaga o recado no espelho com o batom.)

OFÉLIA (Para o público.) – Alguém aqui fala inglês? Eu queria saber o que significa a palavra “*nursery*”, porque vinte e cinco anos atrás ele me mandou ir pra uma *nursery*.

(Ela aciona um interruptor e luzes de festa iluminam todo o ambiente.)

OFÉLIA (Para as várias câmeras de segurança.) – Vinte segundos, é isso? Meu silêncio vai levar vinte segundos pra chegar até você. Aqui na solidão do meu agora, você ainda está vinte segundos atrás, porque existe esse tempo, essa distância da solidão do meu agora que já não é mais. Já não é mais. Sempre esses vinte segundos entre a gente, né? (Pega o vaso com flores secas.) Esse é um rosmaninho, que serve para lembrança. Eu te peço, amor, não esquece. E aqui, amores-perfeitos, que são pros pensamentos. Funchos e aquileias pra você. Arruda pra você, pra mim também alguma coisa – vamos chamar de flor da graça dos domingos. (Mostra o par de chinelos.) Eu guardei isso desde aquela noite, lembra? Eu tinha decidido morrer hoje de manhã. Só pra ver você se jogar no meu

túmulo e dizer que me amava. Mas eu desisti. (Calça o sapato de saltos.) Ah! Tem que usar a sua arruda de modo diferente. Eis uma margarida. Gostaria de lhe dar algumas violetas, mas murcharam todas quando você morreu. Você não vem? Não, não, você está morto em leito de paz e conforto. Não vem nunca mais. Foi embora, foi embora, é inútil chorar. (OFÉLIA aperta seus mamilos com força.) OK, OK. Está doendo. (Pausa.) Calma, você não está perdida. Você continua com capacidade de raciocínio. Vai descer. (Para o público.) Alguém sabe que horas são?

(OFÉLIA tira uma camisinha de dentro de sua vagina. Dentro da camisinha há um pequeno pedaço de papel.)

OFÉLIA (Levantando a camisinha.) – Vem minha carruagem! Boa noite, senhoras. Boa noite, amáveis senhoras. Boa noite. Boa noite. A roda da Fortuna gira assim. Sem praguejar, eu termino: eu espero que você escute essa mensagem, Hamlet (Lê o que está escrito no papel.) “Eu te amei, um dia”.

(OFÉLIA sai de cena. A projeção continua em *delay*, com a ação que OFÉLIA acabou de fazer.)

(O FANTASMA coloca uma música de sucesso nas pistas de dança dos anos 90, “What is Love?”, de Haddaway, no *micro system* e corre para a frente do palco no exato momento em que a projeção mostra OFÉLIA tirando uma camisinha de dentro de sua vagina. O FANTASMA está vestido com um traje completo de príncipe de festa de quinze anos e segura um crânio em uma das mãos. É HAMLET.)

HAMLET – Ofélia! Consegui consertar!

(HAMLET observa a imagem de OFÉLIA na projeção.)

HAMLET (Para o público.) – Tá rolando ainda? A valsa já foi?
Já cortaram o bolo?

(Pega um celular e faz uma ligação.

Tempo.)

HAMLET (Gravando um recado na caixa postal.) – Ofélia. Desculpa. Perdi, acho.

(Tempo.

HAMLET pega a camisinha que está no chão. Liga novamente para OFÉLIA.)

HAMLET (Gravando outro recado na caixa postal.) – Ofélia. Alô?
Desculpa... Tava tentando te ligar.

(Na parede de azulejos ao fundo, a imagem de uma das câmeras de segurança revela o recado em batom no espelho: “O resto é silêncio”.)

(Som de objeto se espatifando.)

BLACKOUT

 **Teatro Popular do SESI**

SESI-SP editora

Coordenação editorial

Glauce Perusso Pereira Dias Muniz

Edição

Caio Felipe Lopes Correia

Assistência editorial

Mariane Cristina de Oliveira

Preparação

Editorando Birô

Revisão

Leticia Borges

Projeto gráfico

Negrito Produção Editorial

Diagramação

Palimpsestos

Coordenação de produção gráfica

Rafael Zemantauskas

Produção gráfica

Ana Carolina Almeida de Moura

Direitos autorais

Edilza Leite

Viviane Medeiros de Souza Guedes

© SESI-SP Editora, 2023

Este livro foi composto em Adobe Caslon Pro.

desfibrilador

Amora Tito

Entre os trilhos e a baleia

Luana Frez Ichikawa

Falência

Gustavo Braunstein

O Caso Lorena

Julia Ianina

O Triunfo da Vontade

Rafael Pimenta

Passageiros

Bruna Pligher

Polinose

Danilo Corrêa

Quando há fundo

Aiê Antônio

Sinto saudades de mim

Marco Pedra

sismos não listados

Rúbia Vaz

Sobre a margem do lago

Áquila Mattos

Véspera

Fernanda Stefanski

ISBN 978-65-5938-354-2



9 786559 383542